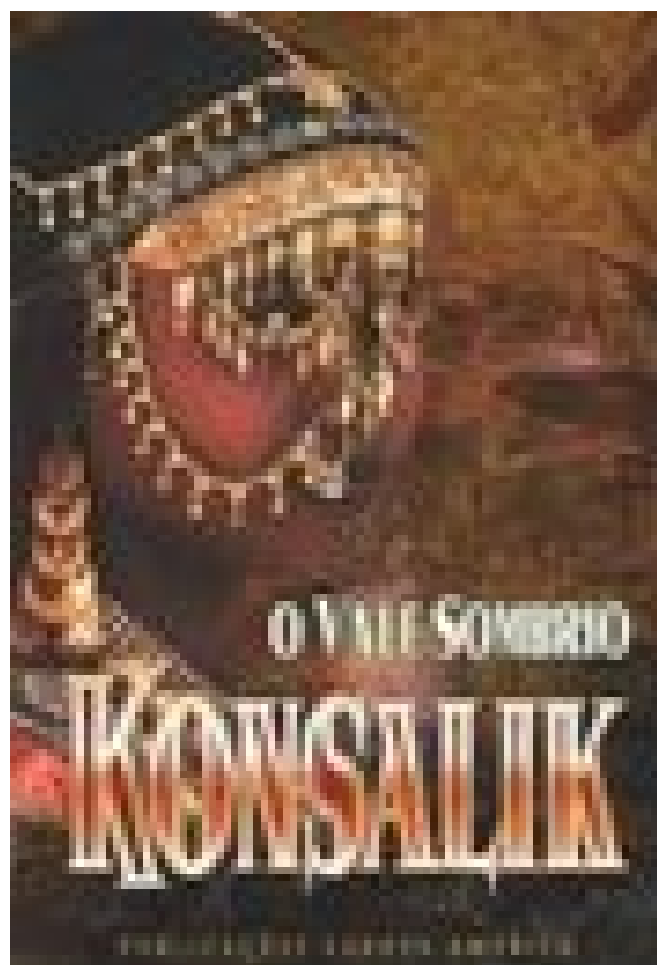




KONSALIK
O Vale Sombrio



http://br.groups.yahoo.com/group/digital_source/



àquela que amo
e que é a minha vida...

O pequeno avião de um só motor e dois lugares, um monoplane de asa alta da série de 1970, voou em círculos sobre as terras montanhosas da floresta virgem. De um lado e de outro, erguiam-se sobranceiras as vertentes densamente arborizadas dos montes, que aqui ultrapassavam os mil e duzentos metros e se projetavam no azul-pálido de um céu que constantemente assumia outros cambiantes, indo do cinzento-claro ao azul-celeste inundado por raios de luz, conforme a névoa se abatia sobre o vale impedindo a vista ou rasgava clareiras no horizonte. Voou em círculos, perto dos oitocentos metros, sobre o rio argiloso que durante milhões de anos forçara o seu caminho pelos montes e agora atravessava o desfiladeiro como um fio amarelo. Só havia aquele rio, as vertentes cortadas na vertical, onde proliferavam árvores gigantescas, fetos enormes, arbustos altos como casas todos entrelaçados uns nos outros, e um matagal impenetrável que crescia invadindo a água barrenta. Um pedaço de natureza virgem intocada, desconhecida, inexplorada e cheia de mistérios... Existiriam lá em baixo animais que nunca ninguém vira, vestígios de tempos históricos há muito passados, que aqui na floresta virgem inexpugnável teriam sobrevivido milhões de anos? Existiriam lá em baixo homens da Idade da Pedra, homens com um aspecto totalmente diverso dos homens de hoje, homens no estágio de evolução mais incipiente, ou homens com culturas misteriosas, ritos e deuses cruéis, escondidos e sepultados sob o dossel verde da floresta virgem? A gigantesca ave que agora estrepitava em círculos lá nos ares deveria parecer-lhes um terrível demônio, um deus maligno trovejante e ameaçador cuja ira só seria aplacada por uma humilhação, pela submissão, por um sacrifício humano?

O pequeno avião seguiu agora o curso do rio, virou ao chegar a uma nova encosta verdejante, descreveu um nó apertado e voltou em direção ao vale. Desceu até aos seiscentos metros. De ambos os lados, as árvores gigantes quase pareciam querer tocá-lo.

James Patrik fitou o rio lá do alto, por entre a névoa.

- Parece que o vale está fumegando - comentou. - Será que conseguiremos penetrar nele?

Steward Grant, o piloto, lançou um olhar breve sobre o vale selvagem. De momento, estava mais interessado num ruído do motor que não lhe parecia normal. Era um gaguejar quase imperceptível, mas ele o ouvia e o seu olhar interrogador percorreu o painel de instrumentos.

- A pé é que não vamos conseguir com certeza - respondeu, e concentrou-se outra vez no palpar do motor. - Partir de Kopago pelos montes e abrir caminho pela selva é impossível. Você tem de me dar razão, professor. Aquilo lá em baixo é terra que ficará para sempre por explorar. Nenhum de nós lá consegue pôr o pé.

- Se tivermos tempo e tenacidade que bastem, Steward? Eram estas duas coisas que possuíam os grandes descobridores? E agora com os nossos recursos técnicos...

- A terra é mais forte. Devora todos.

- Podíamos lançar-nos de pára-quedas.

- E depois?

- Púnhamos helicópteros de atalaia.

- E onde queria que pousassem? No topo das árvores?

- Podíamos abrir uma pequena clareira para a aterragem, junto do rio, uma espécie de base de apoio. O quartel-general do distrito de Kopago também era antes floresta cerrada.

- O sangue que custou não foi pouco. Setas envenenadas, lanças, covas com armadilhas e depois as cabeças cortadas e reduzidas por dessecação e os corpos cozinhados e comidos. Também lá estavam dois missionários... Mas Deus devia estar precisamente a dormir nesse momento... não os protegeu dos canibais.

- Eu sei. Estudei a história de todas as missões e da conquista da terra desconhecida.

- E mesmo assim insiste em meter-se por essas regiões inexploradas? Com que objectivo?

- É a minha profissão, Steward.

- Lá em baixo não há ouro, prata, diamantes ou quaisquer outras riquezas do subsolo. Não há petróleo, nem cobre. Só há selva.

- Como é que sabe?

- Porque é que aí há-de ser diferente das outras partes da região?

- Pode haver animais e raças humanas que ninguém conheça.

- E então a gente descobre-os, mete-os no jardim zoológico e traz aos selvagens a bênção da civilização, a Bíblia e a aguardente. Foi o que aconteceu com os Maias, os Astecas e os Incas. Os Aborígenes da Austrália, os Índios e os Papuas também não hão-de ter outro destino. O professor deixe lá os caçadores de cabeças, antropófagos, ou o que quer que se esconda lá em baixo no meio da floresta, serem aquilo que são. Vivem lá há milhares de anos, porque é que os quer catapultar para os tempos modernos?

- Você não dá grande importancia à investigação, Steward?

- Muita importancia, sir, se dermos agora mesmo meia volta. O motor está a falhar.

- Com mil diabos, faltou a gasolina? - James Patrik fixou o piloto com os olhos arregalados e perplexos. Notava que a expressão de Grant se tinha crispado de preocupação.

- O depósito está meio cheio. Ainda dava para chegar até Nobay, se fosse necessário.

- Será o tubo da gasolina?

- Não sei. Ouça, está a ouvir... Grande merda! Merda

O motor tinha começado a estrondear e a falhar e o pequeno aparelho dava grandes solavancos. O combustível só devia estar a entrar no cilindro às golfadas. A rotação da hélice abrandou drasticamente.

- Temos de aterrar de emergência, Steward? - Patrik voltou a olhar fixamente lá para baixo, para o rio amarelo de barro, para a selva de mangal, e para aquele muro verde impenetrável e ondeante de árvores gigantescas pela montanha acima. - Mas onde?

- Que pergunta, professor. Onde? Aqui é que não. Se tivermos sorte, o motor vai aguentar-se até ao próximo povoado. Ainda são mais de cento e cinquenta quilómetros. E então temos de aterrar com a avaria... É a única coisa de que tenho a certeza. Que merda!

- E se não tivermos sorte?

O avião começou a vacilar. O motor parava a curtos intervalos, para logo voltar como uma matraca ruidosa, soltando uma nuvem gordurosa de óleo. Grant accionava interruptores e alavancas com grande obstinação, dava murros no painel de instrumentos, mas não havia qualquer mudança.

- Como estão as suas relações com Deus, professor?

- Assim-assim... Mas Deus não é mecânico de aviões... Steward, estamos a perder altura!

- Sabe que tenho mulher e três filhos?

- Não.

- Uma loura e bonita, dois filhos e uma filha. Esta tem os mesmos cabelos louros da mãe, e os mesmos olhos azuis, o mesmo sorriso. “Põe fim a esses voos por cima dessa terra selvagem”, era o que Lisa me estava sempre a dizer. “Um dia acontece alguma coisa, e depois que vai ser de nós?” E eu respondia sempre: “Só mais um ano, querida, e ficamos com dinheiro que chegue para mudar para Goroka ou Madang e abriremos lá um café, com bolos e sandes, e, à noite, duas espécies de sopa à escolha... então é que vai ser uma vida boa, minha mulherzinha. Só mais um ano e conseguimos o que queremos.” O ano acabaria dentro de dois meses. E Jim, o mais velho, iria para a faculdade. É um rapaz esperto, inteligente, quer estudar mais tarde física, física nuclear... foi mesmo talhado para isso. Orgulho-me dele. Orgulho-me deles todos. Só mais dois meses...

James Patrik calou-se. Que havia de responder? Sabia que as palavras de Grant eram uma espécie de necrológio, uma despedida, um pedido de perdão. O avião continuava a perder altura, matraqueava agora ao longo do curso do rio, que significava a única possibilidade de aterragem: deixar-se cair na água e evitar desse modo o embate com as árvores ou a encosta.

- E você, quem é que cá deixa professor? – murmurou Grant. A sua voz era firme.

- Uma filha. Faz dezanove anos em Novembro. Vai tirar medicina. - Patrik agarrou-se ao quadro de instrumentos com toda a força. - Não vamos conseguir, pois não?

- Não, não vamos conseguir. Pode acontecer que sobrevivamos e então vamo-nos encontrar num pedacinho de terra que ninguém conhece. Ao senhor, a perspectiva deve fazê-lo feliz, professor. Pousamos no rio, talvez não haja problema, mas como é que vamos poder algum dia sair daqui?

- Hão-de procurar-nos se não voltarmos ao acampamento à noite.

- Entretanto, passou-se uma noite.

- E o que é uma noite afinal, Steward?

- Estou a pensar numa expedição, há nove anos, aqui às terras altas. Desapareceu sem deixar rasto. Quatro brancos um missionário de Port Moresby e catorze carregadores com um guia, tudo papuas. Só por mero acaso se resolveu o enigma. Em Wabag, foram vistos membros de uma certa tribo a trocar cabeças mirradas. Essas cabeças são proibidas. A Polícia prendeu os papuas e encontrou entre as cabeças quatro crânios de

brancos. Quem é que se ia punir? Quem eram os assassinos? Os papuas contavam que também tinham recebido as cabeças por troca. Quem podia provar o contrário?

O motor do pequeno avião cuspiu ainda algumas vezes e depois calou-se. Grant pairava exactamente sobre o leito do rio barrento. Mais largo do que de lá do alto imaginara, tinha uma corrente redemoinhosa, semeada de grandes pedregulhos polidos pela erosão.

- O embate vai ser violento! - gritou para Patrik. - Segure-se bem, professor, junte bem as pernas contra o chão e proteja a cabeça com os ombros. Atenção que vai estourar...

As rodas tocaram a superfície da água, chocaram com as pedras; o aparelho, sacudido com violência, foi atirado ao ar, mas não virou, voltou a cair sobre o trem de aterragem, um eixo quebrou, soltando um ruído semelhante a um grito agudo, mergulhou na corrente com grande estampido, insinuou-se entre dois pedregulhos como um parafuso e aí ficou preso, semidependurado.

Patrik bateu com a cabeça no vidro da frente, sem contudo se ferir. Estava só um pouco confuso, pendurado no cinto de segurança, e sacudia-se como um cão que acaba de sair de água.

Grant encostou-se para trás e limpou o suor do rosto com ambas as mãos.

- Estamos vivos - disse com voz surda.

- É ou não é um milagre? - Patrik respirou fundo algumas vezes.

- Não. O que é preciso é ser bom piloto.

- E dentro de dois meses já pode mudar para Madang com a mulher e os filhos.

- Se conseguirem encontrar-nos. Sozinhos não saímos daqui.

Grant abriu a porta com um safanão, saltou para fora e ficou com água até aos joelhos, de pé, junto de um pedregulho liso que parecia ter sido polido. De um lado e de outro erguiam-se as orlas da floresta virgem, trepando pelos montes acima. Na margem do rio, os arbustos tinham construído uma barreira de mato impenetrável. Um bando de aves levantara-se assustado, enchendo o céu enevoadado com o seu bater de asas.

Patrik saltou também para fora e a muito custo conseguiu dar a volta ao aparelho, que ficara em posição oblíqua, para se aproximar de Grant.

- É uma sensação estranha - disse.

- O quê?

- Sermos as únicas pessoas aqui.

- Tem assim tanta certeza? - Grant esforçou-se por escutar em seu redor, mas o rumor das águas revoltas abafava qualquer outro som.

Patrik penteou para trás as melenas com os dedos. Apesar dos seus quarenta e oito anos, o branco predominava no cabelo castanho-claro. Há muito que não o cortava e, por isso, caía-lhe até aos ombros. Também era branca a barba que lhe encobria o rosto tismado pelo sol e pelo vento. Os olhos ressaltavam do crânio anguloso. Eram de um azul profundo e capazes de brilho intenso, se a situação fosse estimulante. Parecia que nesses momentos Patrik ligava um foco dentro de si. Também brilhavam agora, ao olhar à sua volta, como Grant, prisioneiro de um mundo nunca pisado pelo homem branco.

- Aqui não existe agora mais ninguém para além de nós - disse ele. - Steward, tem água potável e alguns mantimentos a bordo?

- Duas garrafas de água mineral. Para comer, nada. Afinal, queríamos estar de volta ao posto no período de quatro horas. Hoje à noite, assam lá um leitão no espeto.

- Mas temos armas connosco.

Grant olhou para Patrik de viés. Também ele trazia no cinto um revólver, que agora jazia por terra ao lado do assento do piloto. Levava sempre consigo uma arma quando tinha de sobrevoar as montanhas inexploradas, pondo sempre a hipótese de algum dia ter de aterrar de emergência e poder ser atacado por tribos de papuas desconhecidas. Mas de que serviam um revólver ou uma espingarda se os caçadores de cabeças o atacassem de todos os lados e o cobrissem com uma saraivada de setas envenenadas? Até um pelotão de polícias armados, que entrara na selva atrás de um assassino, tinha desaparecido, da mesma forma que alguns grupos de aventureiros e missionários, e eles tinham metralhadoras consigo e armas automáticas.

- O que é que o senhor pretende fazer com uma arma aqui, professor? - perguntou ele.

- Caçar, para assar no espeto.

- Para isso tem de atingir terra firme, do outro lado destas margens pantanosas. E quanto a haver animais por aqui, isso também é muito incerto.

- Você quer ficar aqui no avião?

- Sem dúvida. - Grant agarrou-se às asas do aparelho. - A corrente não é suficientemente forte para o arrancar daqui e também não há raio nem terramoto que o consiga. Aqui estamos seguros, razoavelmente seguros. O que há para além - e espetou o queixo na direcção da margem direita - é coisa que não sabemos. Pode bem ser que agora mesmo estejam centenas de olhos a observar-nos.

- Aqui não pode viver ninguém. Mesmo as tribos mais primitivas constroem as suas aldeias em clareiras, desbravam o solo, arroteiam. Viu de lá de cima alguma coisa que se lhe assemelhasse, aqui na região? E onde não vive o ser humano, o mais cruel inimigo, ainda abundam os animais.

Patrik voltou a trepar para dentro do avião e regressou com uma espingarda. Sacudiu as munições de dentro duma caixa de papelão para a mão vazia e meteu-as no bolso do casaco de caqui.

Grant estava encostado ao aparelho a observar a margem.

- Prometo acender três velas gigantes no altar - disse ele - se não houver selvagens escondidos no mato.

- Se aqui houvesse caçadores de cabeças, há muito que se tinham mostrado. Eu tenho experiência nesse campo, Steward. Ela diz-me que mais forte que o medo que possam ter é a sua curiosidade. Neste caso, houve algo misterioso e trovejante que caiu do céu e há dois seres desconhecidos, brancos e com parecenças humanas, postados em frente desse objecto fantástico. Acredite em mim: há muito que teriam abandonado o seu esconderijo para nos observar de mais perto.

- Tem toda a razão, professor - disse Grant com voz subitamente rouca. Deu meia volta na direcção da entrada do aparelho, onde se encontrava o cinto com a pistola, ao lado do assento. - Aí estão eles.

- Onde? - Patrik voltou-se bruscamente e puxou da espingarda. - à sua esquerda, nos arbustos.

E aí vinham eles: figuras pequenas, de um bronze escuro, nuas, a cabeça e o corpo pintados com cores extraídas das plantas. Vermelho, branco, amarelo e azul, cabelos crespos, fitas de casca de árvore cingindo-lhes a fronte, com penas coloridas espetadas. Apareceram da espessura da selva e avançaram curvados, ficando especados dentro do rio, com água pelos joelhos, a olhar para o demónio voador que descera até eles.

Patrik levantou a mão para os saudar e deu um passo na sua direcção. Foi como se os selvagens pintados tivessem soltado um grunhido: as hostes moveram-se e levantaram-se de repente arcos e lanças.

- Para o avião! - gritou Grant, e correu para a porta do seu lado. Bateu-a atrás de si no momento exacto, pois já as setas choviam sobre a fuselagem de alumínio.

Patrik teve muita sorte: nem uma seta o atingira. Mas antes que os selvagens tivessem tempo de disparar de novo, correu à volta do avião e subiu para dentro.

Grant enxugou o suor frio da testa.

- Parece que a mudança para Madang vai ficar em águas de bacalhau - disse ele com voz sumida. - Vamos conseguir matar uma chusma deles, professor, mas a seguir não temos escapatória. Ou será que trouxe munições que cheguem?

- Dá para quarenta tiros.

- Mais vinte do meu lado. Faz sessenta. Também acontece que não vamos acertar uns tantos. - Grant fitou os selvagens, todos pintados, que começavam agora a passar o rio a vau na sua direcção. - Professor, vamos fazer um minuto de silêncio antes de começarmos a atirar. Queria pensar ainda uma vez mais na minha mulher e nos meus filhos...

Aquelas pequenas figuras pintadas avançaram em semicírculo na sua direcção. De repente, começaram a brandir as lanças e a soltar gritos que ecoaram por todo o vale, fazendo o sangue gelar-se-lhes nas veias.

2

Sir Anthony Lambs habitava uma casa branca de estilo colonial inglês situada numa encosta de Waigani, o bairro de Port Moresby para onde se tinham mudado no decorrer dos últimos anos uma série de repartições públicas, devido ao facto de o velho bairro da administração, Konedobu, situado na baía do porto, se ter tornado demasiado pequeno.

Dantes, Sir Anthony vivera aqui nas colinas quase sozinho, rodeado por um jardim que todos os visitantes admiravam, um mar de flores em que a vivenda branca navegava como se fosse um barco de luxo. A única vista para o lado sul era a do clube de golfe,

cujo campo considerava dos mais lindos do mundo e no qual jogava os seus dezoito buracos, circunspecto, sem ambição, como forma de superar uma deficiência física contraída quando novo, como se a castigasse com desdém, como aliás costumava fazer a tudo aquilo que, nas suas palavras, “degenerava”. Agora, porém, todo o espaço à sua volta tinha sido barrado com construções. A Universidade da Papuásia-Nova Guiné estendia-se por um espaço maior do que a parte velha da cidade de Port Moresby, o Museu Nacional também fora aí erguido, o primeiro-ministro tinha para aí transferido a sua residência, edifícios da administração e casas particulares dos funcionários despontaram como cogumelos, limitando o panorama de Sir Anthony, e quando à noite se sentava no seu terraço coberto, sustentado por colunas, ocupando uma espécie de poltrona de verga, como então era costume encontrar-se em todas as regiões coloniais inglesas, lembrava com saudade os tempos em que os papa-formigas restolhavam no seu jardim ou quando, ao raiar da aurora, os cangurus e os dingos, uma variedade de cão primitivo, se esgueiravam em torno da casa.

Sir Anthony, general reformado da Coroa britânica, era um homem que poucos contactos mantinha com o seu semelhante. Em sua casa trabalhavam um mordomo, uma cozinheira, dois jardineiros e dois lacaios, três criadas e a superintendente que orgulhosamente se denominava a si própria “governanta”. Eram todos papuas baptizados ou civilizados ou então mestiços, com excepção do mordomo, inglês dos quatro costados e ex-sargento de um regimento de elite. O general Lambs reparara nele uma vez, durante uma revista às tropas, porque ele, à medida que executava os exercícios, gritava com voz trovão: “Cabeça levantada - peito para fora - cu para dentro! O cachão e as bochechas do cu fazem linha recta...”

Quando Sir Anthony atingiu a reforma, conseguiu que Herbert Cook, nome do sargento, fosse dispensado da tropa e entrasse ao seu serviço.

Com estas pessoas à sua volta, Lambs não sentia falta de mais nada. Não frequentava nenhum clube - para além do clube de golfe - não respondia a nenhum convite, privado ou oficial, mas preferia ficar no jardim a ler ou a jogar xadrez com o mordomo Herbert, que era suficientemente esperto para ganhar três vezes ao general e perder a seguir uma vez, para que o expediente não desse demasiado nas vistas. É um velho rabugento e reservado!”, dizia-se em Port Moresby sobre o general. “Só o diabo sabe o que o fez tão amargurado. Afinal, a vida que teve não foi nada aborrecida. E preocupações é coisa que também não tem.”

Era, por isso, estranho que o mordomo de Herbert tivesse nessa noite posto a mesa para três pessoas e deixado uma garrafa de champanhe a refrescar. Sir Anthony recebera visitas - que não só ficaram para jantar como também pernoitaram. Tinha sido preparado um quarto de hóspedes e pela primeira vez desde há oito anos dormia novamente em casa um estranho. O mordomo ficara espantadíssimo bem como a governanta e todo o resto do pessoal, que se fosse buscar a visita ao aeroporto e que Sir Anthony a recebesse à porta de casa, facto nunca visto. E até meteu beija-mão. Nunca ninguém teria imaginado que o general Lambs pudesse ser tão galante..

- E eu repito-lhe também pela décima vez: é uma loucura. Uma absoluta loucura, Leonora! - gritou Sir Anthony, e atirou o guardanapo para cima do prato. Tinham acabado de jantar no terraço, enquanto o mordomo, no salão, se afadigava a abrir a garrafa de champanhe com toda a perícia, sem deixar a rolha estourar. - Porque se recusa a ver o que é óbvio? Onde geólogos, militares, comerciantes e até missionários capitularam (sabe o que isso significa?) você, mulher, quer conseguir alguma coisa? Ouça a voz da razão, peço-lhe.

A Dr.^a Leonora Parker era aquilo a que se chama uma mulher atraente. Sem ajuda de maquilhagem, pestanas postiças, sombras ou risco à volta dos olhos, ou então vestidos chiques talhados à moda, mas com saia de algodão de cor natural e blusa de caqui, os seus cabelos louros curtos e ondulados e os seus olhos castanho-claros, a que a luz rasante chegava mesmo a dar tons esverdeados, a sua beleza era superior a todos os cosméticos. Era de estatura mediana e pelo seu corpo depreendia-se o hábito da prática desportiva e uma grande resistência ao esforço. Tinha estudado medicina em Londres, Paris, Hamburgo e Nova Iorque, especializara-se em medicina tropical e doutorara-se em Hamburgo. Depois de um estágio de três anos no Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, partira outra vez para Nova Iorque, onde se inscrevera num curso orientado para técnicas de sobrevivência. Os participantes, depois de uma rigorosa aprendizagem teórica, voaram para Manaus, no Amazonas, e foram lançados de pára-quedas na floresta virgem da Amazônia, numa região a norte do rio Negro. Aqui viviam ainda tribos índias que só raramente tinham estado em contacto com brancos. Todos os participantes tiveram de assinar um documento declarando que se lançavam neste treino de técnicas de sobrevivência por sua própria conta e risco.

Todos eles regressaram, cinco homens e duas mulheres. Cortaram caminho através do inferno verde, alimentando-se de cobras, escaravelhos, vermes e peixes do rio, foram atacados por uma pantera negra que conseguiram espantar à paulada e com chicotes improvisados de lianas, vaguearam durante seis semanas, atravessando floresta virgem, e matagal de fetos gigantes e pântanos e quando chegaram outra vez à margem do rio Grande e partiram de regresso a Manaus, sabiam que dificilmente neste mundo encontrariam tão depressa algo que lhes metesse medo.

- Não me venha com esse seu tolo treino de sobrevivência! - disse Sir Anthony, exaltado. - Aquilo que a senhora lá viveu e por que pagou bom dinheiro, não passa de uma provazinha de nervos organizada. Hollywood para consumo privado! E, seja como for, a floresta virgem brasileira não é a Papuásia-Nova Guiné! É uma floresta para excursões, se a compararmos com o inferno das terras altas da Papuásia.

- Há dez anos, ninguém mexeu uma palha para ir procurar o meu pai e o piloto. Desaparecidos, era a versão lacónica. Busca infrutífera. Só nos resta ficar à espera que talvez apareçam. Apesar de se saber mais ou menos onde poderiam ter caído.

- “Mais ou menos”, não significa quase nada nesta terra, Leonora. A região em que o seu pai desapareceu está em branco nos mapas. Ainda nunca ninguém lá esteve e no futuro também ninguém lá irá pôr os pés.

- Engana-se, Sir Anthony, eu vou!

- A senhora é louca! - O general Lambs pegou na sua taça de champanhe e esvaziou-a de um só trago. Qualquer gourmet ficaria com pele de galinha só de ver. Voltou a encher os pulmões de ar e fixou os olhos em Leonora. As sobrancelhas, encanecidas como o resto do cabelo, franziram-se. - Quando a senhora me escreveu de Nova Iorque pela primeira vez, fiquei contente por a poder conhecer e receber em minha casa como visita. A filha do professor James Patrik. Recordo com prazer as noites passadas neste terraço com o seu pai. Sabe o que me disse quando lhe quis oferecer um uísque? “Não, obrigado... O uísque sabe-me a dedos chupados de luvas de couro.” Nunca me hei-de esquecer.

- É verdade que o meu pai não gostava de uísque. Mas chegou-lhe também a contar porquê? Quando ainda jovem médico apanhou uma intoxicação alcoólica, à força de tanto beber uísque.

- Sim, James era um óptimo rapaz. Mas também não me dava ouvidos. Você sai a ele, com essa sua horrível teimosia! Além disso, uma expedição dessas custa dinheiro, mesmo muito dinheiro. Não conte com ajudas do governo. Ninguém lhe dará um tostão, que aqui aliás se diz “toca”, para um empreendimento tão insensato.

- Dinheiro não me falta, Sir Anthony. O meu pai deixou-me uma fortuna.

- Acho que vou ter de ser rude! - Lambs saltou da cadeira e sacudiu a cabeça grisalha. - Mesmo que desmaie do choque, tenho de lhe dizer, e isso talvez ajude: dez anos depois de ter sido dado como desaparecido, o mais provável é que James Patrik esteja já há muito pendurado por cima da porta de alguma cabana, reduzido a uma cabeça mirrada.

Leonora olhou o general, impávida e serena.

- Como está a ver, não caio da cadeira. Se eles mataram o meu pai e conservaram a sua cabeça, então quero procurar essa cabeça reduzida e levá-la de volta para Inglaterra.

- É uma loucura!

- Não me vai ajudar, Sir Anthony?

- Só posso ajudá-la com conselhos e esses já você conhece.

- O senhor tem bons contactos no governo.

- Relativamente. Estou mesmo a ver a sua cabeça a trabalhar. Quer que lhe consiga autorização para essa expedição idiota.

- Sim.

- E como é que imagina essa aventura de doidos?

- Tenho estudado minuciosamente os apontamentos e desenhos deixados pelo meu pai no posto de Kopago. Encontrei em mapas especializados as regiões inexploradas que ele pretendia visitar. Existem os planos por ele delineados com grande exactidão e eu sei mais ou menos onde desapareceu.

- Outra vez esse “mais ou menos”! Leonora, faça-me primeiro uma coisa: sobrevoe essas regiões e observe bem o inferno, de lá do alto. Se não for totalmente louca, vai reconhecer que essa terra também irá engolir a vocês. Aquelas florestas virgens das montanhas e aqueles vales cheios de pântanos, é impossível conquistá-los. Não há ponta

por onde se lhe pegue. Não há domínio técnico, por muito elevado que seja, que aí sirva de alguma coisa.

- Lançar-nos-emos de pára-quadras num desses vales desconhecidos.

- Já outros tentaram. E qual foi o resultado? Tiveram de tirá-los de lá com helicópteros e compridas escadas de corda, a esses desesperados, antes que se lhe esgotassem as forças e morressem na mais profunda desgraça. Posso apresentar-lhe uma série de relatos de pessoas que viveram essas experiências e que são autêntico repositório de horrores. Mas não, todos eles não passavam de uns fracalhões, porém, você, uma mulher endurecida na Amazônia vai consegui-lo sozinha!

A exaltação de Sir Anthony era tão grande que caminhava no terraço de um lado para o outro, de cabeça curvada, mãos atrás das costas, com passos largos e pesados. O mordomo nunca assistira a uma tal explosão nesses últimos sete anos. Deixou-se ficar discretamente pelo salão, à espera que o general pedisse uma segunda garrafa de champanhe.

- Nunca me passou pela cabeça voar sozinha para essa região inexplorada - disse Leonora Patrik, interrompendo com isso a peregrinação de Sir Anthony pelo terraço.

A sua paragem foi repentina.

- Ah! - exclamou ele. - E você acha que existem alguns idiotas que se lhe vão associar?

- Se o senhor conseguir o consentimento do governo para a expedição, não há-de faltar quem venha ter comigo e queira participar nela.

- Está então a contar com a minha ajuda?

- Com toda a certeza, Sir Anthony.

- E se eu disser que não?

- Então o senhor nunca foi o amigo de meu pai como sempre se costuma afirmar.

- Isso é chantagem, Leonora! O seu próprio pai nunca teria consentido em tal plano.

- Até agora não passa realmente de um plano. Só quando tivermos nas mãos a autorização é que prepararemos tudo até ao último pormenor.

- Nós? A quem se refere este nós?

- A si e a mim, Sir Anthony.

- Você é a mulher mais teimosa que jamais conheci. A minha última palavra é: não tenho a menor intenção de interceder junto do governo em seu favor e tornar-me cúmplice de você ser eventualmente transformada numa cabeça reduzida.

- Pelo menos ficaria pendurada perto do meu pai, por cima da porta de uma cabana papua. Sir Anthony, não me olhe com esse ar tão escandalizado. Sente-se outra vez continuemos a beber o seu excelente champanhe e fale-me desta terra. Há quanto tempo vive já na Papuásia-Nova Guiné?

- Há quarenta anos. Destacado pela Coroa para prestar serviço em terras australianas. - O general Lambs tornou a sentar-se, encheu os copos antes que Herbert pudesse chegar do salão e voltou a esvaziar o seu de um só trago.

Sentiu a garganta seca.

- Quarenta anos a viver com os Papuas. Grande deve ser o amor.
- Engana-se, odeio esta terra! - O rosto do general endureceu. As maçãs do rosto tornaram-se salientes, os olhos quase desapareceram por baixo das espessas sobrancelhas.
- Só por tanto odiar esta terra é que aqui fiquei. - Ergueu a mão direita e interrompeu o assunto com um gesto enérgico. - Fale-me antes de si, Leonora. Estudou medicina, medicina tropical. Quais são os seus objectivos?
- Para mim só há um objectivo: procurar o meu pai.
- Vamos parar com isso. Nunca o encontrará. E depois?
- Irei trabalhar num hospital, algures nos trópicos. Numa região onde precisem tanto dos médicos como de uma mão-cheia de arroz ou de um pão de milho. Talvez acabe por ficar na Papuásia-Nova Guiné em qualquer posto missionário... na “frente mais avançada”, como o senhor lhe chamaria... a ajudar a que os Papuas sobrevivam e não sejam exterminados pela civilização. - Leonora debruçou-se sobre a mesa e olhou Sir Anthony bem no fundo dos olhos. - Porque odeia esta terra?
O general Lambs endireitou a cabeça e ficou outra vez hirto como uma pedra.
- Não insista nessa pergunta, peço-lhe - disse ele com dureza na voz. - Há coisas sobre as quais não se fala.

Naturalmente - e nem sequer seria preciso mencioná-lo - Sir Anthony envidou os seus esforços junto das autoridades competentes para conseguir a autorização necessária para uma expedição às terras inexploradas a norte de Kopago. Mas onde quer que interviesse, as pessoas abanavam a cabeça e diziam precisamente aquilo que já ele dissera a Leonora Patrik:

- Em princípio não temos nada a objectar, se uma expedição pretende penetrar nas regiões desconhecidas por sua própria conta e risco - disse o responsável pelo levantamento topográfico e urbanização do Ministério do Interior, pousando a mão sobre o mapa da região indicada por Leonora. - Mas se alguma coisa acontece, as pessoas chamam logo pela Polícia e pelo Exército e somos nós então que ficamos com a batata quente nas mãos, o que nos custa rios de dinheiro e, quem sabe, também vidas humanas, e tudo afinal porque alguém quer perseguir uma ideia louca. Sir Anthony, é claro como água que o professor Patrik já não pode estar vivo, ao fim de dez anos de dado como desaparecido.

- Sobre isso ninguém tem dúvidas. Leonora Patrik também já se conformou com a ideia. Também ela não acha provável que o seu pai esteja vivo, mas pelo menos a sua cabeça reduzida ela quer procurar e resgatar.

- Com mil diabos! Deve ser mesmo obstinada essa menina! Quererá pendurar a cabeça do pai por cima do fogão de sala? - O funcionário ministerial lançou os olhos sobre a região a norte de Kopago no mapa. Fazia parte de Central Range e a sua cartografia só fora conseguida por fotografia aérea. Tinha-se dado aos rios nomes como Logaiyo Lagaip, Pori ou April. Os inúmeros pequenos afluentes que apareciam no meio dos vales fumegantes, para logo desaparecerem no meio da floresta virgem, permaneciam sem nome, ninguém descobrira as suas nascentes, apareciam vindos da floresta virgem. -

Chegamos nessa altura a bater toda a região, de helicóptero, e não conseguimos descobrir absolutamente nada. Não existe naqueles desfiladeiros, naquelas vertentes montanhosas, qualquer lugar para uma aterragem de emergência, sabe-o tão bem como eu. Quem lá cair, está perdido e não deixa rasto.

- Mas as buscas só começaram uma semana depois de se saber do desaparecimento.

- Que quer dizer com isso? - perguntou o funcionário inteirando-se levemente.

- Numa semana é possível remover destroços, é o que quero dizer. Um avião despenhado deixa destroços, no rio na copa das árvores, algures. Mas nada se encontrou, nem um pedacinho de chapa.

- É verdade.

- O que poderia indicar que qualquer tribo papua desconhecida removeu os destroços do avião e fez desaparecer todos os vestígios.

- Tudo é possível. Aí tenho de Lhe dar razão, sir.

- E seria mesmo possível que o professor Patrik tivesse sobrevivido ao acidente.

- Talvez. E a seguir foi devorado pelos selvagens, juntamente com o piloto, Grant; as melhores partes, coração e órgãos genitais, foram para o chefe. É tão certo como o senhor estar aqui diante de mim. Mas como é que Miss Patrik quer chegar ao vale?

- De pára-quedas.

- Sir, essa senhora estará louca? Antes que consiga chegar ao solo, será já um crivo de setas envenenadas. Para as tribos selvagens, tudo o que cai do céu é espírito maligno, que deve ser eliminado. Por favor, entenda-me: perante estas circunstâncias, não posso oficialmente consentir em tal expedição. Não podemos caucionar um suicídio. Faça essa senhora entender.

- É esforço inglório. Miss Patrik é um portento de energia. - O general Lambs recebeu com um sinal de agradecimento o uísque que o funcionário ministerial lhe estendera.

- Faça-lhe uma proposta: autorize a expedição e eu tentarei por todos os meios que ela não se realize. Leonora Patrik acabará por capitular perante a montanha de dificuldades que lhe vou levantar. Existem centenas de formas de fazer abortar tal empreendimento.

- E se ela conseguir mesmo avançar?

- Então deixamos que avance até Kopago, mas aí pomos-lhe ponto final. Onde não há avião, também não se pode voar. Tão simples como isso. Mal ela ficará com a consolação de ter tentado tudo o que estava ao seu alcance. Uma capitulação honrosa corresponde a meia vitória.

O funcionário voltou a fixar os olhos no mapa da região.

- Se o senhor me der essa garantia... - disse com voz arrastada.

- Garantir? Não. - Sir Anthony fez um gesto negativo com a cabeça. - Mas prometo-lhe que não me pouparei a esforços para que a expedição não se realize. Para salvar as aparências, contudo, uma autorização seria de grande utilidade. Aí, teremos Miss Leonora sob controlo. Se depois tudo vier a dar para o torto, a culpa não será nossa.

- Pois bem, vamos lá associar-nos à loucura. - O funcionário do ministério soltou um profundo suspiro. Era quase um queixume. - Vou dar-lhe a autorização. Mas se alguma coisa vier a acontecer... Miss Patrik não poderá em caso algum contar com auxílio estatal. Deixarei isso bem claro por escrito na própria autorização.

- De acordo. - Sir Anthony esperou pacientemente até que os formulários fossem preenchidos, assinados e cancelados.

O funcionário fez um sorriso amargo quando entregou os papéis ao general.

- Trata-se de uma exceção, que abro em sua consideração - disse ele. - De facto, quem aqui devia estar era a própria senhora, a expor as suas razões.

- Tenho muito prazer em convidá-lo para jantar. Digamos, já amanhã, à tardinha?

- Com todo o prazer. - O funcionário piscou o olho a Sir Anthony. - Ela é bonita?

- Muito. Para um velho como eu, um autêntico festim para os olhos e ensejo para muitas recordações.

- E é uma coisa dessas que vamos enviar para o inferno das montanhas? Sir Anthony, devolva-me já a autorização.

- Leonora não partirá para essa terra desconhecida. Disso vou eu tratar. Ficamos então combinados para amanhã à noite?

- De acordo.

Quando Sir Anthony regressou a sua casa, no Waigani, Herbert informou-o que Leonora fora a Port Moresby. Tinha utilizado o velho Rover do general e dito a Herbert: "Vou ver como é a cidade e fazer algumas compras."

Leonora regressou a meio da tarde, com o carro cheio de caixas de cartão e sacos. Herbert carregou-os para casa e amontoou-os no espaçoso vestíbulo.

- Haverá ainda em Port Moresby alguma loja que você não tenha esvaziado? - exclamou Sir Anthony. - Deus do Céu, o que é que há dentro disto tudo?

- O início do meu equipamento. - Sentou-se em cima de uma das caixas grandes de cartão e sorriu como uma criancinha a quem compraram a sua boneca favorita. - Um saco de dormir, cobertores, um fogareiro a gás, caixas térmicas, cordas de nylon, botins com solas grossas perfiladas, uma espingarda de caça, uma carabina, duas pistolas.

- E venderam-lhe isso tudo sem quaisquer problemas?

- Tenho licença de porte de arma, sir, dentro da validade.

- E contou em todos os sítios que pretende ir ao maciço central.

- Sim. E deram-me imensos conselhos valiosos.

- Foi então que lhe impingiram coisas que você nunca irá usar. Um saco de dormir! Para quê? Mais importantes são camas de rede e mosquiteiros.

- Também trouxe. - O seu sorriso era desarmante. - Comprei também facas de cortar, de esfolar e desossar a carne, serras, machados de um e dois gumes, catanas...

- Pare! - Sir Anthony tapou os ouvidos com as mãos. - Você ainda é pior que o seu pai. Anda já por aí a lançar dinheiro às mãos-cheias, sem sequer saber se algum dia conseguirá uma autorização!

- Esse é um assunto que lhe confio totalmente, Sir Anthony. - Cruzou as pernas e encostou-se ao corrimão das escadas. Como é que reagiram no ministério?

- Azedos.

- Não conseguiu nada? Então vou dirigir-me directamente ao próprio primeiro-ministro!

- Apesar de tudo, consegui que tomassem nota do seu pedido. Aqui tem. - O general Lambs estendeu-lhe a autorização. Ela pegou na folha, percorreu-a com os olhos e lançou um grito cristalino. Levantou-se de um salto e precipitou-se para os braços de Sir Anthony.

- Mas isto é a autorização. Oh, Sir Anthony, como lhe poderei agradecer? Como poderei... - E de repente desatou a chorar, premindo o rosto contra o peito do general, ficando como uma menina pequena que busca protecção nos braços de um homem forte.

Sir Anthony acariciou-lhe a cabeça, mas sentiu-se numa posição bastante incómoda. “Agora vai dar mesmo muito trabalho”, pensou ele, “impedir a loucura desta expedição. Principalmente e o mais tardar em Kopago, no quartel-general do distrito, uma muralha de dificuldades intransponíveis deverá fazer gorar o empreendimento. Sem aviões, sem helicópteros, sem guias papuas como intérpretes e batedores, sem carregadores - não haverá nada que conduza à aventura do desconhecido. Mas de momento ela é feliz. É lamentável que essa felicidade lhe tenha de custar tanto dinheiro, que bem podia poupar.”

O mordomo pigarreou por detrás de Sir Anthony, uma forma discreta de dizer que pretendia comunicar alguma coisa.

- A mesa está pronta no terraço - disse então, cerimonioso. - É o chá, sir.

- Já vamos, Herbert. - O general Lambs afastou de si Leonora, tirou o seu lenço branco da jaqueta e enxugou-lhe as lágrimas dos olhos, do nariz e dos cantos da boca. - Leonora, o chá morno tem um sabor deplorável.

Ela acenou com a cabeça, tirou-lhe o lenço das mãos e fungou para dentro dele.

- Estas... estas serão as últimas lágrimas que me verá chorar, Sir Anthony. Isto aqui - e levantou a autorização bem no ar - dar-me-á uma força inquebrantável. Sinto-o, quase tenho a certeza: hei-de encontrar o meu pai... ou, pelo menos, sinais dele.

Port Moresby é de facto uma cidade portuária da maior relevância, que se estendeu nos últimos vinte anos em todas as direcções, trepou colinas e se apoderou de uma vasta extensão de terra, mas que, no fundo, nunca deixou de ser uma aldeia. Principalmente entre os Brancos, criou-se um sistema de transmissão de notícias de funcionamento incomparável e o mexerico floresce nos campos de ténis, golfe e croquet. No clube naval estabeleceu-se uma bolsa secreta de informações, passando os boatos e os factos, as inverdades e as intimidades de casa em casa, num intercambio sem fim.

Quem é que se espanta que a notícia se tenha propagado como um incêndio no matagal, atravessado célere toda a cidade: “Está entre nós uma lady vinda da América que pretende viajar ao desconhecido maciço central. Fez compras na loja do Wintera, do Chandra Sikh, do Henderson e do Yuschi Nakanawa. Material de expedição. Até armas. A lady tem licença de porte de arma. Parece que é muito bonita, mas uma criaturinha enérgica que sabe o que quer. E onde está hospedada? Na casa do general Lambs, em

Waigani. De onde é que se conhecem? E o que ainda está por saber. Evelyn, Charles, convidem-na lá para o chá, nestes próximos dias. Mas é uma grande sensação na calma bafienta desta cidade. Uma lady quer viajar pelas terras altas...”

O primeiro a apresentar-se em casa de Sir Anthony foi um holandês. Um geólogo de nome Fred Kreijsman. Telefonara pedindo para ser recebido, dizendo que tinha algo de extraordinário para contar.

O general Lambs mandou-o vir no dia seguinte, à tarde.

- Rebentou a bomba, minha querida - disse com um sorriso sarcástico para Leonora. - A cozinha dos boatos já fervilha em Port Moresby. Aposto que já se sabe na “sociedade” exactamente tudo o que você comprou. E agora saem os curiosos das suas tocas, os ávidos de sensações, os bisbilhoteiros, os aventureiros sonhadores, os botas-sentenças, os sabichões, toda essa corja de varejeiras que se grudam a tudo quando pressentem o odor do mel. O mais tardar amanhã, aparece aí a imprensa, que fará de si uma heroína. Você gosta dessa confusão?

- Não. Mas, neste caso, poderia dar-me uma grande ajuda.

- Não estou a ver como.

- Talvez apareçam interessados em participar na expedição.

- Doidos, há-os por toda a parte!

- Muito obrigada, pela parte que me toca.

- Digo-lhe e repito. Mas você não me dá ouvidos. Senhora doutora Patrik, especialista em medicina tropical, caso tenha um rancho de filhos, faça uma viagem à volta do mundo, mas fuja desta terra papua. Ela devorá-la-á, não me canso de repetir!

Não foram os jornais os primeiros media a chegar, mas a televisão, a estação de TV de Port Moresby. Era o próprio director, Jerome Hasselt, quem se encontrava ao telefone quando o general Lambs levantou o auscultador.

- Estou, Anthony! - exclamou ele, como se Lambs tivesse regressado de um outro planeta. - Como é que vai? Saúde de ferro como sempre, não é? A graxa das botas é o melhor conservante para o corpo, não é? - Ria com espalhafato. Sir Anthony pensou: “Idiota!”, e continuou pacientemente a escutá-lo. - Há muito que já não nos vemos.

- E afinal vivemos só a dez minutos um do outro.

- É um escândalo, sim, verdadeiramente imperdoável. É por isso que lhe pergunto: quando é que finalmente nos voltamos a ver?

- Estou sempre à disposição. Até já estava à espera da sua equipa de filmagens.

- Equipa de filmagens? De que está a falar, Anthony?

- Ora, Jerome, a sua redescoberta da minha pessoa não é produto do remorso! Você quer é entrevistar a Leonora Patrik.

- Chama-se então Leonora? Bonito nome. E ao que dizem a senhora é tão bonita como o nome.

- Ainda mais bonita, Jerome.

- E ela quer mesmo ir até às terras altas?

- Ah! Então é do conhecimento público? – perguntou Sir Anthony com ar de santinho. - Afinal ainda há gente atenta nesta cidade.

- Foi ela própria quem contou por toda a parte. Certamente que os tambores da selva deram uma ajudinha. Quando é que podemos fazer uma visita?

- Amanhã à tardinha?

- De acordo. E... garantia de entrevista em exclusivo.

- Isso tem o seu preço.

- Anthony, mas nós somos amigos...

- Uma expedição custa dinheiro. Vocês podem dar um contributo, pagando uns bons honorários. Em dólares. Pensa bem nisso e volta a telefonar. De outro modo, nem uma fotografiazinha recebes para a tua emissora!

O general Lambs pousou o auscultador, esfregou as mãos e voltou para o terraço. Leonora tinha-se estendido numa cadeira de repouso e fazia-se presentear com um gim tónico, servido pelo mordomo.

- A televisão vem cá - disse Lambs, sentando-se numa cadeira de verga ao lado dela. - Dentro de três dias, toda a Papuásia-Nova Guiné falará de si. A sua expedição será o tema de conversa dos próximos dez anos. - “E o seu fracasso”, pensou com satisfação. “O mais tardar em Kopago acabará por desistir, que é precisamente o que todos dela esperam, e ninguém Lhe levará a mal.” - O que é que sabe de seu pai? - perguntou ele, inclinando-se para a jovem.

- Na verdade, muito pouco. Minha mãe, uma alemã da região de Estugarda, morreu de leucemia, quando eu tinha dez anos. Cresci então num internato e praticamente só via o meu pai durante as férias. E, mesmo assim, só alguns dias. Ele estava sempre em viagem. Uma vez, nas férias grandes, tive de ir ter com ele ao Bornéu, de avião. Eu vivia lá num posto da região e o meu pai passava os dias inteiros pela selva. Voltava com uns homenzinhos escuros e nus, que tinham os dentes aguçados com uma espécie de lima, e dizia-me: “Olha para eles. São antropófagos autênticos. Fui eu quem os descobriu.” E depois havia festança regada, abatiam-se a tiro alguns macacos e, quando lhes arrancavam a pele, os seus corpos pareciam de criancinhas. Então os selvagens tinham de nos mostrar como é que preparavam a carne. Lembro-me de ter chorado como uma Madalena porque me dava mesmo a impressão de que estavam a comer crianças assadas. Desde aí nunca mais me levou nas suas viagens de investigação. - Ela fechou os olhos, como se olhasse para dentro de si e invocasse as recordações. - Vistas bem as coisas, sei realmente muito pouco acerca do meu pai. Quando ele há dez anos aqui desapareceu nas montanhas, já não o via há quase dois anos.

- O que quer dizer, em termos prosaicos: há doze anos que você não tem pai, Leonora. E, mesmo assim, insiste em lançar-se agora nesta aventura suicida.

- Só porque pressinto que ele ainda vive.

- A viver com os caçadores de cabeças? Volto a repetir: não pode ser! O avião desapareceu sem deixar rasto, o piloto, esqueci-me do nome, nunca mais foi visto, precisamente como o seu pai. - Sir Anthony esfregou a testa por cima dos olhos e abanou a cabeça. - Mas o que é que estou para aqui a dizer? É como se falasse para o boneco. Nada a consegue demover.

- Que bom que o tenha compreendido, Sir Anthony. - Leonora riu, mas o riso soou um pouco forçado. – Vamos preparar a expedição até ao mínimo pormenor. Trouxe comigo todo o tempo do mundo, todo o tempo...

O geólogo holandês Fred Kreijsman era um homem alto e magro, a caminho dos quarenta anos com o seu cabelo louro já a escassear, de rosto esguio e olhos verde-acinzentados particularmente penetrantes. À primeira vista, não irradiava grande simpatia, mas logo essa impressão se desvanecia quando começava a falar. A sua voz era cheia e suave e aquilo que dizia era sempre bem reflectido, lógico e fundamentado num grande saber.

Sir Anthony recebeu-o na biblioteca. O mordomo, sempre hirtos como de costume e com manifesta frieza, acompanhou-o até à sala revestida de madeira, à velha maneira inglesa, e serviu-lhe imediatamente - também isso era tradição - um velho xerez seco, de uma garrafa de cristal lapidado, naturalmente.

- Então o serviço de notícias interno funciona plenamente - disse o general Lambs, depois de ter cumprimentado Kreijsman com um aperto de mão.

- Já toda a cidade fala no assunto. É verdade que o governo concedeu a autorização?

- Assim é.

- Espantoso. O meu requerimento já por lá corre há meio ano e continuo a receber evasivas.

- Também vai à procura do seu pai?

- Não. - A resposta de Kreijsman foi directa. Não via qualquer razão para manter o segredo. Diamantes.

- Nas terras altas? - Lambs olhou o geólogo holandês com uma expressão de dúvida. - Na Papuásia não há diamantes. Foi através de estudos geológicos que chegaram à conclusão de que existem jazidas? Seria uma sensação.

Kreijman sentou-se numa das poltronas poídas da biblioteca e esperou que o mordomo acabasse de servir o xerez e saísse da sala.

- Estudei cuidadosamente as velhas lendas dos Papuas - disse ele então - quer na sua forma tradicional, quer na versão de alguns escritores papuas dos nossos tempos. Em todas elas se repete a referência a um “Monte Cintilante” cuja contemplação traz a cegueira. Numa das lendas, fala-se de uma gruta cujas paredes e tectos se encontram atapetados de estrelas que são guardadas por demónios. São tudo referências que apontam para a presença de diamantes, que podem ser arrancados à mão como se fossem estalactites de gelo. O que será o “Monte Cintilante”? Haverá realmente na Papuásia desconhecida uma mina de diamantes de dimensões nunca imaginadas?

- Os Papuas são mestres na expressão metafórica de coisas que sobre eles exercem fascínio. Um “Monte Cintilante” pode também ser um monte coberto de gelo.

- Uma gruta de gelo?

- Porque não? Temos uma série delas a mais de quatro mil metros, nas terras altas. O monte Wilhem, com quase quatro mil e setecentos metros, o monte Kubor Giluwe,

com mais de quatro mil metros. A existência de grutas de gelo aí é mais que possível. Terei de ser eu a dizê-lo a um geólogo? Diamantes... nem pensar! - Sir Anthony abanou a cabeça: - Trata-se de uma ideia louca, como a de Miss Leonora de encontrar o pai.

- Pode ser. - Kreijsman ergueu o cálice de xerez à saúde de Sir Anthony. - Mas o enigma atraindo-me. Se Miss Patrik me quiser levar com ela...

- Certamente que Leonora o leva consigo – respondeu Lambs com certa rudeza. - É de loucos que ela anda à procura!

Kreijsman não se sentiu nem um pouco insultado. Esboçou um sorriso irônico, esvaziou o cálice e levantou-se de um salto quando viu Leonora entrar.

- É Miss Patrik, não é verdade? - exclamou efusivo. - O meu primeiro olhar não me deixa dúvidas: a senhora vai conseguir!

Foi uma tarde com muitas palavras e ainda mais planos. Depois de Kreijsman sair, Lambs voltou a acomodar-se no terraço, na sua poltrona de verga.

- É extremamente interessante ouvir conversar gente fantasista como vocês - disse cheio de sarcasmo. - Só com palavras, conseguiram já vencer o desconhecido. Ouça o que lhe digo, Leonora: tudo se revelará diferente do que planeou. E por muitos riscos e perigos que seja capaz de prever e prevenir, lá, nessas florestas virgens inexpugnáveis, levantam-se problemas que nem nos passam pela cabeça, que se nos afiguram impossíveis, de acordo com os padrões humanos, mas que existem, porque esta terra excede qualquer fantasia.

Depois de dez dias de preparativos intensos, da organização de listas enormes, da recolha de todo o material de expedição e da compra de carne enlatada e refeições pré-preparadas, alimentos embalados no vácuo, café e chá, filtros de água potável e, principalmente, uma farmácia com os mais variados medicamentos contra todas as possíveis doenças - Leonora chegou mesmo a reunir o equipamento necessário para uma operação cirúrgica de emergência, com todos os utensílios da praxe - depois da aquisição das muitas centenas de coisas consideradas indispensáveis, Sir Anthony disse uma noite:

- É impressionante e francamente avassalador observar toda a espécie de coisas que são necessárias numa expedição. Tudo junto dá um autêntico camião de mercadoria. Mas pergunto: Como é que vocês poderão carregar isso tudo, tendo ao mesmo tempo de desbravar metro a metro a floresta virgem?

- Montaremos um acampamento de apoio que seja facilmente acessível pelo trilho que formos devastando. Todas as semanas faremos avançar o acampamento até ao sítio onde chegarmos. Temos todo o tempo que quisermos, Sir Anthony, já não dependemos do relógio.

- E assim passarão os meses irrecuperáveis, desperdiçados sem qualquer sentido. Nem sei o que me impede de simplesmente a prender na cave e dizer a todos que teve de regressar inesperadamente. Dizer que ficou apavorada com as dificuldades de que só aqui, no próprio lugar, se pôde aperceber. Todos acreditariam.

- Quanto tempo pensa que ainda terá de vida, Sir Anthony? - perguntou Leonora. O seu sorriso era franco e nada atormentado.

- Tenho setenta e dois anos. - Sir Anthony levantou os olhos para o céu. - Se Deus quiser, chegarei aos noventa. Portanto, ainda restam dezoito!

- Pretende então ter-me fechada na cave dezoito anos?

O general Lambs fixou-a com ar estupefacto, depois rasgou também um sorriso e inclinou-se para lhe dar um beijo na testa.

- Declaro-me vencido, Leonora. Um velho general tem de saber quando deve capitular. Apesar de tudo, considero o empreendimento uma perfeita idiotice.

Fred Kreijsman não foi único em Port Moresby a entrar em acção quando se espalhou a notícia de que a expedição às terras altas da região central fora autorizada. Uns atrás dos outros, apresentaram-se vários candidatos que também se queriam associar ao empreendimento. Sir Anthony recebia-os a todos, de algum modo fascinado por estas pessoas dispostas, por quaisquer que fossem os motivos, a arriscar a vida.

Foi então que apareceu o germano-americano John Hannibal Reissner, um homem robusto de trinta anos, de cabelo negro encaracolado e braços musculosos. Dizia-se fotógrafo, trazia uma máquina a tiracolo e carregava uma malinha de metal leve com objectivas e outros acessórios fotográficos, mas Sir Anthony desconfiava que a tal malazinha constituía toda a propriedade de Reissner. Um segundo par de calças deveria ser já um luxo - os jeans desbotados e remendados atestavam o seu uso ininterrupto.

John Hannibal Reissner entrou em casa de Sir Anthony e cumprimentou-o como se se tratasse de um velho camarada. Riu alto, bateu-lhe no ombro, disse “Olá, Tony!” e olhou primeiro para o peito de Leonora antes de olhar para a casa.

- Se exige carta de referências - exclamou sem qualquer intróito - ponho-lhe à disposição o meu arquivo de diapositivos: África, Austrália, Alasca, Norte da Índia, Mongólia, Tibete e Terra do Fogo, tudo excursões aos extremos. Agora só me falta a Papuásia, para poder dizer: este mundo é lindo como o raio e perigoso na mesma medida. Bela senhora, o perigo é a minha amante. Escolha-me e faz uma boa aquisição.

- Comigo dificilmente encontrará o que procura, John Hannibal. - Leonora mediu o robusto mocetão de cima abaixo. “Tem os músculos apropriados para abrir caminho na selva à catanada quando for necessário”, pensou ela. “Uma pessoa assim vem sempre a propósito. Kreijsman não deve ser do género de aguentar o esforço prolongado.” – Nós avançamos com a cabecinha e não só com os músculos.

- Vale a aposta em como vai precisar de mim mais cedo e mais vezes do que agora pensa?

- E porque é que nos quer acompanhar para o desconhecido?

- Precisamente porque é desconhecido. E com as fotos dos últimos seres humanos da Idade da Pedra podem-se ganhar uns bons dólares. Uma reportagem fotográfica na revista Time-Life e sou homem feito. Não é um bom motivo?

Leonora consentiu em incluir Reissner.

- Qual é o contributo que pode dar para o empreendimento? - inquiriu, porém, antes da decisão.

Sir Anthony ficou suspenso, à espera da resposta.

- Contributo? Como assim? - O rosto estupefacto de Reissner era de uma ingenuidade infantil.

- Quantos dólares?

- Dólares, eu? Tenho cara disso?

- Mesmo nada. Por isso é que pergunto.

- Eu penso que a senhora já deve ter comprado toda a tralha que é necessária!

- Pois já. Mas podemos mesmo assim dividir os custos.

- Faça-lhe uma proposta, formosa lady. - Reissner voltou a investir em todo o seu encanto rude e irresistível. - Ponho a minha força de trabalho ao seu serviço. Por cada metro de caminho desbravado na selva paga-me dez dólares. Não, não abuses, John Hannibal! Proponho-lhe um preço para amigos de cinco dólares. É capital em dinheiro. Quando no fim fizermos as contas, ainda tenho a receber do meu contributo! Topa?

- Topo! - Leonora respondeu-lhe com o mesmo sorriso. - Só que no fim não irá receber nada. Em compensação, tem licença para fazer fotografias, tantas quantas quiser, sem qualquer retribuição monetária da parte que me cabe.

- É uma lady dura de roer! - comentou Reissner para Sir Anthony. - Mas agrada-me. Com ela vou mesmo até ao Inferno fazer fotografias do Diabo a mexer os caldeirões.

- É por isso que você não me agrada - respondeu Sir Anthony. - Não possui freio interior, o que é perigoso num empreendimento destes. - Para se furtar a outras discussões deu meia volta e abandonou a sala.

Reissner ficou pasmado a olhar para ele. Não entendia de todo o que o velho general queria dizer.

Um dia mais tarde, apresentou-se Peter Paul Schmitz um jovem de ar desajeitado, com vinte e três anos, cabelo louro-arruivado, olhos azuis espertos e mãos delicadas. Tinha o nariz salpicado de sardas e quando falava e as pessoas o fitavam, estalava os dedos ou elevava-se intermitentemente nos bicos dos pés.

- Então o senhor estuda medicina - disse Leonora depois de Sir Anthony ter mandado servir ao rapaz um uísque gelado, que este bebeu expedito, revirando os olhos no fim.

- Sim. - Uma elevação nos bicos dos pés e um estalo dos dedos. - Sou alemão, Miss Patrik. De Colónia. Schmitz aristocracia local. Abandonei os estudos por um ano.

- Já não quer ser médico?

- Sim, sim! Ser médico é a minha paixão, se assim se pode dizer. Mas disse para comigo: “Pepau... é assim que me chamam os amigos, juntando Peter e Paul... quando acabares o curso vais precisar de anos até teres dinheiro para poderes viajar pelo mundo. Talvez nessa altura já sejas um velho decrepito e vais então passear o reumático pelas ruas de Singapura ou de Hong Kong. Vai ver o mundo enquanto ainda não tens compromissos e podes viajar até onde os autocarros de excursão não chegam e onde os nativos não dançam meia hora em trajos locais e depois se enfiam nos carros e regressam aos seus bangalós.” Pois é, e foi o que eu fiz. O meu velho e senhor... é assim que lá chamamos ao pai... deu-me a sua bênção. Ele também é médico, tem consultório

montado com três médicos assistentes e nove empregados para o expediente, faz montanhas de dinheiro, mas nunca tem tempo para nada. Para mim é um aviso, Miss Patrik. Foi por isso que parti... Três meses na África Oriental, dois nos mares do Sul, dois meses no Japão. Ofereci-me para trabalhar num paquete de luxo como assistente do médico de bordo e voltei a desembarcar, aqui em Port Moresby. Foi então que ouvi falar na sua expedição às terras altas inexploradas e... -... E pensou com os seus botões: vem mesmo a calhar. É precisamente o que ainda me falta! Uma marcha até à pré-história do nosso planeta.

- É isso mesmo

- E acha que vou levá-lo comigo?

- Sou rijo, posso trabalhar e como futuro médico...

- Também sou médica, senhor Schmitz. - Leonora gostou do rapaz. “Tem um olhar sincero, é franco e cheio de entusiasmo. Mas não faz ideia nenhuma daquilo que o espera lá nas montanhas. Será que aguenta o esforço? A julgar pelas suas mãos delicadas, poderá com elas agarrar um machado e abater uma árvore?”

- Posso ser o seu assistente e dos bons, consegui adquirir bastante experiência no barco.

- Um barco não é a selva, Pepau.

- Obrigado.

- Obrigado porquê?

- Por me tratar por Pepau. Faz-me aumentar as esperanças.

- Se eu o aceitar, o trabalho vai ser muito duro. Pode até ser mortal.

- Se a senhora é capaz, eu também vou ser.

- Eu tenho um objectivo mais alto.

- Vai à procura do seu pai, bem sei. - Peter Paul Schmitz tomou um ar muito sério. O seu sorriso juvenil desvaneceu-se, de repente pareceu mais velho, mais enérgico, confiante. - Gostava de contribuir com a minha ajuda. Acredito de verdade que de vez em quando lhe poderei ser útil e que nunca serei um empecilho.

- Se o fosse, não o levaria comigo.

- Isso quer dizer... - E depois de recuperar o fôlego: - Deixa-me ir consigo?

- Sim.

- Muito obrigado. - Fez uma vénia desajeitada e voltou a ser o rapaz crescido, mas com muito ainda para ser adulto. - Não a decepcionarei.

No dia seguinte, apresentou-se o padre Lucius Delcorte.

Pertencia à Ordem do Santo Sacrifício belga e vestia uma sotaina branca até aos pés. A cabeça, provida de abundante cabelo branco, era redonda como uma esfera e a voz profunda e timbrada como a de um baixo. Quando falava, o som era sempre patético e retumbante. Sir Anthony estimou a sua idade em cerca de cinquenta anos e acertou em cheio.

- Deve estar admirado - disse o padre Lucius, depois de se sentar na poltrona, como todos os que o precederam e de o mordomo lhe ter servido uma bebida - que

sendo padre queira também participar na expedição. O normal é ser cada missão a organizar a sua própria expedição, coadjuvada por tropas governamentais ou unidades da Polícia.

- Assim é. - Sir Anthony acenou repetidamente com a cabeça.

- Até agora, os missionários partiram sempre por iniciativa própria. A nossa Ordem do Santo Sacrifício ainda é uma irmandade reduzida que até agora só ergueu duas igrejas na floresta virgem e só possui quatro postos missionários, principalmente na região de Sepik. Somos, em comparação com as outras missões, uma comunidade muito pobre que vive de donativos. Quando ouvimos falar da nova expedição às terras altas ainda inexploradas, conversamos longamente acerca do assunto e deliberamos tentar levar com essa expedição a palavra de Deus até essas terras desconhecidas. Fui escolhido para levar a cabo essa tentativa. - O padre Lucius elevou as mãos, colocando-as depois uma ao lado da outra. - É realmente muito pouco, mas afinal incomensuravelmente tanto.

- Permita-lhe que lhe lembre que o único objectivo da expedição de Miss Patrik é encontrar o pai, há muito desaparecido... ou aquilo que dele resta. O senhor terá muito poucas oportunidades de pregar sermões sobre Jesus aos homens pré-históricos que eventualmente encontrem pelo caminho.

- As suas palavras têm um som trocista, Sir Anthony -observou o missionário condescendente.

- Limite-me a dizer a verdade. A acção missionária carece de tempo e paciência. Ambos serão escassos. Em contrapartida, não lhe faltarão os perigos.

- E Deus estenderá sobre nós a Sua mão.

- Ainda não vi uma seta envenenada que por obra da Divina Providência mudasse de direcção.

- O senhor é um céptico, Sir Anthony?

- Sou um homem que tem todas as razões para não crer na onisciência divina, mas não gostaria de falar nesse assunto. Deixemos que seja Miss Patrik a resolver! Se quiser levar um padre consigo, a decisão é dela. Será um verdadeiro grupo com todas as cores, esse que partir. - Olhou o padre atentamente, como se duvidasse que ele fosse realmente sacerdote e não um aventureiro qualquer disfarçado com sotaina. - Qual será o contributo que a sua ordem poderá trazer para a expedição?

- A palavra de Deus e a sua bênção.

- Que não têm preço, é verdade. Mas sempre preferíamos dólares.

- Contribuímos também com um gravador, uma câmara Polaroid e uma caixinha mágica.

- Uma quê?

- Caixinha mágica. O senhor já deve ter visto, Sir Anthony. Uma colecção de pequeninos truques de magia. Para além do mais, também sou um bom ilusionista amador. - O padre Lucius meteu a mão na sotaina, tirou uma moeda e mostrou-a ao general. - Está com voz de quem está constipado. Mas a verdadeira causa é ter o nariz entupido. Vou aliviá-lo. - Tocou de repente no nariz de Sir Anthony e fez pressão sobre ele, fazendo cair na sua própria mão uma moeda todas as vezes que carregava. A décima,

parou e mostrou a Sir Anthony a mão cheia de moedas. – Ainda se admira? Com o nariz cheio de dinheiro com é que quer respirar sem dificuldade? Agora já não fala como se estivesse constipado.

- Fenomenal! - O general levou a mão ao nariz e puxou também. - Continue, padre. Assim, conseguimos tapar o buraco do nosso orçamento.

Desataram a rir e desse modo nasceu uma nova amizade.

Passaram mais dez dias e os preparativos chegaram ao fim. A grande aventura podia começar. O plano de Sir Anthony de fazer gorar a expedição o mais tardar em Kopago fora impedido por uma simples resolução de Leonora Patrik: o aluguer de um avião privado, um aparelho já com uns anos, mas suficientemente grande para albergar todos os expedicionários, juntamente com a bagagem. Seria conduzido por Donald Zynaker, um piloto americano que há já nove anos sobrevoava os céus da Papuásia-Nova Guiné, um verdadeiro piloto da selva a quem nada assustava.

- Miss Patrik - dissera Zynaker a Leonora quando esta lhe alugou o avião - conheço a zona onde a senhora quer ir. Os Papuas chamam-lhe o “Vale Sombrio”. Quase nem um raio de sol consegue penetrar nos estreitos desfiladeiros da floresta virgem e, quando tal acontece, o vale começa a soltar vapor, levanta-se nevoeiro, cobrindo tudo de um silêncio húmido. Fico sempre feliz quando deixo essa região ou não tenho de a sobrevoar. Quando isso acontece, faço-o sempre a grande altitude.

- Mas nós temos de descer, Donald, descer pelo vale dentro e depois saltar de pára-quedas.

- Será que conseguimos? - Zynaker coçou o nariz. - Estou disposto a tentar.

Zynaker era um tipo de pessoa de quem a gente se preferia afastar, quando dava com ele pela frente. As sobrancelhas espessas e hirsutas, o nariz de pugilista, o balouçar dos ombros com o andar, as manápulas largas e o cabelo castanho-escuro aparado rente ao crânio, levavam qualquer um a concluir que talvez não fosse nada conveniente entrar em contacto demasiado próximo com aquele tanque de combate. Só quem o conhecia melhor é que sabia que o bom do Donald, embora durão, tinha um coração de ouro e era uma pessoa em quem se podia confiar, depois de alguma vez lhe ter apertado a mão. O seu casamento tinha-se desfeito na altura em que o seu aparelho, um Piper de seis lugares teve de fazer uma descida forçada na região de Sepik e ele foi dado como desaparecido, aparecendo dois meses depois num posto de uma missão, de onde voltou, sem dar qualquer notícia, para Port Moresby. Às seis da manhã meteu a chave à porta de sua casa, aproximou-se do quarto em bicos de pés e encontrou a sua cama ocupada por um moço louro. Mabel - a mulher de Zynaker - tinha a cabeça pousada no ombro do lourinho, dormiam ambos como anjos e, certamente, estavam também nus.

Zynaker fez então três coisas que ficaram famosas em todo Port Moresby e que forneceram tema de conversa durante semanas a fio: tirou o louro e a sua Mabel da cama, com as suas possantes mãos, deu um sopapo no amante que o deixou meio surdo, sacudi Mabel como se fosse uma batedeira de cocktail, enquanto ela gritava, atou-os aos dois nus com uma corda, virados um para ou outro, tal como é a posição dos amantes,

carregou aos ombros aquela encomenda nua até à garagem, atirou-os para dentro do carro e levou-os até ao centro da cidade. Ali, na Praça do Papua-lateclube, tirou-os do carro, atou-os mudos de pavor a uma palmeira e regressou outra vez a sua casa.

Uma tal coisa em Port Moresby! Os jornais publicaram fotografias daquele par nu unido pelas cordas, revistas e jornais ilustrados - principalmente americanos - reproduziram com grande prazer essas fotos, a televisão foi mais discreta, transmitindo simplesmente fotografias dos rostos desesperados de Mabel e do amante - sendo espantoso que só passado mais de uma hora é que os libertaram da sua desgraça, depois de todos terem tirado as suas fotos. Só então é que chamaram a Polícia e um carro.

Desde então, Zynaker nunca mais ouviu uma única palavra acerca de Mabel e do louro. Eles desapareceram totalmente do mapa, embora constasse que tinham mudado para Madang, onde Mabel tinha aberto uma loja de conserto de roupa.

A fama de marido desagradado trouxe a Donald muitas vantagens. Dava entrevistas a jornais americanos, apresentava-se como piloto dos matos e das selvas e narrava aventuras de arrepiar os cabelos, passadas na Papuásia desconhecida, ganhando uma soma de dinheiro que lhe permitiu acabar de pagar o novo avião. O resto foi o Banco da Papuásia-Nova Guiné que financiou, conseguindo através disso uma enorme e inestimável publicidade.

Sir Anthony observava com desagrado o modo afável como Zynaker e Leonora conversavam. Entendeu, antes de mais que ela não estava agora dependente de transporte aéreo e que já não se lhe podia dizer em Kopago, a última etapa antes do desconhecido: “Não temos quaisquer meios de voo disponíveis. “

- Agora está tudo a postos - disse Leonora após a saída de Zynaker, acabado o jantar. - Somos seis expedicionários, o equipamento está completo, temos um avião que manterá o contacto com o mundo exterior; carregadores e intérpretes conseguimos-los em Goroka ou Kopago. A busca de James Patrik pode começar.

Sir Anthony não se deu ainda por vencido. No dia seguinte, ligou para o quartel-general do Kopago e veio ao telefone um tenente de nome Ric Wepper. Queria em poucas palavras pô-lo ao corrente das intenções de Miss Patrik, mas ainda não dissera duas palavras e já o tenente Wepper o interrompia:

- Estou ao corrente, sir. O ministério informou-nos de tudo. Estamos incumbidos de dar à expedição de Miss Patrik todo o apoio que estiver ao nosso alcance.

- Que está a dizer? - gritou Lambs. - Vocês associam-se a essa loucura? Vocês também vão participar?

- Não. Ajudamos a senhora até à partida. Nenhum de nós a acompanhará. Mas podemos aconselhá-la. Conhecemos a região, a partir do ar, e ouvimos ocasionalmente o que se passa lá por baixo. Canibais existem com toda a certeza, mas ninguém lhes consegue chegar.

- E vocês vão ficar a olhar candidamente, a ver Miss Patrik cair de pára-quedas naquele caldeirão?

- Eu não posso impedi-la.

- Claro que pode!

- Não posso. Ela tem uma autorização do governo.

- Você pode, por exemplo, dizer que há interdição de descolagem dessa pista.

- Quem é o piloto?

- Donald Zynaker.

- E logo o marido corajoso? Sir, ninguém o vai convencer de que há interdição quando nós próprios continuamos a voar!

- Impeça os intérpretes, os guias, os carregadores, ou lá o que for. Com mil diabos, não deve ser assim tão difícil sabotar uma expedição!

- Prefiro não ter ouvido o que disse, sir – respondeu Wepper, constrangido. - Sou oficial e não terrorista.

- Eu só quero é que impeça esta loucura! - gritou Lambs do outro lado. - Tenente, se Miss Patrik acabar como uma cabeça reduzida, você também é responsável, porque poderia tê-la impedido. Pense bem nisso.

- Não tenho ordens nesse sentido, sir. A minha missão é ajudar e não levantar obstáculos.

- E o seu bom senso comum?

- Quando o senhor andava na guerra, agiu sempre de acordo com o seu bom senso comum, meu general, ou limitou-se a cumprir à risca as ordens que eram dadas?

- Mas não há comparação.

- Eu penso que sim, sir. Nessa altura o meu general estava no activo; agora na reforma, a sua opinião é diferente. Eu ainda estou ao serviço e a minha visão das coisas é aquela que de mim exigem.

- Então se acontecer alguma coisa a Miss Patrik, você não se sente co-responsável?

- Absolutamente nada.

Sir Anthony desligou. “Um cão do Exército com a cabeça quadrada”, pensou, furioso. “Que mais posso fazer? Subornar Zynaker, para ele simular uma avaria irreparável no avião? Voltar a falar para o ministério?” Talvez fosse uma solução, a última que lhe restava.

O funcionário ministerial ficou muito espantado quando o general Lambs lhe telefonou e, sem quaisquer preâmbulos, lhe disparou:

- Você não pode anular a licença que foi concedida para a expedição?

- Não vejo razão alguma para o fazer!

- Pode alegar a necessidade de interditar imediatamente a região, dado haver notícias de recontros sangrentos entre algumas tribos.

- Mas não é o caso.

- Os selvagens estão sempre em pé de guerra e a cortar as cabeças uns aos outros. Toda a gente o sabe. É um argumento perfeito.

- Sir, a imprensa fala da expedição de Miss Patrik, e a televisão passou duas entrevistas com ela. Quer que nos exponhamos ao ridículo retirando a autorização? Além disso, foi o senhor mesmo quem interveio a favor.

- O senhor sabe muito bem que só o fiz para entreter Miss Patrik, até conseguirmos criar alguns obstáculos intransponíveis.

- Disso nada consta na autorização, sir. Por própria conta e risco, é o que consta, o que nos liberta de qualquer responsabilidade. Pode imaginar o pé-de-vento que desencadearíamos se de repente disséssemos que não? Não vejo nenhuma forma de ir ao encontro do seu pedido.

No domingo, todos os participantes na expedição se encontraram na casa de Sir Anthony para um último acerto de agulhas. A televisão da Papuásia-Nova Guiné estava outra vez presente e filmava Herbert, de expressão rígida, passos medidos com a maior precisão e - a despeito do calor abafado - de luvas brancas, a servir suco de fruta, uísque e gim fizz no terraço.

- Na quarta-feira? como ficou combinado, voamos com todo o equipamento primeiro para Goroka - disse Leonora. - Fred, a questão da pernoite está resolvida?

- Ficamos no Goroka Lodge - respondeu Kreijsman, acenando com a cabeça. - O dono, um tal Pieter von Dooren, meu compatriota, está contente por nos receber.

- Consegui ainda arranjar uma pistola automática e dois mil cartuchos. - Reissner olhou em volta, como se esperasse o aplauso dos circunstantes, mas o padre Lucius abanou a cabeça.

- Queremos tirar essas criaturas desconhecidas da sua selva e não exterminá-las. John Hannibal, se você pretende mesmo levar esse instrumento assassino, exijo que mo dê a guardar. Só em caso de necessidade extrema é que o entregarei.

- Acha-me com cara de atrasado mental? - resmungou Reissner.

- Não, mas quem sabe qual será a sua reacção quando os Papuas nos receberem com gritos, lanças e setas? Até você pode perder a cabeça. Vamos como mensageiros da paz, do amor ao próximo, assim como Jesus.

- Mas porque é que tem um padre de vir connosco? - interrompeu Reissner, levantando a voz. - O senhor ainda vai cantar hinos de perdão à humanidade, quando os Papuas nos crivarem de setas!

- O empreendimento promete - comentou Sir Anthony com ironia. - Ainda nem sequer começaram e já estão a discutir.

- Sir Anthony tem razão. - Kreijsman atalhou qualquer represália por parte de Reissner. - Todos nós temos nesta viagem interesses pessoais. Mas se a empresa se concretizar, o nosso dever é unir-nos a todo o custo e submetemo-nos ao objectivo principal.

- Mas é claro como água - disse Schmitz. - É coisa que nem se discute.

- Miss Patrik é a chefe da expedição e a sua palavra é lei. Estamos de acordo sobre este ponto?! - Kreijsman olhou em torno, reclamando a concordância de todos. - Só através dela poderemos realizar os nossos desejos. - Lançou a Leonora um olhar demorado e fez uma vénia imperceptível com a cabeça. - A busca do seu pai tem naturalmente prioridade. Nós queremos ajudá-la nesse intento com todas as nossas forças e agradecer-lhe por levar consigo um grupo, como o nosso, de gente tão diferente.

- Foi um sermão como nem o padre fazia melhor. - Sir Anthony bateu no ombro de Kreijsman. - É espantoso como há loucos que sabem falar com tanto juízo.

Ficaram todos juntos até à noite, a beber repetidamente ao êxito da expedição, a dar entrevistas à televisão na biblioteca de Sir Anthony, e foram-se depois embora todos bem-dispostos. Leonora ficou a acenar para o carro que saía. até ver as luzes desaparecer na curva da estrada.

O general pôs o braço em torno dos ombros da jovem e voltou com ela para o terraço.

- Como é que se sente agora? - perguntou. - Triunfante? Até aqui conseguiu tudo aquilo a que se tinha proposto. O seu coração deve transbordar de felicidade.

- Não. - Leonora sentou-se e baixou a cabeça. Nesse momento pareceu definhada, como que alquebrada. - Tenho medo.

- Medo?

- Sim. Mas isso passa, o mais tardar quando estiver a bordo do avião para Goroka. É o medo de que tudo seja em vão.

- Isso já eu sei! - soou rude e impiedoso, mas era a verdade.

Leonora levantou os olhos para o general. A tristeza do seu olhar assustou-o.

- Mas ainda não é tarde - disse ele, e de repente ganhou alento. - Ainda podemos anular tudo.

- Não era isso que eu queria dizer. - Respirou fundo algumas vezes e endireitou o corpo. - Já passou. Esqueça, Sir Anthony, que por escassos segundos dei mostras de algo parecido com fraqueza. Vocês os homens também têm destes momentos.

Dois dias mais tarde carregou-se o avião de Donald Zynaker. Reissner e o padre Lucius, que estavam a ajudar, deixaram-se ficar depois em frente ao aparelho, que estava cheio a abarrotar, a beber cerveja da garrafa e a suar por todos os poros. O tempo tinha ficado quente e abafado, o clima típico da Papuásia-Nova Guiné, quarenta graus de calor com uma humidade de noventa e cinco por cento. Bastava levantar um braço para logo o suor se desprender e escorrer pelo corpo abaixo.

- A carripana está cheia, Donald - disse Reissner, dando uma palmada no aparelho.

- Agora só faltamos nós os seis... achas que consegues arrancar o pássaro do chão?

- Com uma boa reza, sim. Então para que é que temos um padre a bordo? - Zynaker rasgou um sorriso de ironia: - Acho que será suficiente, se conseguirmos dar uns saltos por cima dos montes, rios e pantanais. Pergunto a mim mesmo para que é preciso uma tal montanha de equipamento, quando se for a marchar pela floresta virgem.

- A base de apoio deverá estar munida com tudo o que é necessário. A Leonora tem razão. - O padre acabou de beber a cerveja e meteu ao bolso a lata vazia. - Tão cedo não voltaremos à civilização.

- Quanto tempo irá durar?

- Não me pergunte, John Hannibal. Quando nos aproximarmos das tribos selvagens, começa a tarefa de Deus, e essa não conhece o tempo. Leonora está a contar com meio ano - e encolheu os ombros - mas também pode durar menos ou então mais. Quem é que vai saber? Até tudo pode acabar na primeira aldeia.

- Quando estiverem a preparar as nossas cabeças, é o que está pensar? - interveio Reissner.

- Não creio. Primeiro seremos recebidos como deuses brancos. Só quando repararem que afinal também somos humanos é que o perigo começa. Não, acho que vamos descobrir rapidamente o que aconteceu há dez anos (uma coisa dessas circula logo por todas as tribos), e que já não há quaisquer vestígios de James Patrik. Nem sequer uma cabeça em tamanho reduzido. A partir daí, a expedição perderá o sentido.

- Mas o senhor fica com os Papuas, padre? - perguntou Zynaker.

- Sim. Quero construir lá uma igreja. - O padre olhou para Reissner: - E você?

- Eu, assim espero, vou fazer filmes fabulosos sobre os seres recém-descobertos e tirar montes de fotografias e ganhar com isso um bom dinheiro na América e em todo o mundo, vendendo o material para os jornais ilustrados. Ontem, estive a falar com a Time-Life pelo telefone. A rapaziada de lá está deserta pelas fotografias. Depois de conseguir entrar na Time-Life, toda a imprensa me abre as portas. - Reissner acabou também a sua cerveja e atirou a lata vazia para o meio da relva. Zynaker lançou-lhe um olhar de reprovação, mas Reissner não reagiu. - Afinal, de que é que Kreijsman vai à procura nas terras altas?

- Ele é geólogo.

O padre Lucius encolheu os ombros:

- Que há-de fazer um geólogo numa terra inexplorada? Medições, desenhos topográficos, lançamento de mapas da região... precisamente aquilo que antes fizeram os descobridores, como Colombo, Magalhães ou Cook.

- E para isso é preciso um martelo automático?

- Ele tem um?

- Tem. Apareceu com ele há quatro dias. Uma máquina infernal que trabalha com um motor a gasolina. E ainda uma coleção completa de martelos de metal e uma amoladeira mecânica para afiar as lâminas rombas. Só a sua bagagem constitui um peso incrível.

- Leonora sabe?

- Não faço ideia. - Reissner lançou um olhar ao avião apinhado. - Um geólogo com um martelo automático não é normal.

- Talvez pretenda recolher amostras do solo - sugeriu Zynaker. - Arrancar pedras dos montes à martelada para lhes determinar a idade, isso é o que os geólogos mais gostam de fazer, para dizer depois: "Esta pedra tem vinte milhões de anos." É coisa que não interessa nem ao Menino Jesus, eu sei, mas os investigadores ficam tão entusiasmados que quase têm um orgasmo.

- Zynaker, você é mesmo ordinário! - O padre Lucius sacudiu a cabeça, em jeito reprovador. - A investigação é para o bem de todos.

- A mim interessa-me é que as hélices girem e que as asas não quebrem.

- Kreijsman não faz perfurações do solo - insistiu Reissner. - Há qualquer coisa por detrás disso. Cheira-me a busca de tesouro e não pouco.

- Numa terra inexplorada?

- Está-me cá a lembrar a Sibéria, a taiga. Durante séculos dizia-se: lá, só se ouve o uivar dos lobos. Lá, com o frio de rachar que faz, o solo é duro como pedra. Lá, até as

raposas choram e as martas mordem a própria cauda de tanta solidão. E agora? Descobriu-se gás natural e petróleo, ouro e cobre, manganês e urânio e até diamantes. Os recursos do subsolo da Sibéria são incalculáveis e só uma ínfima parte está em exploração. Naquela terra está enterrado um verdadeiro tesouro. Porque é que na Papuásia não poderá acontecer o mesmo? Como geólogo, Kreijsman deve ter tropeçado em qualquer coisa que o mundo ainda ignora totalmente.

- E parte então de martelo automático às costas... Está doido! - Zynaker bateu com o dedo na testa. - Não se podem perfurar poços de petróleo com um martelo de um metro.

- Mas filões de ouro. Diamantes. Outras pedras preciosas.

- Se assim for, os meus parabéns, Fred Kreijsman! - rematou Zynaker.

- Nós agora somos um grupo que está ligado para a vida e para a morte. - Reissner remexeu nos bolsos, arrancou dum maço de tabaco todo amachucado e húmido de suor e meteu um cigarro na boca. - Esta expedição terá de ser um empreendimento de conjunto. Sozinha, Leonora nunca poderia penetrar na selva, por muito grande que fosse o seu idealismo e a sua coragem. Cada um de nós, sem excepção, estará a partir de agora dependente de todos e de cada um dos outros. Você, padre, nunca poderia por si só vir a construir uma igreja junto dessas tribos desconhecidas, eu também não teria hipóteses se partisse sozinho e Kreijsman também só pode realizar os seus projectos se todos colaborarmos.

- E o que quer dizer com tanto discurso? – perguntou o padre com ingenuidade.

- Só isto: se Kreijsman realmente encontrar diamantes ou ouro, ou seja lá o que for, também devíamos ter direito a uma parte. Cinquenta por cento para ele, cinquenta por cento a dividir pelos restantes. Não acham justo?

- Devíamos discutir essa questão.

O missionário despediu-se, montou na sua velha mota toda amolgada e afastou-se com ruidoso matraqueado. “O conflito era inevitável”, pensou ele a caminho da cidade, do Bairro Boroko, onde a Missão da Ordem do Santo Sacrifício arranjava uma pequena casa com capela. Os donativos eram tão escassos que o prior chegou uma vez a comentar: “Se os nossos irmãos franciscanos são chamados mendicantes, então nós somos a primeira e única ordem faminta.” Se conseguisse construir uma igreja na região inexplorada das terras altas, para anunciar a palavra de Deus aos Papuas, se todo o mundo viesse a falar dessa descoberta, também os donativos afluíam com mais abundância e a Ordem do Santo Sacrifício seria conhecida de toda a gente.

“Devíamos renunciar à participação de Reissner”, prosseguiu o padre Lucius nos seus pensamentos, enquanto avançava com ruído pela estrada Hubert Murray, em direcção a Boroko. “O homem é um aventureiro sem escrúpulos, talvez perigoso, um tipo imprevisível, que pode acabar por pôr toda a expedição em maus lençóis. A questão com Kreijsman promete e bem pode ser o princípio de uma catástrofe. Reissner vai estar de atalaia e se Kreijsman chegar mesmo a descobrir aquilo de que vai à procura, vão desencadear-se os instintos primitivos e vão desfazer-se uns aos outros. De nada servirá a cruz que se lhes interponha. “

O padre virou numa transversal e quase atropelou um gato e foi contra um carro de mão cheio de peixe. Recompôs-se, tomou mais atenção à estrada e buzinou para afastar um grupo de crianças a brincar no meio do caminho. “Tenho de falar com Leonora”, decidiu. “Que é que a impede de excluir Reissner da expedição? Afinal de contas, ela é que é a responsável, toda a sua fortuna está metida no empreendimento. O nosso contributo consiste na nossa ajuda, na nossa coragem, no nosso idealismo e na energia que investirmos. O ónus principal é ela quem o suporta; nós não passamos afinal de parasitas a viver à custa dela. E Reissner - meu Deus, valei-nos! - é o parasita-mor.”

No “mosteiro”, o prior recebeu-o com uma notícia da Bélgica. A congregação era constituída aqui em Port Moresby por quatro padres, dois irmãos leigos e quatro ajudantes indígenas; coziavam eles próprios o pão, abatiam porcos e cordeiros, faziam enchidos e presunto no sopé do monte Paga.

Aos domingos, faziam passar o saco da colecta de mão em mão, por todas as filas. Na capela não cabiam mais que quarenta fiéis e mesmo assim nunca enchia, chegando geralmente só a metade da lotação. Afinal, quem é que conhecia aquela ordenzinha que nem sequer possuía um harmónio ou um piano, para já não falar de um órgão. O padre Serafim, um homem ossudo e sem idade, acompanhava os cânticos e os salmos com um acordeão velho, alquebrado e ciciante.

- Estamos todos muito contentes! - exclamou o prior, quando o padre Lucius desmontou da motocicleta e a conduziu à mão para a guardar no corredor da casa. - Agradecemos a Deus de todo o coração, louvamos a Sua bondade e queremos dar-te um abraço, irmão. Com a tua ideia de participar na expedição, abriste uma grande porta.

- O que é que se passa?

- As televisões alemã, belga, holandesa e francesa receberam a notícia de Port Moresby e transmitiram-na. “Regresso ao mundo primitivo”, chamava-se o programa. O superior-geral telefonou de Gent: chovem donativos de todos os lados.

- Em Gent! - O missionário fez um sinal de contrariedade, encostou a moto à parede e pôs-lhe um trapo por baixo, não fosse cair óleo. - E nós aqui, que ganhamos com isso?

- Uma série de firmas conhecidas quer associar-se à expedição e co-financiá-la.

- Ai, ai, ai! Já estou a ver a bola de neve. Querem utilizar a expedição para fazer publicidade aos seus produtos.

- E isso dá dinheiro, irmão.

- Não contem com isso! Por amor de Deus, não contem com isso! Tenho a certeza de que Miss Patrik vai recusar qualquer oferta nesse sentido.

- E porquê? Quem é que recusa presentes?

- Querem que ande por aí com um cartaz à frente e outro atrás? à frente com os dizeres “Vou para a Idade da Pedra e levo comigo biscoitos de manteiga da Slingfield” e atrás “Em breve até os Papuas irão conhecer as pastilhas elásticas da Wippineg”...

- Também se pode fazer de forma mais discreta, irmão. - O prior enfiou as mãos nas mangas largas do hábito. - Amanhã, vão com certeza transmitir a partida através da

televisão. Bastam umas palavras acerca do equipamento. Em Gent fazem-se propostas chorudas. Pensa bem: vai entrar dinheiro em caixa.

- Sem Miss Patrik, não se pode fazer nada.

- Fala com ela, Lucius.

- Ainda hoje?

- Sim. Vai outra vez ter com ela, já. Ganharás um lugar de honra na história da nossa ordem. Neste momento, és o único chamariz que atrai a atenção do público de todo o mundo. Foste eleito por Deus!

- Vou ver o que consigo. - O padre Lucius voltou a levar a sua moto periclitante para a rua. - Mas não tenham esperanças exageradas!

- Vamos rezar por ti, Lucius. E não te esqueças: bastam 4 firmas de marca para nos proporcionar uma missão desafiadora. Para difundir a palavra de Deus, nenhuma mão aberta é indigna.

Leonora e o general Lambs ficaram muito surpreendidos e entreolharam-se interrogadoramente quando Herbert veio anunciar o regresso do padre Lucius.

- Que é que lhe aconteceu? - perguntou Sir Anthony demonstrando alguma preocupação. - Herbert, qual é o aspecto dele?

- O mesmo de sempre, sir. Um padre nunca tem aspecto especial, confunde-se com o ambiente, como o camaleão.

O mordomo proferiu a frase sem mover um único músculo da cara. O general Lambs soltou uma risada:

- Ele não gosta de padres - comentou a seguir - porque a mãe dele fugiu com um pastor anglicano, deixando para trás o marido destruído com três crianças nos braços. Nunca mais voltou. - Fez a Herbert um sinal com a cabeça: - Mande entrar o padre Lucius.

- Pois sim, sir.

Lia-se no rosto do padre Lucius grande constrangimento por ter voltado outra vez. Lia-se no seu pescoço cheio de manchas vermelhas, que sempre apareciam quando estava alvoroçado. Não reagiu ao convite para se sentar, conservou-se de pé a morder no lábio inferior.

- Eu... eu ainda queria fazer uma pergunta – começou com hesitação - que eu não podia nem queria fazê-la na presença de todos os outros.

- Trata-se de alguma dúvida que diga respeito à expedição? - indagou Leonora, admirada.

- Sim. Quer dizer...

- Onde está o problema, padre? - Sir Anthony serviu-lhe um rum branco com sumo de laranja. - Deixe-se de paninhos quentes e fale abertamente.

- Pois bem! O senhor Reissner tem mesmo de ir connosco?

- John Hannibal? - Leonora sacudiu a cabeça. - O que é que o senhor tem contra ele, padre Lucius?

- Trata-se de um aventureiro.

- Isso sabemos nós. Foi ele próprio quem nos contou, tintim por tintim.

- Trata-se de um homem sem escrúpulos.

- Isso ainda está por provar - atalhou Sir Anthony. - Tem uma língua comprida, sem dúvida, e nunca frequentou nenhum curso de boas maneiras, é verdade. Mas também se trata de um homem que não é fácil de deitar abaixo. Tem experiência da selva e a sua ajuda pode ser inestimável para Miss Patrik.

- Reissner só vai connosco para conseguir fazer dinheiro com a expedição.

- Sejam honestos! Não é o que acontece com todos? Kreijsman vai à procura de diamantes onde não os há, Zynaker porque é bem pago pelo avião, Reissner quer tirar fotografias e fazer filmes e conseguir com eles entrar no grande negócio das reportagens, Schmitz, o jovem sonhador, quer conhecer o vasto mundo e talvez venha mais tarde a escrever sobre isso quando for médico, e o senhor, padre, acompanha-os para converter os gentios da derradeira terra-de-ninguém do globo, para lhes anunciar a palavra de Deus e erguer uma igreja. Para além do mais, porque também trará dinheiro à sua necessitada ordem. Todos têm afinal em vista o proveito próprio. Que é que o incomoda Reissner?

O sacerdote bebeu o seu copo de rum com sumo de laranja. A mão tremia-lhe. Agarrava o copo com tanta força que quase se podia dizer que se segurava a ele.

- Ainda voltarei a falar da minha ordem. - Pousou o copo e limpou o suor da testa com a mão. Estava uma noite abafada como é costume acontecer na Papuásia-Nova Guiné. - Certamente Reissner descobriu o que leva Kreijsman àquela região desconhecida. Ele acha que, constituindo nós um grupo interdependente e não sendo também possível a Kreijsman atingir os seus objectivos sem a nossa ajuda, Kreijsman deveria ficar com metade do que ganhasse e dividir a outra metade pelos restantes. Aí tem, em poucas palavras.

- Foi o próprio Reissner quem lho disse? – perguntou Leonora, perplexa.

- Foi. E muito claramente.

- Mas é uma questão que nem sequer se põe!

- Não creio que consiga demovê-lo - disse o padre, pigarreando. Aquilo que se preparava para dizer soava a romance policial de quarta ordem. Mas quantas vezes a realidade é mais assustadora que a mais grotesca fantasia?

- Acho Reissner bem capaz de encenar acidentes, ou seja o que for, para no fim se abotoar sozinho com a parte de Kreijsman.

- Deus do Céu! Acha-o capaz de homicídio? - exclamou Sir Anthony, horrorizado.

- Acho.

- O senhor que é padre é capaz de dizer uma coisa dessas?

- Não posso evitar os homicídios. A mim só me resta benzer os mortos... se não for o primeiro da lista.

- A sua imaginação já chegou a esse ponto? – Leonora saltou da poltrona e começou a andar de um lado para o outro. - Mas está tudo só na sua cabeça!

- Você não viu os olhos dele, quando estava a fazer a proposta. São olhos de lobo, frios, inexpressivos, impenetráveis, fixos. Todas as pessoas têm olhos vivos, onde se

espelha algo da sua alma... Reissner tem olhos mortos, onde não se agita a mínima emoção. Ainda não reparou?

- Não. Para dizer a verdade, nunca o olhei assim tão profundamente nos olhos.

- Mas deveria fazê-lo. - O padre esvaziou o copo. Sentiu o rum levemente na cabeça e já não estava tão embaraçado. - Agora, voltando à minha ordem! Ela também gostaria de participar.

- Mas já o faz, através de si. - Sir Anthony abanou a cabeça. - Pretendem juntar-lhe mais um padre?

- Não. Pretendemos que nas fotos, nos filmes e nos vídeos se dê realce a algumas firmas de artigos de marca. Por exemplo, aos produtores das conservas que levamos. Ou ao produtor das tendas e sacos de dormir. De que marca é o barco de borracha? Quando for transmitido pela televisão, toda a gente poderá ver.

- A expedição de Miss Patrik transformada em cartaz publicitário ambulante! - Sir Anthony estava visivelmente indignado. - E foi por causa disso que voltou? Como é que consegue não estar vermelho como um tomate de vergonha?

- Mas eu morro de vergonha. - O padre Lucius levantou as mãos, como se quisesse pedir desculpa. - Se, porém, o meu prior deseja que eu fale consigo, Miss Patrik, a obediência é um dos pilares da minha ordem. As ofertas das firmas que querem ser nomeadas são aliciantes e poderiam ajudar bastante o nosso trabalho missionário. Lembre-se de que poderíamos educar novos cristãos com esse dinheiro.

- Seria razão suficiente para dizer que não - disse Sir Anthony em tom sarcástico. - Porque é que as firmas não contactaram connosco directamente?

- A ordem deu uma entrevista na televisão sobre o futuro posto missionário e ela foi transmitida na Europa e nos Estados Unidos. Por isso nos enviaram as propostas.

- Se isso pode ajudar a irmandade, não devíamos dizer que não, Sir Anthony - considerou Leonora, e deu ao padre Lucius um sinal de assentimento. - Aquilo que me deixa apreensiva é o que o senhor contou de Reissner.

- Você não devia levá-lo.

- Não posso excluí-lo da expedição, assim, a um dia da partida! Que argumentos posso utilizar? Não posso dizer: "Os seus olhos de lobo não me agradam." Ou então: "O padre Lucius contou-me acerca dos seus planos." Ele vai dizer-me que foi só uma piada. Quem é que pode provar o contrário?

- Se Kreijsman descobrir mesmo diamantes, a situação pode tornar-se dramática. A partir daí, é Reissner quem dita a nossa sorte.

- Defender-nos-emos, padre.

- Com quê? Você bem ouviu: ele trouxe uma pistola automática. Só isso seria razão suficiente para não o levar. Nós vamos em missão de paz e não como conquistadores.

- A grande questão é sobre se os Papuas também são do mesmo parecer. - Sir Anthony contemplou o jardim, lá fora, com os seus arbustos floridos, as palmeiras anãs e os fetos gigantes. Calou-se, pareceu pensar em algo longínquo, e contraiu os músculos das faces. - Nunca compreenderemos essa terra e esses seres humanos. São milénios, milénios que deles nos separam.

- Se Reissner nos acompanhar, levamos connosco uma bomba! - afirmou o padre em tom dramático.

- Que poderá ele fazer? Se acontecer aquilo que o senhor receia, terá todos contra ele. Ficarão sozinhos.

- Ele é mais forte que todos nós juntos. Essa é que é essa, Miss Patrik. É disso que, para ser honesto, tenho grande medo.

- Já nada posso fazer, padre. - Leonora encolheu os ombros, denotando visível pesar. - Só nos resta esperar e ficar de olhos bem abertos... e defendermo-nos. Não é só Reissner que é bom atirador. Eu também sou. Foi uma coisa que aprendi durante o treino de sobrevivência.

- Com todos esses pressupostos, vai ser uma expedição de fabulosa harmonia! - comentou Sir Anthony. - Seria mais prático, já que os hospitais estão aqui, partirem agora a cabeça uns aos outros. Para isso, escusam de ir para regiões desconhecidas.

- Creio que estamos todos um pouco nervosos com o pensamento no dia de amanhã. - Leonora ensaiou uma risada que saiu mais como um queixume. - Febre de viagem... Passa tudo quando aterrarmos em Goroka. Vai ver, padre, voltaremos todos a ficar normais. E diga ao seu prior que temos muito gosto em apoiar a ordem e permitir a publicidade.

- Você é formidável, Miss Patrik! - O padre teve de se dominar para não lhe dar um abraço ou até mesmo um beijo. - Se conseguirmos construir uma igreja a valer, será seu o mérito. Deus a abençoará.

- Eu cá por mim não me entregaria tão cegamente nas Suas mãos - afirmou Sir Anthony, enquanto o padre Lucius se levantava para voltar a Port Moresby na sua ruidosa mota. - Se Ele derramasse a Sua graça sobre todos não haveria tantas dezenas de cabeças de missionários reduzidas e penduradas por cima da porta das cabanas ou no cinto dos selvagens. Se vocês não se ajudarem a si próprios, lá ninguém vos vai dar a mão.

O dia seguinte tornou-se num verdadeiro acontecimento, em que participaram, pela televisão, não só todo Port Moresby, mas a Papuásia-Nova Guiné, todas as ilhas circundantes e até a Nova Zelândia. Equipas de estações de TV estrangeiras, vindas da Austrália, dos EUA e até da Alemanha, já há horas que ocupavam o aeródromo de Port Moresby e o aparelho de Donald Zynaker. O prior do mosteiro da Ordem do Santo Sacrifício tinha aparecido com dois sacerdotes e, com uma lista na mão, que seguia atentamente, mandara empilhar à frente do avião caixas e caixotes das firmas que tinham disponibilizado uns bons dólares, em troca de discreta publicidade. Apesar de o tempo não ter sido muito, mesmo assim foram seis os produtores que levaram uns bem medidos mil dólares ao moinho do mosteiro. Para a ordem, era uma autêntica fortuna.

O padre Lucius apareceu no aeródromo, em paramentos sacerdotais e ladeado por dois acólitos, trazendo um a cruz e o outro o incensório. Torceu o rosto atormentado quando se lhe depararam as caixas e os caixotes.

Zynaker estava na carlinga a verificar mais uma vez todos os instrumentos. Recusava-se a dar entrevistas para a televisão.

- Que há para dizer? - tinha respondido. – Voamos para uma região desconhecida... e depois?

- E acredita que vão encontrar o desaparecido doutor Patrik?

- Perguntem a Miss Patrik, não a mim.

- Mas o senhor vai pilotar o avião. Porque é que o faz?

- Porque me pagam bem, só por isso. Se a sua estação de televisão me pagar cem mil dólares, levo o senhor até à Lua!

Os repórteres riram e a partir daí não mais o incomodaram. A multidão apinhou-se ainda mais quando Leonora se aproximou com os outros expedicionários, em dois carros, e se apeou junto do avião. A banda de música da União da Juventude Cristã, que o prior tinha mandado vir, tocou uma marcha cheia de energia.

O general Lambs fez das tripas coração e veio assistir à despedida daquele perfeito disparate. Acompanhava-o o seu mordomo, que lhe segurava o guarda-sol por cima da cabeça. Sobre a cidade pairava um calor de rachar. Ao longe, a terra parecia evaporar-se.

O padre Lucius aproximou-se de uma mesinha que Zynaker tinha colocado perto da entrada do avião, pegou numa malinha de viagem, tirou um crucifixo, um recipiente de hóstias e um hissope e colocou aos ombros uma estola. Depois olhou na direcção da banda e fez sinal com a cabeça.

A juventude entoou um coral e de repente fez-se uma atmosfera festiva naquela zona afastada do poeirento aeródromo. Diante da mesinha, agora transformada em altar, estavam Leonora, Kreijsman, Reissner, Schmitz e Zynaker, de mãos postas.

- Isto é mesmo necessário? - segredou Reissner na direcção de Kreijsman. - Mas é só teatro chapado!

- Até parece a missa campal do tempo da guerra - observou Sir Anthony. - Também lá havia padres a abençoar os jovens soldados antes de os mandarem para o matadouro e abençoavam também as bombas por baixo dos aviões e benziavam os canhões, causadores de milhares de mortes. Deixe-se estar de mãos postas, Reissner. Também é para si que estão a rezar, pois o inferno está iminente.

- Estamos perante uma grande prova... - o padre Lucius elevou a voz -. uma prova a que nos vamos submeter, porque o amor a um homem deve ser mais forte que todos os perigos que possam esperar-nos.

- Soa bem - sussurrou Reissner, olhando para Sir Anthony com ironia. - Como um padre consegue dar elegantemente a volta às coisas! A maior parte de nós vai por causa de dinheiro.

- Mais do que nunca, teremos nós de confiar na ajuda divina e na sua onnipotência, mais do que nunca careceremos da força que deriva da nossa fé, lá na floresta virgem em que iremos mergulhar. Oremos! Senhor, protegi a nossa obra, volvei para nós os Vossos olhos e incuti-nos coragem, para resistirmos às provações que os próximos meses nos trarão. Abençoai a nossa marcha rumo ao desconhecido e permiti que a Vossa bondade nos leve a descobrir aquilo que buscamos.

- Diamantes - sussurrou Reissner, fazendo uma careta.

- Senhor, não nos abandoneis. Nós entregamo-nos nas Vossas mãos. - O padre falara com grande comoção. Depois voltou-se, levantou os braços e benzeu o avião. Ao fazê-lo, fechou os olhos, para não ver que estava simultaneamente a benzer os caixotes da Fábrica de Conservas Pitt Cia, mesmo à sua frente, ocupando por completo o ecrã dos monitores de televisão, que naturalmente filmava a bênção o mais perto possível.

- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo - proferiu o sacerdote quase em surdina - eu te abençoo e te desejo o êxito almejado. Amém.

Tornou a virar-se, lançou um prolongado olhar à fila de gente que se encontrava diante dele, colocou o crucifixo e as outras alfaias na malinha de couro, aproximou-se da entrada do avião e lançou-a para dentro. Sem voltar a olhar entrou e desapareceu por detrás das janelas redondas.

Zynaker e o prior tornaram a carregar os caixotes e as caixas com os rótulos publicitários para dentro do avião. As câmaras de TV focavam Leonora, enquanto os repórteres a assaltavam com perguntas.

- Tem esperanças de encontrar o seu pai?

- Passados dez anos, não é uma utopia?

- O que faz, se encontrar uma cabeça reduzida?

- Não tem medo de ser assaltada por caçadores de cabeças?

- A todas as perguntas só posso responder uma coisa: se nós não tivéssemos esperança, a vida não faria sentido. - Leonora sorriu para as câmaras, que a focavam. Estava encantadora no seu fato de caqui, parecia mais uma turista milionária das quatro partidas do mundo do que uma pessoa que tem consciência de correr risco de vida. - Desejem-me boa sorte, que bem preciso.

Sir Anthony e Leonora abraçaram-se mais uma vez, depois ela soltou-se dos braços dele e entrou imediatamente no avião. Os outros seguiram-na, acenaram ainda para as câmaras, e foi Zynaker, o último a entrar, quem fechou a porta. As hélices começaram a girar, os dois motores intensificaram o ronco e o avião começou a mover-se lentamente em direcção à pista de partida. Aí Zynaker deu gás a fundo, os motores troaram no ar, o aparelho avançou como que sacudido por um impulso, deslizou pela pista a toda a velocidade e levantou logo a seguir.

Quando o avião sulcou o céu azul, numa trajectória ascendente, Sir Anthony passou a mão pela testa, sobre os olhos, baixou a cabeça e voltou as costas como se não quisesse mais presenciar a partida do aparelho.

O mordomo exprimiu de forma disciplinada o que ia na cabeça do general:

- Será que os voltaremos a ver, sir?

- Não.

- Devíamos ter fé, sir.

- Não há fé que possa ajudar, Herbert. - Sir Anthony afastou-se com passos lentos em direcção ao carro. O mordomo seguiu-o, segurando o guarda-sol sobre a sua cabeça. - Do sítio para onde vão, nem um batalhão conseguiria regressar.

No azul brilhante dos céus, o avião desapareceu reduzido a um ponto que se dissolveu nos ares.

Foi desde muito cedo que Pieter van Dooren começou a aprender a sua profissão. Iniciou-se como aprendiz de cozinheiro em Roterdã a toque dos safanões que o cozinheiro-chefe distribuía, tornou-se depois o cozinheiro responsável pelos molhos e mais tarde chefe-assistente em Vlissingen, frequentou depois do exame de mestre um curso de especialização na Escola de Hotelaria de Harlém, assumiu a direcção de um pequeno hotel de termas em Noordwijkaan Zee, mudou para a Suíça, na qualidade de subgerente de um hotel em Montreux, para responder finalmente a um convite para Singapura, onde dirigiu o Hotel Shari Dong.

Uma fulgurante carreira que atingira o seu clímax em Singapura. Mais alto que o Shari Dong não se podia aspirar.

Talvez ainda o Mandarin em Hong Kong ou o Shangri-La em Singapura ou o Ritz em Paris. Mas Pieter van Dooren não pensava nesses voos. A sua escala tinha sido realizada.

Foi com grande espanto que aqueles que o conheciam o viram abandonar com quarenta e dois anos o fabuloso Shari Dong, voltar a descer os degraus daquela escada de tão difícil ascensão, partindo para a Papuásia-Nova Guiné, para lá, nas tão pouco hospitaleiras montanhas do Leste, passar a dirigir, na cidade de Goroka, o Hotel Goroka Lodge. Dizia-se à boca pequena que fora um amor infeliz por uma lindíssima chinesa de Singapura, com quem por azar tinha casado, que levou Pieter van Dooren a essa decisão louca, mas, por outro lado, se Singapura o tinha traumatizado tanto, porquê precisamente a Papuásia-Nova Guiné e não Hong Kong, Banguecoque, Manila ou Tóquio, onde os directores hoteleiros vindos da Europa são tão apreciados e sempre recebidos de braços abertos? Goroka, com mil diabos, era um desterro de calor, noventa por cento de humidade, no meio de vinte e cinco mil papuas típicos com colar de penas, narinas furadas e adornos de presas de javali, por terem sido proibidas as cabeças reduzidas. E era também a terra dos misteriosos “homens de lama”, indígenas que cobriam o corpo com camadas de barro e enfiavam caraças enormes feitas de barro com um aspecto horrendo, para assustarem os inimigos, que pensavam tratar-se de deuses estranhos, ao ver aquelas figuras rastejar para eles, soltando gestos e gritos de arrepiar. Ali nas terras altas, a cultura primitiva e moderna entrechocavam-se, chegando mesmo a fundir-se.

Os Papuas já não se lançavam de rosto por terra, quando as gigantescas aves troavam nos ares e desciam sobre o aeródromo de Goroka, mas ficavam por detrás da cerca de arame a olhar, fascinados, os brancos que brotavam do ventre da ave e logo desatavam a tirar fotografias. O turismo havia descoberto Goroka e os Papuas o dinheiro. Faziam grupos de dançarinos e executavam danças guerreiras e invocações dos deuses, vestidos com os seus velhos trajes magníficos e coloridos. O dinheiro que recebiam às mãos-cheias foi-lhes permitindo, a pouco e pouco, deslocarem-se das suas aldeias para os lugares de exibição em carrinhas de tracção às quatro rodas, de fabrico japonês.

Pieter van Dooren não falava a ninguém sobre esta transição louca do luxo para a Idade da Pedra. O seu Goroka Lodge transformou-se no hotel mais importante de toda a província e nunca estava vazio, porque a Air Niugini, a transportadora aérea da Papuásia-

Nova Guiné, trazia constantemente turistas, principalmente americanos, para as terras altas, e, quando os grandes barcos de cruzeiro vindos de todo o mundo lançavam âncora em Port Moresby, os aviões carregavam excursões de trezentos e até quatrocentos passageiros que vinham visitar Goroka por um dia. Aí podiam admirar, com um certo arrepio, as danças dos “selvagens”, o avanço furtivo dos “homens de lama” e um importante bufete frio. Pieter van Dooren tinha aberto uma mina de ouro pelo preço de viver no cabo da civilização.

Nessa tarde quente, Van Dooren encontrava-se já na pista do aeródromo de Goroka, fumando uma longa cigarrilha escura. Junto dele, encostado ao muro, estava o comandante do aeroporto, mascando pastilha elástica, que cheirava a laranja.

- Estou morto por ver a cara desses doidos - disse o comandante. - Pela fotografia do jornal, a lady deve ser uma estampa. Pieter, você é que tem uma colecção de objectos compilantes dos nativos que podia mostrar-lhe. Se lhe der um desmaio, talvez ela acabe por renunciar ao projecto.

- Não acredito que ela se deixe impressionar pelas peles curtidas de seres humanos, tigelas feitas de crânios e pênis esticados e secos. Aquilo que o general Lambs não conseguiu, também não sou eu que o vou conseguir. As mulheres têm uma cabeça substancialmente mais dura do que os homens, toda a gente o sabe. - Van Dooren calou-se e estendeu o braço: - Lá vêm eles. Zynaker e a sua velha máquina de moer café. Nunca pude imaginar que ele também fosse se meter nesta. Se há alguém que sabe onde se está a meter, esse alguém é Donald.

- Devíamos tentar demovê-lo, Pieter. - O comandante cuspiu a pastilha para o chão. - Fazer uma sabotagenzinha qualquer no aparelho também não é difícil.

- E a lady vai alugar outro.

- A quem?

- Em Madang ainda há outro piloto que é tão maluco como o Zynaker. Um francês. Aposto que a lady já há muito que sabe dele. Olhe para aquilo! - Van Dooren levantou ambas as mãos para o céu. - Aproxima-se da pista como se fosse atacar a pique. Está a picar na nossa direcção. É o que eu digo, Zynaker pertence ao género de pessoas que não têm o mínimo respeito pela vida... e muito menos pela morte.

O avião desceu abruptamente, endireitou quando já estava perto da pista de aterragem e planou sobre ela. Tocou o solo com suavidade e rodou até ao fim. Virou pelo acesso e dirigiu-se ao estacionamento.

- Lá voar sabe ele! - disse o comandante em sinal de assentimento.

- Aprendeu no Vietnã, numa força de intervenção na selva. - Van Dooren observou o avião, que agora rolava ao fundo do aeródromo, indo parar frente aos hangares.

- Vamos receber a lady.

As saudações foram calorosas, como se já não se vissem há muitos anos. Van Dooren, que até então só conhecia Leonora através de fotografias da imprensa, ficou simultaneamente fascinado e confundido quando a conheceu. O pensamento de que ela

pudesse desaparecer para sempre no Vale Sombrio fez o seu coração, de repente, bater mais forte.

Reissner, com a sua mania do exagero, apontou a rir para os papuas que se encontravam do lado de lá da cerca de arame e tudo olhavam suspensos.

- Foi assim mesmo que os imaginei: um bando de macacos vestidos. Na Austrália, os pretos também andam assim por todo o lado.

- Quem é esse? - perguntou Van Dooren, olhando para Leonora com um ar quase de susto.

- John Hannibal Reissner, um fotógrafo.

- E também pertence à expedição?

- Pertence.

- Aquele ainda Lhe vai arranjar muita brincadeira, Miss Patrik, hrincadeira de morte. Com a opinião que tem dos Papuas e com essa língua destravada. Não creia que aquilo são selvagens estúpidos! Eles têm uma sensibilidade apurada pouco comum. Quando ferida, são os instintos ancestrais que pautam o seu comportamento. Conserve sempre presente esta regra de ouro: nunca ofenda um papua, porque nunca escapará à sua vingança.

Uma carrinha conduziu-os a Homate Street, onde ficava o hotel, no meio de um extenso parque bem tratado, cheio de eucaliptos e grandes maciços de begónias. Era uma construção larga de um andar e pintada de branco tudo no estilo do tempo colonial, com colunas, terraço envidraçado, relvados ingleses aparados curtos e uma sala de jantar semi-redonda e com várias janelas. Mesmo ao lado, ficava a casa de Pieter van Dooren. A vista que se desfrutava do seu terraço estendia-se até ao rio Zokizoi e uma povoação de famílias papuas. Casas de madeira como que construídas sobre postes, com tectos de palha rematados por cúpulas pontiagudas e coloridas.

Depois da refeição, na qual foram servidos por dois papuas vestidos de branco, Reissner, Kreijsman e o padre Lucius dispuseram-se a visitar a cidade de Goroka e especialmente o mercado indígena na Kundiawa Road. Zynaker regressou ao aeroporto, para não deixar o avião sozinho e para meter gasolina. Peter Paul Schmitz fez-se levar de táxi a Morchester Street para conhecer o Museu McCarthy.

Leonora e Van Dooren ficaram pelo terraço a saborear um café forte com biscoitos.

- A senhora esteve hospedada na casa do general? - perguntou Van Dooren depois de ter ouvido Leonora elogiar aquele pequeno hotel e o magnífico parque. – Deve considerá-la louca.

- É verdade.

- Ele odeia esta terra.

- Não foi o que me pareceu. Deu-me a impressão que se sentia bem em Port Moresby.

- Sentia-se bem no seu ódio... é o que é. Conhece a história dele?

- Não. Falava pouco ou quase nada de si próprio.

- Foi há mais de trinta anos. - Van Dooren estendeu a cigarreira a Leonora. Esta abanou a cabeça, mas Van Dooren tirou um cigarro para si e acendeu-o. - Nessa altura, a sua mulher, Lady Mary, fez uma excursão a Sepik. Era um grupo de sete pessoas, a senhora, um capitão do Exército, dois cabos, o piloto do barco a motor e dois botânicos da Nova Zelândia. Pretendiam ir de Ambunti até Angoram, atravessando as gigantescas zonas pântanosas da província do Leste. Com especial incidência no paraíso de plantas do lago Chambri, um El Dorado para os botânicos. A própria Lady Mary era uma grande botânica: há uma planta qualquer muito rara, que ela descobriu na selva, que tem o seu nome: Mary Lambs. O passeio não oferecia qualquer perigo. Nessa parte do Sepik as aldeias sucedem-se ao longo do rio, há missões, postos da Polícia e entrepostos comerciais. Junto da aldeia de Suapmeri, o barco deixou o Sepik e entrou por um afluente em direcção ao lago Chambri. Pretendia atravessar este lago e acampar junto à aldeia de Wombun, durante dois dias. Era comum fazê-lo e, sendo uma excursão tão isenta de perigos, o tenente-coronel Lambs, nessa altura ainda não era general, deu o seu consentimento. O regimento de Madang, que Lambs comandava, ainda chegou a receber de Suapmeri um radiograma muito alegre, em que Lady Mary dava notícia da beleza da paisagem, mas daí para diante perdeu-se todo o contacto. O barco com as sete pessoas nunca chegou a Wombun. Lambs mandou passar toda a região a pente fino pelos seus militares. Acho que não deixou um centímetro do lago Chambri por esquadrinhar. Os soldados interrogaram os nativos com insistência e recebiam sempre a mesma resposta: “Não vimos nada. Não sabemos de nada.” Nem um destroço do barco, nem um pedaço de roupa foi encontrado. O pequeno grupo volatilizara-se no nada. Mas como isso não existe, Lambs enviou uma expedição punitiva. Mandou arrasar pelo fogo uma aldeia de papuas e ameaçou fazer o mesmo a todas as aldeias que ladeavam as margens do lago Chambri se não fosse apurada a verdade: em vão. Quanto mais a ameaça subia de tom, mais silenciosos se tornavam os Papuas e mais fechados os seus rostos. Depois do incêndio da aldeia nada mais havia a fazer... podia-se mesmo cortar os Papuas aos bocadinhos que eles continuariam em silêncio. – Van Dooren respirou fundo e tornou a encher a chávena de café. - Aconteceu há trinta anos. Quiseram transferir Lambs, mas ele recusou. Construiu mesmo uma casa em Port Moresby, que você conhece, e ficou na Papuásia-Nova Guiné, para não mais esquecer a sua raiva e dela cuidar como um objecto precioso. A recordação da sua mulher tornou-se numa raiz que o prende a esta terra. - Van Dooren olhou Leonora, pensativo. - E agora aparece aqui uma mulher com o louco propósito de voar para o Vale Sombrio, à procura do pai. Faz uma ideia do que deve ter passado pela alma de Lambs? Ele vê no seu plano uma repetição da tragédia passada.

- Eu não vou desaparecer sem deixar rasto, Pieter. - Leonora contemplou a terra e a povoação dos Papuas. – Vou regressar, com o meu pai ou com a sua cabeça. - Disse-o num tom tão pausado e seguro que Van Dooren desistiu de voltar a tocar no assunto.

À noite, apresentou-se um papua jovem, de pele quase negra e perna torta, que fazia jus ao nome dado pelos Portugueses, em 1526, quando descobriram esta terra e lhe chamaram “ilha das Papuas”, que era o mesmo que dizer “ilha dos Cabeças-Frisadas”.

O nativo encarou primeiro o porteiro do hotel, um colosso de dois metros que o olhava de cima como quem observa um rato.

- Queres falar com “Masta”? - gritou o gigante para o anão. - Um escaravelho a querer rastejar pelas calças de “Masta”? - Entendiam-se na língua de Goroka, dos “homens de lama” do vale de Asaro, uma das setecentas línguas que não são dialectos, mas verdadeiras línguas papuas, tão diferentes entre si como o francês do polaco.

- Que tenho eu a ver com as calças? - gritou o pequeno, em resposta. - Tenho algo importante a dizer. Posso ser útil. Vão castigar-te à bastonada se me mandares embora!

- Quem apanha primeiro és tu.

- Trata-se dos estrangeiros.

- Aqui só há estrangeiros.

- Os que chegaram de avião.

- Quase todos os estrangeiros vêm de avião.

- Aqueles de que se diz que vão para as terras altas.

- Quem é que te disse, seu verme?

- Depois de um saber, sabe logo toda a gente. É mesmo importante. Deixa-me falar com “Masta”.

Foi uma sorte para o pequeno que nesse mesmo momento Pieter van Dooren passasse pelo átrio, tivesse parado ao ver aquele papua de calças curtas todas desfiadas e uma camisa outrora azul-clara e ouvido dizer: “Deixa-me falar com “Masta””.

- O que é que ele quer? - perguntou.

O enorme porteiro abanou as mãos. O pequeno encolheu a cabeça entre os ombros franzinos.

- É um sapo a encher-se de ar, “Masta”!

Van Dooren dirigiu-se ao nativo de perna torta e olhou-o de cima a baixo, espantado.

- Porque queres falar comigo? - perguntou.

- Eu sou batedor. Sei seguir pistas. - O pequeno papua mostrou as palmas das mãos, como se estivesse a mendigar comida. - Sei falar nove línguas, aprendi-as no posto missionário, nasci perto do Kopago, na aldeia de Hauwindi, o padre Jakob trouxe-me com ele para Goroka, agora estou aqui, mas conheço os rios e os montes para onde os estrangeiros querem ir e falo as línguas das gentes Lagaip e Ufei.

- Isso é interessante. - Van Dooren acenou com a cabeça. - Vem comigo. Talvez possas mesmo ser útil.

O pequeno endireitou-se, inchou o peito, lançou um olhar cheio do mais profundo desprezo ao porteiro e seguiu o “Masta” com passos largos.

Os expedicionários estavam reunidos numa sala, a beber um óptimo vinho australiano, quando Van Dooren entrou com o pequeno papua. Enquanto Van Dooren avançava para a grande mesa redonda, o papua quedou-se junto à porta, de mãos postas, como tinha aprendido na missão.

Reissner exclamou em tom jovial:

- Quem é que você traz aí, Pieter? Mandou essa cabecinha encarapinhada vir dizer-nos a oração da noite?

“Sou um papua pequenino e amo a selva do coração, se bem que o paizinho cortasse cabeças, ajudo à missa e sou um cristão”...

- Acha que isso tem piada? - perguntou o padre Lucius irritado. Levantou-se, pegou na cruz que trazia ao peito suspensa de uma corrente dourada e avançou um passo em direcção ao papua, com a mão erguida. - Como te chamas?

- Samuel, “Masta”.

- És baptizado?

- Sou.

- Eu sou o padre Lucius.

- Deus o abençoe, padre. - O pequeno benzeu-se rapidamente e tornou a juntar as mãos. Os seus olhos negros brilhavam. Para papua das montanhas, tinha uma bela cabeça, traços do rosto regulares, lábios finos, sem o nariz largo e abatado, que os indivíduos da sua tribo costumavam atravessar com presas de javali, ossos finos, grampos de ferro ou cálamos de penas de pássaro. Também ele parecia ter-se enfeitado assim antes. As suas narinas mostravam ainda as cicatrizes das perfurações. Mas depois de se tornar cristão e viver nos postos das missões, de começar a usar o nome de Samuel e deixar de conhecer as preocupações com o seu sustento quotidiano, tornou-se num dos papuas civilizados de um mundo que só compreendia pela metade.

- Posso ajudá-los - disse ele, tentando sublinhar a informação com um sorriso que inspirasse confiança.

- Diz que conhece nove línguas - explicou Van Dooren. - Conhece as tribos dos Hewa, Duna e Enga.

- Eu sou Duna - disse Samuel com orgulho. - Posso guiá-los aonde quiserem.

- Mas isso é maravilhoso! - Kreijsman estava entusiasmado. - Um guia oriundo da região... mas era precisamente o que ainda nos faltava. Já não temos de ir às apalpadelas. Samuel, conheces as florestas e vales entre o rio Lagaip e o rio Pori?

- Nunca ninguém aí esteve, “Masta”.

- Mas a região é habitada?

- Não sei. Ninguém sabe. Só lá vivem espíritos maus, isso é o que se sabe. Agarram as pessoas e elas tornam-se em ar. Sobem para o céu transformadas em nevoeiro.

- És cristão, acreditas em Cristo e dizes coisas dessas? - censurou o padre. - Não há espíritos nenhuns, Samuel, nem bons nem maus. Só existe o Deus uno.

- Ouvi dizer que também Jesus se transformou em ar e subiu ao céu.

- O rapaz é fixe! - gargalhou Reissner. - Agora chegou para si, padre! Levamo-lo connosco, não é, Miss Patrik?

- Vem cá, Samuel. - Leonora fez um gesto para que se aproximasse.

O perna torta avançou hesitante e parou em frente de Leonora. Os seus olhos imploravam sob as sobranceiras protuberantes. “Leva-me”, diziam. “Eu vou levar-te lá, à terra selvagem, desconhecida, povoada de espíritos. Quero voltar a ver a minha tribo em Hauwindi, junto aos montes Yuma, um aldeiazinha onde só habita a minha tribo, uma

grande família, cinquenta e sete ao todo, de que eu sou o único baptizado. Queria ver mais do que os nossos campos, o nosso gado, a floresta, os rios entre os montes, as palafitas e os telhados de folha de palmeira e as paredes de esteiras entrançadas. Por isso parti com o padre missionário, há nove anos. Tinha quinze anos, acabara de passar a prova que fez de mim um guerreiro, tinha o meu cocar de penas, a minha lança, a seta de bambu com o arco e a corda de nervo e do meu peito pintado pendia como um escudo a omoplata de um javali, cujas presas me trespassavam as narinas. Eu era o melhor batedor da minha tribo e um bom caçador. Quando a tribo dos Kelebo nos assaltou e raptou três raparigas, segui-lhes o rasto, por montes e vales, rios e selvas, e consegui matar quatro deles. Não pude cortar-lhes a cabeça para a levar comigo, porque o comandante distrital o tinha proibido, mas cortei-lhes o sexo e pendurei-o no meu cinto. Sim, eu era um grande guerreiro e mesmo assim parti da minha tribo para ver mais coisas do mundo. Agora estou em Goroka, na missão, e tenho saudades da minha tribo. Leva-me contigo, grande “Massa”, sou o melhor seguidor de pistas que há. Posso ser-te útil.”

- Não tens medo de ir ao Vale Sombrio?

- Nenhum, “Massa”. - Samuel, inteiriçou-se, como se quisesse mostrar os músculos. - Sou um grande guerreiro.

- Não é que pareça muito - disse Reissner, abanando a cabeça - mas penso que o rapaz sabe bem do que está a falar. Que acha, Miss Patrik?

- E podes deixar a missão quando quiseres? - perguntou Leonora, encorajando-o com um sorriso. Era quase uma resposta afirmativa. - Que dirão os sacerdotes?

- Servi-os fielmente durante nove anos, “Massa”. Sem um único dia de férias, como dizem os Brancos, quando de repente desaparecem e só voltam muito tempo depois. Agora eu também vou fazer férias.

- Eu não disse? exclamou de novo Reissner, batendo com a palma da mão sobre a mesa. - O rapaz é esperto. Acho que o devíamos levar connosco. Pode ser-nos muito útil.

- Vou falar com os meus confrades. - O padre Lucius levantou-se da cadeira. - E é para já. Com certeza que não levantam problemas. De acordo com o programa continuaremos depois de amanhã para o quartel-general do distrito de Kopago. Vai levar Samuel consigo, não vai, Leonora?

- Vou. O tempo dirá se ele é capaz daquilo que promete ou se pretende só uma viagem grátis de regresso a casa. - Acenou afirmativamente para Samuel, cujos olhos brilhantes a fitavam suspensos. - Vou dar-te essa oportunidade... vens connosco.

- Obrigado, “Massa”. - Samuel fez uma vénia até ao chão. - Obrigado. - Depois olhou para o padre, deu uma espécie de salto no ar e gritou: - Aleluia! - saindo a correr. Padre Lucius seguiu-o.

- Acho que fez uma boa aquisição, Miss Patrik – disse Van Dooren, como quem está convencido daquilo que diz. - Um nativo assim pode ser uma espécie de seguro de vida.

Duas horas depois, o padre Lucius regressou ao Goroka Lodge. Samuel seguia-o com um saco de lona às costas. Trazia lá dentro todo o seu património: um fato para o

serviço religioso dominical, alguma roupa interior, um par de sólidos sapatos de couro de sola grossa, duas camisas velhas, calças esfiapadas de caqui, uma faca de dois gumes com cabo de madeira trabalhado, uma foto da missão de Goroka em que se podia ver Samuel vestido de sacristão três santinhos com sentenças piedosas, um crucifixo de plástico prateado, dois diademas ornados de muitas cores e de tempos idos, um molho de penas de aves-do-paraíso e a placa de omoplata de javali. Era a coisa que tinha de maior valor dentro do saco. Quando voltasse à Hauwindi ou fosse com os brancos à terra desconhecida do Vale Sombrio, essa placa que costumava trazer ao peito como um escudo deveria mostrar a todos que ele era um grande guerreiro e que não conhecia o medo. Os seus troféus de vitória, os quatro sexos cortados aos guerreiros Kelebo, tinham-lhe sido imediatamente retirados e queimados no mesmo dia. Samuel chorou por eles durante dez dias e só então se dispôs a ouvir falar de Jesus e do amor fraternal para com todos os seres humanos.

Mas quem Jesus era na verdade, foi coisa que até hoje ainda não conseguira entender completamente. O principal era que ele vivia numa casa bonita e sólida e tinha de comer e beber sem precisar de passar horas na caça.

- Está tudo arranjado! - disse o padre, pousando o braço em torno dos ombros de Samuel. - Deram-me dele as melhores referências. Um rapaz honesto e esforçado... até a missa em latim sabe de cor.

Nessa noite aconteceu, porém, algo de insólito. O porteiro gigante acordou com a desagradável sensação de que alguém esgravatava de leve no seu peito. Ergueu a cabeça, primeiro não viu nada, estendeu a mão para o lado, acendeu o interruptor e deixou-se ficar imóvel, expectante, de barriga para o ar. Sentiu de repente o suor frio correr-lhe dos poros, um arrepião percorrer-lhe o corpo, a garganta fechar-se com um nó e os pulmões sufocarem à míngua de ar. De olhos esbugalhados, observou o seu peito largo e suado. Sobre ele movimentava-se um enorme escorpião, por vezes parava e brandia no ar a sua cauda, dirigindo-se agora para a garganta.

O gigante suspendeu a respiração, o latejar do sangue na sua cabeça quase o atordoava, o medo enclavinava-lhe as mãos e os dedos dos pés, olhava estarrecido para a morte, para o ferrão venenoso que ainda pairava no ar e sabia que ao mínimo movimento baixaria com uma picada que lhe inocularia no corpo o veneno fatal.

O escorpião continuou a rastejar lentamente, ao longo do pescoço, pelo ombro direito para depois se deixar cair para o chão. O porteiro saltou da cama com um grito surdo, pegou num castiçal grosso de latão - tinha-o comprado há anos no mercado de Mount Hagen - voltou outra vez de um salto para a cama, observou o grande escorpião a rastejar na direcção do corredor e desatou a bater-lhe com ele desenfreadamente, sem parar, se bem que o escorpião já estivesse feito numa papa disforme, parando só quando o castiçal se partiu pelo meio.

Não, não há qualquer razão para suspeitar que Samuel estivesse metido nisto. Como poderia um acólito fazer uma coisa dessas?

O tenente Ric Wepper capitulou: contra uma mulher como Leonora, ele nada pôde.

O general Lambs instou com ele pelo telefone, durante semanas, para que arranjasse maneira de fazer gorar a expedição às terras altas. Qualquer truque seria bem-vindo, e mesmo a sabotagem fora sugerida pelo general... “Ponha fim a essa loucura!”, repetia de todas as vezes. “Você é o último recurso, Wepper! Faça qualquer coisa! Como comandante do distrito, tem de pensar na melhor solução! Ou vai ficar de braços cruzados a ver Miss Patrik ter o mesmo destino que seu pai, há dez anos?”

Neste momento, Zynaker já havia aterrado com a sua velha máquina de moer café, a expedição tinha o seu quartel-general numa construção anexa ao posto da Polícia, Kreijsman já andava às voltas, enervado com os quarenta graus de calor e noventa e oito por cento de humidade do ar, com a roupa toda grudada ao corpo, colando-se a tudo em que toca, e Peter Paul Schmitz, o jovem estudante de medicina, estava enfiado numa banheira cheia de água fria, invejando a felicidade dos peixes de sangue frio. Bem, verdadeiramente, só se sentia Samuel. Tinha posto de lado as suas roupas da civilização, trazia agora sempre uma tanga feita com tiras de ráfia e couro e sobre o peito nu a omoplata de javali. Também já não usava sapatos, mas andava descalço por todos os sítios, o que lhe trazia bastantes problemas, dado que durante nove anos consecutivos usara sapatos e as solas dos pés perderam a camada de protecção, dura como cascos, que caracteriza os outros nativos e que os protege contra os espinhos e os bichos, as farpas e a relva afiada como lâminas. Logo no primeiro dia, teve de arrancar espinhos e farpas dos seus pés amolecidos, tendo-lhe Schmitz aplicado nas solas dos pés pensos adesivos enormes e grossos. Samuel ficou a olhar para eles com ar sombrio como se eles significassem uma desonra para a sua qualidade de guerreiro.

Todo o equipamento foi novamente revisto e completado com sugestões do tenente Wepper. Acrescentaram à bagagem redes de dormir feitas de lianas resistentes, mais dez bidões de plástico com água potável e uma serra automática de dentes articulados com três correntes sobresselentes e dois gládios.

- Vão fazer-lhes muito jeito na selva - dissera Wepper. - Esse monstro que aí carregam é bom para construir casas e cortar troncos grossos, mas quando precisarem de lenha para uma fogueira, uma pequena serra destas vale por dez machados. E não esqueçam... o caminho pela floresta têm de ser vocês a cortá-lo. Vão encontrar pela frente uma gigantesca muralha verde, uma muralha viva que têm de atravessar. A sua espessura não é de metros mas de centenas de quilómetros, monte acima, monte abaixo, atravessando desfiladeiros e penhascos cobertos de vegetação atravessando vales cobertos de um nevoeiro semelhante a um lençol pegajoso. Ninguém sabe o que lá existe... de avião, vislumbra-se uma massa verde e espessa só entrecortada por cursos de água.

Na segunda noite passada no posto, Leonora retirou-se para poder folhear os relatórios existentes no distrito e que o tenente Wepper lhe trouxera. Assemelhavam-se a uma narrativa de aventuras de colonização de uma terra parada na Idade da Pedra.

Leonora procurou os relatos de há dez anos com as notícias que diziam respeito ao Dr. James Patrik.

Com data de 10 de Fevereiro, havia o seguinte registo:

“Chegada do Sr. James Patrik. Geólogo americano. Pretende tentar penetração na montanha inexplorada do Norte. Alugou o avião de Steward Grant para primeiras observações aéreas da região. Foi insistentemente avisado dos perigos. O Sr. Patrik, que está instalado na hospedaria, conta ter todo o equipamento reunido nos próximos dias.”

E alguns dias a seguir, a 17 de Fevereiro, o relator anotou com um traço visível de séria preocupação: “O Patrik não se deixa demover do seu intento. Os sacerdotes do posto missionário de Kopago também não foram mais bem sucedidos quando tentaram avisá-lo dos perigos. Há dois anos desapareceram na região do Vale Sombrio três dos seus missionários, juntamente com nove carregadores nativos.

Fotografias aéreas nesta região não registam quaisquer indícios de povoação, o que não significa que não seja habitada. O Sr. Patrik está decidido a explorar esta terra com a ajuda do piloto Grant. Não temos quaisquer meios para o impedir.”

E no dia 10 de Abril, a última anotação no livro dos relatórios: “O Sr. Patrik e o piloto Grant desapareceram na região dos rios Lagaip e Ufei. Uma expedição aérea enviada à sua procura não descobriu destroços do avião ou quaisquer outros indícios. É de esperar que os senhores Patrik e Grant tenham tido o mesmo destino dos seus antecessores. Nunca mais voltaram a aparecer.” E, depois um desabafo da lavra do relator: “É uma terra maldita, esta!”

Leonora fechou o livro de relatórios e ficou-se muda de olhos fixos na parede do quarto. Fizeram uma busca a partir do ar, pensou. Não ousaram procurá-lo na selva. Nunca ninguém foi investigar o que aconteceu, ou mesmo hoje, acontece por baixo das copas das árvores com mais de trinta metros de altura. Porquê? Mas deve ser possível, nesta idade de tão elevado desenvolvimento técnico, pôr o pé num pedaço de terra - mesmo que desconhecida - e investigá-la. “Podemos ir à Lua, tirar fotografias de Marte e Júpiter a distância, temos centenas de satélites a girar à volta do globo, mas recuamos perante a floresta virgem, as montanhas e os pântanos. Não será isto ridículo? Por outro lado, é verdade, a quem interessará esta região? Não traz qualquer proveito e para quê cultivar uma terra com o investimento de milhões se lá só existem florestas, penhascos e águas sem rumo? Sim, se soubessem que lá haveria jazidas de ouro e cobre, urânio e petróleo, nessa altura pensariam logo na melhor forma de a tornar acessível. Mas os geólogos dizem: “Lá não há nada. As formações geológicas históricas nada revelam.” Para quê então investir milhões? E os mortos? Os desaparecidos? Que será deles? Será o que tiver que ser! Lançaram-se na espessura da selva, por sua conta e risco, ignorando todos os avisos. Suicidas entusiasmados que não conseguimos demover. E também não valem milhões. Quem se lança nos braços do perigo tem de estar preparado para nele morrer.”

- Eu sei que te hei-de encontrar, pai! - exclamou de súbito Leonora, levantando a voz. - Sou tua filha, consigo meter-me na tua cabeça, e sei onde procurar-te!

O tenente Wepper olhou Leonora perplexo, quando esta lhe veio devolver os livros de relatórios. Voltou a metê-los no armário e fechou-o à chave. Vendo que ela nada dizia, descaiu-se com a pergunta:

- Não a deixou um pouco apreensiva, Miss Patrik?

- Não. Só me deu mais coragem, tenente. A conclusão que tiro é que o comando distrital da altura não tomou as medidas necessárias. Não olhe para mim com esses olhos de censura... dentro de dois dias vê-se livre de nós e pode então registar no livro: “Foi impossível demover Miss Patrik da realização do seu projecto.”

- Como eu tanto gostaria de escrever: “Miss Patrik regressou do Vale Sombrio sã e salva.”

Ela riu - o seu riso denotava preocupação - e deixou o escritório do posto da Polícia. Na praça que havia em frente do edifício encontrou Samuel envolvido em animada conversa com outros papuas que trabalhavam na estação, vestiam roupas normais e se tinham tornado cristãos. O facto de Samuel andar agora meio vestido como um selvagem provocava neles grande estupefacção.

Quando viu Leonora sair do edifício, soltou-se do círculo dos seus conterrâneos e correu para ela:

- “Massa” - gritou, acenando espalhafatosamente com os braços. - “Massa”, os Duna dizem que nas montanhas habita o deus do trovão e do relâmpago. Quando ergue o braço, o céu divide-se ao meio. Estende um dedo e os macacos caem mortos das árvores. “Massa”, é ele que reina sobre o vale onde nós queremos ir. “Massa”, os seus raios vão fulminar-nos.

- E és logo tu a dizê-lo, que acreditas no único e verdadeiro Deus? Tu sabes que não há mais deuses nenhuns, não sabes?

- É o que dizem os sacerdotes, “Massa”.

- Mas tu não acreditas?

- Os Duna dizem que o deus do trovão foi visto. Os homens dos vales levaram-lhe oferendas, em sacrifício.

- Então há seres humanos nessas florestas? – Leonora sentiu o coração apertar-se-lhe.

- Eles dizem que uns homenzinhos escuros, de rosto pintado de amarelo e vermelho e colares feitos de ossos e dentes, teriam uma vez roubado alguns porcos aos missionários. Foram eles que contaram. Quando os padres lhes deram calças e camisas e lhes queriam lavar a cara pintada, espetaram as suas setas envenenadas no próprio peito e ao fim de cinco minutos estavam mortos. Eles também contaram que a um dos seus guerreiros que se tinha aproximado muito, o deus do trovão fez um buraco com o dedo. Caiu morto e tinha um buraco na cabeça.

Leonora sentiu-se como que sacudida por uma corrente eléctrica. “Meu Deus, se for verdade, se não se tratar só de uma lenda, é uma pista clara...”

- Tinha um buraco na cabeça? - repetiu ela.

- Sim, “Massa”, e teve morte instantânea. O raio que saiu do dedo do deus atingiu-o. Eles viram, os senhores padres, não! - Samuel encolheu a cabeça entre os ombros. –

Em que é que se há-de acreditar, “Massa”? Aqui Deus e Jesus e Maria, lá o deus do trovão com relâmpagos nos dedos.

- E agora tens medo de ir connosco às terras altas?

- Samuel não tem medo. - O pequeno inteiriçou-se e espetou o peito. - Eu fui um grande guerreiro, “Massa”. Ainda sou! Não vou abandoná-la. - A sua atitude parecia a do homem mais corajoso do mundo, mas nos olhos podia-se ler claramente o medo. - Um deus que solta raios dos dedos só pode ser um deus mau. Não se devia provocá-lo.

- Samuel contou-me algo que dará um rumo completamente novo ao nosso percurso - disse Leonora, quando à noite se encontravam todos reunidos na estalagem, depois do jantar, e saboreavam o vinho australiano. Só Zynaker bebia uísque, puro e sem gelo, e mandava-o pela garganta abaixo como se fosse limonada. - Na região onde o meu pai desapareceu, existe um deus que lança raios com a mão.

- Palermice! - exclamou logo o padre Lucius.

- Já não é novidade - atalhou Kreijsman. - O mesmo fazia o velho pai de todos os deuses gregos, o malandro do Zeus.

- Só que não estamos na Grécia, mas na Papuásia. - Leonora conservou o tom sério. - Conta-se que este deus estendeu um dedo e um raio atingiu um guerreiro no meio da testa. Um burquinho redondo.

- Raios, mas isso parece-se com um tiro! - Reissner bateu com os punhos um contra o outro, entusiasmado. - Um tiro de pistola ou de revólver. Se isso for verdade há uma pessoa que vive na terra inexplorada e tem uma pistola. É uma sensação para todo o mundo! É inacreditável!

- Foi precisamente o que pensei. Este raio que atravessou a testa do nativo era um tiro. Quem será a pessoa que vive lá na selva desconhecida? De onde terá vindo, como foi parar ao Vale Sombrio? Porque é que lá vive e ninguém sabe nada sobre ele?

- Por amor de Deus, Leonora. - O sacerdote levantou ambas as mãos: - Não se precipite a concluir que é o seu pai. É impossível!

- A minha esperança redobrou, depois de ter ouvido a narrativa dos Duna.

- Leonora, vamos lá raciocinar com a cabeça fria! - O padre sacudiu a cabeça. - Se James Patrik realmente sobreviveu, teria feito tudo o que estivesse ao seu alcance para regressar à civilização. Teve dez anos para o fazer. Não acha que em dez anos teria arranjado uma forma de sair da selva? Porque haveria o seu pai de ter ficado com essa gente desconhecida a representar o papel de deus? Seria uma perfeita loucura! E mesmo que tivesse de ser de gatas, em dez anos consegue-se sair do Vale Sombrio. Dez anos! Chega para dar a volta ao mundo a gatinhar! Não, Leonora, trata-se aqui de lendas dos selvagens sobre os deuses.

- Mas o guerreiro morto com um buraco na testa existiu.

- Quem disse?

- Houve muitos que viram.

- Onde estão? Pense na lenda dos Nibelungos. Siegfried mata o dragão com a sua espada. Até se diz onde teve lugar: no Penhasco do Dragão, em Siebengebirge, no Reno, quase junto a Bona, do outro lado. Chega-se mesmo a afirmar onde nasceu Siegfried: em

Xanten, no Baixo Reno. E qual é a realidade? Não passa tudo de uma lenda apresentada como verdade. E agora imagine essas criaturas primitivas que nunca chegaram a sair da sua floresta virgem, cujo mundo termina talvez três vales a seguir. Certamente que têm de arranjar uma explicação para tudo o que acontece à sua volta, para o trovão, o raio, a chuva, o brilho do Sol, o fogo, os terramotos e as cheias. Essa explicação tem o mesmo cariz da encontrada por todos os povos ancestrais: são os deuses bons e os deuses maus. Os espíritos, que governam o mundo. E os mitos, narrados durante séculos, tornam-se factos.

- Seja com for, uma coisa sabemos agora: nas regiões inexploradas vivem realmente pessoas. Já é alguma coisa.

- Isso sempre se suspeitou, só que até agora ainda ninguém lhes conseguiu pôr a vista em cima. E quem foi à procura deles nunca regressou.

- Nós iremos vê-los e voltaremos! - exclamou Leonora com convicção. - De uma coisa estou certa neste momento: temos de saber mais sobre esse deus do trovão. Isso deve motivá-lo como missionário, padre Lucius. Uma espécie de duelo entre deus e Deus, que o senhor, seu enviado, tem de travar.

- Não estou preocupado - sorriu o padre, olhando em torno de si. - Vencerei o deus do trovão com as suas próprias armas.

- Como é que vai fazer? - perguntou Reissner.

- Trouxe também na minha bagagem algum fogo-de-artifício. Um foguete, que por magia enche o céu de estrelas vermelhas, convencerá qualquer selvagem. Tão simples como isso, meus senhores, para começar. Depois, quando se tratar da alma, a tarefa será mais árdua. Qual é o caçador de cabeças que vai compreender: amai os vossos inimigos... até para nós é difícil.

Nessa noite Leonora não conseguiu conciliar o sono. Ficou de olhos pregados no tecto, onde giravam as longas hélices de um ventilador, acompanhadas de um ligeiro zumbido, a pensar no deus do trovão, no seu dedo lançador de raios e no buraco da cabeça do guerreiro papua. Não podia tratar-se de uma lenda, de um produto da tradição ancestral de uma pré-história nebulosa. Aquela morte produzida por um tiro na cabeça era uma narrativa tão precisa que não podiam restar dúvidas. Naqueles montes fumegantes vivia uma pessoa vinda da civilização que se embrenhou pela Idade da Pedra. Uma eremita que nunca tentara abandonar a floresta virgem. Porquê? O que é que o prendia àquela terra primitiva? Quando e, principalmente, como veio parar àquele vale? Ninguém o havia visto e agora tinha-se feito deus dos selvagens. Que outros segredos guardava ainda aquela terra?

Leonora acabou por adormecer, mas quando Reissner lhe bateu à porta e ela se ergueu na cama, estremunhada, sentiu como se tivesse acabado de fechar os olhos naquele preciso momento.

- Bela chefe! - ouviu a voz de Reissner do outro lado. - Levantar! Vem connosco? Queremos ir nadar ao lago Kopago. Já estamos com uma temperatura de trinta e seis graus. Se coçar a cabeça, sente logo o suor a brotar de todos os poros. Partimos dentro de

um quarto de hora em dois jipes. O tenente Wepper também vai. Já há café a fumar na cafeteira.

- Eu fico! - respondeu Leonora. - Divirtam-se!

- Obrigado. É uma pena, que não queira vir... gostava de a ver de biquini. - Riu, voltou a bater na porta e depois os seus passos afastaram-se.

Leonora deixou-se ficar deitada mais dez minutos, a seguir levantou-se, tomou um duche, pôs um vestido largo de algodão e dirigiu-se à sala comum da hospedaria. Era uma sala arranjada com mobília de verga e na parede mais larga, seguindo a mais fiel tradição inglesa, havia mesmo uma lareira que nunca fora utilizada. As temperaturas à noite nunca desciam abaixo dos trinta graus.

Zynaker estava sentado num nicho, perto da janela com vista para o jardim selvagem, a fumar um cigarro. Fez sinal com a mão, quando viu Leonora entrar, e indicou-lhe a poltrona ao pé de si.

- Então não foi ao lago? - exclamou. - Nesse caso, podemos finalmente ter uma conversa a sós. Geralmente, há sempre uma terceira pessoa presente.

- Há alguma coisa assim tão importante? - Sentou-se junto de Zynaker. A sua pergunta deixava antever preocupação.

- Há. O seu plano de se lançarem todos de pára-quedas sobre o leito do rio.

- Pusemo-nos todos de acordo. É a única forma.

- E como é que voltam a sair da selva?

- Também já discutimos isso até ao último pormenor. Depois de conseguirmos o nosso objectivo, mandamos notícia através da rádio e vem-nos buscar um helicóptero com uma escada de corda comprida.

- Quer dizer: eu levo-os lá de avião e fico despedido.

- Despedido é uma palavra tola, Donald.

- Digamos então que não posso ajudá-la, Leonora.

- Mas você leva-nos ao Vale Sombrio.

- E deixo-os lá entregues ao vosso destino.

- É assim a ordem natural das coisas.

- Eu... mas eu queria continuar consigo. - Zynaker olhou pela janela, para não ter de olhar Leonora de frente. A forma como tinha falado parecia uma confissão tímida de adolescente. - Dois braços e dois olhos a mais talvez pudessem ser importantes para si.

- Mas é impossível, Donald.

- Assim como o plano está feito, talvez. Mas nada é impossível. Tenho estado a pensar todo este tempo. É obrigatório partir depois de amanhã?

- Não queria perder ainda mais tempo, Donald. - Leonora inclinou-se na direcção de Zynaker e pousou-lhe a mão no braço. Foi como se dentro dele tudo estremecesse àquele contacto. - No que é que tem estado a pensar?

- Pode esperar ainda cerca de dez dias?

- Há alguma coisa que não está bem no avião? - perguntou ela, repentinamente preocupada.

- O avião está em ordem. Só que... gostava de modificá-lo.

- Modificá-lo? Como?

- Queria trocar as rodas por flutuadores. Queria transformá-lo num hidravião. Por favor, Leonora, não diga já que não pode ser. - Zynaker ergueu as duas mãos, suplicante. - Eu pedia ao tenente Wepper que nos fornecesse as fotografias aéreas mais recentes da região que nos interessa. Foram feitas de helicóptero sobre o rio. Este é suficientemente largo para permitir uma aterragem com flutuadores. Existem lá alguns rápidos e penhascos, mas deve ser possível.

- E se o avião for estilhaçar-se contra qualquer pedregulho no meio do rio?

- Risco existe sempre, Leonora. Na vida nada se passa sem risco. Para dizer a verdade, uma simples viagem de automóvel pode ser um desafio ao destino. Quem sabe o que pode vir contra nós, da esquerda ou da direita? Li uma vez que alguém tinha morrido afogado numa banheira normal... desmaiou e ficou com a cara coberta de água, que só tinha a altura de um palmo. Tudo é possível...

- Nunca ninguém até agora tentou fazer pousar um avião num rio da floresta virgem.

- Alguma vez tem que ser a primeira. Você também não vai explorar uma terra que ninguém conhece?

- Donald, o seu plano é fantástico, mas irrealizável. Eu não quero que você perca o avião, o seu único recurso. Você ia ficar mais pobre que um mendigo da feira de Port Moresby. Ou tem o avião no seguro?

- Não, nunca teria dinheiro para pagar um prêmio tão alto. Além disso, ninguém me faria um seguro. Rir-se-iam na minha cara, se eu lá aparecesse.

- Então vamos partir como está programado. Depois de amanhã, cedo. Pelo menos você sobreviverá à expedição.

- O meu coração até se contorce todo, só de a ouvir dizer isso. - Zynaker voltou a cabeça. Agora olhava-a de frente e nos seus olhos lia-se o horror e a súplica. - Não posso deixá-la ir sozinha, Leonora. Talvez eu seja um indivíduo primitivo, com mais músculo que massa cinzenta, talvez tenha o aspecto de um tipo que martela pregos com as próprias mãos, que bebe e anda sempre metido em brigas e casas de passe e aquilo que se conta sobre mim talvez chegue para encher livros para adultos... mas o pensamento de você poder vir a acabar pendurada por cima da porta da cabana do chefe, feita cabeça reduzida, rasga-me o coração.

- Isso é uma declaração de amor, Donald?

- Entenda-a como quiser, lady! - Zynaker levantou-se de um salto, fazendo tombar a poltrona de verga e acrescentando-lhe um pontapé que a fez voar contra a parede. - É então depois de amanhã?

- Sim.

- E porquê? Só porque foi feito um plano?

- Não. Eu não quero arruiná-lo, Donald.

Ela fixou longamente os seus olhos nos olhos dele, que logo se voltou de costas para os evitar.

- Está bem. Já entendi. Tenha um belo dia, Leonora. - Saiu com o passo pesado e bateu com a porta ao deixar a sala. Só lá fora, diante da estalagem, parou, levantou os punhos cerrados e desabafou em voz alta para o ar vibrante e quente: - Diabos, eu amo-a, amo-a... Que idiota me saíste, Zynaker!

A névoa matinal elevava-se ainda das faldas das montanhas em direcção ao céu azul-pálido clareado pelo sol, quando o tenente apertou a mão de Leonora. “Pela última vez”, pensou ele, “olha bem para ela, nunca mais a terás à tua frente.”

Os outros tinham já desaparecido dentro do avião e acenavam para fora através das janelas redondas. Zynaker esperava impaciente para pôr o aparelho em andamento.

- Boa sorte - disse Wepper com a voz um pouco sumida.

Sentiu como se a garganta de súbito enrouquecesse.

- Não há mais nada a dizer. Mande imediatamente notícias pela rádio, logo que estiverem no solo. A propósito, escondi-lhe que Sir Anthony esteve ontem com o primeiro-ministro a tentar impedir a expedição em cima da hora. É hoje que o primeiro-ministro vai tomar uma decisão... mas nessa altura já você partiu há muito tempo. Mais uma vez: boa sorte!

- Obrigada, tenente. - Leonora fez um movimento com a cabeça e entrou depois no avião. Peter Paul Schmitz fechou e trancou a porta.

Zynaker voltou-se para ela, na carlinga, e olhou-a demoradamente.

- Podemos?

- Tudo bem, Donald.

- Então, aí vamos nós! Padre...

- O que é? - acudiu o sacerdote.

- Já não há mais orações antes de partirmos para o inferno?

- Seu blasfemo! Ponha as hélices a girar! Você não sabe quantas vezes ergo a voz a Deus.

Zynaker accionou os motores. Um barulho atroador encheu os ares, o aparelho estremeceu e começou a deslizar lentamente em direcção à estreita e curta pista de descolagem. Esta não era alcatroada, mas somente coberta de macadame. O tenente Wepper acenava-lhes de rosto imóvel - não acreditava que jamais os voltasse a ver.

Os motores voltaram a roncar, o aparelho lançou-se pela pista de descolagem, os passageiros foram comprimidos contra os assentos, o focinho levantou e o avião investiu os ares.

Reissner esticou as pernas.

- Volto a repetir: o tipo sabe voar. Este é capaz de aterrar mesmo num caixote de areia.

Nesse momento, ninguém estava com humor para o ouvir. Espreitavam todos pelas janelas redondas e viam lá em baixo o posto de Kopago, sobre o qual Zynaker descreveu uma curva para logo tomar a direcção das terras altas, ainda envoltas no nevoeiro matinal. E cada um deles pensava:

“Agora já não se pode voltar atrás. Tornaremos a ver este pedaço de terra? O que irá acontecer daqui por duas horas? Dentro de duas horas, sobrevoaremos em círculo os

montes inexpugnáveis, os vales fumegantes, os rios selvagens que serpenteiam pela floresta virgem, a selva que tudo cobre, as árvores gigantescas cujas copas mal permitem que a luz atinja o solo, desfiladeiros onde o nevoeiro flutua - uma terra selvagem, como há milhões de anos. E então tê-lo-emos por baixo de nós, o misterioso Vale Sombrio, olharemos para lá suspensos, ouvindo o coração bater-nos dentro do peito, sentindo um nó apertar-nos a garganta e o medo - sim, medo, porquê, negá-lo? - subir por nós acima e deixar atrás de si uma sensação de paralisia.”

O nevoeiro resumava ainda do vale em colunas esfarrapadas, quando Zynaker anunciou pelo intercomunicador de bordo:

- Chegamos! É ali em baixo. De acordo com o mapa e as fotografias aéreas, deve ser este o sítio. Mas chegamos demasiado cedo, com esta visibilidade não posso descer mais para vos largar.

Abaixo deles estendia-se um denso manto verde impenetrável, do qual subia o nevoeiro matinal, semelhante a vapor, um verde que cobria os montes, as encostas, até lá abaixo ao rio, que agora parecia amarelo e que no decorrer do dia se tornava cinzento-claro, até uma réstia de luz o fazer brilhar como prata.

O vale era tão extenso que o avião podia baixar o suficiente para possibilitar o lançamento de pára-quedas. Ao ver aquela floresta virgem espessa, sem uma única clareira, tinham agora a certeza que só poderiam aterrar no rio. Se se lançassem sobre a floresta, cairiam em cima dos cumes das árvores gigantescas, a mais de trinta metros do solo.

Mais importante ainda era que os pára-quedas com o equipamento caíssem no rio, porque tudo o que ficasse pendurado algures naquelas árvores ciclópicas era como se estivesse perdido, nunca mais se poderia recuperar.

Zynaker pareceu adivinhar-lhes os pensamentos quando anunciou através do intercomunicador:

- Por sorte, não há praticamente vento nenhum lá embaixo. Não vai haver desvios. Eu vou descer o mais que puder, para vocês saltarem no ponto certo.

- Não desça tanto que os pára-quedas não tenham tempo de abrir - disse Reissner em tom sarcástico. - O salto de maior altura que dei para a água foi da prancha dos três metros. E já nessa altura me passou pela cabeça: “Vê lá, rapaz, não batas com a cabeça no fundo!”

Enquanto Zynaker começava a voar em círculos sobre o vale, todos puseram os seus pára-quedas, ajudando-se uns aos outros para os apertar com segurança. Só Samuel se negava a deixar prender o saco às costas.

- Eu nunca saltei! - gritou, olhando estarrecido lá para baixo. - Não! Não! - Recuou até à outra ponta do avião quando o padre Lucius se aproximou dele com o pára-quedas na mão. - Eu morro! Eu morro!

- Seu idiota, como é que queres chegar lá abaixo? - gritou-lhe Reissner. - Mas não tem complicação nenhuma. Nós lançamos-te do avião, a corda está presa na porta? Cais uns metros, dá um puxão e desces suavemente para o rio. Percebes?

- Não, “Masta”, não!

- Eu tomo conta de ti, Samuel. - O padre Lucius passou-lhe as correias à volta do corpo. - Eu salto logo a seguir, não vai acontecer nada. Só vais ficar molhado. Ouve, isto aqui é o fecho principal. Logo que toques no chão, carregas nele e o pára-quedas solta-se de ti. - Voltou-se para ver Leonora, que já se encontrava junto da porta, pronta para saltar.

Vestia calça e casaco de caqui, botas de meio cano com sola perfilada e no cinto tinha uma faca comprida e afiada. Queria ser a primeira a saltar e por isso já tivera de discutir com Reissner e Kreijsman. Eles argumentavam que era melhor serem dois homens os primeiros a saltar a fim de eliminar possíveis perigos que se manifestassem. Podia acontecer que das margens espessas como matagais chovesse uma saraivada de setas, mesmo apesar de não haver sinais de qualquer aldeia ali perto. Afinal não se sabia nada, absolutamente nada, sobre este vale ladeado de montanhas cobertas de floresta virgem.

O nevoeiro dissipou-se um pouco. O rio, com o seu brilho amarelo, deu-se a conhecer melhor. Podiam ver agora os pedregulhos que se erguiam da água, provocando rápidos, redemoinhos e barreiras. Zynaker estendeu o lábio inferior e perguntou a si mesmo onde poderia aterrar com os flutuadores. As fotografias aéreas deviam ter sido feitas muito mais a jusante ou então o rio havia tido maior caudal depois de um período de chuvas e cobria os rochedos.

- Vou tentar agora a primeira aproximação ao local - anunciou ele pelo intercomunicador. - Não saltem ainda! Estou à procura de um sítio mais descoberto, sem essas pedras! Há pouco vi uma espécie de enseada. Talvez aí seja bom. Devem saltar em três grupos, de duas pessoas cada, senão vão cair muito longe uns dos outros. Atenção, vou descer a pique!

O aparelho inclinou-se para a frente, Leonora e os outros agarraram-se com força. Reissner olhou para o padre Lucius de olhos arregalados. O sacerdote tinha apertado Samuel contra si.

- Não tínhamos falado que nos queríamos despenhar lá em baixo - disse Reissner a muito custo. - Estamos fritos se ele não consegue endireitar outra vez o avião!

- Nesse caso, poupamo-nos a ter de saltar pela porta - respondeu o padre secamente. - John Hannibal, desde quando é que você tem medo? Pense no seu homónimo que atravessou os Alpes, de Inverno, com mil elefantes.

O aparelho retomou outra vez a horizontal. Um olhar pela janela fez os corações bater com mais força. De um lado e doutro erguiam-se as vertentes cobertas de floresta virgem e por baixo deles gorgolejava o rio amarelo sobre pedras e pedregulhos. rvores, fetos gigantes e lianas formavam uma parede compacta que brilhava ainda da humidade da noite, que agora se evaporava em colunas de nevoeiro.

Zynaker estrangulou o motor até à velocidade mínima, até ao limite que antecede a queda.

- Estamos a oitenta metros de altura - anunciou pelo intercomunicador.

- É suficiente para saltar? - perguntou Reissner, mas só Kreijsman e Schmitz, que estavam ao pé dele, o ouviram.

- Temos de puxar imediatamente a corda. Queda livre está fora de questão - respondeu Schmitz.

- Mas tem de ser já suficientemente longe do avião, se não ficamos presos nas asas ou no leme. - Kreijsman encostou o rosto à janela. Do outro lado, silvava a vertente da floresta a toda a velocidade.

Zynaker apertou outra vez com o avião e tornou a subir um pouco, inclinado sensivelmente para o lado da asa esquerda.

- Vêem a enseada? Já lá chegamos. É o melhor local. A água parece pouco profunda. Além disso, não há pedras. Atenção, cá estamos!

Todos olharam para fora, pelo lado esquerdo. O rio tinha realmente recortado pela terra dentro uma pequena enseada. Havia mesmo uma espécie de beira-mar, uma estreita faixa sem vegetação, com um cascalho de seixos polidos pelo rio, delimitada por troncos de árvores mortas, de um cinzento-esbranquiçado.

- O lugar ideal para banhos! - zombou Reissner, quando atravessaram a enseada. - Olhem que tinha muito futuro. Espaço que chega para um bar de praia, uma frota de barcos a motor e gaivotas ao pé da costa, uma linha de transportes de helicóptero entre Kopago e a enseada dos Caçadores de Cabeças e, ali ao fundo, na orla da floresta, pode ficar a sua capela, padre. Vai ser um êxito da noite para o dia! Casamento em terra inexplorada. Reno e Las Vegas nem le chegam aos calcanhares. Isto é coisa para snobes de gema. Vamos fundar um clube de férias.

- Já acabou? - perguntou o padre irritado.

- Acabei.

- Então olhe para lá com atenção.

- Estou a olhar e depois? Do lado esquerdo há lugar para uns bangalós...

- Pare com esse paleio de mau gosto, John Hannibal!

Zynaker tinha feito o aparelho subir ainda mais, passou para lá do cimo da montanha, descreveu um largo semicírculo e voltou para o vale. O padre Lucius elevou a voz, para que todos o ouvissem.

- Viram aqueles troncos de árvores mortas?

- Parecem esqueletos gigantes, até na cor – disse Schmitz. - Uma vez, no Bornéu, vi uma floresta morta num pântano... fantasmagórico, pareciam mesmo esqueletos em pé.

- Não é isso. Não repararam como os troncos mortos estão ordenados, na orla da floresta, uns por cima e ao lado dos outros. As cheias não arrumam assim os troncos.

- Padre, tem razão. Vai dar-me uma coisa... - Kreijsman afastou as pernas para não perder o equilíbrio. – Quer dizer...

- Sim.

- Seres humanos? As árvores mortas foram aí juntas e empilhadas por mão humana? Provisão de lenha para queimar? Então... então a enseada...

- Isso mesmo, tem lá gente. E nós vamos mesmo cair nos braços dos selvagens.

- Vou pôr a minha pistola automática à cinta! - exclamou Reissner.

- Está lá atrás, algures no meio da bagagem. Vá procurá-la.

- Merda!

O padre voltou os olhos para Leonora, que continuava ao pé da porta, para ser a primeira a saltar.

- Ouviu o que eu disse? - gritou ele, no meio do barulho do motor.

Leonora abanou a cabeça. Levantou o braço e apontou pela janela. Teve o mesmo pensamento que o padre.

- É habitado! - respondeu com voz clara.

- Então ela também viu. - O sacerdote soltou Samuel, que se agarrou às costas de um assento, e dirigiu-se para o pé de Leonora. Ao chegar junto dela, reparou como o seu rosto se imobilizara. - O que é que você tem, Leonora? - perguntou, assustado.

- Deve ter sido o local que o meu pai também encontrou. E este o local, pressinto-o! Ninguém sabe o que então se passou, mas deve ter sido aqui. É ali mesmo que vamos saltar.

- Saltar para quê? Mais vale matarmo-nos já, de um modo mais decente do que com setas envenenadas e lanças.

- Eles nunca devem ter visto um ser humano a vir do céu. Devem pensar que são espíritos a descer até eles e por isso vão esconder-se de cara contra a terra.

- Tem mesmo a certeza?

- Quase. Este é o único sítio onde podemos descer com segurança e onde o equipamento não vai cair nas copas das árvores. Donald tem razão, só na enseada é que temos qualquer hipótese.

Zynaker começou a descer para o vale. Pegou no intercomunicador e deu as instruções com voz muito calma.

- Primeiro grupo, preparar. Prender o cordão na barra por cima da porta, como fizemos nos treinos. Quando eu disser “Saltar!”, lançam-se de braços abertos! Três segundos, um puxão e estão a flutuar. Vou descer mesmo até aos setenta metros. Não há qualquer possibilidade de falhar a enseada.

- Merda! - disse Reissner em voz alta. - Grande merda! Porque é que estou cheio de cagaço?

- Se está, fica no avião! - gritou-lhe Kreijsman. - Também passamos sem si.

Nestes últimos segundos caíram todas as barreiras, a agressividade libertou-se, a tensão nervosa era excessiva. Nesse omento, todos eram possuídos pelo ódio e ninguém sabia porquê. Depois de aterrar, tudo teria passado, tudo seria esquecido. Mas estes segundos que procediam os saltos eram horríveis, os nervos zumbiam.

O padre Lucius forçou Leonora a afastar-se da porta. Também Kreijsman le barrou o caminho.

- Mas o que é isso? - exclamou ela. - Fred, já tínhamos discutido esse assunto...

- Eu e o Fred saltamos primeiro! - gritou o padre, sobrepondo-se ao ruído do motor.

- Não!

- Sim! Deus salta comigo. Ele proteger-me-á.

- Onde le vem a garantia?

- Da minha fé no amor divino. - O padre fixou Leonora longamente nos olhos. Tinha uma expressão estranha. Estendeu o braço, puxou-a para si e beijou-a na testa. - Deus a proteja.

- Abrir a porta! - A voz de Zynaker ressoou no altifalante. - Cordão preso? Atenção... Saltar!

O sacerdote foi o primeiro a atirar-se, pairou no ar de braços abertos, desapareceu, o cordão esticou com violência... o pára-quedas devia ter-se aberto. Logo a seguir saltou Kreijsman e desapareceu também nas profundezas.

- Fechar a porta! - berrou Zynaker. - Próximo grupo, preparar!

O aparelho tornou a subir e deu a volta. Reissner e Leonora podiam agora ver o padre Lucius e Kreijsman a descer mesmo por cima da enseada e a cair na água pouco profunda. De papuas ou saraivada de setas, nem sinal. Samuel tinha a cara tapada com as mãos crispadas e tremia como varas verdes.

Reissner bateu palmas:

- Bravo! - berrou a plenos pulmões. - Fabuloso! Aterraram! - Avançou para a porta e pôs-se ao lado de Leonora. - Agora é a nossa vez, bela chefe! A propósito, o padre Lucius não tem estilo nenhum. O papa teria logo beijado o solo.

A voz de Zynaker interrompeu-o.

- Segundo grupo, preparar! Prender cordão! Vou dar a volta a cento e cinquenta metros de altura e torno a descer. A aterragem do padre Lucius e de Kreijsman foi um êxito. Não há qualquer reacção da orla da floresta.

- Parece que você tem razão - comentou Reissner para Leonora. - Os selvagens estão agora por terra, de cara contra o chão, todos borrados de medo. - Voltou-se para Peter Paul, que se encontrava ao lado de Samuel. - Pepau, lance-o primeiro do avião e só depois é que fecha o cortejo.

- Eu morro! - gritava o papua, agarrado ao assento com toda a força. - Eu morro, "Masta"!

O aparelho descreveu outra vez uma curva, as vertentes montanhosas cobertas de floresta aproximaram-se ameaçadoramente. Reissner expirou fundo, quando este se inclinou outra vez para o vale.

- Atenção! - A voz de Zynaker era metálica; ele sabia que agora saltava Leonora. - Prender o cordão!

Reissner engoliu em seco.

- Com isto, penitencio-me e liberto-me de setenta por cento dos meus pecados - disse com voz apagada.

- Abrir a porta! Atenção... Saltar!

Reissner lançou-se no ar, a corda deu um puxão e o pára-quedas abriu-se. Leonora saltou logo a seguir e foi uma sensação indescritível pairar de braços abertos, como se a gravidade não existisse. Depois, o puxão que se transmitiu a todo o corpo e logo o desdobrar do pára-quedas às listas brancas e laranja e o flutuar sobre o rio até atingir a enseada onde o padre Lucius e Kreijsman já se encontravam, acenando-lhe com ambos os braços.

Zynaker ainda pôde ver o pára-quedas de Leonora abrir-se. Respirou fundo, fechou os olhos por um momento e sentiu-se simultaneamente feliz e dilacerado. “Ela está lá em baixo e eu aqui em cima e tenho de voltar para Kopago. Mas uma coisa te juro, Leonora, amanhã faço-me transportar até aqui no helicóptero do distrito e salto também. Não vou deixar-te sozinha no meio da selva. Principalmente com esse repugnante Reissner e o seu modo melífluo de dizer “bela chefe”.”

Leonora e Reissner fizeram uma descida ainda melhor que a de Kreijsman e do padre. Pousaram exactamente na faixa da praia, abriram o fecho principal e nem sequer tiveram de se desenredar. Kreijsman e o padre foram ao seu encontro, batendo as palmas de júbilo.

- Foi uma aterragem de mestre, como manda o figurino! - exclamou Kreijsman. - Bem-vindos ao portão do inferno!

Reissner olhou em torno de si e encheu o peito. T

- Porquê do inferno? Parece mais um novo paraíso!

- Não confio neste silêncio. - O padre não deixava de vigiar a orla da floresta e os troncos de árvores mortas todos empilhados. - Não podemos facilitar, levados pela euforia! Preferia que os selvagens aí estivessem. Podia logo usar um dos meus truques. - E deu uma palmada no bolso, sorrindo.

- Que tem aí escondido? - inquiriu Reissner.

- Uma bicha-de-rabear. Rebenta com um estrondo de trovão. Se eu a mandar, os selvagens até caem para o lado. Mas pelo menos ficamos a saber o que esperar uns dos outros. Este silêncio põe-me nervoso.

Olharam para o céu, onde Zynaker descrevera uma curva de malabarista entre as vertentes. Só de cá de baixo se podia ajuizar a ousadia de Zynaker e a sua fantástica perícia. A orma como dominava o aparelho e a coragem que era necessária para a execução de tais acrobacias. Dera agora a volta pelo meio da encosta e regressava, preparando-se para descer a pique. Lá dentro, Schmitz e o pobre do Samuel preparavam-se, junto à porta, com o cordão já engatado.

De repente, algo pareceu estar a correr mal. Ter-se-ia Zynaker enganado nos cálculos ou ter-se-ia encravado algum leme de direcção? Fosse o que fosse, o avião não se antinha direito no meio do rio, mas inclinava-se para a encosta da floresta.

- Mas o que é aquilo? - gritou Reissner. - Zynaker ficou maluco? Não pode ser! Está quase a rasar a floresta! Mas ele de certeza que está a ver! Vai contra as árvores!

Leonora levou as mãos fechadas aos lábios, apertando-as ontra o rosto, e ficou a olhar perplexa o evoluir do aparelho. Também não compreendia o que se passava. Zynaker parecia ter perdido o controlo do avião, estava de facto a diminuir a velocidade, podia-se ouvir claramente, mas o aparelho não mudava de rumo, aproximava-se cada vez mais da floresta e ouvia-se um ruído agudo, rangente, que penetrava até aos ossos, quando a asa esquerda roçou a copa das árvores.

O avião reboiou, como que impelido por um portentoso safanão, foi catapultado para a água como uma pedra, indo partir-se em dois contra as pontas dos rochedos que sobressaíam do rio. Não se seguiu qualquer explosão, qualquer bola de fogo. Era como se

um gigante tivesse partido o avião ao meio no joelho e depois lançado fora as duas partes. Era assim que jaziam no rio, lambidas pelas águas amarelas que gorgolejavam à sua volta. Só os motores, ambos debaixo de água, provocavam um fervilhar que se manifestava também à superfície por faixas brancas de vapor contra os destroços.

- E pronto - disse Reissner com a voz sumida. - O equipamento chegou são e salvo. Visto desse ângulo, foi uma aterragem impecável.

Correram para a margem da enseada e esperaram. A porta abriu-se do lado da frente e houve um objecto que caiu pesadamente na água.

- Era Samuel! - concluiu o padre Lucius. - O rapaz encolheu-se todo de medo. E aí vem também Pepau. Afinal, correu tudo bem.

Kreijtsman e Reissner avançaram pelo vau do rio ao seu encontro, para os ajudar. Agora apareceu Zynaker, que ficou em pé ao lado da porta. Acenou para Leonora e abriu os braços como se quisesse dizer: “Não tenho culpa, o aparelho traiu-me.” Depois voltou a desaparecer no interior do avião, para aparecer de novo na porta do lado partido. Saltou para o rio e avançou até ao outro destroço, que tinha ficado entalado entre dois rochedos no meio da corrente.

Zynaker sentiu dificuldade em progredir contra a força das águas que aí espumavam e redemoinhavam. Agarrou-se ao trem de aterragem, torcido de forma esquisita, elevou-se com força, abrindo caminho entre os destroços. Aí Sentou-se numa das caixas e sacudi a cabeça. Não conseguia compreender como é que o seu avião quebrara ao meio, como se tivesse sido serrado e depois lançado fora. Que acabava de perder tudo o que possuía, que esta queda era a sua ruína, que nunca voltaria a ter um avião, porque nenhum banco jamais financiaria a compra de um novo, eram pensamentos que nesse instante não le passavam pela cabeça. Pensava somente: “De alguma forma, o destino sabe ler o que nos vai na cabeça, sabe compreender as palavras, reconhecer os sentimentos. Eu não queria deixar Leonora sozinha, queria voltar aqui e saltar de pára-quedas, agora estou junto dela, para a vida e para a morte. Meu Deus, como a amo! E não posso dizer-lhe Olhar-me-ia incrédula, sim, talvez mesmo assustada, e levantaria entre nós um muro intransponível.”

Rastejou pelo compartimento da carga, verificou que havia alguns caixotes rasgados ou rebentados por causa do embate, mas no geral o equipamento estava intacto e talvez em melhor estado do que se tivesse sido lançado de pára-quedas.

Schmitz e Samuel tinham chegado à enseada e olhavam agora para os destroços no meio da espuma do rio.

- Não sei como isto aconteceu - disse Schmitz, acocorando-se sobre um pedregulho redondo e polido. - De repente, o avião guinou para a esquerda e roçou no topo da árvore. Ainda ouvi Zynaker gritar “Merda!” e já o choque se tinha dado, já éramos catapultados para o rio. Foi então que o aparelho se partiu pelo meio.

- Está ferido, Pepau? - perguntou Leonora, baixando-se para o observar.

- Não. Talvez algumas equimoses, mas de momento não sinto nada.

- E tu, Samuel?

O papua de perna torta benzeu-se

- Não tenho nada, “Massa”. Fechei os olhos e vim parar em cima de “Masta” Pepau.

Ficaram a olhar para os destroços, do outro lado, e à espera que Zynaker desse outra vez sinal de si. Inquieto, o padre Lucius virou-se várias vezes para a orla da floresta, as nem um ruído, nem um movimento traíam a presença de seres humanos. Mas o aterro, constituído por troncos de árvores mortas todos amontoados, não deixava dúvidas.

Não estavam sós e a impressão de estarem a ser observados por centenas de olhos faziam-no sentir alfinetadas nas costas e no cachão. Finalmente, Zynaker apareceu do lado em que o aparelho quebrou, deixou-se escorregar para dentro de água e avançou, pedalando com os braços para manter o equilíbrio, no meio da corrente gorgolejante. Reissner correu para dentro de água, para le dar uma ajuda.

- Pode pensar-se e dizer-se de John Hannibal o que se quiser - comentou o padre quando Reissner já não o podia ouvir - mas ele é um câmaradão. Lança-se a ajudar, esquecendo-se de si próprio. Olhem para aquilo! Quase carrega Zynaker às costas, evitando-lhe a força da corrente.

Algo esgotado, mas principalmente em estado de choque por causa da queda, Zynaker atingiu a praia da enseada apoiado ao ombro de Reissner. Respirou fundo algumas vezes e passou a mão pela cara molhada.

- Desculpem - disse num tom que parecia amargo e resignado. - Não sei como pôde acontecer. De repente, o leme de direcção ficou preso e depois tudo se precipitou. Vocês viram.

- Devíamos enviar imediatamente uma mensagem para Kopago - sugeriu Kreijsman.

- Isso queria eu - Zynaker encolheu os ombros: - O rádio não funciona.

- Mas ainda temos o rádio portátil na bagagem. - O padre tirou a camisa e as botas. - Só temos de o ir buscar.

- Foi a minha primeira ideia. Por isso, fui logo verificar o equipamento no outro destroço. - Zynaker deixou o ombro de Reissner, pois já se sentia com mais forças. - O primeiro balanço da situação aponta para duas caixas e nove caixotes rebentados, entre eles o do aparelho de rádio... Logo esse!

- Isso significa que estamos isolados do mundo! - exclamou Reissner, levantando a voz. - Podemos apodrecer aqui que nunca ninguém saberá.

- Assim é - disse o padre, em tom quase solene. - Quando nos vierem procurar amanhã, por Zynaker não ter regressado, só nos resta a esperança de descobrirem os destroços do avião. Senão, dão-nos por desaparecidos e riscam os nossos nomes do mapa. “Mas já sabíamos”, irão dizer. “A terra engoliu-os.”

- Por outras palavras, significa que nunca mais daqui sairemos! - atalhou Kreijsman com voz trémula.

O padre assentiu com a cabeça.

- Se não acontecer um milagre... chegamos ao fim da linha.

- E di-lo com essa calma? - exclamou Reissner fora de si. - Com mil diabos, ainda tenho muitos planos para a minha vida.

- Bem pode tê-los. Coisas pela frente não nos vão faltar aqui. Descanse que não vai morrer de tédio. Nas próximas quatro horas decidir-se-á se vamos viver ou transformarmo-nos em cabeças reduzidas.

- Acha que sim?

- Acho. Aposto em como neste momento há montes de olhos a observar-nos e à espera de ver o que fazemos. Se somos homens ou deuses vai decidir-se nas próximas horas.

- E como devemos comportar-nos se quisermos antes ser deuses? - perguntou Schmitz.

- Como inatingíveis.

- Vá convencer disso os selvagens - disse Kreijsman com sarcasmo. - Se uma seta apanha um de nós e o faz tombar, adeus divindade inatingível.

- Padre, você tem uma bicha-de-rabear no bolso. - A esperança voltou a brilhar nos olhos de Reissner, à ideia de uma explosãozinha. - Vá lá, atire-a para a orla da floresta e ratapum... somos deuses invencíveis. Comparativamente, nem o misterioso deus do trovão com os raios a sair dos dedos nos chega aos calcanhares.

- Esperemos que apareçam - respondeu o padre Lucius.

- Se estourar antes, então é que eles nem sequer saem do esconderijo. O ataque é sempre melhor que a defesa. É o atacante quem dita o acontecimento. Ficou provado em milhares de anos de guerras.

A intenção não é assustar, mas ganhar a confiança. Nós viemos aqui para conhecer essa gente que nunca ninguém viu, para falar com ela, tirá-la da Idade da Pedra, trazer-lhes o verdadeiro Deus.

- É inútil discutir com um padre. - Reissner voltou-lhe as costas resignado. - Continuam a cantar "Jesus caminha", mesmo quando já estão no caldeirão a ferver. Sugiro que nos deixemos de palavras e vamos mas é trazer para terra o equipamento.

- Também queria sugerir o mesmo. - Leonora tirou as botas e depois a camisa de caqui. Não estava nada preocupada com a ausência de soutien. Os seus seios eram redondos e firmes, bronzeados pelo sol. Zynaker lançou-lhes um rápido olhar e logo se virou em direcção ao rio. - Primeiro, as tendas e o trem de cozinha, as conservas e os bidões de água. De momento, é o mais importante.

- E a minha pistola automática! - acrescentou Reissner com ênfase. - Vou ser o deus dos raios trepidantes. - segurou Leonora pelo braço, quando a viu dirigir-se para o rio. - Você fica aqui, bela chefe.

- Certamente que vou convosco.

- Não. Você não esteve no rio, mas eu já o conheço. No meio há uma corrente. Vai ser logo arrastada, como se fosse um pedaço de lenha. Você e Samuel ficam aqui. E o padre Lucius que le dê a bombinha de artifício, para o caso de os nossos queridos caçadores de cabeças aparecerem, enquanto estivermos além perto do avião. - Tirou a camisa e as calças e dirigiu-se para o rio, nas suas cuecas de dimensões reduzidas. Quando lá chegou, voltou-se e gritou para o padre Lucius a rir: - Não seja tão púdico, padre! A sua

anatomia não é diferente da nossa e na Bíblia há nus até dar com um pau. Com a roupa molhada em cima vai ter mais dificuldade em mover-se no rio.

- Há vezes em que é um verdadeiro câmarada - disse o padre - mas ainda há mais em que é insuportável. Leonora, peço-lhe também, fique. - Tirou igualmente as calças e entregou-lhe o objecto trovejante em formato quadrado, bem como o isqueiro para acender o rastilho. - Por favor, acenda só em caso de necessidade extrema, está a ouvir? Pode vir a fazer-nos muito jeito no futuro.

Despiu ainda a camisa e foi atrás de Reissner, padejando com as mãos para avançar na corrente. Schmitz e Kreijsman seguiram-no só Zynaker ficou para trás, hesitante. Para todos os efeitos, Samuel é que ninguém convenceria a voltar ao rio.

- Há um bocado, você deitou-me uns olhos estranhos, Leonora - balbuciou Zynaker. - Como se me quisesse dizer alguma coisa.

- Está enganado, Donald. - Leonora olhou na direcção dos homens que se afastavam padejando com as mãos, tentando vencer a corrente até aos destroços. - Estava só horrorizada por causa do súbito acidente. O meu coração quase parou.

- Foi mesmo uma avaria dos comandos, creia-me.

- Nós também vimos que o aparelho não respondia.

- Também podia ter sido fingido, provocado.

- Não estou a entender.

- Disse-lhe uma vez que não a queria deixar sozinha e que gostaria de estar junto de si quando você partisse para o desconhecido. Agora estou aqui. Não acredita que eu tenha provocado o acidente de propósito para estar consigo?

- Meu Deus, Donald, quem iria pensar uma coisa dessas? O avião era o seu único património. Agora está pobre como Job. Vistas bem as coisas, a culpa é minha, que o convenci a voar até estas terras. Se não fosse eu, ainda teria o seu avião.

- Não diga isso, Leonora! Era um risco e eu conhecia-o. Podia também recusar. Eu só não queria que você pensasse... - Não acabou a frase, deu meia volta, desfez-se das roupas e correu para o rio. “Grande imbecil”, pensou; “que palermices estavas outra vez para aí a dizer! Repara bem na forma como ela olha para ti! A seus olhos não passas de um fracassado, um malandro, de cultura medíocre, um pé-descalço a tresandar a gasolina e a óleo de motor, um mastronço sem instrução e sem maneiras, um femeeiro e beberrão de uísque, um arruaceiro e um fanfarrão. Deverei dizer-lhe: Sou Donald Zynaker, primeiro-tenente da Força Aérea Naval, por várias vezes condecorado e honrosamente licenciado da Marinha três vezes ferido no Vietnã e profundo conhecedor dos horrores inenarráveis dessa guerra. Isso endurece, lady, deixa marcas indeléveis num jovem, fica impregnado no sangue e nos ossos. Uma pessoa aprende a atacar primeiro, porque se aprende que quem bate primeiro é quem sobrevive. Uma pessoa tem de avançar direito e nunca olhar para trás, para aquilo que ficou esmagado debaixo das nossas botas. Só o caminho à nossa frente é que interessa, aquilo que se quer e se pode atingir; só o presente e o futuro contam e aquilo que nele se quer fazer. Sobreviver é a palavra de ordem, lady, foi isso que aprendemos no Vietnã. Sobreviver a qualquer preço. Qualquer preço. Foi assim que Donald Zynaker se tornou no que agora é. Diabos, eu

amo-te, sim, Leonora, mesmo que me dês um pontapé. Estou habituado à dor, também isso aprendemos.”

Chegou ao pé dos destroços e fez-se guindar para cima deles por Reissner. Kreijsman, o padre Lucius e Schmitz trepavam por entre os caixotes, sacos e caixas de cartão e o padre praguejava com palavras que nunca alguém imaginaria na boca de um clérigo. O que mais o deixou fora de si foi a sua construção especial - um altar desmontável - ter perdido duas pernas.

- Estou a pensar, Donald - disse Reissner para Zynaker - como é que nós vamos levar tudo isto para terra, às costas? Estes caixotes pesados como chumbo? Pela corrente? Vai demorar dias.

- E não temos agora tempo que chegue, John Hannibal? Mais até do que gostaríamos? Podemos desempacotar e dividir em partes pequenas. Além disso, temos a bordo um barco pneumático e vários coletes salva-vidas. Podemos usá-los como flutuadores e só temos de puxar.

- Viva... cheio de humor, Donald! Já estive a pensar se não poderíamos fazer uma espécie de elevador de transporte com as cordas de nylon que trouxemos. Se é possível nos Alpes, aqui também deve dar resultado. Ferramentas e material não nos faltam. Do casco do avião podemos construir pequenas gôndolas abertas, que fazemos ir e vir pelo ar. As coisas mais ligeiras podemos carregá-las no lombo.

- Importantes para começar são as tendas, o fogão a propano, panelas, louça, talheres e víveres.

- E a minha pistola automática.

- Vá-se lixar mais a sua maldita pistola automática!

- Em breve me há-de agradecer tê-la comprado. Neste inferno, a sobrevivência não se consegue só com comida e bebida.

- A minha caixinha mágica saiu ilesa! - rejubilou o padre. - Deus seja louvado! Ilesa e seca! Se vierem ter connosco, podemos pelo menos mandar uns foguetes para o ar e dar nas vistas. Ainda nem tudo está perdido. E a aparelhagem fotográfica também sobreviveu, está a ouvir, John Hannibal?

Depois de breve deliberação, ficaram todos de acordo em renunciar à construção de um elevador e carregar tudo aos ombros ou puxar para terra com o barco pneumático e os coletes salva-vidas. Kreijsman e Schmitz puseram-se a encher o barco com uma bomba de pedal, o padre e Zynaker a procurar as tendas desempacotadas no meio da confusão da bagagem toda remexida. Reissner tinha aberto o caixote do seu material fotográfico e começado a tirar as primeiras fotografias: destroços do avião, o rio, as montanhas da floresta virgem, a enseada, os companheiros a suar e a puxar, o carregamento do barco pneumático e a primeira tentativa de Kreijsman, Zynaker e Schmitz de fazê-lo chegar à margem, contra a corrente. Era necessário despender enorme esforço e os corpos estavam extenuados. Quando conseguiram finalmente chegar à enseada e puxar o barco para águas baixas, deixaram-se cair sobre os seixos da praia, e ficaram de pernas e braços estendidos como se tivessem sido aí lançados pela maré.

- Estas fotos valem mil dólares cada! - disse Reissner enquanto fazia uma série delas. - São fotografias que hão-de dar a volta ao mundo.

- Se conseguirmos sair daqui - opinou o padre secamente. - Também pode acontecer que futuras gerações encontrem os rolos. Aí, vão fazer de nós heróis. E é com este ar lamentável que a posteridade nos verá.

O vaivém entre os destroços do avião e a praia durou até à noite. Leonora fez uma sopa no fogão a propano e aqueceu quatro latas de guisado de vaca, mas os homens estavam demasiado esgotados para sentirem fome. Desataram a beber - não água, mas uísque e gim e Reissner exclamava em voz alta, sentando-se numa das caixas:

- Gente, embebedem-se! Depois, até esta droga de terra vos parecerá um paraíso!

Tinham conseguido trazer para terra o mais necessário até ao cair da noite, principalmente as tendas, os víveres e alguns instrumentos, como os filtros de água e a serra automática e ainda a farmácia. Depois deitaram-se todos sem forças no chão. Só Zynaker, bem exercitado e ao que parece de inesgotável energia, se sentara ao lado de Leonora junto do fogão a gás, a comer uma sopa numa tigela de plástico.

Na orla da floresta, por detrás dos troncos de árvores mortas, nada se mexia. Isso inquietava o padre Lucius sobremaneira, que constantemente levantava a cabeça e ficava de olhos pregados na enorme barreira verde de vegetação.

- Estão lá! - disse a certa altura. - Sinto-o. Estão à espreita, escondidos no meio dos fetos gigantes, e não sabem como se hão-de comportar. Este silêncio é de dar em louco.

- Esta noite vamos ter de nos revezar a fazer sentinela. - Zynaker levantou-se e esticou o corpo. Também sentia nos ossos o esforço despendido, mas conseguia suportá-lo melhor que os outros. - Levantar, rapaziada! Armar as tendas. Aqui faz-se escuro de repente. Se os papuas não atacarem Já, vamos ter sossego.

- Como assim? - perguntou Reissner, levantando-se a gemer. Sentia-se como se lhe tivessem quebrado os ossos.

- Os selvagens temem a noite. Para eles, está povoada de espíritos. Agora só de manhã é que volta o perigo.

- E se esta tribo tem outras crenças em relação à noite? - insinuou Kreijsman.

- É por isso que temos de fazer sentinela.

- E que fazemos, se vierem? Pôr as mãos no ar e oferecer o pescoço para o cortarem? - Reissner lançou um olhar à pistola automática, que estava sobre os seixos, ao pé dele.

- Se nos atacarem, só o farão depois de uma saraivada de setas envenenadas, a que se seguem as lanças. Só então é que os veremos, ou, melhor, não veremos nada, porque já estamos crivados de setas.

- Perspectiva encantadora!

- Por isso, acabou-se o cansaço, rapazes! - Zynaker bateu as palmas. - Levantar as tendas! Nas tendas sempre desfrutamos de alguma proteção face às setas, que ficam presas na lona. Mas não creio que nos visitem de noite. Para eles, somos demônios desconhecidos.

Já fazia escuro quando acabaram de montar as tendas.

Dois protetores alimentados a bateria iluminavam o local e só esse fato deveria constituir já para os selvagens um milagre. Dois sóis na noite. Só os deuses o poderiam fazer.

- Eu faço o primeiro turno - disse Schmitz. - Quanto tempo?

- Revezamo-nos de três em três horas - respondeu Zynaker. - O próximo é Fred.

Kreijnsman disse que sim com a cabeça. Reissner voltou a bocejar e sentiu desejos de um saco de dormir. Schmitz olhou-o com ar de intimação.

- Passe-me a sua pistola.

- E sabe mexer nela?

- Carrega-se no gatilho e desata a disparar... que mais há-de ser? Só tem de me dizer onde se trava.

Reissner resmungou qualquer coisa incompreensível, levantou a sua pistola do chão e estendeu-a a Schmitz.

- Não desate para aí a disparar só porque ouviu um macaco restolhar no mato. Só tenho dois mil cartuchos e ninguém sabe até quando têm de durar.

- A esta hora, estão-se a arrepiar os cabelos em Kopago. - Zynaker olhou para o céu escuro. "Está escuro como breu e isto aqui é como um túmulo", pensou ele. - O tenente Wepper lançará apelos e comunicações de rádio em todas as direções: aparelho bimotor desaparecido com sete pessoas a bordo.

- E amanhã de manhã darão início à grande operação de busca. - O padre parecia bem-humorado. - É algo que me acalma extraordinariamente. O avião não pode passar despercebido. Hão-de encontrar-nos. Hoje em dia não se desaparece tão facilmente. Boa noite a todos! Rezarei por nós... e por si também, Reissner.

- Agradeço encarecidamente. - Reissner fez uma pequena vênica. - Cumprimente o Velho Senhor da minha parte.

- Também você há-de precisar d'Ele.

- Quem sabe. - Reissner soltou uma gargalhada sonora. - Eu faço-lhe um sinal, quando chegar a altura. - Esgueirou-se para dentro da tenda, que partilhava com Kreijnsman, enfiou-se no saco de dormir e dentro de alguns minutos já ressonava.

- É só garganta - comentou Zynaker com desdém, depois de Reissner ter desaparecido na tenda. - E não passa disso. Estou para ver como é que ele agüenta a marcha através da floresta. Samuel?

- Aqui estou, "Masta". - Samuel surgiu da sombra de uma tenda e aproximou-se do foco de luz. Os seus olhos negros não paravam de olhar em volta. Parecia muito inquieto.

- Há guerreiros papuas nas proximidades?

- Não sei, "Masta".

- Normalmente vocês conseguem cheirar-se a léguas, mesmo contra o vento. - Zynaker apontou para a escuridão total em que agora jazia o paredão de troncos. - Mas aqui havia gente, não havia? Então não eras o melhor batedor das terras altas?

- Bato o terreno amanhã, "Masta". Hoje tive tempo?

- Ele tem razão, Donald - disse Leonora. - Você está com receio?

- Sim, por sua causa...

- Teremos todos o mesmo destino, Donald. Mas creio que está a ser demasiado pessimista. Vamos esperar pelo primeiro encontro com os selvagens; tenho esperanças de que não será tão dramático como todos tememos.

- Tem esperanças...

- Sem esperança, nenhum empreendimento faria sentido. - Leonora abandonou o campo de luz da lanterna e dirigiu-se para a sua tenda. Perto da entrada, tinha-se instalado Samuel confortavelmente. Recebera do padre um cobertor que estendera no chão e estava sentado de joelhos contra o peito, como um guarda.

Zynaker seguiu Leonora em silêncio. Ao chegar à entrada da tenda ela parou.

- Sinto-me responsável - repetiu. - Você perdeu tudo, Donald.

- Não vou morrer de fome. Trabalho é coisa que não falta, basta procurá-lo e não ficar de braços cruzados. Eu... eu não sou pessoa de me deixar ir abaixo. Vou sempre à luta.

- Eu sei. Mesmo assim...

- Mesmo assim - tomou-lhe a palavra e desviou os olhos - não passo de um idiota.

- Porquê um idiota, Donald? Você é...

Ele levantou a mão para que não continuasse. A sua voz soou de repente abafada, como se a estrangulassem.

- Esqueça aquilo que agora lhe vou dizer. Por favor, esqueça. É a coisa mais idiota que um tipo como eu pode dizer. - Respirou fundo e arrancou as palavras a custo: - Apaixonei-me por si. E agora ria-se de mim como de um louco!

Leonora não riu. Mas também nada respondeu. Voltou-se sem uma palavra e entrou na tenda.

Quando a lona voltou a cair sobre a entrada, Zynaker baixou a cabeça e afastou-se. “Pronto”, pensou. “Deitaste tudo cá para fora e ela deixa-te ficar espetado e vai-se sem uma palavra. Esperavas outra coisa? Esperavas que te caísse nos braços? Que inocente, Donald! Mas agora ela sabe o que tu sentes. Eu sou uma pessoa honesta, talvez seja a minha única qualidade.” Voltou para o pé do candeeiro, onde encontrou Schmitz, que se preparava para a sua vigia noturna. Tinha enrolado o saco de dormir e sentara-se em cima.

- Se eles aparecerem - disse ele, levantando os olhos para Zynaker - não posso fazer mais nada senão gritar. - Puxou para frente a pistola de Reissner. - Ou devo disparar logo?

- Primeiro para o ar, o que os vai paralisar de medo. Isso fará com que se lembrem do misterioso deus do trovão. Por favor, não atire a matar, Pepau. Para isso ainda haverá tempo de sobra.

- Também tenho aqui a bombinha de artifício do padre Lucius.

- Essa vai causar sensação. - Zynaker olhou atentamente para o jovem estudante de medicina. Podia bem imaginar o que se passava agora dentro dele. - Medo? - perguntou.

- Para dizer a verdade, não é a minha ocupação favorita, ficar à espera de caçadores de cabeças.

- Quer que o substitua de sentinela?

- Agradeço. De que é que servia? Mais tarde ou mais cedo, calha-me a mim. Além de mais, não sou covarde.

- Ficamos juntos de sentinela, Pepau!

- Mas assim você faz duas vezes

- Não me importo. - Zynaker olhou à sua volta em todas as direções. Tinham montado quatro tendas em círculo em torno do lugar iluminado pelos candeeiros. O padre também se recolhera à sua tenda. Através do pano, via-se a luz coada de uma lanterna. Estava sentado no saco de dormir tinha o breviário sobre os joelhos e rezava. Ao lado, mesmo à mão, de tampa levantada, estava a sua “caixinha mágica” com os cartuchos de fogo-de-artifício e outras coisas, entre elas uma pequena caixa de onde se podia tirar uma quantidade enorme de flores coloridas.

Zynaker tirou um cobertor de um dos caixotes que ali estavam, dobrou-o e sentou-se nele perto de Schmitz. à sua volta reinava o silêncio total. Só o gorgolejar do rio lhes lembrava não se encontrarem num espaço infinito. Os ruídos noturnos que costumam animar uma floresta virgem, os gritos e bater de asas das aves noctívagas, o chamamento enrouquecido dos macacos, o ruído de algum animal a deslocar-se entre o mato - nada disso aqui existia. Por detrás deles erguia-se, densa e verde até ao céu, a floresta ameaçadora e reservada, semelhante a um monstro de mil goelas e mil braços.

A lanterna apagou-se na tenda do padre Lucius. Tinha acabado as orações da noite. Zynaker levantou-se e apagou os candeeiros. A escuridão pesou sobre eles como um fardo esmagador.

- Tem mesmo de ser? - perguntou Schmitz, falando para a súbita escuridão.

- Temos de poupar baterias.

- Trouxemos conosco um pequeno gerador a gasolina e um aparelho de recarga.

- E quanto tempo vai durar a gasolina que temos? Sabe quando vamos sair daqui? Além do mais, a escuridão total mantém os papuas longe de nós. Com luz, somos um alvo fácil. Não há seta que falhe.

- Esta escuridão oprime-me a alma.

- Dentro de dez minutos já está habituado.

Zynaker voltou a sentar-se no cobertor ao pé de Schmitz e acendeu um cigarro. A minúscula ponta incandescente dançava como um pirilampo volteando na noite.

- O silêncio é também opressivo - disse Schmitz de repente.

- Assim é, principalmente quando se está à espera de alguma coisa. Deite-se para trás, Pepau, e feche os olhos.

- Que lhe passa pela cabeça, Donald! Estou de sentinela.

- Hoje já trabalhou que chegue, descanse. Eu fico de guarda aqui ao pé de si.

- Não sou nenhuma criança! Lá por ser o mais jovem...

- Vai espantar-se de tudo o que ainda tem para endurecer. Talvez você seja o único a agüentar até ao fim, precisamente porque é jovem. Então, nós, os mais velhos, teremos

de nos apoiar em si. - Zynaker sacudiu a cinza do cigarro. - E agora faça uma soneca. É um segredo que fica entre nós.

Sentiu Schmitz deitar-se, usando o saco enrolado como almofada. Pouco tempo depois, ouvia a sua respiração regular e profunda. Pepau dormia.

Durante estas duas horas de escuridão e silêncio, Zynaker levantou-se várias vezes, deu uma ronda pelas tendas, aproximou-se também dos troncos empilhados, ficando aí parado à escuta. Uma das vezes, pareceu-lhe ouvir um restolhar qualquer, mas desapareceu tão rapidamente que não conseguiu identificá-lo.

“Com mil diabos, eles estão aí”, disse para consigo e voltou para o pé das tendas. Carregou no interruptor e acendeu os candeeiros, voltando-os para o paredão de esqueletos de árvores. Esperava que o brilho repentino dos focos os cegasse, pondo-os em pânico. Mas o silêncio voltou a instalar-se à sua volta, perpassado pelo sussurrar ligeiro do rio.

“Venham lá”, pensou Zynaker. “Mostrem-se e pomos isto em pratos limpos. Ou somos amigos ou acabamos uns com os outros. A tensão da vigia vai corroendo os nervos, penetrando até aos ossos. Saiam do esconderijo!”

Tornou a sentar-se no seu cobertor dobrado, ouviu a respiração compassada e profunda de Schmitz, que dormia ao seu lado, e pensou no que a manhã seguinte Lhes reservaria.

“Hão-de vir procurar-nos, porque não receberam nenhuma mensagem pela rádio. No posto, há dois velhos helicópteros com os quais podem sobrevoar o Vale Sombrio a baixa altitude. E se não forem completamente cegos têm de ver os destroços do avião no rio. Além disso, podemos lançar para o ar foguetes de alarme, quando ouvirmos os motores. Teoricamente, nada pode falhar...”

“A falar verdade, os destroços do avião constituem uma base fabulosa para a expedição, um quartel ideal. A parte traseira ainda está em bom estado. Se a conseguirmos trazer para terra, temos aí o melhor posto que alguém alguma vez poderia desejar. Podíamos mesmo desmontar os motores e usá-los como central elétrica. Tenho ainda cerca de cinco mil litros nos depósitos, que podemos facilmente extrair com uma mangueira. E com as asas ainda podemos construir uma cabana, ferramenta é coisa que a bordo não falta.”

Crispou-se de repente. Tinha ouvido algo a rastejar, algo parecido com passos silenciosos, uma pressão sobre os seixos do chão. Levantou-se de um salto, agachou-se, pegou na pistola que estava ao lado de Schmitz e cerrou os dentes ao sentir o aço frio nos dedos.

À sua frente ergueu-se uma sombra que parecia pairar na sua direção e ia precisamente lançar o alarme com um disparo quando reconheceu a silhueta de Leonora. Baixou a pistola e esperou que ela chegasse junto de si.

Não torne a fazer isso - disse com voz sumida. - Por um triz não a cobria de chumbo. Raios, porque anda por aí em bicos de pés, Leonora?

- Não consigo dormir - respondeu em voz baixa.

- Nesse caso e perante a situação, fica-se na tenda, não se anda por aí a vaguear no escuro.

- Você também não está na tenda. O seu turno é só o terceiro.

- Tenho os meus motivos.

- Os homens escusam-se sempre com motivos, que são o seu álibi favorito. Suponhamos que também eu tenho motivos para não ficar na tenda. - Olhou à sua volta, mas a escuridão não lhe permitiu ver mais nada. - Não é Pepau que está de vigia agora?

- É.

- E onde está ele?

- Se prometer guardar silêncio, eu digo-lhe.

- Prometido. Onde está?

- A três metros à sua esquerda, no chão. Está a dormir. - Zynaker pegou no braço de Leonora e conduziu-a alguns passos na escuridão. - Posso saber os motivos do seu passeio noturno?

- Simplesmente não conseguia dormir. Só isso. E você?

- Estava a pensar no que você fará amanhã quando vierem à nossa procura e nos encontrarem mesmo. O tenente Wepper vai insistir em que entremos imediatamente para os helicópteros.

- E eu digo não, alto e bom som!

- Ele tem poderes para ordenar o nosso regresso imediato.

- Alegando o quê?

- Que a expedição começou logo com um acidente.

- Enganam-se! O senhor é que teve um acidente e o senhor não faz parte da expedição. Todos os participantes estão de boa saúde, o equipamento está salvo. Não há qualquer motivo para proibir a expedição.

- A queda do avião é mais que suficiente.

- Então o tenente Wepper que o leve a si. Eu aluguei-lhe o avião, para que nos trouxesse até aqui. O senhor nada tem a ver com a expedição, foi simplesmente um meio de transporte.

- Muito obrigado.

- Muito obrigado porquê.

- Pela designação que arranjou para me caracterizar. Sou um meio de transporte... É bom sabê-lo.

- Donald, estou só a dizer-lhe o que vou dizer ao tenente Wepper, se ele me quiser dar ordens. Bem pode lançar quantas escadas de corda quiser, nenhum de nós tocará nelas. Claro que você não é nenhum meio de transporte.

- Então o que sou?

- Um... um bom amigo. - Leonora procurara uma palavra não comprometedora. Zynaker percebeu-o através da sua hesitação. E percebeu também, através dessa hesitação que era mais do que um amigo. Foi como se uma corrente quente lhe percorresse o corpo, mas ele conseguiu mesmo assim manter-se firme junto dela, na escuridão, ouvir a sua respiração, sentir a sua proximidade e respirar o sutil aroma de um perfume suave.

Perfume, na floresta virgem da Papuásia-Nova Guiné. Uma fragrância discreta de Paris em terra inexplorada. Que natura estranha é o ser humano

- Obrigado - voltou a repetir.

- Porquê, desta vez?

- Pela demarcação de uma fronteira. Percebi, Leonora. Um bom amigo pode ser também um câniche ou um rafeiro.

- Você não é nada disso, Donald. Você é uma rã, que coxa alto mas se esconde no canavial

- Uma rã que coxa pede resposta. Porque haveria de coxar, se não fosse por isso?

- Com as rãs é como com as pessoas. Há as que coxam errado.

- Mas eu já disse tudo, Leonora. - Ele voltou a aspirar o seu perfume e a sentir a sua proximidade como uma agradável fonte de calor. Ele sabia que se agora estendesse as mãos e lhe tocasse sentiria a sua pele lisa e quente, que o corpo dela se inclinaria para o dele se a beijasse, que os braços dela lhe rodeariam a nuca e as suas mãos lhe afagariam os ombros.

- Disse que me amava

- Sim.

- Mas são só palavras.

Nesse momento, ele agarrou-a e arrebatou-a para os seus braços, tão bruscamente que a devia ter magoado, mas foi como uma explosão dentro dele. Tinha os braços enlaçados em torno das costas dela e sentia-lhe as mãos rodear-lhe a nuca. Foi então que se beijaram e se transformaram em ânsia de fusão.

Mais tarde, na tenda dela, jaziam cobertos de suor sobre os cobertores e fumavam um cigarro. Os seus corpos tocavam-se, sentiam-se estremecer e a felicidade remetia-os ao silêncio.

- Daqui em diante, as coisas só se podem complicar - disse Zynaker de repente.

- Não fales nisso, agora não querido.

- A tua expedição é uma loucura.

- É o que todos dizem e eu também acho.

- Mesmo assim, vais em frente?

- Jurei a mim mesma procurar o meu pai, ou o que dele resta. E vou cumprir esse juramento. Tornou-se naquilo que dá sentido à minha vida.

- Mesmo agora?

- Não me compreendes, Donald?

- Queres que te segure nos meus braços, sabendo que amanhã, depois de amanhã, dentro de uma semana ou de um mês tudo acabará debaixo das setas envenenadas dos Papuas? Queres que seja testemunha da tua morte? Meu Deus, será que isso não te apavora?

- Certamente que sim. Mas agora tu estás do meu lado e eu sinto-me mais confiante, muito mais confiante.

- Deixa, que eles próprios hão-de notar.

Pouco tempo antes de acabar o turno de vigia, Zynaker voltou a vestir-se e deixou a tenda. Schmitz continuava no seu saco, a dormir. Sacudiu-o para acordar. O jovem soltou um gemido surdo e agrediu o ar à sua volta. Depois acordou totalmente e levantou-se de um salto.

- Raios, estive mesmo a dormir!

- E de que maneira!

- Oh, desculpe. - Schmitz penteou para trás os cabelos avermelhados. - Que vergonha, Donald.

- Não há razão para tal, Pepau. Ninguém sabe. - Numa das tendas, ouviu-se o interruptor de uma lanterna de bolso e o foco mortíco oscilou à transparência. - Ah, vêm render-te. Quem é a seguir?

- Penso que é Reissner.

- Lá vem ele.

Reissner saiu da tenda e avançou de lanterna na mão, iluminando o caminho à sua frente, e finalmente também Zynaker e Schmitz.

- Obrigado - disse Zynaker com ironia. - Assim faz de nós um alvo infalível.

- Oh, merda! - Reissner virou o foco para o chão outra vez. - Temos sentinela reforçada?

- Estou aqui por acaso - disse Zynaker.

- Enganou-se no caminho, foi? - Reissner desatou a rir, fazendo dançar o foco na direção da pilha de troncos.

- Pare com isso! - disse Zynaker em tom severo. - Apague lá a porcaria da lanterna. Pepau, pode ir. Vá deitar-se.

- Ai, ai, ai, parece que temos nas redondezas quem nos dê ordens!

- Eu conheço a floresta, você não.

- Engana-se. Já passei a noite no Amazonas em cabanas montadas nas árvores.

- É uma diferença como entre o Grande Hotel e o sótão da casa, mas em ambos se pode dormir bem.

- Então, vou-me - atalhou Schmitz, e regressou à sua tenda às apalpadelas no meio da escuridão.

Reissner voltou a acender a lanterna.

- Onde é que o rapaz pôs a minha pistola?

- Está aí ao pé de si, em cima do cobertor.

- Ouviu-se algo de suspeito?

- Não. Nem sequer um traque de macaco.

- Assim é que eu gosto de si, Donald. - Reissner voltou a rir: - A propósito, será que os macacos também dão traques?

- Já que são primatas como nós, também devem ser capazes. Mas ainda não ouvi nenhum. - Zynaker voltou as costas. - Dentro de duas horas, Kreijsman vem substituí-lo.

- Eu sei. Boa noite, Napoleão...

Zynaker entrou na sua tenda e enfiou-se no saco de campanha, mas não conseguia dormir. Pensava em Leonora, naquela hora fugaz de felicidade, nos braços dela e na louca

sensação de com ela constituir um só corpo. O medo dos próximos dias voltou a apoderar-se dele e sentiu-se como que paralisado de preocupação por Leonora. Deixou-se ficar acordado por longo tempo, de olhos fixos no teto de lona, ansioso pelo raiar da manhã, a manhã em que porventura se iria decidir o destino de todos eles.

Foi o padre Lucius quem fez o último turno de vigia, revezando Zynaker, que depois de um curto sono agitado tinha substituído Kreijsman.

- Nada - comentou Kreijsman ao ser rendido. – Parece que somos realmente os únicos seres humanos aqui. Faz bem sabê-lo.

Zynaker evitou contrariar-lhe o prognóstico.

Samuel, que se encontrava deitado no chão, de guarda à tenda de Leonora, tinha sussurrado para Zynaker quando este a deixara:

- Há homens por aí.

- Onde?

- Na floresta.

- Não ouço nada.

- De tempos a tempos, soltam um grito a imitar as aves, para indicar a sua posição.

- Tens a certeza absoluta?

- Sou o melhor batedor da minha tribo. Ouço e cheiro tudo, “Masta”. E digo: eles estão ali.

O padre aproximou o relógio de pulso dos olhos e leu os números fosforescentes.

- Falta cerca de uma hora para nascer o dia, Donald. Vai ser um tempo crítico, se nós... não formos os únicos nas redondezas. Com os primeiros raios de sol, sai-se para a caça, aos animais ou aos homens, isso aqui é indiferente.

- Então, prepare já a sua bombinha de artifício, padre. - Zynaker deu-lhe uma palmada no ombro. - Afinal, consigo é também Deus que desperta.

- Pode ter confiança, apesar do seu cinismo.

No caminho de volta à tenda, Zynaker ponderou se iria ter com Leonora, mas depois achou mais conveniente regressar à sua tenda. O dia que se aproximava ia ser duro... Tinha decidido vasculhar os destroços do avião e trazer para terra tudo o que pudesse ser de utilidade.

Seria a primeira aldeia fundada numa terra desconhecida. Paredes de alumínio e material sintético, mobiliada com os assentos almofadados da carlinga, os tapetes, o nicho da cozinha, o frigorífico - só constituía ainda problema a quantidade de eletricidade que se poderia produzir. Seria possível converter um motor de avião num gerador?

O padre Lucius parecia mesmo confiar em Deus. Sentou-se numa das cadeiras desdobráveis de Leonora, pousou a cabeça nas mãos e adormeceu no espaço de um quarto de hora.

Acordou só porque se fizera dia à sua volta, deu um estremeção, viu-se envolto num nevoeiro que se elevava do rio em direção às vertentes, voltou-se, com uma sensação estranha na nuca, para enfrentar a barreira verde da floresta virgem.

Com um susto descomunal, ficou espedado perante o quadro que se lhe deparou.

Acocorados sobre os troncos descoloridos das árvores mortas, alinhavam-se vultos quase negros, pelo menos uma centena deles. Conservavam-se aí aninhados e mudos, a olhar para o acampamento. Os seus rostos estavam pintados de amarelo a toda a volta, o pescoço de vermelho brilhante, com vários colares de conchas pendurados, amuletos de presas de javali, corseletes de osso. Tinham cocares de penas multicolores, arrançadas artisticamente e de forma bizarra. Muitos tinham o nariz perfurado e trespassado por ossos finos e à volta das ancas adejava uma tanga de folhagem longa e lanceolada, presa por um cinto colorido de ráfia habilmente entretecida. Destes cintos pendiam troféus, sob a forma de ossos maiores, e em torno da barriga das pernas e dos antebraços traziam afivelados punhos de uma espécie de couro, em parte cobertos de pintura vermelha ou amarela.

O padre ficou petrificado. Nem sequer lhe passou pela cabeça usar a sua bombinha de artifício - imóvel, ficou de olhos pregados nos selvagens, igualmente hirtos, e tinha uma certeza: os ossos maiores eram de seres humanos e os punhos de couro eram de pele curtida, também de pessoas. “Meu Deus, agora chegou a Tua hora”, murmurou para si mesmo. “Nas Tuas mãos deposito as nossas vidas.”

Reissner foi o primeiro a acordar na tenda, a meter a cabeça pela abertura da entrada, a ver os papuas todos pintados e enfeitados em cima dos troncos de árvores mortas e a meter-se logo para dentro no mesmo instante.

- Oh, merda! - gemeu ele, debruçando-se sobre Kreijsman e abanando-o para o acordar. - Fred, acorde! Como se pode dormir assim, nesta situação! Fred, eles estão aí! Estão todos empoleirados nos troncos como galinhas enormes!

- O quê - Kreijsman deu um salto como se lhe tivessem dado uma alfinetada no traseiro. Fixou Reissner nos olhos, de sobrolho franzido e confuso, por ainda não compreender o que se estava a passar. - Que está para aí a dizer?

- Os caçadores das nossas cabeças estão à espera.

- Onde está Leonora, onde estão os outros?

- Ainda dormem. Fui o primeiro a espreitar a luz do dia.

- E o padre Lucius, não está de sentinela?

- Deve estar de joelhos, a rezar - disse Reissner com voz subitamente sumida. “Não, não tens medo nenhum, John Hannibal. Tens uma automática. Onde está ela? Está ao pé do padre e não lhe podes chegar agora. Oh, merda, merda! Nada de pânico, ouves? Tudo menos isso! Não tens medo nenhum. Tens de sair da tenda agora mesmo, ir ter com Leonora, do outro lado, e fazer de conta que não há aí selvagens. Diabos, porque é que o padre não deu o alarme? Está ali sentado num caixote cheio de fogo-de-artifício e não faz nada.” Reissner levantou-se e deu um passo para a saída da tenda.

Kreijman, que ainda se encontrava dentro do saco de dormir, deteve-o, agarrando-o pelas calças.

- Onde é que vai?

- Sair, ter com Leonora.

- Quer que o matem?

- Agora ou daqui a dez minutos, que diferença faz? Vem também?

Kreijtsman acenou com a cabeça. Levantou-se com esforço, vestiu as calças, passou a mão pelo queixo mal barbeado, apartou as badanas da entrada, viu os papuas todos pintados de meter medo e recuou, como antes acontecera com Reissner.

- Não borre as calças! - disse Reissner, em tom grosseiro. - Quem anda à procura de diamantes, deve estar preparado para alguns percalços.

- Porque é que o padre não se mexe?

- Eu é que sei? Talvez já esteja crivado de setas, e a minha pistola automática está perto dele. Essa é que é a trampa. Se a tivesse aqui, podia disparar uns tiros, logo que desfechassem a primeira seta. Só me pergunto uma coisa: de que é que os tipos estão à espera? Porque não atacam? Mais fácil do que matar-nos a dormir nunca mais vão conseguir na vida deles. - Reissner levantou o pano da entrada.

Kreijtsman abriu os dedos esticados, como se tivesse tocado em algo pegajoso.

- Você quer mesmo ir lá fora?

- Se aqueles tipos ainda não têm a certeza se nós somos deuses ou homens, eu já lhes mostro. Vou dar-lhes um espetáculo de divindade de que nunca mais se esquecerão.

- Que vai fazer, John Hannibal?

- Primeiro, quero a minha pistola. Quando a tiver na mão, vou sentir-me melhor. Depois logo se vê. - Saiu da tenda, não olhou sequer para os papuas empoleirados nos troncos e dirigiu-se com toda a calma, como se estivesse sozinho, para o local onde Leonora tinha levantado a cozinha. Aí, viu o padre de pé, imóvel, junto dos candeeiros, com a pistola a seus pés.

... e a mulher de Lot maravilhou-se ao olhar as colunas de sal - disse Reissner. - Santo homem, porque não nos avisou?

- Quero evitar tudo o que possa assustar os selvagens - respondeu o padre.

- Há quanto tempo estão ali de cócoras? Apareceram de repente?

- Não sei. - O seu tom era de lamento.

Reissner olhou-o espantado.

- Você não notou nada?

- Não.

- Foram assim tão silenciosos?

- Eu... estava a dormir.

- E porque não? - desfechou Reissner em tom de troça. - O bom Deus certamente que o revezou na guarda.

- O seu sarcasmo não resolve nada. Temos de fazer alguma coisa.

- Nisso tem razão. - Reissner baixou-se e pegou na pistola.

O padre acenou desesperado com a mão direita:

- Por amor de Deus, não dispare, John Hannibal! Os mortos nunca contribuíram para um bom entendimento.

- Só dispare se os caras-amarelas começarem primeiro. Mas uma pergunta: para que tem você no bolso a bombinha de rabeir? Se a lançar agora, os pintadinhos caem dos troncos abaixo. - Estendeu a mão para o padre: - Dê cá a bombinha! Em dois minutos transformamo-nos em deuses.

O sacerdote meteu a mão ao bolso, hesitante, tirou de lá o cartuchozinho azul atado com um cordel e com o rastilho à mostra e passou-o para a mão de Reissner. Este pescou com os dedos o isqueiro a gás que trazia no bolso e pendurou a pistola no fio de couro que tinha ao pescoço.

- E que faz então, se eles reagirem precisamente às avessas e atacarem? - perguntou o padre, abafando a voz.

- Então, primeiro tivemos azar e segundo eles só se aproximam quando eu tiver esvaziado o carregador. O que lhes vai custar uma chusma de guerreiros. - Reissner fez saltar a tampa do isqueiro, a chamazinha tremeu inquieta. Só isto devia ser já para os papuas um milagre: dos dedos daquela figura pálida tinha nascido fogo.

Reissner aproximou a chama do rastilho e vergou-se tudo o que podia sobre os quadris, para o arremesso. A bombinha foi cair, a restolhar e a lançar estrelinhas, a cerca de quatro metros das árvores mortas. Os papuas empunharam de repente os escudos decorados com cores berrantes, postando-os à sua frente. Nos ares ressoou um grito, vindo de algures. Seria uma ordem de comando para os guerreiros?

O estrondo que se seguiu foi colossal. O próprio Reissner estremeceu quando a bombinha explodiu e saltou da terra.

Os papuas desapareceram - como se tivessem caído todos para trás dos troncos de árvores. Zynaker, Schmitz e Kreijsman precipitaram-se para fora das tendas, Samuel rasgou o pano de acesso à tenda de Leonora e desapareceu lá para dentro.

- Em cheio - exclamou Reissner deliciado. - Se até eu me assustei, aquilo para os selvagens deve ter sido o fim do mundo. O que é que tem mais na sua caixinha mágica, padre? Uma bombinha de rabear sibilante e em ziguezague?

Zynaker foi o primeiro a chegar junto de Lucius e Reissner.

- Vocês enlouqueceram? - gritou ele. - Querem atrair os caçadores de cabeças?

- Eles já aí estão. - Lucius passou a mão pela testa. - Talvez uma centena. Estavam sentados nos troncos mortos.

- E agora jazem por terra, lá atrás. O deus do trovão manifestou-se.

- E agora? - exclamou Zynaker.

- Ficamos à espera. - Reissner tornou a pegar na pistola. Estávamos todos de acordo que o primeiro encontro com os primitivos seria dramático. E o primeiro a agir é quem tem mais probabilidades. Geralmente...

Leonora saiu também da tenda, seguida de Samuel, que a seguia encolhido e cauteloso, olhando para todos os lados como um animal selvagem perseguido, de catana na mão. Mas que pode um facalhão de cozinha contra setas e lanças?

- Samuel diz que estamos cercados - disse Leonora com voz completamente calma. Não se lia nela qualquer sinal de medo, em contraste com Kreijsman, que beliscava a camisa e o cinto com nervosismo.

- Não é bem assim. Estavam sentados em cima das árvores mortas como galinhas no poleiro. O estrondo do trovão varreu-os num ápice lá para trás. - Reissner levantou a cabeça e levou o dedo ao gatilho da sua automática. - Atenção, que vêm visitar os deuses...

Por entre os troncos esbranquiçados ergueu-se um vulto, que a princípio parecia um arbusto ambulante coberto de penas. Só depois se começou a reconhecer no meio das penas, das cascas de árvore pintadas, de colares de conchas, de dentes em fiadas e de folhas secas lanceoladas também pintadas, um corpo humano. Descalço, com as pernas igualmente rodeadas de penas, a figura aproximou-se lenta e cautelosamente. O rosto estava todo pintado de amarelo, vermelho, branco e azul, até se tornar irreconhecível; nele só sobressaíam os olhos e os lábios, estes últimos pintados de vermelho, como se fossem uma ferida em sangue. à volta da cabeça, a figura trazia uma fita larga de entrecasca branca da qual partia, ao meio, um osso dobrado para cima. Cada passo era acompanhado do surdo matraquear dos colares de conchas enrolados à volta do pescoço do tronco e das pernas. Era mesmo difícil de reconhecer que vinha ali um ser humano.

- O feiticeiro - afirmou o padre com voz cavernosa.

- Como é que sabe?

- Só o feiticeiro podia avançar, numa situação destas. É o feiticeiro não é, Samuel?

- Sim, “Masta”. - Samuel olhou a figura com visível temor. Embora tivesse sido educado numa missão e aí trabalhado embora houvesse ajudado à missa como sacristão - a crença antiga em espíritos não pôde ser totalmente exorcismada, mesmo com Jesus, e um feiticeiro continua a ser uma entidade de eleição e misteriosa, capaz de dialogar com os espíritos.

- Fala com ele - ordenou o padre. - Pergunta-lhe o que pretende. Diz-lhe que viemos como amigos.

O feiticeiro parou diante deles a uma distância cautelosa. Ainda não sabia como se comportar com aquelas personagens pálidas e grandes, mas com Samuel era diferente. Era papua como ele, sem dúvida de uma outra tribo, mas uma criatura normal. Se ele se dava bem com aqueles seres lançadores do trovão, então não podia tratar-se de espíritos malignos. Zynaker deu um empurrão nas costas de Samuel, com o punho fechado.

- Fala! - ciciou ele.

Samuel acenou com a cabeça. Produziu, numa das línguas das terras altas do Sul, uma série de sons e depois algumas frases possuidoras de uma espantosa melodia lingüística.

O feiticeiro, que ainda se encontrava agachado, endireitou-se e só então se pôde ver o seu corpo musculoso, de um castanho profundo, também pintado com riscas amarelas e vermelhas.

A princípio, Samuel não recebeu qualquer resposta. Só os olhos negros continuavam a examinar aqueles seres estranhos.

- Ele fala numa língua diferente - disse Leonora em voz baixa. - Vamos avançar para ele, de braços estendidos e as palmas das mãos voltadas para cima! Todos os povos do mundo sabem que é um sinal de paz.

Mas não chegaram a fazê-lo. O feiticeiro começou de repente a falar com uma voz aguda e cantante. Uma espécie de bastão mágico de madeira pintada, enfeitado na metade superior com um molho de penas, apareceu de repente na sua mão. Brandia-o para um

lado e para outro, para cima e para baixo, soltando ao mesmo tempo gritos sonoros e curtos.

Reissner não resistiu a comentar:

- Padre, observe com atenção. É como você faz. Está a fazer o sinal-da-cruz. Agora é a sua vez. Está perante um colega de uma outra faculdade.

- Que quer ele, Samuel? - perguntou o sacerdote.

- Ele invoca os espíritos benignos e pede misericórdia.

- Eu não digo?! - Reissner esfregou as mãos. - Como vai responder, padre? “Hossana nas alturas”?

O padre fez precisamente como o feiticeiro: abriu a camisa, tirou o pequeno crucifixo de prata que tinha pendurado à volta do pescoço, levantou-o e fez com ele uma cruz no ar. Bastão mágico contra bastão mágico - o primeiro passo tinha sido dado.

O feiticeiro endireitou-se ainda mais. Os seus olhos faiscaram, deu algumas voltas sobre si próprio, com passinhos saltitantes, os colares de conchas chocalharam, as penas compridas e multicolores voltearam e a cabeça avançou repetidamente, com a fita da testa e o osso curvo, como um abutre ao ataque.

Reissner bateu as palmas, provocando imediatamente olhares de desaprovação por parte dos outros.

- Padre, tem que lhe dar uma réplica! - exclamou em tom de gozo. - Que pena você não ser preto, senão tinha aí um ótimo espiritual na frigideira. Com um coral, não impressionava ninguém. Gente, deste modo a situação fica crítica. Aqui, as expectativas são muito elevadas, relativamente a nós.

O feiticeiro parou de repente e soltou alguns sons. Samuel acenou com a cabeça e traduziu:

- Diz que se chama Duka Hamana.

Lucius avançou um passo e apontou o peito com a mão:

- Eu sou o padre Lucius - disse, pronunciando devagar e com ênfase. - E tu és Duka Hamana. - Agora apontava para o feiticeiro. Depois avançou mais para ele, mostrou-lhe uma pequena moeda de prata que tirou do bolso, volteou-a entre o polegar e o indicador, puxou pelo nariz de Hamana e de repente choveram dez moedas iguais das narinas do feiticeiro. Um truque de ilusionismo com barbas, que teve sobre Duka Hamana um efeito inimaginável.

O feiticeiro deu três saltos para trás, pôs a mão no nariz e puxou, mas desta vez nada saiu. Decepcionado, observou a mão, sacudiu-a e depois fixou o padre.

- Do nariz - comentou Reissner com voz agastada. - Padre, você devia era tê-lo feito cagar dinheiro. Assim ele passava os dias de cócoras e não nos chateava.

- Você tem cá uma língua de palmo, John Hannibal... - atalhou Zynaker, e deitou os olhos para os esqueletos das árvores, mas não aparecera mais nenhum papua. Estavam à espera de ver o que o seu feiticeiro fazia com os espíritos estranhos. - Na realidade, não lhe cabe lá sequer um feijão.

O feiticeiro curvou-se, depositou o seu bastão coberto de penas no chão e afastou-se dele dois passos. Um gesto inequívoco. Submeto-me ao poder dos espíritos benignos.

O padre Lucius compreendeu-o logo, mas não estava pelos ajustes quanto a estender no chão a cruz que trazia ao peito. Mas tinha de fazer qualquer coisa, para responder com um presente ao presente do feiticeiro.

- Pepau - disse pausadamente - tem coragem de ir à minha tenda buscar a caixinha mágica?

- Porque não?

- Está a ser observado por duzentos olhos. A sua retirada poderia ser entendida como um movimento hostil. Além disso, tem de passar por trás do feiticeiro, o que não lhe vai agradar, suponho eu.

- Vou tentar, padre. Afinal, sem os seus truques de ilusionismo estamos perdidos. - Schmitz deitou um olhar ao feiticeiro, que estava expectante, separou-se do grupo e regressou lentamente à tenda do padre Lucius. Quando desapareceu pela fenda da entrada, todos respiraram de alívio.

Na orla da floresta nada bulia, além do rumorejar do rio, não se ouvia um som.

Pouco tempo depois, Schmitz voltou a sair da tenda. Trazia ao ombro a caixa do padre e regressou para o meio com a mesma calma. Aí chegado, pôs a caixa no chão aos pés do padre, abriu a tampa e ensaiou um sorriso disfarçado.

- Missão cumprida! Agora é a sua vez, padre.

O padre baixou-se, esgravatou no meio das coisas mais invisíveis e tirou uma cartola vermelha que enfiou na cabeça. Reissner ficou a olhar para ele, perplexo.

- As penas de aves-do-paraíso de Duka Hamana são mais bonitas - sussurrou ele. - Com uma cartola de Carval dessas não consegue impressionar ninguém.

- Espere para ver. - O padre deu um passo na direção do feiticeiro, tirou a cartola da cabeça e mostrou-lha de novo para que ele pudesse olhar o interior. Não havia nada. Depois aproximou-a novamente de si, disse umas palavras em voz alta, coisas sem sentido como “Rabanamana, Sulassimum, Botabu”, meteu a mão dentro da chapeleta e tirou um ramo de flores de um brilho maravilhoso.

O efeito foi esmagador, quando lançou o ramo aos pés do feiticeiro e depois tirou um segundo, um terceiro, um quarto, um quinto, um sexto, e igualmente os lançou aos pés. Tratava-se também de um truque velhíssimo, mas uma criatura que do nada pode tirar seis maravilhosos ramos de flores só pode ser um ente extraterreno.

Duka Hamana pegou um dos ramos e o milagre ganhou mais força. Flores que não são feitas do material de que as flores são feitas. Flores de tato estranho, cujas folhas não rasgavam, cujos botões não podiam ser esmagados entre os dedos, flores de um outro mundo, do reino dos deuses. Flores que nunca murchavam...

Duka Hamana baixou-se, levantou do solo o seu bastão mágico e iniciou o regresso ao aterro das árvores mortas sempre curvado, recuando, nunca deixando de olhar de frente para os deuses. Levou consigo um dos ramos de flores artificiais, como prova de que não são deste mundo.

Com uma última frase longa, o feiticeiro desapareceu numa fenda entre os esqueletos das árvores.

Kreijnsman respirou fundo e audível e também Leonora de mãos trêmulas, passou os dedos pelo cabelo.

- Isto é capaz de nos ter salvo a vida - balbuciou. - O meu pai nunca deve ter pensado numa coisa destas, se não teria feito um curso de ilusionismo e ainda hoje viveria.

- Vamos esperar para ver. - O padre voltou a colocar a cartola na caixa. - De qualquer forma, ganhamos tempo, o contacto com os selvagens está feito e deixamos o elemento mais importante da tribo de cara à banda. Podemos agora esperar calmamente e ver o que se segue. De uma coisa temos a certeza: eles não nos querem matar, senão já o tinham feito há muito tempo.

- Então vamos ficar aqui à espera, sem fazer nada? - Reissner voltou a pendurar ao peito a sua automática.

- Pelo contrário. - Zynaker apontou para os destroços do avião no rio. - Vamos fazer aquilo que tínhamos combinado, como se não existissem papuas.

- Você tem cá uns nervos! - disse Kreijnsman, com voz surda.

- Todos os teremos! - Zynaker deu meia volta, para meter mãos à obra. - Temos de dismantelar os destroços e trazer para terra tudo o que pudermos utilizar. Das paredes laterais e das asas podemos montar cabanas sólidas, com as rodas podemos construir carretas, os assentos transformam-se em poltronas... Gente, vamos construir aqui um bairro de luxo! - Ergueu os olhos para o céu ainda carregado de colunas de nevoeiro, por detrás das quais se adivinhava com dificuldade o Sol. Tinha chegado o calor, a floresta transpirava, libertando-se da umidade noturna. - Também pode acontecer que em breve nos sobrevoe um helicóptero. Há muito que devem der dado o alarme em Kopago e Port Moresby, pois não regressei. Hão-de vir à nossa procura. - Olhou para os outros, um por um, e todos sabiam o que ia dizer a seguir. - Quem quiser ser salvo, pode fazer-se guindar para o helicóptero. - Pronunciou a palavra “salvo” como se fosse um anátema. - Cada um é livre de fazer o que quiser.

- Pois bem - interveio Reissner. - Vamos à votação, já que tem de ser! Portanto, pressupondo que o helicóptero nos encontra, você primeiro, Zynaker: o que decide?

- Fico com Leonora.

- E você, Leonora?

- Claro que fico. Que pergunta!

- Pepau?

Schmitz fez um gesto de rejeição com o braço.

- Sinto-me um parvo a ter de responder. E você, John Hannibal?

- Acha-me capaz de desertar? Fred, e você?

- Dei a minha palavra a Leonora.

- Verifico - disse Reissner em voz alta - que decidimos todos por unanimidade brincar aos heróis. Então, se ouvirmos um helicóptero, desaparecemos do mapa! Moita! Nem um sinal! É isso?

- Sim! - respondeu Zynaker, elevando a voz. - E agora vamos acabar com o paleio, e ao trabalho! Como fizemos de noite: fica sempre um de guarda aqui e é rendido de duas em duas horas. Alguém se opõe?

- Os papuas! - Reissner apontou para os esqueletos das árvores. - Nova visita. Devíamos arranjar um livro de visitantes.

Pela mesma fenda do aterro por onde desaparecera o feiticeiro saiu agora uma outra figura. Em contraste com Duka Hamana, não estava enfeitado de penas e colares até se tornar irreconhecível. Era uma figura musculosa, de um castanho-escuro. Trazia só amarrada uma tanga de folhas e um colar de dentes de cerdo ao pescoço, enquanto a cabeça, de cabelo encaracolado, era adornada por uma espécie de chapéu feito de entrecasca de árvore onde oscilavam três molhos de penas de aves-do-paráiso. O rosto estava totalmente coberto de uma tinta amarela e da cânula do nariz até à raiz do cabelo estendia-se um grosso risco vermelho que dividia a cara em duas metades. Aquilo que, porém, mais chamava a atenção eram os enfeites que ostentava por cima da tanga, num atilho grosso de entrecasca entrançada. Kreijsman engoliu em seco várias vezes e até Reissner perdeu a sua língua destravada, limitando-se a fungar de repulsa. À volta das ancas, penduradas no cinto de entrecasca e atadas pelos cabelos, baloiçavam cabeças humanas do tamanho de um punho fechado. Apesar de preparadas e reduzidas podiam-se reconhecer distintamente a testa, as órbitas, o nariz, a boca e as pregas do pescoço decapitado atadas em baixo.

O único a quem esta visão não fez arrepiar até aos ossos foi Samuel. Pelo contrário, dava a impressão de, inversamente aos brancos, respirar de alívio.

- Vai dar-me uma coisa - sussurrou Kreijsman.

- Cale a boca - resmungou Reissner.

- Dê-se por feliz por não ser a sua.

- Acho que vou vomitar.

- Os deuses não vomitam. Não nos vá arranjar merda Fred, vire a cara, se não tem estômago para olhar.

Samuel olhou radiante para Leonora, que estava atrás dele.

- Veio o chefe em pessoa, “Massa”. É uma grande honra que nos faz.

- E o que se vai ver. - Zynaker aproximou-se de Leonora e pôs-se à sua frente como escudo.

O chefe parou a cinco passos diante deles, abriu as pernas e observou os deuses sem receio. A seguir, pronunciou em voz grave algumas palavras que Samuel logo traduziu.

- Chama-se Dai Puino e saúda-nos como amigo.

- E quer que acreditemos nele, com esse cinto para impressionar? - rezingou Reissner.

- Está falar a sério, de outro modo não teria vindo pessoalmente - atalhou Zynaker.

- Não podemos desiludi-lo.

- Claro que não. Baixem as cabecinhas e deixem-nas decepar com toda a honra.

- Para os povos que vivem junto da natureza, a hospitalidade é ainda uma questão de honra que não pode ser ofendida. - Leonora contornou Zynaker e antes que este lhe pudesse agarrar no braço já ela avançara para Dai Puino e lhe estendera a mão.

O chefe ficou especado a olhar para a mão branca, sem saber o que fazer.

- Diga-lhe - Leonora voltou-se para Samuel – que também nós viemos como amigos e como amigos saudamos Dai Puino. Vimos de uma terra longínqua para visitar a sua tribo e trazemo-lhes presentes.

Samuel traduziu. Dai Puino ouviu com toda a atenção, examinou os estranhos seres com um silencioso mas precavido interesse e levantou a mão. Apontou para as árvores mortas antes da orla da floresta e pronunciou outra vez algumas palavras.

- Quer que o acompanhem. Diz que toda a tribo nos receberá com alegria.

- Acredito de todo o coração. - Reissner sorriu para o chefe, de orelha a orelha. - Há muito que não fazem um banquete com uma carne assada tão boa. Você, Leonora, fica desde já reservada ao chefe.

- Com mil raios, você precisava é que lhe cortassem a língua e a estufassem! - vociferou Zynaker. - No espeto, por cima da fogueira, você deve dar um banquete para os olhos.

- Não devia ter dito isso, Donald. - Reissner ficou de repente muito sério. - Ainda voltamos a falar, na próxima ocasião oportuna.

- Estou à disposição. Sempre que quiser!

- Fomos convidados - disse Leonora voltando-se para os outros. - Acham que devemos ir?

- Pensava que queríamos dismantelar o avião... - atalhou Kreijsman.

- Podemos sempre fazê-lo a qualquer altura. - O padre Lucius sentou-se na sua caixinha mágica. - O mais importante agora é o contacto com os papuas. Se conquistarmos a sua confiança temos o caminho aberto para a nossa expedição. Talvez consigamos de Dai Puino qualquer informação sobre o destino de James Patrik. Se ele desapareceu aqui, como Leonora pensa, Dai Puino deve saber alguma coisa, talvez o conhecesse, talvez nos possa ajudar...

Samuel e o chefe tinham neste entretanto trocado entre si algumas frases.

Samuel gesticulou.

- Ele diz que a aldeia fica a meio dia de viagem, no meio da floresta. Pretende pôr à nossa disposição a melhor casa dos homens. Quer organizar uma festa muito grande e mandar matar sete porcos. E quer trocar presentes.

- Quer oferecer a cada um a sua cabeça reduzida. - reissner riu à socapa e olhou para Zynaker com ar provocador. - Que temos para oferecer? Colares de contas de vidro de muitas cores, soutiens para as mulheres, a palavra de Deus e uísque. Acabamos por exterminá-los! Então, qual é o veredicto?

- Vamos - disse Leonora com voz firme.

- E deixamos tudo para trás?

- Eles têm de nos arranjar carregadores.

- Explique-lhes isso você, Leonora. E logo com toda esta tralha que nós trouxemos. Eu sempre disse...

- John Hannibal, é muito simples. Nós tínhamos combinado montar uma base, a partir da qual a expedição poderia ser constantemente abastecida. - Kreijsman olhou os outros quase suplicante. - E é assim que tem de ser. Eu fico aqui e dirijo a base de apoio.

- E a sua busca dos diamantes, Fred? - interrompeu Leonora.

- Quando o acampamento de apoio mais tarde avançar para o interior, quando tivermos encontrado um posto fixo, vou ainda ter tempo de sobra para procurar e rever os meus apontamentos.

- Quer dizer: nós vamos primeiro tirar as brasas do fogo e o nosso querido Fred aparece depois para aquecer o cu nelas. - Reissner abanou a cabeça: - Ou todos ou ninguém.

Leonora tocou com o dedo no ombro de Samuel.

- Diz a Dai Puino que aceitamos o seu convite. Mas para podermos mostrar as coisas que trouxemos, precisamos de muitos amigos que as transportem aos ombros. Pergunta-lhe se ele nos pode pôr à disposição gente capaz de o fazer.

- Estou para ver - bramou Reissner.

Samuel traduziu. Dai Puino ouviu sem pestanejar e respondeu com frases rápidas. Foi uma autêntica tirada que desabou sobre Samuel, que, de vez em quando, dizia que sim com a cabeça, mas sem interromper o chefe.

Quando Dai Puino acabou, Samuel voltou-se para traduzir.

- Ele diz que tem homens suficientes para transportar as coisas todas. Pergunta se os amigos têm ainda mais milagres consigo, porque ele precisa de ajuda contra o seu irmão Hano Sepikula. Surgiu uma contenda na tribo. Hano Sepikula diz que Dai Puino é demasiado velho para continuar a ser chefe e quer substituí-lo. Metade da tribo apóia Dai Puino, a outra metade está com Hano Sepikula. Se as criaturas vindas de longe se tornarem amigos de Dai Puino, podem ajudá-lo com a magia dos deuses a vencer Hano Sepikula.

- Ah, desentendimento na família! - Zynaker reconheceu a grande oportunidade que se Lhes oferecia. - Por isso, tanta simpatia. Ele precisa de nós. Quer reforçar a chefia com a nossa ajuda. Nada nos vinha mais a calhar.

Dai Puino ficar-nos-á grato para toda a vida, se puder mostrar à sua tribo como é forte, por estarmos do lado dele.

- Também nos pode sair o tiro pela culatra - aventou Reissner.

- Não, se o padre Lucius deitar um foguinho-de-artifício e lançar uns foguetes. Temos de ter o cuidado de nos comportarmos sempre como criaturas de um outro mundo e como inatingíveis.

- Não pretendo espalhar o medo, mas o amor. - O padre abanou a cabeça, mostrando desagrado: - Vim como homem e para anunciar a palavra de Deus, assim como Jesus veio à Terra como homem para nos ensinar a verdadeira fé.

Jesus não precisou de foguetes.

- Também não vivia no meio de caçadores de cabeças e antropófagos! - Reissner passou as mãos pelo cabelo negro desganhado. - Só nos faltava esta! A missão pastoral manifesta-se no momento em que a questão é a sobrevivência nua e crua. Padre, comece por favor com a sua missão quando tivermos a certeza de que não vamos desaguar em nenhum caldeirão. A religião não nos pode fugir, mas a vida pode! Dai Puino como aliado significa um salvo-conduto para continuar a viver. Ou estou a ver mal?

- Está a ver muito bem. - Zynaker olhou para Samuel, que se encontrava à espera. - Diz ao chefe que o ajudamos se ele nos ajudar a conhecer a sua terra como amigos. E diz-lhe que pode mandar vir os homens. Vamos distribuir por cada um aquilo que deverá transportar.

Samuel voltou-se para Dai Puino e transmitiu-lhe o recado. O chefe disse que sim com a cabeça, levantou a mão direita para Leonora, mostrando-lhe a palma. O sinal da paz e da amizade.

Tinham ultrapassado com êxito o primeiro encontro com a Pré-História. Seres humanos separados por vários milênios tinham-se encontrado...

A marcha pela floresta virgem, por um caminho estreito ganho a pulso através do mato, lianas entrelaçadas, fetos gigantes e outras plantas da selva eternamente úmidas gotejantes e inextricavelmente entrecruzadas, foi lenta e esgotante. Só uma luz tênue iluminava o caminho, pois por cima dele fechavam-se novamente os ramos das árvores e a rede de trepadeiras, coando quase por completo a luz do Sol. Aqui reinava um lusco-fusco eterno, um crepúsculo opressivo, o chão era escorregadio e liso, cada passo era um chapinhar de botas, enquanto os pés descalços dos papuas nem sequer se ouviam. Caminhavam pelo Vale Sombrio como se não tocassem o chão.

Depois de ter voltado para o pé dos seus guerreiros, por detrás do paredão de árvores mortas, Dai Puino tinha feito uma espécie de discurso. Primeiro ouvira-se a sua voz alta, que parecia cantar enquanto falava, e logo a seguir um alarido de cem gargantas, que ressoava ora em crescendo ora em sussurro. A partir daí, começaram a brotar da fenda por entre os troncos homens pintados de amarelo, soltando um novo grito selvagem e brandindo no ar as suas lanças.

Eram enxames de lanças da altura de um homem, com pontas afiadas e ganchos que penetravam no corpo do inimigo, provocando ferimentos terríveis ao arrancar. Ninguém sobrevivia ao golpe dessas lanças. Depois de dilacerado o inimigo, através dos ganchos, manipulavam as facas de mato para cortar as cabeças - um homem só é homem quando ostenta no cinto uma cabeça como troféu.

Reissner tinha observado o avanço precipitado dos homens pintados de amarelo com os olhos semicerrados. Segurou a sua pistola automática frente ao peito, outra vez pronta a disparar.

- Parece que não foi assim tão convincente, padre! - disse com voz rouca, que traía uma certa dose de medo. - à primeira lança que voar, puxo no gatilho.

- É uma saudação claramente amigável. - O padre deixou o grupo, rodeou Leonora e foi ao encontro dos guerreiros.

Reissner sibilou por entre os dentes, nervoso:

- O tipo é maluco!

- Ele tem razão, John Hannibal. - Leonora voltou-se para Reissner. - Dai Puino contou às suas gentes que nós o vamos ajudar contra o seu irmão Hano Sepikula. Agora são todos nossos amigos.

- E a outra metade da tribo corta-nos aos pedaços.

- Veremos. Para começar, também para eles nós somos seres de um outro mundo.

Os homens pintados de amarelo, de tangas de folhagem e colares de ossos e conchas, circundavam agora as estranhas personagens brancas e levantavam outra vez no ar as suas temíveis lanças com um grito sonoro. Pela cara de Samuel podia imediatamente concluir-se não se tratar de alarido de guerra mas de gritaria amistosa.

Dai Puino aproximou-se de Leonora e disse-lhe algumas frases que Samuel logo traduziu.

- Diz para dar aos seus homens aquilo que eles têm de carregar. Todos terão prazer em carregar alguma coisa.

- Chegou o momento de tomarmos uma decisão. - Zynaker fixou os outros com olhos perscrutadores. - Que fazemos? Vamos com eles ou ficamos aqui?

- É claro que vamos com eles! - disse Leonora.

- E o que é que levamos conosco?

- Tudo o que trouxemos pelo rio. Com cem carregadores pode-se levar uma montanha. - Reissner fez com a mão um gesto abrangente. - Aqui não há nada que possamos dispensar. Principalmente as tendas.

- Não, "Masta". - O rosto de Samuel luzia como se tivesse sido besuntado com gordura. - Somos amigos da tribo. Vão dar-nos uma casa só para nós.

- Cheia de pulgas, percevejos e baratas? - Reissner abanou a cabeça. - Eu cá durmo na minha tenda.

- Isso é um insulto ao chefe.

- Eu ofereço-lhe um saco de dormir. Vais ver como ele entende logo a civilização. - Reissner lançou um olhar a Zynaker. - Então nós não queríamos dismantelar os destroços e construir com eles uma aldeia de luxo?

- Se a aldeia fica mesmo a meio dia de marcha, podemos cá voltar a todo o momento. Ninguém nos vai roubar o aparelho.

- Acha?

- Acho, pois. Para os selvagens, é algo intocável. Um monstro capaz de devorá-los. Caiu conosco dos céus e espera as suas vítimas. Nenhum deles vai tocar no avião.

- Portanto. - O padre Lucius pôs fim à discussão que se iniciara. - Desmontar tendas! Voltar a empacotar tudo! Samuel, diz a Dai Puino para mandar os seus homens fazerem uma fila, para Lhes pormos aos ombros a carga que cada um deverá levar. - Voltou-se para Zynaker: - Você tem experiência do peso que um homem agüenta?

- Vinte, vinte e cinco quilos. Mais vale para menos que para mais. Com este calor úmido, as coisas duplicam de peso. Se eles dizem que é meio dia de marcha, com a carga passa para um dia.

Os papuas olhavam interessados, apoiando-se nas suas lanças, enquanto as tendas eram desfeitas e dobradas, e os sacos de dormir enrolados e a “cozinha” outra vez metida nos caixotes. Aquela frente de rostos pintados de amarelo e vermelho já não infundia qualquer temor. Os guerreiros sorriam para os brancos desconhecidos e chegaram mesmo a rir quando Schmitz tropeçou num caixote e quase se estatelou. Falavam uns com os outros com grandes gestos e as suas vozes ora levantavam ora baixavam. Demorou bem mais que uma hora até tudo estar empacotado e pronto a ser transportado. O padre ficou com a caixa das magias ao pé de si e não a largava da mão. O carregador que havia de levar aos ombros teria de ir logo à sua frente. Na caixa não havia só fogo-de-artifício e truques de ilusionismo, mas também um crucifixo prateado, uma custódia dourada com uma jóia de quartzo hialino, um cálice de prata e uma caldeirinha de água benta prateada. As hóstias, guardava-as numa caixinha hermética, cromada e com a forma oval. Ainda bem que Reissner não sabia que os objetos de culto também se encontravam na caixa de magias - as suas observações impertinentes levariam o padre ao rubro.

- Pronto - disse ele. - Samuel, manda avançar os homens. Cada um carrega um caixote, um saco ou duas caixas de cartão e também um fardo de tenda por pessoa. Leonora, quanto pesa todo o seu material médico?

- Temos que distribuí-lo por quatro carregadores.

- Deus do Céu! - Reissner deitou os olhos aos caixotes com o material de saúde. Estavam assinalados nas tampas com o desenho universal: uma cruz vermelha. - O que é que leva aí dentro?

- Medicamentos e os instrumentos para qualquer intervenção de urgência, umas garrafas de oxigénio puro, um aparelho de esterilização e...

- Uma máquina pneumocárdica, uma instalação de raios xis, uma mesa de operações, um aparelho de anestesia, talvez até um aparelho de ultra-sons...

- Não lhe apeteceria gozar, se eu, por mero exemplo, tivesse de lhe amputar uma perna.

- Por que carga de água?

- Tudo é possível. Que sabemos nós dos animais desconhecidos que aqui vivem e que o podem atacar? Você não esteve na selva de Bengala? Que faria, se um tigre lhe esfacelasse uma perna até ao osso e apanhasse erisipela?

- Ganhou! - Reissner fez um riso amarelo. - Você sabe amputar?

- Sei fazer tudo. Passei anos a preparar-me para esta expedição.

Deixou Reissner ali mesmo especado e foi ter com o padre e Samuel, que tratavam com o chefe Dai Puino. Os guerreiros começaram-se a alinhar uns atrás dos outros, o que para eles era uma ordem totalmente desconhecida. Estavam habituados a marchar uns ao lado dos outros, como um cilindro aterrador de corpos e lanças e grossos escudos pintados, da altura de um homem.

- O chefe quer mandar à frente dois corredores, para nos prepararem uma recepção festiva na sua aldeia - disse o padre. - Quer que seja um grande banquete.

- Espero que não nos dêem assado de membros da tribo rival. - Leonora riu para Dai Puino. Este respondeu com os lábios protuberantes e um grunhido profundo. Lembrava o arquejar de um javali. O rosto pintado de amarelo, porém, permaneceu imóvel como uma autêntica máscara de cor.

O carregamento dos guerreiros não se revelou coisa fácil.

Eram, na verdade, e apesar da estatura pequena de constituição sólida e musculosos, mas não tinham qualquer jeito para equilibrar a carga. Constantemente lhes caíam dos ombros os caixotes ou as caixas ou então escorregavam-lhes pelas costas abaixo. Desatavam então a rir como crianças na brincadeira e puxavam mesmo a carga do da frente para ela cair, grasnando numa ladainha barulhenta.

Zynaker esteve quase a arrepanhar-se os cabelos.

- Não posso estar a ensinar cem homens, um por um como é que se carrega - gritou para o padre. - Explique ao chefe que isto aqui não é nenhum parque de diversões! Assim nunca mais partimos daqui.

Ainda foi preciso mais algum tempo até os papuas compreenderem como é que se carrega aos ombros uma caixa como se mantém o equilíbrio, como se impede de escorregar para trás. Quando toda a carga estava já distribuída, sobraram trinta e nove guerreiros sem nada para carregar. Ficaram para ali de rostos lúgubres, ofendidos. Sentiam-se despojados. Os estranhos deuses - ou lá o que eram - tinham rejeitado a sua ajuda. Estavam arredados do círculo dos bem-aventurados que gozavam o privilégio de ajudar os deuses. Na aldeia, rir-se-iam deles, as mulheres fariam chacota, as crianças persegui-los-iam aos gritos e as velhas cuspir-lhes-iam na sopa de soja.

Dai Puino reconheceu imediatamente o perigo que podia advir dos trinta e nove guerreiros negligenciados. Foi ter com Zynaker, acompanhado de Samuel, e falou com ele veementemente, fazendo muitos gestos. Os trinta e nove estavam à sua volta, de rostos tenebrosos e olhos faiscantes.

- Ele diz que estes homens também têm de carregar qualquer coisa - explicou Samuel com ar sério. Sendo ele mesmo papua das terras altas, conhecia bem o sentimento de honra da sua gente. - Se não lhes dás carga nenhuma, estás a castigá-los. Porquê? São guerreiros valentes.

- Não há mais nada para carregar, Samuel. - Zynaker encolheu os ombros. - Nos destroços ainda há coisas para levar, mas primeiro tinham de ser trazidas para aqui ou desmontadas.

- Então, fá-lo, "Masta". Todos te ajudarão.

;- Está bem. - Zynaker foi ter com Leonora e o padre estendeu os braços, sem saber que fazer. - Lamento muito, mas já não vamos chegar hoje à aldeia.

- Impossível, temos de chegar! - O padre ficou a olhar para Zynaker, perplexo. - Mas que se passa?

- Estamos com trinta e nove guerreiros ofendidos entre mãos, padre, e a coisa pode vir a reflectir-se negativamente sobre nós. Temos de ir buscar mais carga nos destroços.

- Mas isso é uma palermice! - exclamou o padre.

- Se não o fizermos, Hano Sepikula tem mais trinta e nove apoiantes que ainda por cima estão atrás de nós.

- Mas o que é que você ainda quer ir buscar? - perguntou Leonora. Podia ler claramente no rosto de Zynaker que as coisas estavam outra vez mal paradas.

- Temos lá ainda alguns caixotes com material, bidões de gasolina e petróleo, garrafas de gás propano e quatro caixas de álcool.

- Essas deixa você ficar nos destroços. - O padre olhou para os trinta e nove nativos pintados de amarelo e para Dai Puino, que falava com eles em voz alta. - É verdade que os meus irmãos espanhóis, em tempos passados, venceram os Incas e os Maias com a cruz, a espada e a aguardente, mas esse não é o meu estilo. Sempre tive desprezo pelos conquistadores. O reino de Deus não se cria exterminando os ateus. E a aguardente é o veneno que mais depressa os mata.

- Quanto tempo vai ser preciso? - perguntou Leonora.

- Pelo menos duas horas.

- Então, ao trabalho, Donald! Duas horas? Pode ser que ainda consigamos chegar à aldeia.

- Com vinte quilos de carga, pode-se fazer vinte, quando muito vinte e cinco quilómetros por dia. Mais, é impossível, principalmente por caminhos estreitos e escorregadios da floresta virgem. E à noite ninguém se move do sítio, com medo dos espíritos maus.

- Hás-de conseguir, Donald. - Tratava-o por tu pela primeira vez e só depois de o ter feito teve consciência do que podia desvendar aos outros. Olhou de soslaio para o padre, mas ele pareceu nada ter ouvido. Estava a falar com

Kreijzman, que continuava muito inquieto e não acreditava naquele ambiente de paz.

Reissner trazia agora ao pescoço duas máquinas fotográficas, além da pistola automática, e tirava fotografias a torto e a direito. Os papuas mostravam-lhe um sorriso amarelo. Aquilo que o branco estranho fazia era-lhes incompreensível. Segurava uma coisa à frente do olho direito, o olho crescia-lhe para fora da cabeça e quadruplicava de tamanho. De vez em quando o olho fazia clique - era tão divertido. Samuel traduzia para Dai Puino as instruções de Zynaker. Os carregadores voltaram a pôr a carga no chão e a apoiar-se expectantes nas suas temíveis lanças com ganchos. Os outros trinta e nove desceram para o rio e esperaram dentro de água.

Zynaker tinha agora ajudantes em abundância. Já não era necessário arrastar tudo pela corrente com tanta dificuldade, sempre em perigo de escorregar e de cair no rio, que então rebentava as caixas e caixotes contra os pedregulhos polidos e Lhes engolia o conteúdo. Os carregadores formaram uma corrente humana dos destroços até à margem e a bagagem foi passada de mão em mão até à praia, onde, o padre, Schmitz, Kreijzman e Samuel a recebiam.

Reissner fotografava. Sabia que eram imagens que um dia o fariam mundialmente famoso. John Hannibal Reissner, um dos melhores fotógrafos do mundo. Tinha agora trinta e um anos. Quando tivesse trinta e cinco, poderia já comprar uma vivenda em Palm

Beach - era o seu sonho. Uma vivenda ao pé do mar, um barco a motor e a rapariga mais bonita das redondezas. Afinal, só se vive uma vez...

A última peça a ser transportada pela fila dos indígenas foi uma cadeira do avião.

Reissner baixou a máquina fotográfica e voltou-se para Leonora.

- Parece que apanhou sol na moleirinha. O que é que ele vai fazer com a cadeira?

- Não sei.

- Também vai ser carregado às costas, para a aldeia?

- Pergunte-lhe você mesmo, John Hannibal.

- Pode ter a certeza de que o faço, Leonora. Primeiro quer dar-nos ordens a todos, agora parece que delira!

Os papuas voltaram do rio e postaram-se todos à volta das peças trazidas, como se temessem que lhas voltassem a tirar. Zynaker, que foi o último a chegar, deu de caras com Reissner a tirar-lhe a fotografia com todo o sensacionalismo.

- Este vai ser o retrato de um louco-varrido! - exclamou Reissner. - Também vai levar a cadeira do avião?

- Vou!

- Não terá os parafusos a abanar?

- Espere para ver, John Hannibal. - Zynaker chegou a terra e sacudi-se como um cão molhado. - Aquilo que lhe falta é imaginação. Esta cadeira de avião é talvez a coisa mais importante que carregamos conosco.

- Explique lá.

- Mais tarde. - Zynaker olhou para o relógio. - Uma hora e meia certinhas. Ainda vamos conseguir chegar antes da noite.

- Se as informações de Dai Puino corresponderem à verdade. Não esqueça que para cá eles vieram aos saltinhos, de mãos a abanar, mas com vinte quilos no lombo já não é tão rápido.

- Conseguiremos - disse Zynaker ao chegar junto de Leonora e do padre. - Vamos distribuir ao longo da fila, ou todos juntos à frente ou atrás?

- O padre e eu vamos à cabeça, com Dai Puino. - Leonora observou de novo a fila dos guerreiros pintados de amarelo, com as respectivas cargas à frente. - Schmitz e Kreijsman vão ao meio, Reissner e Zynaker no fim. - Falou em voz tão neutral quanto possível, como se transmitisse uma ordem num acampamento militar.

Zynaker protestou.

- E logo com Reissner? Daqui até chegarmos à aldeia, ainda vamos andar ao sopapo.

- Com mil diabos, vocês não são nenhuma criança! - O padre fitou Zynaker com ar severo. - Quando Reissner se puser a mandar vir, faça orelhas moucas, Donald.

- Tudo bem, até certos limites.

- Mesmo que me ache chato, Donald, também não resisto a perguntar: que vai fazer com a cadeira do avião? Não haveria nos destroços algo que valesse mais a pena?

- Não.

O padre virou-se para Leonora.

- Você entende?

- Ainda não. Mas se Donald não nos quiser dizer nada, acho que não vai mesmo dizer. Pois que seja surpresa.

- Isso mesmo - respondeu Zynaker. - Mas esta cadeira de avião poderá vir até a garantir as nossas vidas.

- Talvez a tenha adaptado como assento de ejeção! - ironizou Lucius, irritado.

Zynaker encolheu maliciosamente os ombros, deu meia volta e percorreu a longa fila de papuas. Samuel e Dai Pui encontravam-se lá, à espera de um sinal.

- Já podemos - disse Zynaker a Samuel. Percorreu com os olhos os homens pintados de amarelo e deu pela falta do feiticeiro. - Onde está Duka Hamana, Samuel?

- Já partiu, "Masta"!

- Para a aldeia? Sozinho? - Zynaker franziu a testa. - Não me está a agradecer nada.

- Foi anunciar a nossa chegada, "Masta".

- Ou acicatar os outros contra nós. Ele foi vencido pelo padre Lucius e nunca lhe vai perdoar.

- Conosco Dai Puino é mais forte que todas as outras tribos. A notícia vai correr os quatro ventos. Não haverá mais guerras enquanto nós cá estivermos, "Masta". Ninguém vai mais raptar mulheres e caçar cabeças.

- Esperemos que sim, Samuel. - Zynaker fez sinal aos guerreiros que esperavam: - Diz-lhes para pegarem outra vez nas cargas.

Samuel abriu as pernas tortas, esticou-se todo e gritou em voz de comando. Os papuas equilibraram os caixotes, as caixas e os fardos, sobre os ombros. O homem que tinha o privilégio de carregar a cadeira sentia-se especialmente orgulhoso. Embora fosse difícil transportá-la aos ombros, nuca e cabeça, o seu rosto pintado de amarelo e vermelho ostentava um sorriso de orelha a orelha. Os outros papuas observavam-no com inveja. O carregador da cadeira era o melhor guerreiro da tribo. Sobre a porta da sua cabana, pendiam nove cabeças...

A longa coluna tomou forma. à cabeça, o padre e Leonora com Dai Puino, ao meio Kreijsman e Schmitz, atrás

Zynaker e Reissner. Samuel ia alguns metros à frente da coluna.

Zynaker e Reissner, que caminhavam lado a lado sem uma palavra, desapareceram pelo caminho aberto por mão humana na floresta virgem, um caminho semelhante a um túnel verde, eternamente úmido e escorregadio. À sua frente, fechando a coluna de carregadores, caminhava o grande guerreiro, enterrado na cadeira até à barriga das pernas. As mãos seguravam com força a parte do encosto que ele pusera à cabeça. Mal tinham feito umas centenas de metros, já se podia ouvir o seu arfar, e ainda com meio dia de marcha pela frente.

- Para dizer a verdade, quem devia carregar a cadeira era você - disse Reissner que não se conseguiu conter. - O tipo não vai agüentar até ao fim. Se vocês os dois a carregassem a meias...

- Era ferir a sua honra de guerreiro. Mesmo que morra depois de chegar... ele vai carregá-la até à aldeia. Tirou-lhe uma fotografia?

- O que é que você acha? Fotos são documentos! Sem preço. Se eu contar e não provar com imagens, ninguém acredita. Uma expedição ao desconhecido com uma cadeira! Vai entrar no Guinnessbook dos recordes, como cúmulo da estupidez.

- Espere para ver, John Hannibal. - Zynaker não ficou nada irritado com esta nova investida. - Ainda vai fotografar a cadeira muito mais vezes.

Tudo isto se passou há já quatro horas. Neste momento, a coluna ajoujada continuava a percorrer o túnel verde de ramos de árvores, emaranhado de lianas, fetos gigantes e arbustos entrelaçados, agora mais lentamente que no início da caminhada, envolvida nos gemidos e no arfar contido de cem dos seus membros. De hora para hora, as cargas tornavam-se mais pesadas, as pernas mais trôpegas, as costas mais arqueadas, a respiração mais ofegante, mas ninguém saía da fila para se sentar em cima da carga e tentar retemperar as forças. Aqueles guerreiros pequenos de tez castanho-escura, tenazes e obedientes, continuavam a fazer ouvir o tapetape dos seus pés descalços. À cabeça caminhava o seu chefe e, a não ser que este levantasse a mão assinalando o descanso, eles tinham de continuar a arquejar, de olhos cerrados, cobertos de um suor que lhes ardia na pele por debaixo das tintas.

Ao fim de quatro horas, a frente parou. Como uma onda, a interrupção percorreu a fila até chegar a Reissner. O valente papua que caminhava à sua frente deixou o assento do avião escorregar dos ombros, caiu sobre os joelhos e deixou-se simplesmente tombar para o lado, no chão.

- Até que enfim! - exclamou Reissner, de garganta totalmente seca. - Tenho as pernas bambas como gelatina. Nunca em toda a minha vida tive de marchar quatro horas seguidas. Ainda por cima, a atravessar uma floresta virgem! Permita que me sente no seu maldito cadeirão a descansar?

- Com que então já serve para alguma coisa. Mas acomode-se, faça o favor. - Zynaker esboçou um sorriso de gozo. - A hospedeira vem já servir-lhe uma bebida fresca. Mas não lhe dê palmadinhas no rabo...

Reissner sentou-se no cadeirão, estirou as pernas ao comprido e não conseguiu fôlego para a resposta. Zynaker deixou-o sozinho, avançou por cima dos guerreiros papuas sentados no chão e dos volumes de carga atirados para o lado, até passar por Kreijsman e Schmitz. Também eles jaziam por terra como se tivessem sido deitados fora.

- É uma brutalidade - tartamudeou Kreijsman. Os olhos estavam escavados e apáticos. - Quanto tempo é que isto vai continuar assim?

- Tem de perguntar ao chefe, Fred.

- Nunca mais chegamos hoje à aldeia, quer apostar?

- Temos de chegar! Nenhum papua passa a noite ao ar livre. Por causa dos espíritos malignos.

- Já o ouvi dizer dez vezes.

- E, apesar disso, não acredita.

- Quantos quilômetros já fizemos?

- Não faço a mínima idéia. É difícil calcular com este ritmo lento.

Zynaker continuou a avançar por cima da gente e da bagagem até chegar ao topo da coluna. Também Leonora e o padre estavam sentados no chão, esfalfados, cheios de caixotes e caixas à sua volta, que formavam uma espécie de muralha. Dai Puino e Samuel acomodaram-se sobre um fardo de tenda.

- Não sei o que vai acontecer, se a noite cair - disse Zynaker, indo aninhar-se ao pé de Leonora. O cansaço apoderara-se do rosto dela, agora pálido e crispado. O padre jazia de olhos fechados, como se estivesse em coma.

- Parece que Dai Puino também se preocupa com isso. - A voz de Leonora era também distorcida, como se o som proviesse de uma garganta fendida. - Mandou três batedores à frente, a buscar reforços.

- A que distância estamos ainda da aldeia?

- Não sei. Com as indicações de Dai Puino, ainda fico mais baralhado. Acho que fizemos metade do caminho.

- Nunca conseguiremos fazer a outra metade! Para mim, é mais que certo. Quando virem que a noite está a cair, atiram tudo para o chão e desatam a fugir. Aí, não há honra que os detenha.

O padre pareceu acordar do coma em que estava mergulhado. Levantou a cabeça e apoiou-se nos cotovelos.

- Talvez hoje seja diferente - disse ele.

- Porquê?

- Porque nós estamos com eles. Nós, os deuses benignos.

- Eu cá não me fiava muito nisso. Aos olhos deles, quem tem mais força, os espíritos da noite ou nós?

- Nós.

- Tem de o provar primeiro.

- É o que farei.

- Como?

- Com uma simples lanterna de bolso. Quando escurecer, acendo-a. Para estes seres primitivos é como se eu segurasse o Sol na mão. E quando acendermos um dos nossos projetores a bateria, então afugentamos todos os espíritos da noite, por muito malignos que sejam.

- E atraímos cobras, aranhas venenosas, escorpiões e outra bicharada do gênero. Acho preferível chegar à aldeia e não usar passes de mágica. Se vierem mesmo mais carregadores ao nosso encontro, ainda conseguimos.

- Chegaremos lá quase mortos.

- Esse quase ainda dá para sobrevivermos.

- Vou ficar a dormir dois dias e duas noites – disse Leonora. O cansaço e a tensão pareciam aniquilá-la. - Não sei se conseguirei voltar a pôr-me de pé. Queria ficar aqui deitada.

- Eu levo-te aos ombros.

- E quem é que me leva a mim? - O padre deixou-se sucumbir outra vez. - Como é que você consegue estar tão despudoradamente fresco, Donald?

- Não estou mesmo nada. É só fachada.
- E Reissner, como é que está?
- Sentado na minha cadeira do avião, à espera da hospedeira.

Estavam demasiado esgotados para rirem. Torceram só a boca. Samuel aproximou-se e acocorou-se à frente deles.

- Dai Puino diz que em breve chegam mais guerreiros. - O seu rosto luzia outra vez como se tivesse sido esfregado com toucinho. - Depois pomo-nos na aldeia num instante.

- Se bem estou a entender, a aldeia não pode ficar assim tão longe - comentou o padre. - Que será que lá nos espera?

- Um grande banquete, isso de certeza.

- Deus queira que não sejamos nós a carne para assar.

- Nós somos amigos, para sempre - disse Samuel solenemente. - Dai Puino diz que se nós vencermos o seu irmão Hano Sepikula...

- Se... É disso que depende! Se...

- Vamos esperar e ver. - Zynaker deixou-se deslizar no chão para o pé de Leonora. Afagou-lhe os ombros e as ancas e respirou fundo. “Foi ontem à noite”, pensou ele. Só ontem à noite? Parecia-lhe que sempre assim tinha sido, ela deitada ao seu lado e ele com a mão a rodear-lhe a nuca.

E assim esperaram a chegada de novos e folgados guerreiros.

Pairou um temor paralisante sobre Kopago, quando, chegada a noite, não se fez anunciar quaisquer sinais de Donald Zynaker e o seu avião. Também as comunicações por rádio tinham sido interrompidas. às constantes tentativas de contacto apenas respondia o silêncio.

O tenente Wepper, preso de grande nervosismo, passeava para trás e para a frente, como um animal enjaulado, bebia mais uísque do que aquilo que podia agüentar e, apesar de tudo, continuava sóbrio. Um sargento, querendo animá-lo disse:

- Mas olhe que Zynaker é raposa velha nestas andanças!

Wepper olhou-o e rugiu:

- Seu idiota! Não sabe que as raposas velhas também podem passar à frente da carabina?

- Está a ser pessimista, meu tenente. Ele tem gasolina que chegue.

- E porque não responde aos apelos da rádio? - Wepper fixou os olhos no aparelho de transmissões. - O último contacto foi há sete horas! Sete horas! “Acho que chegamos” foi o que ele disse. “Maldita nevoeirada, mas vamos conseguir!” A partir daí... nada. Não conseguiram.

Com o cair da noite, era mais que certo para Wepper que lá naqueles montes e desfiladeiros onde nunca um branco pusera o pé, tinha acontecido uma tragédia. Conservava-se sentado à frente do transmissor, a cabeça apoiada entre as mãos, e meditava sobre as palavras de Sir Anthony: “Se alguma coisa acontecer, a culpa também é sua! Tem de impedir esta loucura!”

- Continua a achar que Zynaker ainda volta? - perguntou ao subordinado.

- Parece... parece que não. - O sargento encostou-se à parede, fumando um cigarro nervosamente. - Mas até amanhã de manhã nada podemos fazer, meu tenente.

- Isso também eu sei! - Wepper levantou a cabeça. O álcool volteava-lhe no cérebro. - Tenho de fazer a participação ao comando central e ao general Lambs. Afinal de contas, ninguém me podia ordenar que destruísse o avião! E só com palavras não se conseguia deter Miss Patrik. Mas que se estará a passar lá nas terras altas? Porque é que não regressa ninguém?

- Acho que deve haver uma maldição sobre essa terra - disse o sargento. Estava a falar a sério. - Não é à toa que se diz que a floresta virgem devora o homem.

O tenente Wepper fitou o telefone, pegou no auscultador e marcou o número do comando central da Polícia em Port Moresby. Demorou algum tempo até a menina do PBX conseguir finalmente pô-lo, através de três extensões diferentes, em contacto com o comandante supremo de todas as unidades policiais. Este encontrava-se nesse preciso momento em reunião com o ministro do Interior a discutir o reforço do contingente policial. A criminalidade estava a aumentar em flecha, especialmente entre os jovens papuas. Era uma geração sem trabalho. Andavam pelas esquinas, assaltavam ou roubavam para conseguirem sobreviver, era uma geração sem esperança ou futuro. Tinham desaprendido completamente os ensinamentos dos pais e avós sobre como sobreviver daquilo que a terra dá. Além disso, a Papuásia-Nova Guiné também tinha sido arrastada no turbilhão da crise econômica. De um lado, os majestosos edifícios dos bancos e um aeroporto moderno, do outro lado, a poucos quilômetros para o interior, as construções de palafitas e as cabanas das florestas tropicais de um povo apanhado entre a Idade da Pedra e uma idade moderna deslumbrada que ainda não conseguiam entender.

- Quem fala? - perguntou o comandante supremo com irritação. - Tenente Wepper? Onde? De Kopago? Disseram-me que era urgente. O que há de urgente em Kopago? Seja rápido, tenente Wepper.

- Sir - Wepper engoliu a muito custo o nó que tinha na garganta - tenho uma comunicação a fazer. A expedição de Miss Leonora Patrik desapareceu nas montanhas.

Fez-se silêncio. O comandante supremo pareceu ter dificuldades em entender.

- Desapareceu? - perguntou por fim.

Desapareceu, sir. A expedição deveria ser lançada sobre as montanhas, num bimotor, pertencente a Donald Zynaker...

- Sei disso, tenente.

- Deixaram Kopago hoje de manhã. A última comunicação via rádio foi há sete horas. Dizia que tinha atingido o alvo. A partir daí, mais nada. O avião ainda não voltou até agora. É impossível que ainda esteja no ar. Aterragem de emergência está fora de questão naquelas terras, pois não há clareiras em sítio algum para baixar.

Fez-se outra vez um longo silêncio. Depois ouviu-se a voz do comandante supremo, constrangida e hesitante:

- E você prevê o pior, tenente?

- Sim, meu comandante. Não vejo outra probabilidade.

- Lançaremos uma grande operação de busca.

- Era isso que lhe queria pedir, sir. Aqui só temos dois pequenos helicópteros disponíveis.

- Amanhã de manhã, mando-lhe uma esquadrilha para bater todo o terreno. Um bimotor não pode desaparecer assim...

- O avião de Steward Grant, com o doutor Patrik a bordo também desapareceu há dez anos sem deixar rasto e até hoje nada se sabe. Há quatro anos, três missionários tentaram penetrar nas terras altas e nunca mais houve notícias deles. E agora... - Wepper não terminou a frase. Do lado de lá ouvia-se a respiração funda do comandante.

- Usaremos todos os meios ao nosso alcance para os encontrar, tenente - assegurou por fim. - Para já, ordeno o bloqueio total de informações. Nada deverá transpirar para a imprensa ou quaisquer outros media! Se perguntarem alguma coisa, as informações são de que tudo corre conforme os planos. Nem mais uma palavra.

- Compreendo, sir. Podemos informar o senhor general Lambs?

- Deixe que eu próprio o faço. E o tenente, que pretende fazer agora?

- Nada, sir. Até amanhã de manhã, nada podemos fazer. É penoso ficar para aqui de mãos atadas.

- Compreendo-o muito bem, Wepper. O mesmo se passa comigo. Obrigado por ter insistido que me fossem chamar à reunião. - Seguiu-se um estalido. O comandante supremo desligara.

Wepper inclinou-se para trás na sua cadeira rotativa.

- Amanhã temos cá uma esquadrilha inteira - comunicou o sargento com voz fatigada. - Sabe qual vai ser o resultado, amanhã à noite? Nenhum! Absolutamente nenhum! Não se terá descoberto o mínimo vestígio. Isso já eu sei antecipadamente.

Esperaram duas horas, até que começaram a ouvir ao longe gritos que se aproximavam rapidamente. Dai Puino respondeu com um grito forte e prolongado, voltando-se a seguir para Leonora. Aquilo que disse, compreendeu ela mesmo sem a intervenção de Samuel. “Vêm aí mais carregadores.” E pôs-se a fazer contas: se com a carga temos de andar mais devagar do que os guerreiros que vieram ter conosco, dentro de três horas poderemos chegar à aldeia.

Mesmo antes de escurecer.

Os carregadores, que até aí tinham estado deitados no chão de um lado e doutro do caminho desbastado pela floresta adentro, tinham-se também levantado de um salto, pondo-se também em altos gritos.

O padre levantou-se, apoiando-se no chão.

- Que seria do ser humano sem a sorte? - comentou. - Hoje não paramos de ter sorte. Tomemos isso como um bom sinal.

Pouco tempo depois, apareceram os primeiros papuas da outra direção. Não estavam pintados de vermelho ou amarelo e não traziam enfeites, mas o seu aspecto não era menos assustador. A maior parte deles tinha o nariz trespassado por pedaços de bambu ou de osso e garras de aves, alguns mesmo de presas de javali ou dentes de outros animais. Só muito poucos tinham o corpo pintado com riscos brancos irregulares. Ao dar

de cara com os brancos, estacaram como que assustados e ficaram a olhá-los com desconfiança.

Dai Puino começou a falar com eles. Parecia explicar-lhes, com os seus gestos largos, aquilo que teriam de fazer, sendo constantemente interrompido pela tagarelice dos guerreiros pintados de amarelo, que contavam tudo aquilo o que até agora acontecera com os deuses estranhos. Ao fim de meia hora de grande palavreado, os novos carregadores foram distribuídos pela coluna, a carga dividida, só o grande guerreiro que tinha carregado a cadeira do avião se negava a abrir mão dela e a passá-la a outro. Tinha-se recomposto do cansaço durante o tempo de espera e gritava agora ameaçador para os seus congêneres tribais que o vinham substituir, apoderando-se da lança do vizinho ao lado.

- Meu Deus! - exclamou Reissner quando Zynaker voltou para junto dele. - Olha para aquilo! Também há idiotas nos povos primitivos. Em vez de ficar feliz por não ter de carregar mais com o cadeirão, ainda faz um teatro daqueles.

- Você não consegue entender, John Hannibal. Ele preferia morrer a passar o cadeirão para outro!

Depois da redistribuição da carga, a coluna voltou a partir. Era como se todos tivessem adquirido novas forças. Começaram mesmo a cantar, em tons crescentes e decrescentes, sem melodia fixa, entoando notas que por assim dizer se alinhavam atrás das outras - uma ladainha que percorria as pernas, fortalecia-as, ativava os músculos e aligeirava a carga sobre as costas e os ombros.

Os primeiros indícios de proximidade da aldeia, ao fim de quase três horas de marcha, começaram a aparecer: galinhas e dois porcos negros extraviados pelo caminho, que logo se escapuliram. Aves que os brancos nunca tinham visto e se assemelhavam a pombas, mas todas cobertas de penas multicolores, esvoaçavam por entre as árvores, a floresta tornava-se menos densa, as árvores gigantescas, os fetos, as lianas davam lugar a bananeiras e coqueiros, o caminho subia agora abruptamente a encosta, um rio nascia duma queda de água e desaparecia na floresta. E a seguir viram a aldeia, rodeada de sagueiros e altíssimos eucaliptos, coqueiros que com as suas copas largas protegiam as cabanas, como guarda-sóis verdes, e um bananal que fazia uma espécie de fronteira com a floresta virgem que logo depois recomeçava.

Os aglomerados de casas com tetos de folhas estavam dispostos em quatro ferraduras: as imponentes casas dos homens, construídas sobre estacas baixas, com um comprimento superior a quarenta metros, paredes de folhas de palmeira, lianas e hastes de madeira entrelaçadas e um teto gigantesco feito de esteiras e folhas, e, do outro lado, as casas das mulheres, construídas no solo ou então erguidas sobre altos troncos de árvore e só acessíveis através de uma escada, muito mais pequenas que as casas dos homens, interiormente subdivididas por paredes de casca de árvore, de modo a que cada mulher possuísse o seu próprio quatinho, onde vivia com os filhos. Entre as casas, desenhando longos arcos, balouçavam intermináveis grinaldas de penas de ave, largas e coloridas, bafejadas por um vento suave que soprava das vertentes para o vale. Penas castanhas e negras, verde-claras, brancas e de um vermelho-vivo, alinhadas em estreitas

filandras de palmeira, produziam um fabuloso contraste de cores sobre o fundo verde da floresta.

No largo terreiro enquadrado pelos grupos de casas dispostas em forma de ferradura, esperava-os uma multidão retintamente castanha. Mulheres e crianças, a maioria nuas ou pintadas de vermelho e branco, os velhos de cabelo grisalho, os adolescentes de longos cabelos negros e hirsutos, todos eles observavam, especados e imóveis, a coluna de guerreiros que saía do matagal espesso, daquele túnel verde, e entrava na floresta de sagueiros e bananeiras. Dai Puino ergueu no ar a sua lança comprida de guerreiro, adornada de penas, brandiu energicamente a ponta com os seus ganchos temíveis em direção ao céu e soltou um grito estridente.

Apartados do bloco das mulheres e dos velhos, os guerreiros estavam alinhados uns ao lado dos outros diante das casas dos homens, apoiados nas lanças e escudos, adornados com penas e de cabeças pintadas de branco. Completamente isolado, numa pequena cabana que abria para todos os lados, ajoujada de penas, conchas, grinaldas e colares de ossos, estava sentado o feiticeiro Duka Hamana, sobre uma esteira de palha de palma. Apesar da grande multidão, pairava o silêncio sobre toda a aldeia.

O padre Lucius parara e pousara a mão sobre o ombro de Leonora.

- Era assim que as pessoas imaginariam o Paraíso – disse respirando com dificuldade - se não soubessem que eles caçam cabeças e comem o coração, o fígado e o pênis dos inimigos mortos.

Reissner apareceu, vindo de trás, de câmara nas mãos pronta a disparar.

- Que fotografia espantosa - exclamou. - Padre, alguma vez esperou encontrar algo de semelhante no meio do desconhecido?

- Não. É inacreditável. E somos os primeiros a testemunhá-lo e talvez os únicos.

- Julgo que pretende construir aqui uma igreja? Um posto de enfermagem, uma escola?

- Se Deus assim quiser...

A chegada de Reissner pareceu dar um sinal. De repente, a multidão castanha no meio do terreiro entrou em dispersão. As mulheres e as crianças fugiram em todas as direções com grande alarido, os velhos tremeram acolhidos às cabanas, os cães deitaram a correr ganindo. Um tropel estrondoso semelhante ao de uma manada de cavalos selvagens ressoou na umidade do ar, o chão pareceu vibrar, a gritaria das crianças faria crer que as estavam a esfolar vivas, só a fileira dos guerreiros postados diante das casas dos homens se manteve de pedra e cal, uma muralha de lanças e escudos pintados.

Dai Puino fez sinal para retomarem a marcha. A coluna de carregadores reuniu-se ruidosamente, chamando pela multidão em fuga, as galinhas dispersaram pelo meio dos sagueiros batendo as asas, uma pequena vara de porcos saiu esbaforida do bananal, para se ir esconder atrás da segunda casa dos homens.

Os carregadores depositaram a sua carga no meio do largo vazio da aldeia e fizeram um círculo em volta. Os guerreiros diante das casas dos homens continuaram sem se mexer.

Eram obviamente os homens que apoiavam Hano Sepikula o irmão rebelde do chefe.

- Parece que nem todos nos consideram bem-vindos observou Kreijnsman. - Então não nos tinham prometido uma recepção triunfal? Esta mais parece de hostilidade.

Samuel, que acabara de falar com Dai Puino, veio ter com Leonora. O seu rosto resplandecia de novo, sinal de que trazia boas notícias.

- Ele diz que todos os hóspedes irão ficar instalados na segunda casa dos homens e que amanhã haverá uma festa. Estão todos muito satisfeitos por os terem cá.

- Não é o que me parece. - Reissner lançou um olhar duvidoso na direção das casas dos homens. - Na segunda casa dos homens diz ele, mas primeiro é preciso lá chegar. Enquanto aqueles matulões mal encarados ali estiverem, prefiro sentar-me num caixote. Padre?

- Sim? - O sacerdote virou-se para Reissner. - Ocorre-lhe alguma idéia?

- Ocorre. Mandar outra bombinha.

- Não. Não vem nada a propósito. Dai Puino há-de arranjar uma saída.

E assim foi. Uma parte dos carregadores desapareceu nas casas um e três e voltou trazendo tambores feitos de troncos de árvore escavados e pele de porco. Trouxeram também instrumentos de percussão de madeira, paus que se usavam para bater num tronco grosso e produziam os mais variadíssimos sons surdos, acocoraram-se em frente às cabanas e iniciaram um batuque frenético de ritmo irresistível. O som dos tambores elevou-se sobre a aldeia como uma caixa de ressonância.

A pouco e pouco, cautelosamente, como animais desconfiados. As mulheres e as crianças saíram das cabanas para o largo e desceram as escadas das casas das mulheres construídas sobre altas estacas, os velhos aproximaram-se arrastando os pés e também os cães voltaram sorrateiramente cães castanho-claros quase amarelos, de pêlo curto, cauda longa estilo chibata e orelhas pendentes. O movimento contagiou também a muda cadeia de guerrilheiros diante das casas dos homens. A muralha de escudos e lanças desfez-se a pouco e pouco, desaparecendo nas entradas das casas longas e telhado como um capacete redondo, casas que lembravam animais gigantescos de costas altas, cabeça e rabo aninhados no meio dos coqueiros.

De repente, o receio perante as estranhas criaturas brancas como que desapareceu por encanto. As crianças foram as primeiras a rodear Leonora e os outros, com gritos e risos, apalpavam aquelas figuras nunca vistas, passavam confiantes a mão pelos tecidos do vestuário, davam voltas aos estranhos e falavam para eles, dançavam à sua roda, apontavam para si mesmos e diziam o que devia ser os seus nomes. Um rapaz, com o ranho a escorrer do nariz, especou-se em frente da câmara de Reissner, sem saber do que se tratava, e levantou no ar o pênis bem proporcionado com ambas as mãos, tão orgulhoso de em breve se tornar um verdadeiro homem, que Reissner rosnou: "Por esta foto, vou exigir um preço especial!"

As mulheres também se aproximavam agora trazendo ovos, cachos de bananas, leite de coco em copos de bambu, pedacinhos de carne de porco já a cheirar a azedo,

folhas de tabaco verdes acabadas de colher e bolos castanho-claros de tapioca cozidos no forno, ainda quentes e bem cheirosos.

Da segunda casa, foram enxotados, com grande gritaria, crianças, pintos, leitões e cães, lançou-se cá para fora lixo, restos de comida e esteiras esfrangalhadas. Parecia ter começado a grande barreira. Samuel, que andava por um lado e por outro como uma fuinha inquieta, voltou com a notícia de que os digníssimos hóspedes podiam ocupar a casa. Ela pertencia-lhes.

- Toda a casa? - perguntou Leonora na dúvida.

- Sim. A bagagem também tem de ser acondicionada.

E os homens que até agora lá viveram?

- Vão construir para si uma nova casa. Olha para ali “Massa”. Vês as estacas negras e as paredes? Quiseram deitar-lhe fogo e destruí-la, os Pogwa. Há duas semanas, mataram nove homens e raptaram sete mulheres. Os Pogwa são a tribo que fica para lá do cimo do monte. Mas os velhos e os jovens fizeram-lhes frente. Os Uma são gente muito corajosa. Uma é o nome da tribo onde nos encontramos. Conseguiram apagar o incêndio e expulsar os Pogwa, muitos deles foram feridos pelos Uma e irão talvez morrer. Os Pogwa apareceram quando quase todos os Uma estavam na caça e no rio a pescar. Samuel empertigou-se como se também ele pertencesse à tribo dos Uma. - Mas hão-de vingar-se. Hão-de também atacar os Pogwa e trazer muitas cabeças como troféu. Esta é a estação da caça às cabeças. O tempo seco está a chegar.

- Então, saudações! - Reissner olhou para a comprida casa dos homens que os Uma tinham arrumado para eles. - Já estamos no meio do acontecimento. Cabecinha ali, cabecinha acolá... A época da caça às cabeças. Assim como nós abrimos a caça à lebre, ao antílope, às perdizes, aqui abre-se a caça ao homem. A eles! Padre, ora tente lá explicar-lhes: não matarás, ama o teu inimigo...

- Hão-de compreender - rematou o missionário com simplicidade. A palavra de Deus sempre foi compreendida pelo homem.

- Vamos lá - disse Zynaker. - Estou com curiosidade de ver como é a nossa casa por dentro.

Dirigiram-se para a casa dos homens, onde alguns papuas os esperavam à porta, uma entrada tão estreita e baixa que só uma pessoa conseguia entrar de cada vez, constituindo também a única abertura a deixar entrar a luz e o ar. Quando Leonora começou a andar, foi detida por algumas mulheres que grasnavam numa grande algaraviada, lhe puxavam pelo casaco de caqui e apontavam com insistência para a casinha ali perto, construída sobre um estrado de madeira, uma das casas das mulheres, só acessível através de uma escada.

Leonora entendeu logo o que pretendiam dela.

- Donald! - chamou na direção de Zynaker, que ia à frente do grupo que se dirigia para a casa dos homens. - Donald, elas não me deixam ir! Querem que eu vá para a casa das mulheres...

Zynaker deu meia volta, enquanto os outros ficaram parados.

- É claro que não entramos na casa, se Leonora não vier também! - disse Reissner em voz alta. - Padre, acho que vai ter mesmo de mandar uma bombinha, para impor respeito nesta bagunça.

Zynaker forçou caminho por entre o ajuntamento de mulheres, afastou-as com as mãos e puxou Leonora para si, agarrando-a pelos ombros.

- Não tenhas medo - disse ele. - Lá em cima, naquela casa ficas mais segura do que nós.

- Não é isso. Não é medo que eu tenho, mas quero ficar convosco.

- É impossível deixar que uma mulher durma na casa dos homens. Não podemos desrespeitar um costume de há séculos. Também é só por uma noite.

- Eu... eu queria ficar ao pé de ti - disse ela baixinho. - Quero adormecer nos teus braços. Amo-te...

- Querida, na casa dos homens também não pode ser.

- Mas tenho-te pelo menos ao pé de mim. Vejo-te, ouço-te, posso tocar-te...

- Se ficarmos por aqui com os Uma, se fizermos uma espécie de acampamento-base, talvez possamos modificar alguma coisa. Para cada um de nós a sua própria cabana, é o que proporemos a Dai Puino.

Ela disse que sim com a cabeça, fez grande esforço para não o beijar e deixou-se conduzir pelas mulheres sorridentes para a casa das mulheres sobre estacas. Olhou com desconfiança as escadas, cujos degraus estavam atados com lianas aos dois paus laterais, mas ao ver duas mulheres subir à frente sem que a escada desse de si, resolveu também subir para a plataforma, o que fez com todo o cuidado.

A casa era limpa, arejada, com um soalho liso de esteiras de palma e subdividida em quatro quartos através de cançadas. Para além das esteiras e algumas cabaças ocas, que serviam de recipientes de água, uma série de copos de bambu e a enfeitar uma grinalda de ossos de porco, o quarto a que foi conduzida estava praticamente vazio. Quatro mulheres que a tinham acompanhado cacarejavam à sua volta, uma delas foi ao quarto do lado buscar uma criança de mama e entregou-lha. Leonora pegou nela nos braços, embalou-a e tornou a devolvê-la à orgulhosa mãe. Uma criatura de pele branca caída do céu tinha segurado o seu filho nos braços - isso era uma honra que lhe dava de repente um estatuto superior ao das outras mulheres.

Na casa dos homens algumas surpresas esperavam os outros, que nela entraram agachados pelo pequeno buraco da porta. A primeira tinha sido ainda cá fora, ao chegarem à longa casa, cuja entrada era adornada por entalhes de madeira. Por cima da porta, amarrada por uma comprida corda de liana, pendia uma fiada de ossos esbranquiçados. Schmitz, o estudante de medicina, estacou. Kreijsman, que o seguia, foi contra ele. Os outros pararam também.

- São ossos humanos - disse Schmitz com voz apagada. - Aquilo ali é uma tibia, ao lado é um antebraço, rádio e cúbito, um pedaço da bacia, metade de uma omoplata, um fêmur, ossinhos de vários dedos, quatro colunas vertebrais...

- Pare com isso, meu Deus, pare, por favor! - gemeu Kreijsman. - Quer que eu desate a vomitar?

- E ali - o padre apontou para uma prateleira feita de bambus num dos pilares dos cantos - nove cabeças reduzidas.

- Ainda recentes - disse Reissner pigarreando. – Uma semana atrás ainda riam e cantavam.

- São cabeças de homens pogwa - esclareceu Samuel como se tivesse participado na decapitação. - “Masta”, foi a primeira vingança pelo assalto. A segunda grande vingança ainda está para vir.

- Não! - disse o padre com firmeza. - Agora Cristo está aqui.

- Para todo o sempre, amém. - Samuel fez o sinal-da-cruz, como aprendera no posto da missão, a ajudar à missa. - Mas os Uma não acreditam em Jesus.

- Em breve hão-de reconhecê-lo como o verdadeiro Deus.

- Ainda estou para ver. - Reissner libertou-se daquela visão medonha das cabeças reduzidas e da grinalda de ossos. - Não consigo imaginar como é que você vai dar a volta a estes selvagens. Ainda por cima com Samuel como porta-voz.

- Hei-de aprender a língua dos Uma e enquanto aprendo vou-lhes revelando Deus. Assim aprenderemos uns com os outros.

- Está a esquecer o seu inimigo figadal, o feiticeiro.

- Em breve estará completamente isolado da sua tribo.

- Ele vai querer matá-lo.

- Não. Ele ainda não sabe que também sou mortal. Quando perceber já será para ele demasiado tarde. - O padre puxou Samuel pelo braço para o seu lado. - Sabes quando é que os Uma vão fazer guerra aos Pogwa?

- Não, padre.

- Então, fica de ouvidos atentos.

- Primeiro tem de ficar decidido quem é mais forte, se Dai Puino, se o irmão Hano Sepikula. Só então é que todos os guerreiros obedecerão.

- E nós iremos ajudar Dai Puino a vencer. – Zynaker observou as outras duas casas dos homens. Havia alguns guerreiros cá fora mas a maior parte encontrava-se no interior. Pelos dois buracos das portas e pelas fendas do telhado saía um fumo cinzento. - Gostava de conhecer esse Hano Sepikula.

- Não teremos de esperar muito. Amanhã de manhã, começa a luta entre os dois. Vale a aposta? – Reissner pôs-se outra vez em movimento, lançou ainda um olhar às grinaldas esbranquiçadas de ossos, agachou-se e entrou na casa dos homens.

Perante ele, estendia-se um espaço único de quarenta metros de comprimento, sem quaisquer divisões, e paredes altas, já que o teto era o próprio telhado. Uma sala para os guerreiros, com sete lareiras construídas sobre pedra, um chão liso coberto de esteiras pintadas, nas paredes de madeira ou de palha entrançada, sobre troncos de árvore colocados horizontalmente e que se assemelhavam a frisos, uma fila interminável de caveiras, por cima mais grinaldas de queixadas de porco de um branco-pálido, um monumento dos avoengos, para os quais só os homens tinham direito à vida. As almas dos antepassados permaneciam à sua volta para sempre, transmitindo-lhes força e

coragem. Aquele que dormia sob o crânio do seu pai era um grande guerreiro, porque o pai tinha conservado a sua cabeça até à morte. A sua força passava então para o seu filho.

- Alguém que diga que isto não é acolhedor! - exclamou Reissner ironicamente, depois de terem entrado e dado uma volta pela casa. - Espaço não falta, uma companhia cadavérica e silenciosa, uma constante e reconfortante penumbra, ventilação natural pelo soalho e pelo telhado, que mais se pode desejar? - Fez uma vênia diante de uma das pálidas caveiras e bateu os calcanhares. - Dá licença, sir... O meu nome é John Hannibal Reissner. É um grande prazer tê-lo como companheiro de quarto.

- Dentro de duas horas, isto aqui dentro está com outro aspecto. - O missionário foi até ao outro extremo da casa e regressou com ar satisfeito. - Depois de desfazermos a bagagem, com os sacos de dormir, os candeeiros, todo o material... têm de concordar: o primeiro dia foi um grande êxito. Fomos aceites como amigos pelos caçadores de cabeças. E ou não é um bom começo?

Mas ainda não foi desta que trataram da bagagem.

Enquanto pela porta do fundo traziam os caixotes, as caixas, os fardos e os sacos, pela porta da frente, como uma onda que se quebra num estreito, entraram vinte homens carregados com montanhas de bolos de soja, madeira cortada para as lareiras, folhas de tabaco fresco, raízes negras compridas que nunca tinham visto antes, bananas e outros frutos que pareciam papaias. O presente mais saboroso que traziam era, contudo, aos olhos dos papuas, uns saquinhos cheios de larvas vivas do bicho do sagueiro, larvas grandes, gordas, que se arrastavam umas por cima das outras, monstrozinhos escorregadios, estriados, esbranquiçados ou de cor amarelada de creme, da grossura de um dedo com cinco ou mais centímetros de comprimento, terminados numa cabecinha dura como ferro que utilizam como verruma para penetrar a medula macia das árvores mortas em decomposição, para aí praticamente nadarem no seu alimento.

Os Uma sabiam exatamente a altura em que estas repugnantes larvas, viscosas e grossas, atingiam o clímax da engorda. Nesse momento, arrancavam a casca do sagueiro e recolhiam as larvas cevadas até rebentar, que se retorciam furiosamente, cozendo-as ou assando-as.

O padre recebeu os saquinhos feitos de rebentos de junco entrançados e cheios de larvas de sagueiro e depositou-os ao seu lado. Por cada presente que recebia, acenava com a cabeça em agradecimento, passando para os outros os bolos de tapioca e os restantes presentes.

- Recuso-me a engolir essas larvas! - resmungou Reissner entre dentes. - É coisa para si, padre. Faz parte da abnegação missionária.

- Ainda ninguém exigiu que as comêssemos. - O sacerdote voltou a receber outro saquinho cheio de larvas rastejantes. - Faz alguma idéia do que significa para esta gente ofertar-nos as suas preciosas larvas de sagueiro, a sua principal ração de albumina? É amizade pura e simples, um verdadeiro sacrifício.

- E quando é que desempacotamos os nossos presentes? - perguntou Kreijsman.

- Amanhã de manhã. - Zynaker colocou um montinho de bolos de tapioca na esteira que estava junto de si. Traziam cada vez mais bolos. Diante do padre Lucius e de

Zynaker cresceu um monte deles e uma pirâmide de saquinhos nos quais se contorciam as larvas repelentes e viscosas.

- Não! Só faltava esta! - Reissner soltou de repente um gemido sonoro. Na abertura da porta surgiram quatro homens a sorrir e a gesticular e empurraram dois porcos negros para dentro da casa dos homens. Aos guinchos, como se lhes estivessem a espetar uma faca, desataram a correr pelo espaço comprido, indo estatelar-se lá ao fundo contra os caixotes aí amontoados, voltando depois com uma gritaria ensurdecedora na direção da outra saída. Aí encontravam-se já os quatro guerreiros, a rir, que os enxotaram à paulada outra vez para dentro do recinto.

- Tenho de sair daqui! - gemeu Kreijsman. - Tenho de tomar ar! Não sentem o fedor de carne apodrecida?

Pelo menos cinco quilos dela devemos nós ter recebido de presente. Esta hospitalidade tem um caráter especial. Se você sair daqui, ofende toda a tribo. Temos simplesmente de agüentar firme.

- Estas larvas...

- Amanhã de manhã tornamos a oferecê-las aos papuas. - Zynaker fez como que uma parede de bolos de tapioca entre o monte de larvas em constante contorção e o lugar em que se encontrava.

- Se o pudermos fazer, Donald. - O padre voltou os olhos para os dois pequenos porcos que tinham estacionado lá no fundo contra a parede e olhavam em torno assustados. Por cima deles estendia-se uma fiada longa de pálidas queixadas de porco. Não faltaria muito tempo para que também os seus ossos pendessem algures, dentro ou à frente de uma casa, como enfeite. - Receio que estejam destinados ao grande festim de amanhã.

Schmitz, que até aí se mantivera calado, sentado no chão, a receber os presentes, pareceu ter uma idéia. Fez sinal a Samuel para que se aproximasse. Este saltava de alegria com tantos presentes.

- Não disseste que ainda há feridos nas casas, por causa do último assalto?

- Sim, “Masta”. Muitos ainda vão morrer.

- Onde é que eles estão?

- Na primeira casa dos homens.

- Podes conduzir-me lá?

- Agora?

- Sim, agora.

- Porquê, “Masta”?

- Quero ajudá-los. Talvez não tenham de morrer.

- A idéia é fabulosa. - Reissner bateu as palmas de entusiasmo. - Porque não pensamos nisso antes? Pepau, você acaba de dar o passo mais inteligente para a instituição missionária: curar os doentes. É uma ação sempre bem recebida, convincente. Como é que pensa fazer?

- Levo comigo a mala de médico e uma lanterna.

- Ótimo... Assim, começa por parecer um pequeno sol ambulante. Quer que o acompanhe, como assistente?

- Não. A ter de ser, levo só Samuel comigo.

- Eu quero tirar fotografias.

- Com flash? Nem pensar. Faz as suas fotos amanhã com luz do dia.

- Samuel!

- “Masta”?

- Vamos agora à primeira casa.

- Não.

- Porque não?

Samuel encolheu-se todo, reduzindo-se a metade do tamanho. Se estivesse sobre o palco a fazer pantomina, seria a apoteose da sua carreira.

- “Masta”, esta foi a casa que nos atribuíram. As outras casas dos homens são só para os homens que lá vivem. Nós não podemos entrar, “Masta”.

- Mas eu quero ajudar! Talvez possa salvar vidas.

- Primeiro os homens têm de deliberar se o deixam entrar ou não. Já está escuro.

O padre tinha precisamente acabado de acender uma lanterna pequena, que iluminava o espaço no raio de cinco metros. Mas para os Uma isso constituía já um milagre. Os homens recuaram para o buraco da porta e ficaram especados a olhar para aquele sol minúsculo, cheios de temor mas também de curiosidade. Quem poderá entender? Era noite e de repente um dos brancos estranhos pega num pau e faz regressar com um estalido surdo o sol, a luz, a vida. Então eram mesmo deuses?

- Desde quando é que tu, cristão batizado, que tanta coisa aprendeu, tens medo da noite? Sabes muito bem que não há espíritos da noite

- Em Port Moresby não há, “Masta”. - Samuel encarquilhou o rosto, que se cobriu todo de rugas. - Mas aqui, tens a certeza, “Masta”?

- Aqui também é terra de Deus.

- E os espíritos também sabem disso?

- É como chover no molhado. - Schmitz foi até ao fundo e procurou no meio dos caixotes a mala de alumínio com a cruz vermelha no cimo.

O fato de ele procurar com uma segunda pilha era para os papuas que estavam à entrada uma coisa aterrorizadora. Um outro sol - cada um dos brancos estranhos levava consigo um sol próprio para todos os lados! Tinham de ir contar, toda a gente precisava de saber. Atafalharam-se pela porta fora e desataram a correr como se lhe mordessem os calcanhares, em direção às outras casas dos homens.

Schmitz regressou para o pé dos outros com a mala de alumínio na mão.

- Samuel, vens então?

- “Masta”! - Samuel retorcia os olhos como se o estrangulassem.

- Tens de traduzir. Queres que os corajosos guerreiros morram?

- O feiticeiro já tratou deles. Ele tem ervas, ungüentos, papas e seivas que tudo curam, mesmo feridas profundas.

Mas quando ele diz “Vais morrer”, então tem de se morrer.

- Isso é um pau de dois bicos - disse Zynaker com ar sério. - Você vai lá, Pepau, e trata dos feridos. Se eles se salvam, você transforma-se no grande deus com poder sobre a vida e a morte, mas se tem azar e um deles morre depois do tratamento, aí vão dizer que você o matou com a sua magia, que ao tocar-lhe lhe expulsou a vida do corpo. A situação pode tornar-se perigosa. Você ainda não sabe que tipo de ferimentos são.

- Aqueles que estiverem tão feridos que não haja esperança nenhuma eu digo como faz o feiticeiro: “Os teus antepassados esperam-te.” Estão muito orgulhosos dos seus guerreiros valentes! E dar-lhes-ei morfina para que morram sem dor.

- Acho o propósito muito humano. - Zynaker deu-lhe uma palmada no ombro e acompanhou-o até à porta. - Mesmo assim, tenha cuidado. Está a imiscuir-se nas competências do feiticeiro. Todos nós sabemos como é grande o ascendente dele.

- Quebrar esse ascendente é tarefa do nosso padre! - insinuou Reissner.

- Não estou cá para quebrar nada! - ripostou o padre, levantando a voz. - Estou aqui para persuadir. É nisso que está o êxito. Destruir é coisa fácil.

Schmitz abandonou a casa dos homens e desceu os quatro degraus. Samuel seguia-o todo encolhido, como um cachorro a quem foi ordenado sair para a rua debaixo de relâmpagos e trovões. à volta deles a escuridão era total.

Não havia qualquer fogueira diante das casas e nem uma réstia de luz saía delas. O vento que descia das montanhas fazia matraquear os ossos enfiados nas grinaldas. Nem sequer os cães erravam pelas redondezas ou ladravam ou ganiam, os porcos à solta tinham-se escondido, os frangos aninhavam-se nos seus galinheiros de madeira toscos e atarracados. Nem sequer um vagido de criança se ouvia, se bem que na aldeia não faltassem crianças de peito. A noite era como um espesso e pesado manto que tudo cobria. Iluminados pela claridade tremeluzente da pilha, Schmitz e Samuel, este último sempre três passos atrás, dirigiram-se para a primeira casa dos homens. À porta da frente não havia sentinela - também para quê? A noite era simultaneamente enigma e proteção. Era o campo de ação dos espíritos malignos. Por isso se estava a seguro dos homens.

Schmitz baixou o foco para as escadas feitas de troncos desbastados, antes de subir para o buraco da porta. Samuel deixou-se ficar em baixo, a tremer como varas verdes.

- Anda, meu medroso! - sussurrou Schmitz.

- Eles dormem com as lanças ao lado, “Masta” - respondeu Samuel, também em voz baixa.

Schmitz voltou-se e entrou num salão enorme. O foco da lanterna rasgou a escuridão. Era o momento de maior perigo. Se agora as lanças voassem pelo ar, não havia escapatória. A sua vida finar-se-ia em segundos.

Nem uma palha buliu. Nem um som, nem um restolho, nem respirar se ouvia. Só o cheiro fétido de suor e carne podre agrediu as narinas de Schmitz, que por momentos se sentiu nauseado. Ao lançar o foco para a parede mais longa viu que os guerreiros já não estavam deitados mas se tinham erguido sem produzir o mínimo ruído. Mas viu também uma fila de caveiras cor de marfim que brilhavam de polidas e não estavam dispostas num friso na parede, mas no chão, à cabeceira das esteiras de dormir, branqueadas pelo uso quotidiano. Os guerreiros dormiam sobre esses adereços

horripilantes, utilizando-os como almofada, repousando a cabeça sobre o crânio do pai ou do avô, entregando-se assim à proteção dos antepassados e dos seus espíritos. Um crânio avoengo é o melhor talismã contra os poderes adversos, protegendo das doenças, afugentando os espíritos malignos, redobrando as forças na luta contra o inimigo e dando consolação no momento de morrer. Também o teu crânio aqui jazerá um dia e o teu filho sobre ele dormirá. Tu não morreste, só te transformaste. Para sempre permanecerás na tua tribo, junto da tua família. A vida para além da morte, que o padre Lucius lhes pretendia pregar, não era novidade para eles. Fazia parte integrante da sua vida.

Abaixo do telhado em bico, estavam pendurados alguns saquinhos de ráfia entrelaçada cheios de repelentes e escorregadias larvas irrequietas, contra as paredes havia alguns instrumentos de madeira para bater os sagueiros, em alguns ângulos do telhado anichavam-se caveiras negras fumadas, relíquias do último assalto aos Pogwa, e acima de tudo pairava no ar um fedor repugnante e corrosivo, uma mistura de gordura rançosa, cheiro a cadáver e suor.

Schmitz avançou à luz da lanterna, penetrando com ela até ao fundo do recinto. Samuel seguia agora colado a ele, como se quisesse meter-se por ele dentro.

- Este cheiro a cadáver... - segredou Schmitz. - Também guardam aqui os seus mortos antes de eles apodrecerem?

- Não, “Masta”. - A voz de Samuel quase não se ouvia. - Olha para o lado esquerdo da casa.

Schmitz desviou o foco para o lado. Conteve a respiração, quando se apercebeu de onde vinha o cheiro a cadáver. A todo o comprimento da casa havia uma corda feita de gravetos de palmeira da qual pendiam, em seqüência ininterrupta, milhares de ossos. Ossos antigos esbranquiçados e ossos recentes ainda cheios de pedaços de carne agarrada. Três filas paralelas do comprimento da casa, ossos de todas as proveniências possíveis, enfiados sem qualquer critério, numa autêntica galeria de horrores, cabeças de porco, carcaças de tartaruga, fêmures, caveiras e maxilares humanos, ossos de casuar, espinhas de peixe, falangetas, vértebras cervicais, penas de ave atadas em molho e um verdadeiro cordão de vértebras dorsais. As manchas negras nos ossos brancos indicavam a fonte daquele fedor infernal: os restos de carne em putrefação ainda agarrados aos ossos mal chupados.

Schmitz sentiu de repente a garganta como que corroída por ácido. Desceu com o foco pela parede e parou num monte de saquinhos pendurados em juncos, saquinhos que tinham um aspecto úmido e pegajoso. Samuel encostou-se o mais que pôde às costas de Schmitz.

- Sabes o que é aquilo, “Masta”?

- Não.

- Gordura humana.

Schmitz ficou espantado de não desatar logo aos vômitos. Lançou o foco imediatamente para o outro lado do espaço que já iluminara e fixou-o sobre os guerreiros mudos, agachados em frente das caveiras. Era evidente: estavam paralisados. Um espírito

maligno da noite, que tinha roubado um raio de sol, entrara na sua casa. Iriam morrer agora, todos sem exceção. Que era feito dos espíritos protetores dos seus antepassados?

- Pergunta-lhes onde estão os feridos - disse Schmitz para Samuel. A sua voz tinha um som arranhado, distorcido pela náusea e pelo estrangulamento do vômito.

- Se falarmos, eles ficam a saber que não somos espíritos “Masta”. Vamos embora!

- Pergunta-lhes ou dou-te um bofetão, em frente dos homens todos.

Samuel suspirou. Ser espancado sem se defender seria uma vergonha intolerável. Um indivíduo tornava-se num morto-vivo, até um cão o desprezaria.

Com toda a força, Samuel gritou naquele silêncio pestilento:

- Onde estão os feridos, amigos? Conduzam o grande “Masta” até lá. Ele irá ajudá-los para que eles possam em breve voltar à caça.

Silêncio. Continuam especados. O raio de sol na mão do espírito desconhecido continua a paralisá-los. Só um único guerreiro se levantou. Apoiou-se na sua lança, observou Schmitz com olhos inquietos e apontou depois com a lança para o fundo da casa. Schmitz iluminou o guerreiro, um homem musculoso, agora completamente nu, com o corpo pintado com grossas riscas brancas.

- Diz-lhe que vá à frente.

Samuel traduziu. O guerreiro voltou-se e avançou devagar para o fundo da casa. Schmitz e Samuel seguiram-no passando pelos homens de cócoras, cujos olhos especados brilhavam à luz da lanterna como se fossem de vidro negro.

O guerreiro parou ao chegar a um dos cantos e apoiou-se outra vez na sua lança. Schmitz iluminou o canto e viu nove homens deitados uns ao lado dos outros, de olhos fechados, também entorpecidos por aquele raio de sol. Cumpria-se assim a profecia do feiticeiro. Eram os espíritos que os vinham buscar. Era a morte que os iluminava.

- Segura na lanterna - disse Schmitz para Samuel – e ilumina o homem à frente do qual eu estiver ajoelhado. - Meteu-lhe a lanterna na mão e ajoelhou-se ao pé do primeiro ferido. - Com os raios, disse-te para alumiá-los e não para tremê-los com a luz.

- Sou eu que estou a tremer, “Masta”...

- E porquê? Vê se te controlas!

- Tenho atrás de mim o guerreiro com a lança

- Não te vai fazer mal nenhum.

- Tem certeza, “Masta”? - Samuel desviou o raio da luz da lanterna de bolso para os feridos. - Eu não.

Schmitz observou o homem imóvel. No seu baixo-ventre havia uma camada espessa de fétida papa cinzenta esverdeada feita de plantas, agora seca e gretada. Sobre a papa jaziam três penas brancas de ave e os dentes de um ser humano. Quando Schmitz pousou a mão na testa do ferido, viu que este ardia em febre. Era um daqueles a quem tinham dito que ia morrer.

Chegara o momento crítico: a remoção da camada de papa.

Schmitz sabia que atrás de si havia um guerreiro de guarda com uma lança, sentia sobre a nuca a pressão do seu olhar tenso de atalaia. Iria dar-lhe uma estocada fatal, se

tocasse no ferido? Como reagiria se removesse a papa, se se imiscuísse na magia do feiticeiro?

Schmitz fechou os olhos por alguns momentos. Colônia.

A clínica cirúrgica da universidade. A sala de operações.

O corpo coberto dos pacientes, o zumbir discreto do aparelho de respiração, uma quantidade de batas verdes à volta da mesa de operações, à luz clara dos refletores, o tilintar abafado dos instrumentos. Do lado direito da mesa, o chefe Prof. Homberg, à sua frente o primeiro médico de serviço, Prof. Brandis, três assistentes, a enfermeira instrumentista.

Brandis acabara de abrir a barriga com o bisturi, a incisão expunha largamente o campo de intervenção, as pinças apertavam os vasos sanguíneos, o aspirador gorgolejava baixinho, sugando as últimas gotas de sangue da ferida aberta. Homberg erguera a cabeça, percorrera com os olhos todas as batas verdes e cabeças mascaradas. “Esta é a segunda intervenção que faço”, disse com voz absolutamente calma. “A primeira foi um êxito. Se esta nos vai correr tão bem, só Deus pode saber. Contudo, não é ele quem tem o bisturi na mão. Tomem bem atenção a uma coisa meus senhores, que vos será útil no futuro: sem ousadia não há vitória! A coragem é o primeiro dever do cirurgião.” Estendeu a mão. “Leopoldinal!”

A enfermeira passou-lhe o escalpelo, Brandis recebeu dois ganchos. “Respiração e pulso normais”, informou o anestesista.

Ao fim de três horas, a operação tinha acabado. O paciente foi transportado para a sala de observação. Ninguém ousara bater palmas à mesa de operações, mas todos sabiam. O paciente está salvo. E Homberg acenou com a cabeça satisfeito.

Ousadia... coragem.

“Peter Paul Schmitz, és só meio médico, ainda te faltam dois semestres de estágio, mas coragem não te falta e ousar é o que vais fazer agora! Chefe, fixei bem as suas palavras.”

E pôs-se ao trabalho. Com a ajuda das duas mãos, começou por tirar as três penas de ave, depois a fila de dentes humanos e por fim a papa de plantas endurecida. Depositou tudo ao pé de si e esperou um momento. Mas a lança não o trespassara.

Aquilo que Schmitz tinha diante dos olhos, depois de retirada a cataplasma de papa, não lhe permitia ter muitas esperanças. O baixo-ventre tinha sido rasgado, os bordos da ferida estavam inchados, com uma cor vermelha e preta, já parcialmente gangrenados. Da ferida supurava uma secreção purulenta. Era inacreditável que o homem não soltasse gritos lancinantes, que não rebolesse de dores, que pudesse suportar aquela ardência no baixo-ventre. Mas era verdade ali jazia silencioso, de olhos fechados, sem sequer pestanejar, os seus lábios grossos rebentados pela febre. A boca nem se contorcia e afinal tinha razão de sobra para ser um eterno e único grito.

Schmitz inclinou-se sobre a mala de emergência médica e preparou tudo o que era preciso. Uma tesoura afiada, pinças, mechas, uma injeção de anestesia, outra de tonificação cardíaca, um suporífero com efeito analgésico. Por fim, separou uma compressa e as ligaduras de gaze. A respiração de Samuel era de autêntica agonia.

- Aproxima a lanterna - disse Schmitz. - A luz mesmo para cima da ferida.

Samuel ajoelhou ao lado de Schmitz e fez incidir o foco naquela ferida medonha. Se o ferido estava desmaiado, a dormir ou acordado, era impossível saber - ali jazia de olhos fechados e nem os moveu quando Schmitz pegou na mão de Samuel e por momentos aproximou a lanterna do seu rosto.

Começou por aplicar-lhe a injeção anestésica. O corpo também não reagiu à penetração da agulha, mas passados alguns segundos era visível o alisamento do rosto. A tensão muscular resultante da dor reprimida desaparecera. A anestesia fazia efeito.

Schmitz tomou-lhe o pulso, auscultou-lhe o coração com o estetoscópio e deu-lhe ainda preventivamente uma injeção para ativar a circulação do sangue. Em seguida, pegou na tesoura afiada e numa pinça e começou a recortar os bordos da ferida, limpando-a. Abriu um pouco a ferida para os lados, limpou cuidadosamente a secreção e viu que a infecção era profunda. Utilizou um gancho rombo para alargar o campo de visão, limpou a ferida, colocou um dreno, espalhou penicilina em pó até lá dentro e terminou com uma sutura secundária. Renunciou à aplicação de ligaduras, colocando só uma compressa sobre a costura e o dreno, fixando-a com a ajuda de algumas tiras de adesivo. Deu ainda ao ferido por precaução duas injeções, uma contra o tétano e outra com uma elevada dose de antibiótico.

Schmitz pousou os instrumentos na tampa da mala com um suspiro de alívio e endireitou-se. As costas doíam-lhe, mas sentia-se feliz.

Samuel fixou-o, com os seus olhos grandes.

- Vai salvar-se, “Masta”? - perguntou em voz baixa.

- Se o corpo dele também ajudar, espero que sim. - Schmitz virou-se para o próximo corpo estendido no chão. - Alunia aqui, Samuel.

- Vais tratar deles todos, “Masta”?

- É para isso que aqui estou.

Schmitz levantou a cabeça e olhou para o lado. O guerreiro continuava atrás deles ligeiramente desviado, apoiando-se na lança. “Se eu soubesse o que lhe passa pela cabeça...”, pensou Schmitz. “Verá isto tudo como magia, ou será que compreende o que se está a passar?” Hesitou por momentos, pegou então nas penas brancas de ave e nos dentes humanos que estavam no chão e colocou-os sobre a compressa e o adesivo.

“Fazemos isto a dois, Duka Hamana, grande feiticeiro!

Não hás-de perder a face.”

O próximo guerreiro tinha recebido um golpe no ombro esquerdo. Estava também coberto com a papa feita de plantas e as penas brancas, só que em vez dos dentes tinha ossinhos de dedos humanos sobre a ferida. A mão devia ter sido decepada recentemente dado que ainda tinha pedaços de pele colados.

Schmitz voltou a tratar da ferida, desinfetou-a, coseu-a e ligou-a, deu a injeção contra o tétano e antibióticos, estimulante da circulação e analgésico. Repetiu o processo nove vezes, sem parar um momento, nove vezes, em corpos inertes a arder em febre, nove vezes, em homens prestes a transpor o limiar da morte.

O trabalho ficou concluído ao fim de quatro horas. A luz da lanterna estava visivelmente mais fraca, a pilha em breve gasta. Schmitz endireitou-se, suspirou baixinho e espreguiçou-se enquanto se levantava. Parecia-lhe ouvir os estalidos das vértebras da coluna a recuperar a sua posição normal, ao fim de tantas horas curvado...

Atrás deles, silencioso como uma estátua, estava o guerreiro papua com os seus olhos grandes de atalaia.

Schmitz acenou-lhe com a cabeça.

- Samuel, diz-lhe que os feridos talvez não morram. Passo por cá amanhã à hora do almoço.

- E se algum morrer mesmo, “Masta”?

- Acho que não. Estes corpos ainda não estão viciados em medicamentos e reagem melhor que os nossos, que são constantemente bombardeados com drogas. Espero que amanhã a febre já tenha baixado: era um primeiro passo para a cura. Anda lá, traduz para ele o que te digo: os guerreiros não vão morrer, eu volto amanhã.

Samuel falou para o guerreiro imóvel e não recebeu qualquer resposta.

- Agora vamos, Samuel - disse Schmitz apressado. - Se ele nos deixar ir embora, se conseguirmos chegar à porta, vencemos. Com calma, Samuel. Mostramos-lhe um passe de mágica e agora ele sabe que os amigos vão sobreviver... Portaste-te com muita coragem, Samuel.

- Obrigado, “Masta”.

Schmitz tornou a acenar com a cabeça e foi à frente. Samuel seguiu-o, outra vez colado a ele. À luz oscilante e frouxa da lanterna, tornaram a ver os papuas agachados perto da parede, à frente das suas almofadas de caveira, de olhos negros especados. Schmitz voltou os olhos por uma fração de segundo e viu que o guerreiro corpulento o seguia sem um ruído, como se não tocasse no chão.

Só faltam três metros para chegar à porta, só dois, só um - iria espetar-lhes agora a sua lança? O buraco da porta. Finalmente, o primeiro sopro de ar fresco, depois daquela nuvem densa de odor e decomposição e suor! Ar, ar límpido maravilhoso, dava vontade de abrir os braços e encher os pulmões. E a seguir já lá estavam fora, desceram os degraus de bambu, tocaram o solo e quando Samuel se virou para trás e alumiou a entrada, não havia lá ninguém. Estavam sós e VIVOS.

- Vou rezar uma oração com “Masta” padre - gaguejou Samuel. - “Masta” Pepau, foi Deus que nos protegeu?

- Acho que sim. Nunca se pode saber ao certo. Mas há uma coisa que sei: esta noite fez-nos avançar um bom pedaço nos nossos intentos.

Na segunda casa dos homens, Zynaker ainda estava acordado. Ergueu-se no seu saco de dormir, ao ver Schmitz e Samuel regressarem.

- Graças a Deus, estão de volta! - exclamou com grande alívio. - Como foi?

- Nove feridos graves. - Schmitz atirou-se para cima da esteira, de pernas e braços estendidos. Sentia-se todo partido. - Falamos mais amanhã. Estou arrasado, quase nem consigo articular palavra...

Minutos mais tarde já estava a dormir. Zynaker apagou o pequeno candeeiro com um surdo estalido.

Na casa das mulheres, cerca de seis metros acima do solo, Leonora estava sentada na esteira pintada, de costas contra a parede de madeira, no meio da escuridão absoluta, e não conseguia dormir. Nas restantes três divisões da casa, ouvia-se o cochichar e o riso abafado das mulheres, um bebê pôs-se a choramingar mas calou-se logo a seguir – a mãe devia tê-lo puxado para si e estava a dar-lhe o peito.

O dia anterior voltou a percorrer a sua memória. Um dia difícil, penoso, mas também um dia de êxito improvável. No dia seguinte, haveria a grande festa dos Uma, a troca de presentes, o cimentar da amizade com Dai Puino, mas também o primeiro encontro com Hano Sepikula, o irmão rebelde, e Duka Hamana, o feiticeiro, que iria lutar pela sua honra. Mas, acima de tudo, iria tentar saber alguma coisa sobre James Patrik. E nesta região, neste vale que depois de sobrevoar batizara com o nome de “Vale Sombrio”. que ele deve ter desaparecido, e se um branco, um deus ainda mais longínquo do que os de hoje, aqui entrou em contacto com os selvagens da floresta virgem, quer eles fossem dos Uma, Pogwa, Assari ou Tomba - de certeza que o acontecimento foi logo difundido pelos tambores, e se Dai Puino não teve oportunidade de o ver, deve ter ouvido alguma coisa acerca dele.

Uma única pista bastaria, uma referência mesmo vaga, e ter-se-ia um fio que se poderia dobar até encontrar a outra ponta e desvendar o mistério.

Depois de ficar duas horas sem fazer nada na casa das mulheres, Leonora não agüentou mais. Apurou o ouvido para os compartimentos ao lado, aproximou-se da saída devagarinho e pôs a cabeça de fora. De repente, assaltou-a uma saudade indescritível de Zynaker. Sentia falta das suas mãos, das suas carícias, dos seus lábios, das palavras que lhe sussurrava, do corpo musculoso que se apertava contra o seu e lhe dava a sensação de nele se dissolver. Ouvir só a sua voz, agora, nada mais, isso bastaria. Quando falava, a sua voz penetrava-a, o seu timbre envolvia-a e quando ela fechava os olhos e a ouvia muito dentro de si, perpassava-a uma grande felicidade e o seu corpo era sacudido por um tremor que se concentrava no interior das suas coxas, até estas parecerem arder de tanto desejo.

“Estou louca”, disse para consigo. “Estou desvairada. Nunca foste nenhuma gazela tímida, com medo dos sentimentos.” Houve Jack, no primeiro trimestre, na Universidade da Califórnia, o melhor jogador de basebol da equipa estudantil, e ela apaixonou-se por ele à primeira vista.

Amaram-se durante um ano, então encontrou Edward, o jovem estudante de literatura, e lançou-se nessa aventura como quem se lança nas ondas do mar. Nunca se arrependera, assim como não se arrependera do namoro com Joe Teddy e Charles, acreditando de cada vez ser aquela a verdadeira felicidade e não haver no mundo nada que se comparasse à grandeza daquele amor. E agora Donald Zynaker entrara na sua vida e tudo de súbito era diferente.

Perplexa, feliz, mas ao mesmo tempo assustada, compreendeu que todo o passado fora como que um jogo com uma grande bola que se atira para um lado e para o outro,

que se agarra e se devolve e de repente o jogo acaba, põe-se a bola colorida de lado, sente-se um certo vazio cá dentro, abandonando-se a uma nostalgia que não se consegue explicar, carente de uma felicidade que não se conhece, mas que se sabe que existe.

Quando Donald inadvertidamente a tocou pela primeira vez, quando a fitou de forma breve mas penetrante com os seus olhos azuis, quando Lhe dirigiu a primeira palavra, foi como se o seu coração possuísse uma porta que de repente se abriu de par em par. E era uma sensação totalmente diferente daquela por que era assaltada com Jack, Edward ou os outros. Sentiu-se fragilizada, começou a ter frio, passava as noites acordada na cama, com as mãos nos seios ou no ventre, e sonhava que eram as mãos dele que deslizavam pelo seu corpo enchendo cada poro de desejo. De repente, tomou consciência de que o amor pode realmente cair do céu e também transportar-nos ao paraíso, que uma pessoa se pode diluir na outra por completo e constituir uma unidade que não mais voltará a ser dual.

Sabia e sentia tudo isto com a maior clareza, muito antes da noite em que ela pela primeira vez sentiu o seu corpo, na tenda, os seus beijos a devassá-la, as suas mãos suaves mas enérgicas e a sua voz a sussurrar-lhe ao ouvido na hora da realização: “Amo-te, meu anjo...”

Desde esse momento, que fez desvanecer em cinzas todo o passado, ela ficou a saber que o seu mundo era só preenchido por Donald e que tudo mais à sua volta não passava de coisas sem importância. Tinha encontrado aquela felicidade infinita, pressentida, inexprimível, que a razão não consegue alcançar.

“Meu anjo”, quando ele dizia estas palavras, toda ela era amor, só amor...

Deixou-se ficar algum tempo sentada à porta da casa das mulheres, a olhar para a noite escura. A pouco e pouco, os seus olhos habituaram-se àquele negrume, começando alguns contornos a recortar-se à sua frente: a escada que descia até ao solo, à esquerda o telhado longo, bicudo e ondulado da primeira casa dos homens, os telhados das cabanas rentes ao solo em que geralmente habitavam os velhos, a construção quase redonda onde habitava o chefe, as paredes de estacas dos estábulos e dos armazéns, as bananeiras, as palmeiras, os sagueiros, o campo de tabaco...

Quanto mais fixava os olhos na escuridão, mais o negrume se dissipava.

Estremeceu de susto, quando numa das casas dos homens uma luz estreita e oscilante se afastou para logo se apagar. O desejo de estar com Donald tornou-se tão forte, tão ardente que desceu a escada cuidadosamente, apoiando-se nas estacas que sustentavam a casa das mulheres, e ficou a olhar as casas dos homens que se assemelhavam a monstros de sono.

“Se ele pressentir a minha ansiedade, virá imediatamente cá fora”, pensou ela, avançando alguns passos ao seu encontro. “Tem de sentir, este amor é tão forte que não há distância que resista, nem obstáculo, nem barreira. Tem de sentir na sua pele que penso nele, que estou aqui no escuro à sua espera, a minha saudade deve arder-lhe no interior e atraí-lo até mim. Vem, vem, chamo-te, já não suporto mais a tua falta...”

Quanto tempo ali esteve fora, avançando e recuando, voltando a encostar-se aos pilares da casa das mulheres, suplicando “Vem cá fora, vem, vem!” - ela não sabia. Já não

havia categorias temporais, só aquele insistente tremor que vinha de dentro e clamava pelo seu abraço.

Viu o magro feixe de luz afastar-se e desaparecer no meio da casa dos homens, sem suspeitar que se tratava de Schmitz e Samuel que regressavam de tratar os feridos. Deixou-se escorregar pela estaca e sentou-se no chão, puxou os joelhos para si, apoiou neles o queixo e pensou: “Porque é que ele não sente? Como pode estar a dormir a esta hora? Porque não são os nossos desejos como feixes de luz que convergem e se confundem um no outro? Vem, vem...”

Deu um estremeção e reparou que tinha adormecido sentada no chão. Ouvira claramente um rangido qualquer, havia alguém a vaguear na escuridão e era um ranger de sola de sapato sobre chão seco. Os selvagens andavam descalços e por isso não faziam barulho.

Levantou-se, encostada à estaca, e envolveu-a com os braços. Ainda não conseguia ver nada. Ouvia só que os passos vinham da casa dos homens. Foi de repente inundada por um sentimento de felicidade, uma certeza, apesar de ainda não ver qualquer sombra. “Donald”, chamou baixinho, “Donald”.

- Meu anjo!

A sua voz... E logo apareceu a sua sombra, aproximou-se, adensou-se, ganhou corpo, tornou-se no seu rosto, nas suas mãos estendidas, na sua respiração, nos seus braços, que a estreitavam, a sua boca, os seus lábios, os seus olhos, o seu corpo...

Beijaram-se como se devesse cada um deles insuflar vida no outro, em silêncio, com frenesi, os lábios fundindo-se uns nos outros, um fogo que o sangue bombeava a todas as veias, a todos os músculos, um sentimento de felicidade que escapava a tudo o que era terreno.

- Meu anjo - repetiu ele e beijou-lhe os olhos, o nariz a testa, a orelha e a nuca. Ela suspendeu a respiração, para a soltar depois num suspiro arrastado. - Meu anjo, pressenti que estavas aqui fora. - Estava a chamar-te.

- Era como se alguém me arrastasse com força cá para fora. Não conseguia resistir, tinha de sair.

- Estava a chamar-te - repetiu ela. - Sabia que me ouvirias. Oh, querido, sufoco de ansiedade...

Ficaram juntos até o céu se tingir de cinzento e a noite clareando, anunciar o dia. Ficaram deitados perto de um galinheiro, sobre um monte de folhas de palmeira secas destinadas a forrar o teto, esquecendo no seu abraço onde se encontravam.

Só quando a aurora arrebatou a aldeia à posse das trevas e um galo saltou do seu reduto para começar a cantar, só então regressaram a este mundo, beijaram-se novamente e ergueram-se das folhas de palmeira.

Da primeira casa dos homens soou o toque de um chifre, grave, arrastado, imperativo. Zynaker agarrou na mão de Leonora e ficou com ela entre as estacas da casa das mulheres. Por cima, sobre o estrado, ouvia-se tagarelar em voz alta, depois as mulheres saíram com as crianças para o ar livre, desceram pelas escadas e disseram para Leonora e Zynaker palavras de amizade. Por toda a parte se levantou a azáfama, o

terreiro da aldeia encheu-se de vida, as mulheres e as crianças lavavam-se em longos troncos escavados cheios de água que vinha da encosta trazida por condutas.

Da primeira e terceira casas dos homens saíam agora os guerreiros em catadupa, havia fumo a sair pelas fendas do telhado e das paredes, tinham-se acendido as fogueiras, não para cozinhar mas para aquecer - a madrugada era fria para os papuas.

O primeiro a aparecer no buraco de entrada da casa dois foi o padre Lucius. Espreguiçou-se, bocejou energicamente, gingou os braços e só então é que deu pela presença de Zynaker e Leonora. Desceu as escadas e tornou a bocejar.

- O toque de chifre também vos acordou?

- Não consegui dormir muito tempo. Fiquei preocupado com as operações.

- Que operações? - perguntou Leonora admirada.

- Ah, pois, vocês ainda não sabem de nada, como haviam de saber! - O padre olhou para as largas selhas de água onde as mulheres e as crianças se lavavam e acotovelavam.

Diante das casas, os homens aguardavam a vez de se lavarem. Reinava também entre os Uma ordem social que precisamente entre os povos primitivos era de espantar: um guerreiro é um herói, mas em casa e na vida quotidiana quem manda são as mulheres. São especialmente elas quem incita os homens a conseguirem capturar o maior número de cabeças - nenhum jovem receberá a atenção da sua noiva se antes do casamento não Lhe puser aos pés uma cabeça. E também são as mulheres que escarnecem dos seus maridos, quando eles voltam de uma incursão guerreira trazendo poucas cabeças.

- Parece que também nos vamos ter de lavar naquelas selhas - disse o sacerdote. - Já que esta gente aqui não conhece a sarna, não me faz grande diferença.

- O que é que aconteceu esta noite? - Leonora não desarmou.

- Pepau mostrou aquilo que aprendeu na universidade e que nele há um ótimo médico em potência. Operou nove feridos.

- O que é que ele fez? - Leonora olhou para o padre Lucius, a um tempo incrédula e horrorizada.

- Operou.

- Mas ainda não tem competência!

- Se tem!

- Mas ele ainda não fez o estágio clínico!

- Nesse caso, confessemos que deve ter umas mãos de ouro - disse Zynaker.

- Por amor de Deus! Se um só dos feridos morre, estamos perdidos! - Leonora passou as mãos pelo cabelo, apavorada. - Porque não me chamaram a mim?

- A proibição de você entrar na casa dos homens ou nós na casa das mulheres é absoluta. Eu acho que ele fez bem

- O padre apontou para a selha de água. - Há um lugar livre! Quer ir primeiro, Leonora?

- Eu cá não sei ao certo se os deuses também se lavam - atalhou Zynaker.

- Quer que andemos por aí uma semana a cheirar mal como os porcos?

- Vou primeiro ver os feridos. - Leonora fez tenção de se afastar, mas Zynaker segurou-a pelo braço. - Não podes entrar na casa dos homens! - Voltou a tratá-la por tu e o padre voltou a parecer nada ter percebido.

- Eu sou médica.

- Vai dizer isso a eles. Antes de tudo és mulher.

- Uma deusa branca desconhecida e estranha. Pode-se agarrar assim uma deusa pelo braço? - Ia a libertar-se da mão de Zynaker quando deu com Schmitz a sair da casa e a espreguiçar-se, como antes fizera o padre. Pepau viu Leonora e acenou-lhe. - Eu já lhe digo! - disse ela num tom pouco amistoso.

Zynaker largou-a, mas seguiu-lhe no encalço, enquanto ela se dirigia a Schmitz com o passo apressado.

- Você está maluco, Pepau? - gritou-lhe, mesmo antes de chegar ao pé dele. - Que palermice é que foi fazer?

- Chefe, devo ter salvo nove vidas. Isso é palermice.

- Mas você não tem qualquer experiência de operações.

- Eu não operei, estive só a tratar das feridas. Nunca me meteria a fazer uma colostomia, por exemplo.

- São casos desesperados - disse o padre.

- Se forem tratados com penas brancas de ave, uma papa de plantas e dentes humanos ou falanges, falanginhas e falangetas, certamente que são.

- Vamos imediatamente ver os doentes, para eu poder observá-los.

- Leonora... - disse Zynaker em tom de advertência.

- Eu vou à casa dos homens! - Bateu com o pé no chão e Zynaker viu, espantado, como ela podia ficar furiosa. - Onde está Samuel?

- Ainda dorme.

- Pepau, vá acordá-lo! Precisa traduzir.

- Ele portou-se muito bem, durante a noite.

- Mas não passou pela cabeça de ninguém chamar-me?

- Quis deixá-la dormir, chefe. Você precisava descansar. - Encolheu os ombros, voltou as costas e dirigiu-se à casa dos homens, para ir buscar Samuel.

Zynaker abanou a cabeça.

- Feriste-o muito. Em vez de elogiá-lo...

- Podia ter dado para o torto, raios!

- O rapaz teve coragem. Sabia bem o que podia acontecer, se não tivesse êxito. Acho que nem eu teria tanta ousadia.

Schmitz regressou da casa dos homens com Samuel atrás, de perna marota, que adivinhando maus ventos fez uma vênia a Leonora.

- "Massa", desejo-lhe um muito bom-dia.

- É o que está para se ver. - Lançou um olhar a Schmitz, que se sentia realmente ofendido. - Vamos?

Zynaker seguiu-os a quatro passos de distância, cheio de curiosidade sobre o que os esperaria na casa dos homens.

Reissner e Kreijsman, que acabavam de sair da casa, ficaram a olhar espantados e interrogativos aquela marcha de Leonora. Reissner compreendeu depressa o que se estava a passar.

- Visita da chefe - comentou enquanto se espreguiçava. - Mas termina ao chegar à porta. Apostamos?

- Parece que Leonora está furiosa - constatou Kreijsman.

- A trepar pelas paredes! Pepau roubou-lhe o lugar no espetáculo. Era ela que queria executar o grande número. Agora só lhe resta a visita.

À frente da casa dos homens, estava outra vez o enorme e mudo guerreiro papua, com a sua lança comprida, enfeitada de penas. Pela cara, não se podia dizer se tinha dormido ou ficado de vigília toda a noite. Sem dizer uma palavra, levantou a lança na posição horizontal, barrando a entrada.

- Eu não disse? - exclamou Reissner, tocando Kreijsman com o cotovelo. - Uma médica tem sempre a vida dificultada no meio dos homens, mesmo entre os civilizados. Então aqui na selva, nem se fala.

Leonora parou diante do enorme guerreiro. Olharam-se reciprocamente e em silêncio, sem que qualquer deles desviasse os olhos. Tratava-se de uma luta surda pelo poder. As armas eram os olhos.

- Samuel, diz-lhe que sou a deusa da medicina e quero ver o trabalho do meu ajudante.

- Não pode formular isso de outra maneira? - perguntou Schmitz, melindrado. - Menos humilhante.

- Não, senão ele não entende.

Samuel traduziu e esperou. O guerreiro continuou mudo a lança continuou a barrar o caminho.

- Diz-lhe que se quiser que os seus amigos vivam, eu tenho de observar as feridas.

Samuel traduziu.

O papua não desviou o seu olhar do de Leonora, o seu rosto continuou imóvel como uma máscara garrida. Então, de repente, um abanão sacudiu-lhe o corpo musculoso a lança girou à vertical e deixou a entrada livre. O Uma pronunciou a meia voz algumas palavras de articulação gutural.

- Podemos entrar depois de todos os homens terem deixado a casa.

- Então ele que os ponha ao fresco, depressa.

- Antes tenho de avisá-la, chefe. - Schmitz pensou nas grinaldas de ossos, nos farrapos de carne em decomposição, no cheiro fétido, nas caveiras polidas pelo uso e nos saquinhos da gordura humana pendurados no teto. - Precisa de nervos de aço se quiser entrar já. Vai ver coisas que nunca mais se varrerão da sua memória. Em comparação, uma cabeça reduzida até é inocente, mesmo estética.

- Tenho bons nervos, Pepau. Estaria aqui, se assim não fosse?

Os últimos Uma abandonaram a casa, inspecionaram a deusa branca com um olhar sinistro e colocaram-se de um lado e doutro da escada. O guerreiro corpulento afastou-se da entrada. O caminho estava livre.

- Ela conseguiu! - exclamou Reissner nas escadas da segunda casa dos homens. - Vão deixá-la entrar! Aquela quando bate com a cabeça na parede, fura mesmo! E eu profetizo-lhe, Fred: aquela também há-de encontrar a cabeça do pai! É mulher de armas!

Leonora, Schmitz e Samuel entraram na casa dos homens. O fedor repelente e sufocante a decomposição e suor bateu-lhes no rosto e alojou-se-lhes na garganta, quase corrosivo. Leonora suspendeu involuntariamente a respiração.

Na semiescuridão do vasto espaço, deu também de caras com as medonhas grinaldas de ossos e os crânios polidos dos antepassados.

Schmitz engoliu várias vezes em seco. Apesar de já conhecer o panorama, um arrepio percorreu-lhe a pele.

- Eu avisei-a, Leonora - disse, baixinho.

- Onde estão os feridos?

- Lá no fundo, à esquerda, no nicho da parede.

Ela avançou corajosamente, viu só pelo rabo do olho os ossos humanos e os saquinhos com o conteúdo gorduroso, sem saber ainda de que se tratava, e parou diante dos feridos deitados no chão, imóveis, de barriga para o ar. Estes tinham aberto os olhos e olhavam claramente estarecidos a mulher branca. Schmitz ajoelhou e verificou os drenos. Estavam a funcionar bem. Uma secreção malcheirosa percorria-os. A febre tinha baixado, mas ainda não desaparecera.

Leonora levantou só um dos pensos com adesivo e observou a ferida tratada. Ela própria não teria feito melhor que Pepau.

- Quando é que pretendia voltar aqui? - perguntou, enquanto se erguia.

- Hoje, por volta do meio-dia.

- Por mim, mudaria os drenos agora mesmo e aplicaria outra vez antibióticos fortes. Trouxemos Fortral conosco, não trouxemos?

- Sim.

- Então dê a cada um mais uma injeção de Fortral, para não terem dores.

- Sim, chefe.

Olhou para Schmitz e, de repente, teve de rir.

- Fui injusta consigo - disse com ênfase. - O seu trabalho está impecável.

- Obrigado.

- Na verdade, é uma pena que talvez acabe por apodrecer aqui na floresta virgem, sem sequer ter a oportunidade de fazer o seu estágio.

- Eu queria praticar e ganhar experiência... já lhe tinha dito na nossa primeira entrevista.

- Experiência, na selva.

- Especialmente na selva. Adorava trabalhar um dia num hospital no meio da selva ou numa região em vias de desenvolvimento, na primeira linha da frente, onde as pessoas mais necessitam de nós. Onde só há um médico por mil habitantes.

- Um pequeno Albert Schweitzer.

- Está outra vez a gozar-me. Mas se assim quer, é isso mesmo! Admiro muito Schweitzer, é o meu modelo. Todas as pessoas deviam ter um modelo na sua vida e, através dele, um objetivo. - Olhou Leonora bem fundo nos olhos: - Você tem um modelo, chefe?

- Tenho, o meu pai. É por isso que venho à procura dele!

Atravessaram o vasto espaço da casa até ao buraco da porta e respiraram fundo outra vez, quando chegaram ao ar livre. Zynaker estava à espera deles, ao fundo da escada, o enorme guerreiro continuava lá, apoiado na lança, ao lado da entrada.

- Diz-lhe que os seus amigos poderão continuar a viver se nós os ajudarmos - recomendou Leonora a Samuel. - A sua situação é boa.

Samuel traduziu, mas o Uma não reagiu. Nem resposta nem expressão facial nem o mínimo movimento dos olhos.

- Gostava de saber o que é que ele está a pensar neste momento. - Leonora desceu as escadas e sentiu uma necessidade enorme de se abraçar a Zynaker, pousar a cabeça no seu peito, apertá-lo contra si e sentir-se protegida. Em vez disso, teve de lhe falar com um ar quase indiferente, como falava com todos os outros. - Está com ótimo aspecto - disse a muito custo. O olhar dele percorreu-a como uma corrente elétrica, a sua proximidade era como um íman que a queria arrebatara. Ela resistiu, passando por ele como se nada fosse e acenando para Reissner e Kreijsman.

O padre regressou da selha de água. Tinha enfiado a cabeça na água e sentia-se agora mais bem-disposto. Algumas mulheres puseram-se a falar com ele, apontando para a casa dos homens, e se bem que não entendesse uma palavra, uma coisa entendeu que o fez apressar-se a falar com Leonora. Encontraram-se todos quase ao mesmo tempo no meio do terreiro da aldeia. Reissner queria dizer qualquer coisa, mas um movimento da mão do padre fê-lo calar, deixando-o ali, perplexo.

- Leonora - exclamou o padre, que parecia ter perdido o controle de si mesmo. - Pepau, é quase milagre que ainda estejam vivos! - Apontou com a cabeça para o guerreiro poderoso e mudo à entrada da casa dos homens, para aquela trave musculada de cor castanho-escura, pintada às listas brancas e vermelhas e com o penacho das aves-do-paraíso no cabelo encarapinhado. - Se eu tivesse sabido antes... tinha-os amarrado aos dois. Sabem quem é aquele?

- Não - respondeu Leonora assustada.

- Hano Sepikula, o irmão rebelde, a quem queremos fazer perder a face.

Toda a tribo dos Uma parecia estar ocupada com os preparativos da festa. Na aldeia, um enxame de figuras castanhas nuas ou seminuas agitava-se em todas as direções, eram arrebanhados porcos e galinhas, carregavam-se cachos de bananas, em vários lugares moía-se a tapioca, havia várias fogueiras acesas, o ar de costume tão límpido e puro era atravessado por centenas de odores, estendiam-se grinaldas de penas que ligavam as casas e atravessavam o recinto da festa, traziam-se, principalmente da casa das mulheres, as cabeças reduzidas com que se decoravam os exteriores e, um pouco afastados, sentados no chão, os guerreiros pintavam uns aos outros os rostos e os corpos com cores brilhantes de origem vegetal.

- São pelo menos oitocentos habitantes - constatou o padre.

- E tudo isto me faz lembrar a organização da feira anual. - Reissner não parava de fotografar. - Só falta construírem um carrossel. Romaria na terra dos Papuas.

Ficaram todos sentados nas escadas da sua casa dos homens, a observar aquela azáfama diversificada. Ninguém notava a sua presença nesse momento e também não vinham mulheres trazer-lhes comida. O chefe Dai Puino ainda não aparecera. Realizara-se somente a matança dos porcos diante da sua cabana, que deixou outra vez Kreijsman de tripas revoltas. Começaram por dar uma marretada no crânio dos animais, estes caíram atordoados, depois espetaram-lhes uma lança na garganta e cortaram-lhes as goelas de um lado ao outro. Quando ainda estrebuchavam, começaram a retalhá-los em pedaços. Os cães rodeavam o lugar da matança, ladrando e uivando com grande escarcéu atiraram-lhes as tripas que eles logo abocanharam e arrastaram para o meio do bananal onde devoraram os sangrentos despojos.

- Não vou conseguir meter nada na boca - disse Kreijsman agoniado. - Como depois uma lata de feijão. Tenho o estômago às voltas.

- Bem assadinho, tostadinho, o aspecto é outro - atalhou Zynaker. - Se recusar a comida, Fred, isso será considerado um grande insulto.

- E para acompanhar, como legumes, apresentam-nos as deliciosas larvas de sagueiro, não é? - Reissner interrompeu as fotografias. - Fritas em gordura humana.

- Quando é que fazemos a entrega dos presentes? - perguntou Schmitz.

- Estava para perguntar o mesmo. - Reissner soltou uma gargalhada rouca. - Quando é que damos início ao grande espectáculo de magia? E outra pergunta-base: vamos ficar aqui na aldeia?

- Estive a pensar que podíamos levantar aqui o nosso acampamento de apoio. - Leonora tinha estendido um mapa sobre os joelhos e seguia com o dedo pelos montes e desfiladeiros que ainda nenhum branco calcorreara. O mapa fora desenhado com base em fotografias aéreas. Leonora apontou um lugar. - A nossa aldeia deve estar situada mais ou menos aqui. A partir deste sítio, podemos avançar pela selva em todas as direcções. Os Uma conhecem todos os trilhos, rios, pântanos, eles podem guiar-nos.

- Se nos conservarmos amigos - interrompeu Zynaker. - A festa de recepção não é ainda garantia de que a nossa amizade se mantenha no dia de amanhã. A coisa pode inverter-se de um momento para o outro.

- Se conseguirmos safar os nove feridos, até Hano Sepikula fica nosso amigo - disse Schmitz

- Não acredito, se ajudarmos o irmão a continuar a ser o chefe. - Zynaker levantou-se das escadas e olhou para os guerreiros que ali perto se pintavam.

- Se soubéssemos qual deles é o mais velhaco - disse Reissner - era bem mais fácil a escolha. Onde é que você vai, Donald?

Zynaker tinha-se posto em movimento, mas voltou a parar.

- O meu estômago lembrou-me agora mesmo que ainda não tomei o pequeno-almoço.

- Um estômago simpático. O meu também está a fazer barulho. Vamos pôr cá fora o fogareiro a gás e fazer um bom café forte, com pão, manteiga e marmelada a acompanhar. Aí é que os Uma vão ficar com a cara à banda. - Reissner esfregou as mãos de contente. - Leonora hoje fico de serviço à cozinha. A minha sugestão para o aimoço é carne de vaca estufada com massa.

- Pois eu proponho exatamente o contrário - interrompeu Zynaker. - Vou falar com os Uma e pedir-lhes fruta fresca, leite de coco, pão de tapioca e ovos.

- Não esqueça também as deliciosas minhocas de sagueiro!

- Vem comigo, Pepau? - interrompeu Zynaker, sem responder à provocação. Schmitz acenou que sim. Samuel abandonou também o seu lugar. Sabia, mesmo sem o chamarem, que ia ter de traduzir.

- Também vou. - Leonora entalou melhor a blusa nas calças de caqui e passou os dedos abertos pelo cabelo, penteando-o para trás. - Além disso, tenho necessidade de me lavar. Pelo menos, a cara.

Dirigiram-se ao vasto recinto da aldeia, onde foram recebidos calorosamente pelas mulheres que tagarelavam e riam. Algumas crianças aproximaram-se timidamente para observar os brancos de mais perto, os cães rodearam-nos, inspecionando-os com os seus olhos cor de ambar. Leonora verificou a água das selhas de lavar e viu que estava limpa. Havia um fluxo constante de água fresca que descia da encosta e atravessava a conduta de madeira. Devia haver ali um riacho ou uma fonte. Resolveu investigar mais tarde, talvez encontrasse aí modo de tomar banho. A água era límpida, fria e aveludada.

- Vamos falar primeiro com Dai Puino - decidiu Zynaker, apontando para a grande cabana do chefe. - Estão todos cá fora, só dele nem um sinal.

Deu a impressão de estarem a ser observados da cabana.

Quando avançavam na sua direção, saiu dela um guerreiro jovem enfeitado com penas e colocou-se em frente à porta.

- Um filho do chefe - esclareceu Samuel baixinho. - Ele tem quatro filhos e uma filha. - A seguir falou qualquer coisa na língua dos Uma e recebeu uma resposta por entre dentes. - Dai Puino já vem - traduziu Samuel. - Está junto da sua mulher Sapa. Ela está muito doente.

Leonora e Schmitz entreolharam-se por segundos e cada um sabia o que o outro estava a pensar. Zynaker teve imediatamente a mesma ideia e pô-la em palavras:

- Daquele lado, os nove feridos, deste, a mulher do chefe... não há melhor forma de sermos apresentados aos Uma.

- Primeiro tenho de ver qual é a doença dela. Samuel, diz ao guerreiro que a mulher branca quer ver Sapa e ajudá-la.

Samuel traduziu. O jovem Uma permaneceu mudo, de olhos pregados em Leonora, e depois abanou a cabeça.

Schmitz interveio e colocou-se ao lado de Leonora.

- Diz-lhe que salvei esta noite os nove feridos. Talvez possamos também salvar a sua mãe.

Samuel transmitiu a mensagem. Criou-se um diálogo tenso, que foi aumentando de tom. Samuel interrompeu, levantando a mão.

- Ele diz que sabe dos nove guerreiros. São homens de Hano Sepikula. O chefe está zangado, por não os deixarem morrer.

- Estamos arranjados! - exclamou Zynaker. - Eu já sabia.

- Além disso, com uma mulher o caso muda de figura.

- É também um ser de carne e osso!

O jovem guerreiro afastou-se para o lado. Dai Puino apareceu, menos ataviado que no dia anterior, mas mesmo assim pintado com riscas amarelas, vermelhas e brancas.

O olhar com que inspecionou os brancos era irado e perigoso. Zynaker não tinha dúvidas de que a situação se agravara consideravelmente. Quem ajudasse Hano Sepikula era tido como inimigo de Dai Puino. Era tão claro e tão simples como isso.

Samuel encolheu a cabeça entre os ombros e foi com voz insegura que serviu de intérprete ao rápido diálogo.

- Sapa tem dores? - perguntou Leonora.

- Sim - respondeu Dai Puino breve e secamente.

- Onde?

- Por todo o corpo.

- Tem febre?

- O que é febre?

- Tem a cabeça muito quente?

- Sim.

- O corpo também?

- Sim.

- Baixo ou alto?

- Baixo.

- Consegue levantar-se?

- Não.

- Consegue mexer-se?

- Mal. Muito pouco.

- Há quanto tempo está doente?

- Há dez dias.

Schmitz fez sinal a Leonora com os olhos.

- Com esta anamnese não vamos longe, chefe.

- Ficamos a saber, pelo menos, que não é doença crónica. Há dez dias que tem dores, acompanhadas de febre, apatia e dificuldade motora.

- Pode ser tudo mais alguma coisa! Insuficiente para um diagnóstico à distância. Mas parece sério.

- Gostaria de ver Sapa - disse Leonora a Dai Puino.

- Duka Hamana já a viu - foi a resposta.

- Eu posso mais que Duka Hamana!

Dai Puino voltou a inspeccionar Leonora, com um ar tenebroso, pareceu refletir arduamente e trocou algumas palavras com o filho. Das cabanas e do recinto da aldeia, observavam-nos centenas de olhos. O rosto de Samuel iluminou-se, quando Dai Puino lhe dirigiu uma frase.

- Ele deixa-vos entrar, mas só se puderem mais que Duka Hamana.

- Ficamos presos pela palavra, chefe. - Schmitz respirou fundo. - Raios, você tem coragem!

- E o que é que você teve ontem à noite?

Dai Puino voltou a desaparecer para dentro da casa, o filho permaneceu ao pé da porta como uma estátua e colocou-se logo à frente da entrada como uma intransponível barreira, depois de Leonora, Schmitz e Samuel terem também desaparecido por ela. Zynaker ficou cá fora. Ficou a contemplar, pensativo, o enfeite da porta que fora colocado na fachada, pendurado por cordões de ráfia e lianas. Doze cabeças reduzidas e uma fiada de ossos humanos da bacia.

O interior da cabana do chefe assemelhava-se ao da casa dos homens, mas a decoração dava-lhe um ar mais confortável. O chão de ripas de madeira estava coberto de esteiras garridas, na parede pendiam esteiras de ráfia entrelaçada, com aplicações pintadas de peles, penas, materiais de entrançar e ossinhos. Uma grande lareira constituía o centro da casa, tendo à sua volta, junto à parede, os lugares onde a família dormia, aqui também com esbranquiçadas caveiras polidas pelo uso a servir de travesseiros e - para grande surpresa de Leonora - uma espécie de móvel parecido com uma mesa de madeira nodosa e atada com fios.

Em cima dela havia copos de bambu, canecas feitas de cabaças esvaziadas e recipientes em forma de concha feitos de madeira escavada. As armas - lanças, arcos e flechas, escudos grandes e coloridos, mocas de madeira pesadas - jaziam a um canto da casa. Certamente que não faltavam os saquinhos dos repelentes vermes de sagueiro, sempre a contorcer-se, oscilavam, pendurados numa trave do teto.

Na penumbra, que caracterizava o interior de todas estas tendas sem janela, Leonora reconheceu uma figura de mulher deitada ao pé da parede. Havia uma rapariga agachada ao pé dela que lhe ia deitando gotas de água sobre o rosto e o peito raso e murcho. Quando Schmitz e Leonora entraram, a cabeça da rapariga estremeceu e voltou-se para eles.

Schmitz ficou impressionado a olhar para a menina. Tirando uma tanga de ráfia pintada, ela estava toda nua. O seu cabelo crespo, negro, era mais comprido do que nas outras mulheres, tinha os lábios menos grossos e uma pele que apesar do lusco-fusco, luzia como veludo. Tinha os peitos cheios, redondos e rijos, e os seus olhos adquiriram novo brilho quando se voltou para Schmitz e os olhos deles se cruzaram. Virou outra vez a cabeça rapidamente e debruçou-se de novo sobre Sapa, sua mãe.

Schmitz respirou fundo. A visão da rapariga, a sua beleza, que a distinguia das outras mulheres e raparigas, o seu olhar, que tinha penetrado como um raio de luz, aquele rosto que lhe lembrava os quadros de Gauguin, que pintara as belezas do Taiti, e não uma rapariga que ainda vivia na Idade da Pedra, o confronto com este acontecimento

incompreensível numa terra inexplorada de que ninguém sabia a existência, tudo isto fez o seu coração bater de repente como louco.

- Que tem, Pepau? - perguntou Leonora. Ela já tinha avançado, aproximando-se da mulher deitada na esteira.

- Estive só a olhar em volta alguns momentos, chefe. Está tudo espantosamente limpo aqui. Não há cheiros desagradáveis.

Dai Puino ficou de pé ao lado do leito de sua mulher, com uma expressão lúgubre no rosto, a observar Leonora, que se ajoelhou. A rapariga não olhou para ela e continuou a deixar cair gotas de água sobre a cabeça e o peito da mãe.

Schmitz baixou-se junto de Leonora e lançou um olhar à rapariga. Ela tinha virado a cabeça para fugir aos olhos dele.

Samuel, que se encontrava de pé atrás de Schmitz, explicou com o maior à vontade:

- É Lakta, a filha de Dai Puino. É a única filha.

Lakta, pensou Schmitz. Lakta. Um nome que não mais esqueceria. Como pode uma tal beleza crescer entre selvagens? Lakta, filha de um canibal e caçador de cabeças. Que mundo este...

Leonora observou a mulher, durante algum tempo.

O seu rosto contorcia-se, devia ter dores insuportáveis, mas nem um queixume nem um gemido saíam daqueles lábios gretados. Somente através dos seus olhos brilhantes de febre transparecia a dor que ela podia extravasar.

- Samuel, vem cá - chamou Leonora. - Tens de traduzir agora com toda a precisão aquilo que eu pergunto e aquilo que Sapa responde. Todas as palavras são importantes, estás a ouvir?

- Estou a ouvir, "Massa". Pergunta.

Leonora segurou a mão de Lakta e abanou a cabeça. A rapariga entendeu-a, pôs de lado a caneca de bambu e pousou as mãos no regaço. O seu corpo era delgado e liso e surpreendentemente bem proporcionado. Sapa olhava fixamente a deusa branca que se debruçava sobre ela.

- Diz-me onde dói mais.

Sapa hesitou, depois pousou a mão na barriga. Desceu-a mais para baixo, para além do umbigo e parou aí.

- A bexiga? - perguntou Schmitz. - Uma cistite?

- Não creio. Aí há muito mais coisas. Vou palpar com cuidado. - Afastou a mão de Sapa e começou a percorrer cuidadosamente o ventre com a mão aberta, ao mesmo tempo que observava o rosto da mulher à espera de um sinal de dor. - Diz-lhe, Samuel, que lhe peço para dar sinal quando a dor for maior. - Continuou a carregar e levantou de súbito a cabeça, como se tivesse sentido algo sob os dedos. Aí, carregou um pouco mais fundo.

Sapa soltou um gemido baixinho. A sua boca contorceu-se.

- É isso - disse Leonora, retirando a mão. - Se tivesse comigo agora um aparelho de raios xis... Pepau, veja você agora. De que acha que se trata?

Schmitz ajoelhou-se, inclinou-se sobre Sapa e os seus olhos pararam em Lakta. Os grandes olhos negros dela imploravam e brilhavam através das lágrimas reprimidas. Depois de alguma palpação, Schmitz voltou a endireitar-se.

- Talvez seja um disparate o que vou dizer, mas parece um tumor.

- Sente-se claramente com os dedos, como um balão cheio e duro. É um fibromioma.

- E agora?

- Só há uma solução: operar.

- Uma enucleação do mioma?

- Sim.

- Aqui?

- Está a ver alguma clínica nas redondezas?

- Mas, chefe, vai dar para o torto! Com os meios de que dispomos...

Leonora ergueu-se e olhou para Dai Puino, de pé junto à parede, à espera de uma satisfação.

- Você não esteve na guerra, Pepau - disse com ar sério. - Eu também não, mas o meu pai esteve. E contou-nos coisas de espantar. Como logo por trás da frente de batalha se cosiam os homens esfacelados, se amputavam pernas e braços, em tendas cheias de correntes de ar, em cima de simples mesas de abrir, com instrumentos comparados com os quais os nossos são uma autêntica clínica universitária. Samuel?

- “Massa”?

- Diz a Dai Puino que pretendo ajudar a sua mulher. Quando eu começar, ele tem de sair.

Samuel traduziu. Dai Puino respondeu com uma frase curta.

- Ele diz que não, que não sai daqui - comunicou Samuel.

- Diz-lhe que tenho de abrir a barriga de Sapa, com uma faca.

Dai Puino olhou para a sua mulher e depois outra vez para Leonora. Os seus lábios moveram-se e Samuel teve dificuldade em perceber o que dizia.

- Ninguém vai cortar Sapa com uma faca - disse Samuel hesitante. - Sapa é a sua mulher e não o seu inimigo.

- É absolutamente claro o seu raciocínio. - Schmitz continuava de joelhos junto de Sapa. Ao pé de si encontrava-se Lakta, de cócoras, cabeça caída, as mãos esguias pousadas nas coxas. - Aqui só se cortam as pessoas quando são inimigas, para as assar na fogueira. Cortar um corpo e abri-lo para o salgar, é coisa que não lhe cabe na cabeça.

- Samuel, traduz: o inimigo alojou-se no ventre de Sapa. Eu quero tirá-lo de lá - disse Leonora, apontando para o corpo da mulher, que de vez em quando se contraía. - Depois de eu o tirar de lá, Sapa fica outra vez boa.

- Não está a prometer mais do que pode, chefe? - perguntou Schmitz preocupado.

- Sem a operação a morte dela é mais do que certa! Temos de extrair o mioma.

Dai Puino reflectiu. Retalhar uma pessoa sem ser um inimigo - impossível! Mas o inimigo, diz a mulher branca, está alojado no corpo de Sapa e só é possível vencê-lo atacando-o. Isso também é verdade. Que fazer? Olhou para Sapa e para Lakta, sua filha, e

disse a esta última algumas palavras. Lakta respondeu com uma voz suave e flutuante que Schmitz recebeu como uma carícia. Dai Puino passou as mãos pela cara, um sinal de desespero que os homens do presente e os da Idade da Pedra partilham em comum. É aqui, na provação, que ambos se encontram, se tornam unos.

- Lakta disse - interveio Samuel - que se o inimigo está dentro da sua mãe, tem de ser retirado de lá.

- Uma rapariga inteligente. Pede-lhes para saírem de casa.

- Quer operar já? - perguntou Schmitz, quase apavorado.

- A mulher já sofreu que chegasse.

- Operar aqui no chão? Vai provocar uma sepsia que nunca conseguiremos dominar. É impossível esterilizar seja o que for.

- Na guerra, operava-se em caves, onde, a seguir ao rebentamento de cada granada, caía pó e cal do teto e das paredes. E a maior parte salvou-se. Além disso, só trouxemos no equipamento uma mesa de abrir.

- Demasiado curta. Ficavam as pernas e a cabeça de fora.

- Não vou operar a cabeça ou as pernas. Preciso só de ter o tronco sobre uma base estável. Lakta pode ficar e segurar a cabeça.

- Ela desmaia.

- De certeza que ela já viu mais cadáveres de inimigos a serem esquartejados do que nós mortos na aula de anatomia ou na morgue.

Schmitz engoliu em seco. Deitou um olhar a Lakta, que tinha recomeçado a deitar água sobre o corpo febril da mãe. “Meu Deus, tem razão”, pensou ele, e o seu coração bateu forte. “Ela pertence aos Uma, é filha de um caçador de cabeças e deve ter comido carne humana, como todos os outros. Aliás, ela não conhece outra coisa. É uma canibal, Pepau, e por muito bonita que seja preparou cabeças conquistadas ao inimigo, reduzindo-as, e talvez tenha também partilhado com o pai, a mãe e os quatro irmãos a coxa assada de um ser humano.” Este pensamento abalou-o tanto que fechou os olhos.

Leonora notou-o.

- Que tem, Pepau? - perguntou.

- Nada, chefe.

- Está para aí de cócoras, como um ar de quem lhe deram uma sova.

- É também assim que me sinto.

- Vamos lá a reagir! Temos de ir buscar a mesa, a mala dos instrumentos, dois projetores, o caixote com as ligaduras, tudo o que trouxemos. Dentro de uma hora, podemos começar com a operação.

- Mesmo antes da grande festa?

- Absolutamente. Se a operação for um êxito, será o melhor presente que podemos dar a Dai Puino... em vez de colares de contas de vidro, damos-lhe a vida da mulher. Venha comigo!

Deixaram a casa do chefe e deram com Zynaker a andar para um lado e para o outro, inquieto. Este precipitou-se logo na sua direção.

- Que aconteceu? Meu Deus, como estava preocupado!

- Leonora quer operar. - Schmitz ainda continuava sob o efeito do horrível pensamento de que Lakta comia carne humana. - Um mioma.
- Não sei o que isso é, mas parece-me coisa grave.
- Numa clínica normal, não.
- Estou a ver. Leonora...
- Donald, por favor, nada de discussões. - Sacudiu o cabelo para trás com um movimento de cabeça e concluiu: - Já resolvi.

Zynaker ficou a olhá-la, perplexo, enquanto a jovem se dirigia decidida para a segunda casa dos homens. Schmitz e Samuel seguiam-na como cãesinhos obedientes. “Esta é a outra Leonora”, pensou. “Não aquele anjo meigo, dócil, que se desfaz em ternura, não a amada que nos seus braços parece deixar de ser deste mundo, não a mulher cujo amor pode modificar toda uma vida - neste momento, ela é o tufão de energia que se esquece a si própria para atingir o seu objectivo.”

“É preciso uma pessoa habituar-se”, disse para consigo.

“Uma mulher invulgar não pode ser julgada de acordo com os padrões vulgares. Vamos ter de certeza algumas rixas entre nós, mas ainda mais maravilhoso será o próximo abraço.” Refletiu se deveria realmente preocupar-se com o pequeno-almoço, mas como não havia maneira de se fazer entender sem intérprete, resolveu cozinhar uns ovos. Aproximou-se de um grupo de mulheres que estavam a moer tapioca e descobriu ao pé da porta de uma cabana um cesto de ovos acabados de apanhar que uma velha vigiava. Quando Zynaker parou diante dela e se inclinou para o cesto, ela tapou os olhos com as mãos e desatou a tremer de cima a baixo.

Que queria dela o estranho deus branco?

- Só alguns ovos. Doze ao certo, dois para cada um. Com todo o cuidado, tirou os ovos do cesto e com ainda maior cuidado os meteu nos bolsos das calças. Havia uma centena de olhos que o observavam, a tagarelice parou, só a gritaria das crianças continuava a fornecer barulho quanto bastasse.

Zynaker colocou no bolso o último ovo e dirigiu-se depois com todo o cuidado para a segunda casa dos homens.

Atrás de si, ouviu um grito abafado. A velha lançara-se por terra de cara para o chão e revirava-se como se tivesse um ataque epiléptico.

O deus branco tinha levado os seus ovos. O deus branco tinha-a distinguido com um sinal. O deus branco concedera-lhe um novo rosto. Todos os Uma teriam agora por ela um respeito especial...

- Onde está esse pequeno-almoço prometido - gritou Reissner para Zynaker. - Tenho as paredes do estômago coladas uma à outra!

- Trago aqui ovos frescos, dois para cada um. Ainda temos de fazer café e abrir uma lata de pão.

- É verdade que Leonora quer fazer uma operação difícil? - perguntou o padre, preocupado. - Schmitz e Kreijsman estão lá dentro a remexer os caixotes do material médico.

- É verdade. É a mulher de Dai Puino. - Zynaker tirou os doze ovos do bolso e colocou-os no chão. - E o que se passa com os nossos presentes?

- Está tudo a postos. Conseguiram saber quando é que começa a grande festa?

- Suponho que começa com o almoço. As galinhas e os porcos já foram abatidos. Além, estão a assar, a cozer, a fritar e os homens a pintar-se como se fossem para a guerra ou para um grande batuque.

- Eles aqui não sabem batucar, só sabem matar. - Reissner levantou-se do tronco em que estava sentado. - Vou buscar a máquina do café. Sem pequeno-almoço, sou só meia pessoa e já ontem não tomei nenhum.

Durante todo o tempo em que remexeram os caixotes, os fardos, as caixas de cartão, à procura do equipamento médico necessário, Schmitz não conseguiu esquecer Lakta.

Os olhos com que ela o olhava, aqueles olhos grandes e brilhantes, aquele rosto nada primitivo, que poderia deslumbrar milhões de pessoas se aparecesse na capa da Vogue, o seu corpo maravilhoso de pele sedosa, tinham despertado nele um sentimento que até agora lhe fora estranho. Com os seus vinte e três anos, tinha já atrás de si uma série de vivências com raparigas. Com dezasseis, fora seduzido por uma mulher de trinta, uma cozinheira que trabalhava a meia jornada na casa dos Schmitz, depois tivera uns casos no clube de ginástica e de natação, na universidade julgou ter encontrado o grande amor da sua vida, uma colega do sexto semestre que todos os homens comiam com os olhos, de longos cabelos louros e pernas que não mais acabavam, uma pequena maravilha na cama, que muitas vezes lhe deixava as costas todas arranhadas ou então, à noite, aparecia de repente na sua cama - ela tinha a chave do quarto - e se atirava a ele como uma gata assanhada. Por fim, veio a saber que ele era o homem das terças e quintas e que havia um das segundas e quartas e outro das sextas e sábados, ficando sozinha ao domingo - guardarás o dia do Senhor. Esta revelação tinha-o deixado absolutamente destruído, chegou mesmo a adoecer com a desilusão, mas voltou a recompor-se, decidido a brincar daí em diante com as mulheres, como elas fizeram com ele. Deixou de acreditar no grande amor chegando mesmo a impor a si próprio a concepção de que o grande amor não existe. Fora assim neste azedume que até hoje vivera e amara.

Não conseguia explicar o sentimento que de súbito o assaltara, ao ver Lakta. Não se tratava de um interesse sexual concentrado nos seus seios firmes e no seu colo delgado não era o desejo de possuir aquele corpo sedoso e macio para depois o inscrever no rol de conquistas. Era uma sensação como se alguém lhe tocasse a alma e todas as suas fibras comesçassem a cantar.

Todos ajudaram a transportar a sala de operações portátil, como lhe chamava Reissner, para a cabana de Dai Puino. Ninguém podia entrar. O filho do chefe estava em frente à porta e mantinha todos afastados só com a sua expressão de poucos amigos.

- O tipo olha para mim como se me quisesse comer - constatou Reissner.

- Vontade talvez não lhe falte - riu Kreijsman com vontade.

- A si não comeria ele, Fred - retorquiu Reissner, entre dentes. - Porque antes que o fizesse, já você se tinha cagado!

No interior da casa, Schmitz e Samuel montaram a mesa de abrir, colocaram os projetores alimentados a bateria em cima de um tripé e puseram em cima de um caixote uma camada de celulose: a mesa de instrumentos. Entretanto Leonora tirou para fora o instrumentário, mechas, ampolas e injeções, gaze e ligaduras e pôs tudo por ordem ao pé da mesa, em cima do outro caixote.

Dai Puino observava tudo carrancudo. Só Lakta se aproximou, admirou os instrumentos brilhantes por causa do cromado, se acocorou por terra ao lado dos caixotes e ficou a ver Schmitz a preparar tudo para a operação. Ela trocou algumas palavras com Samuel, que traduziu:

- Lakta quer saber que armas são essas.

- Não são armas.

- Mas “Massa” disse que pretende vencer com elas o inimigo que está alojado no corpo de Sapa. O inimigo só se pode vencer com armas.

- Este inimigo é especial - explicou Schmitz e o seu olhar voltou a cruzar-se com o de Lakta. - Por isso são necessárias armas especiais. Pergunta-lhe se ela quer ajudar.

Samuel traduziu. Lakta disse que sim com a cabeça.

- Mas não pode ser, Pepau - interrompeu Leonora.

- Pensava que ela tinha de segurar na cabeça da mãe.

- Podemos tentar.

Meia hora depois estava tudo pronto para começar com a operação. Leonora e Schmitz espalharam spray anti-séptico nas mãos e antebraços. Zynaker aproximou-se de Sapa. O rosto de Dai Puino retorceu-se.

Samuel queria ir-se embora, mas Leonora reteve-o.

- Tu ficas aqui a ajudar. Estende as mãos!

- “Massa”...

- Estende as mãos! - Borrifou também os braços de Samuel. O papua fez uma cara de quem lhe estão a cortar os braços. - Vais ajudar a pegar em Sapa e a segurar as pernas.

- Tenho... tenho de ficar a assistir, “Massa”?

- Mas és um homem, Samuel! Onde é que já se viu: um caçador de cabeças que não pode ver sangue!

- Nunca cortei uma cabeça! E o meu pai também não! - gritou Samuel. - Nós somos bons cristãos.

- Ainda melhor. O dever do cristão é ajudar onde é preciso. - Voltou-se para Schmitz, que se encontrava em frente de Lakta. Olhavam um para o outro no fundo dos olhos e não precisavam de saber a língua um do outro para compreender o que queriam dizer-se. Leonora entendeu, espantada, o que se estava a passar. - Pepau!

Schmitz estremeceu, como se tivesse sido apanhado a cometer alguma ação proibida.

- Chefe...

- Vê lá o que fazes!

Instintivamente, estava a tratá-lo por tu e assim continuou. Era só seis anos mais velha do que ele, mas, para ela, o jovem não passava de um rapaz sonhador, atraído pela

aventura, como um irmão mais novo que estava ao seu cuidado. Schmitz ficou visivelmente embaraçado, os seus olhos azuis por baixo do cabelo louro pareciam implorar: por favor, não faça mais perguntas.

- Não sei de que está a falar, chefe - respondeu precipitadamente.
- Deixa Lakta em paz, Pepau.
- Não estou a fazer mal nenhum.
- Estás, pois! Com os olhos, já provocaste o seu afecto.
- Chefe, eu... eu...
- Pára de gaguejar. Admito que é uma bonita rapariga mas entre vocês dois há um fosso de milênios. Ela é antropófaga.
- Não quero pensar nisso.
- Mas tens de pensar. Como presente de noivado, ela exige que lhe tragas cabeças reduzidas.
- Em que está a pensar, chefe?
- Na tua cabeça, Pepau. É claro que podes ir com ela para o meio do mato, mas em seguida os irmãos dela cortam-te a cabeça. Ou queres dizer que não sabias?
- Mas eu não quero...
- Estás a mentir, Pepau. Claro que queres. Quer qualquer um que veja Lakta. Que achas que acontece, se Reissner a vir?
- Dou cabo dele! É o que acontece!
- E queres-me tu dizer que Lakta te é indiferente? - Leonora sorriu e agitou a mão no ar.
- Os projetores estão prontos?
- Sim, chefe.
- Vamos então colocar Sapa sobre a mesa. - Olhou na direção de Dai Puino, que estava curvado, encostado à parede, a olhar para a mulher. - Samuel, diz a Lakta que tem de ajudar a levantá-la.

Curvaram-se os quatro ao mesmo tempo, meteram as mãos por baixo do corpo delgado e enrugado de Sapa e, a uma ordem de Leonora, ergueram-no cuidadosamente da esteira. Andaram devagar os poucos passos que os separavam da mesa para não sacudir o corpo. Quando colocaram Sapa sobre a mesa, os pés e a cabeça ficaram de fora.

Leonora fez um sinal a Samuel.

- Diz a Lakta para segurar a cabeça e tu seguras as pernas.

Curvou-se sobre a doente e sorriu-lhe. Sapa tinha aberto os olhos febris que deixavam transparecer o medo. Mesmo que Lakta lhe tivesse explicado que a estranha mulher branca a queria ajudar, era para ela aterrador o que lhe queriam fazer. Quando Schmitz, ainda por cima, ligou os projetores de luz intensa, aquela magia deixou-a totalmente paralisada - dois sóis brilhavam de repente na cabana, dois sóis pequenos e fortes, que encandeavam os olhos.

Mas são deuses, têm os sóis nas mãos, com essas mãos me tocaram e querem tirar-me as dores. Valei-nos, deuses!

Também Dai Puino estremeceu quando as luzes se acenderam. Caiu por terra e pôs a cara contra o chão, para não perder a luz dos seus olhos. Leonora aplicou a

primeira injeção, a anestesia. Agora é preciso trabalhar como há quarenta, cinquenta anos atrás, quando ainda não existia anestesia por tubos e esta era conseguida através de injeções. Sapa contraiu-se por um segundo ao sentir a picada, mas depois a anestesia começou a fazer efeito, as dores desapareceram e um sorriso perpassou no seu rosto enrugado.

O corpo, tenso, descontraíu-se.

Schmitz pegou no frasco de iodo e destapou-o.

- Que tipo de incisão vai fazer, chefe? - perguntou.

- O mais adequado aqui é uma incisão Pfannenstiehl.

Schmitz espalhou o iodo pelo baixo-ventre e a seguir cobriu o corpo. A descoberto ficou só a região a operar. Tirou da caixa pinças para obstruir os vasos sanguíneos, outros tipos de pinças e drenos e voltou a olhar para Leonora.

Os afastadores Fritsch e os afastadores para segurar e abrir a parede abdominal estavam prontos, à mão. Samuel virou os olhos quando Leonora pegou no bisturi. O olhar de Lakta voou suplicante até Schmitz. Ele sorriu-lhe para a acalmar, mas não tinha a certeza se ela o compreendia.

- Tudo a postos, Pepau? - perguntou Leonora em tom pragmático.

- Tudo, chefe.

- Então, começo. - Com uma ligeira curvatura, fez a primeira incisão no corpo de Sapa.

5

A esquadilha de helicópteros aterrou de manhã cedo no aeródromo de Kopago. O tenente Wepper esperava-os em frente do edifício do posto. O nevoeiro era denso, como acontecia todas as manhãs, pairando como pálidas grandes telas sobre os montes. Os aparelhos desceram deste cinzento flutuante e pairavam com um barulho infernal sobre o local indicado para a aterragem. Ainda as pás das hélices não tinham parado já a porta do primeiro helicóptero se abria e um homem à paisana descia com cuidado a estreita escada de metal que fora acionada de dentro. Com passos largos, aproximou-se o tenente Wepper.

Mesmo antes de se cumprimentarem, Wepper já sabia quem era o senhor de cabelo branco, à civil. Apesar da idade, nada o conseguiu demover de vir ele próprio em pessoa, pensou Wepper. Para ele é como se fosse uma nova campanha contra os Papuas que há muitos anos mataram a sua mulher. Todos aqui conheciam a sua história, todos sabiam como então partira para o rio Sepik uma expedição punitiva com o objetivo de aniquilar esses “selvagens”. “Exterminar”, foi o que então gritou, “exterminar até não existir uma seta ou um osso do nariz que os possa lembrar!” Mas a pequena campanha contra os caçadores de cabeças de Yarikari perdeu-se no vazio, os pântanos e afluentes do Sepik, a selva densa, aquele inferno de natureza em putrefação e de exuberância reprodutiva,

conservou para si o seu segredo. As aldeias então descobertas tinham sido abandonadas, sem deixar um mínimo vestígio de pessoa ou animal. O general mandou destruir as aldeias pelo fogo, transformou o solo fértil em terra queimada com os lança-chamas, e mandou - o seu ódio já não conhecia limites - ensopar a terra com produtos químicos venenosos.

E agora aqui estava, depois de tantos e longos anos, para assistir a uma nova destruição.

O velho senhor chegou ao pé do tenente Wepper e parou diante dele, endireitando-se. O oficial perfilou-se e cumprimentou-o:

- Bem-vindo, sir!

- Conhece-me? - A voz do velho era dura, habituada a comandar.

- Quem não o conhece, meu general.

- O senhor é o tenente Wepper?

- Sim, meu general.

- O tal sem capacidade de decisão.

- Sir!

Sir Anthony fez um gesto enérgico de fim de conversa.

Os soldados saltaram dos helicópteros e formaram. Um oficial veio a correr apresentar a formatura a Sir Anthony e ainda ouviu as últimas palavras.

Wepper voltou a apresentar-se.

- Tenente Wepper, comandante do posto de Kopago.

- Capitão Donnoly. Receberam entretanto algumas notícias?

- Não, meu capitão. O posto telegráfico teve gente durante toda a noite. Não houve qualquer comunicação de Zynaker ou de Miss Patrik.

- Isto ainda lhe vai dar muita água pela barba, Wepper! - disse Sir Anthony com voz autoritária. - O que quer que seja que tenha acontecido, o senhor tem a sua quota-parte na culpa.

- Sir, oponho-me a que me lancem culpas deste fato.

- Opõe-se? Porque é que não se opôs a Miss Patrik? Por três vezes lhe telefonei a dizer-lhe o que devia fazer.

- Sir, eu tinha instruções do quartel-general. O senhor falou comigo a título particular e portanto não me podia dar ordens.

- O quartel-general está cheio de idiotas até ao teto! - gritou Sir Anthony. - Era assim antigamente e continua hoje a ser o mesmo. Só consegue chegar ao quartel-general quem se distinguiu por não ter nada na cabeça! Esta expedição foi desde o início uma loucura.

- Não tenho de tecer juízos de valor, sir. Ela estava autorizada e era a isso que tinha de me restringir.

- Você é um típico pau-mandado, sim, é isso que você é! Se quando a rainha cá vier o mandarem mijar-lhe em cima, faça-o! Ordens são ordens!

Wepper inspirou fundo e fez todos os esforços para não responder.

- Tenha a bondade de me seguir até ao posto, meu general. Os mapas de intervenção já estão preparados e o chá está pronto.

- Há também uísque? - perguntou Sir Anthony.

- Sim, meu general.

- Prefiro, estou a precisar de um.

Seguiram a pista até aos edifícios rasos de pedra, encimados por um esguio posto de antena. Dois papuas varriam o átrio. Ao pé dos helicópteros, os soldados puseram-se em movimento. O sargento Peck e nove homens do posto esperavam-nos junto das casernas. Vindos da cozinha, ali perto, passaram alguns papuas com enormes pratos de sanduíches para o bar dos soldados. No edifício do estado-maior, Sir Anthony atirou-se para os braços de uma poltrona de verga e estirou as pernas. Os oficiais tiraram os bonés. No teto giravam com um ruído abafado dois ventiladores. O ar já era quente, apesar do nevoeiro que encobria o Sol.

Um papua trouxe um tabuleiro com chá, chávenas, açúcar e doces feitos ainda nessa noite. O cheirinho aliciante dos bolos percorreu a sala.

Sir Anthony pegou num e começou a comer.

- É a primeira coisa que levo à boca desde ontem. Depois de receber a notícia, não fui capaz de engolir o que quer que fosse. Você prometeu-me uísque, tenente.

- É para já, sir.

- Explique-me bem o que se passou ontem. - Sir Anthony mastigava com a boca cheia. - De repente houve um corte na comunicação?

- Assim foi.

- Sem qualquer sinal de alarme?

- Nada prenunciava uma catástrofe, sir. Zynaker até disse uma piada: “Por baixo de mim parece uma sopa de papas”, disse ele. “Dentro de momentos vamos mergulhar no caldo.”

- A loucura começa aí mesmo! - gritou o general Lambs. - Só um maluco é que desce com tal visibilidade!

- Zynaker é um piloto excepcional, o melhor da região.

- Então estava bêbado!

- Zynaker nunca bebia em serviço. Ele prezava demais a sua vida, o seu avião e a sua licença de voo.

- Então porque é que mergulhou naquela sopa de nevoeiro?

- É o que ninguém sabe. - Wepper encolheu os ombros, impotente. - Talvez estivesse mesmo sobre o objectivo.

Era uma explicação. Talvez pensasse que por baixo da camada de nevoeiro o céu estaria limpo. Há muitas hipóteses possíveis, mas nada se sabe ao certo. O meu general bem viu, ao aproximar-se do avião, que há um lençol cinzento-esbranquiçado sobre os montes e nos vales e desfiladeiros. Aí o sol só penetra muito tarde, o que não deve acontecer com o calor. Por isso é que a região é um inferno verde, grandioso, luxuriante, inexpugnável!

- Em suma: mesmo que partamos imediatamente, não conseguimos ver nada.

- Receio bem que não, sir.
- E quando é que desponta esse Vale Sombrio? - perguntou o capitão Donnolly.
- Cerca das dezasseis horas, meu capitão. Se tivermos sorte.
- Então temos de ficar para aqui sentados a beber chá até à tarde? - exclamou Sir

Anthony, escandalizado.

- Não temos nenhum sugador de humidade para aspirar o nevoeiro.
- Deixe-se de piadas parvas, Wepper! - O general olhou em torno de si, furioso. - Que podemos fazer, capitão? O que é que você propõe?

- Também de nada serve ir para lá sobrevoar o nevoeiro.

- Mas cada hora que passa pode ser capital! - atalhou Sir Anthony. - Vital! Onde e como passaram a noite? Zynaker conseguiu aterrar algures ou despenhou-se? Sobreviveram à queda? São perguntas que não nos podem deixar quietos, à espera!

- Se bem o estou a entender, sir - disse o capitão Donnolly inteiriçado - está a sugerir que eu e os meus homens também desçamos no meio do nevoeiro.

- De qualquer forma, acho que devíamos partir já.
- Sem visibilidade para terra, de que serviria?
- Talvez haja buracos no nevoeiro...
- E logo nesse buraco vamos encontrar os destroços do avião.
- Eu agarro-me a qualquer esperança, capitão.
- Eu também, sir. Se realmente o nevoeiro levantar cerca das dezasseis...
- Também pode acontecer que não - interveio rápido Wepper.

- ...ainda temos algumas horas para buscas. Mas permita-me que o prepare desde já, sir: encontrar um avião caído na floresta virgem é como acertar na lotaria, ou seja uma questão de sorte. As copas das árvores gigantescas abatem-se sobre os destroços, sugam-nos para dentro de si, devoram-nos. E mesmo quando existe uma clareirazinha, há muitos outros imponderáveis. Mas o meu general conhece esta terra melhor que qualquer um de nós.

- Se conheço! Bem gostaria de poder apagá-la do mapa.
- Então tem de concordar, sir, que nada mais nos resta fazer senão esperar.

Sir Anthony recebeu finalmente o seu uísque, sorveu-o deliciado e ficou a olhar para o copo meio vazio. Agora, depois de ter dado largas à sua irritação, parecia um velho amargurado a quem a vida pouco mais poderia dar de bom.

Chegou mesmo a aceitar uma cigarrilha do tenente Wepper, ele que só fumava charutos, soprou o fumo para o ar, na direção das pás do ventilador, e ficou a observar a fumaça a ser desbaratada e a dissipar-se.

- Conte lá, tenente, aquilo que Miss Patrik aqui fez, antes de a expedição partir.
- Estudou os livros de relatos antigos e tirou notas.
- E depois estudou os mapas?
- Foi, sir.
- Quais?
- Não prestei atenção.

- Mas devia tê-lo feito, Wepper! Assim, saberíamos mais ou menos onde tencionava começar as buscas à procura do pai.

- Os vales em que Miss Patrik desapareceu, conhecemo-los do ar.

- Vales! Eu tenho de saber é o vale! Se bem conheço Miss Patrik, ela visou um alvo muito específico. E esse alvo, deve tê-lo encontrado nos relatos de há dez anos atrás. Onde estão os livros?

- No arquivo. Vou já buscá-los.

Sir Anthony folheou até à hora do almoço os cadernos do antigo comandante de distrito, sem encontrar o que procurava. Os dados de Patrik sobre o lugar que pretendia investigar eram, confrontados com os mapas, demasiado imprecisos. É verdade que delimitavam uma região nas terras altas do Sul, mas nenhum vale em particular. Para vasculhar toda a zona de forma sistemática era necessário tempo e acima de tudo uma visão clara.

- Vamos procurar até ficarmos pretos como eles - disse Sir Anthony, fechando os livros, decidido.

- Duvido, sir, que tenhamos tanto tempo. - O capitão apressou-se a concluir o raciocínio quando viu o general respirar fundo para desatar aos berros. - Eu tenho um plano de intervenção de duração limitada.

- Ordens do quartel-general? - berrou Lambs.

- Exato, sir.

- Espíritos limitados só podem desenvolver planos limitados. Capitão, trata-se de cinco homens e uma mulher! Vamos abandoná-los assim sem mais nem menos? Os planos do quartel-general serão mais importantes do que seis pessoas? Eu por mim ficarei cá até encontrarmos qualquer pista.

Como o tenente Wepper tinha previsto, os nevoeiros dissiparam-se por volta das dezasseis horas nas terras altas. As listas de cinzento-esbranquiçado pairavam agora em farrapo à volta dos cumes das montanhas. O capitão Donnoly ordenou o início da operação. A esquadrilha de helicópteros foi levantando, a intervalos de dois minutos, reforçada pelos dois aparelhos do posto de Kopago. Bem distanciados uns dos outros, pairaram sobre as montanhas inacessíveis, cobertas de floresta virgem, e desceram depois para os vales e desfiladeiros, seguindo os cursos prateados ou barrentos dos rios, cujas águas espumavam sobre rochedos, baixios e cataratas naturais. Nenhum barco poderia navegar nessas águas em ebulição. Seria imediatamente arrastado contra o próximo escolho e desfeito.

A esquadrilha também penetrou nos desfiladeiros sem cursos de água. Eram quarenta pares de olhos a vasculhar encostas, florestas, pântanos e clareiras, podiam-se ver quadros grandiosos da natureza, mas nem um indício de vida humana, nem destroços de um avião despenhado.

- Não pode ser, capitão! - exclamou Sir Anthony pelo intercomunicador de bordo. - Só floresta cerrada. Mas lá em baixo é impossível que não viva gente! Chegava-me uma cabana para servir de prova.

- Eu não esperava outra coisa, sir - disse Wepper. - Quantas vezes já sobrevoei estas terras altas!

- Mas sem um objetivo específico. Onde há uma aldeia de nativos, também tem de haver fumo. Não se vê, porém, uma réstia de fumo.

- Talvez a região seja realmente desabitada...

- E como é que desaparecem o senhor Patrik e o piloto Grant e, no decorrer de catorze anos, nove missionários com os seus carregadores e batedores? E agora Miss Leonora? Lá em baixo há um mistério de certeza!

- Isso sabemos nós todos, mas ainda ninguém conseguiu desvendá-lo e depois falar dele. - Donnoly pigarreou.

Com base na sua experiência, considerava toda esta busca uma mera perda de tempo. Tantas vezes se empreenderam investigações nas terras altas da Papuásia-Nova Guiné à procura de pessoas desaparecidas, e sempre foram infrutíferas. Tinham-se gasto rios de dinheiro, mas a floresta virgem nunca devolvera as suas vítimas. A floresta virgem - ou os seres humanos desconhecidos para quem o tempo parara há milhares de anos.

- Sobrevoamos ainda as quadrículas seis a nove assinaladas no mapa e depois temos de regressar, sir.

Mas também as secções seis a nove não trouxeram novas descobertas. Por toda a parte, o mesmo panorama: árvores gigantescas, cujas poderosas copas mal deixavam a luz chegar ao solo, denso emaranhado de matagal que tudo cobria, rios de caudal espumoso, que, violentos, atravessavam os vales, e vertentes alcantiladas que a floresta escalava. Um pedaço da Terra como ela fora em tempos primordiais.

- Ninguém lá pode aterrar - comentou o tenente Wepper, dando voz ao consenso geral, Sir Anthony incluído. - Nem nós com helicópteros conseguimos lá descer.

- Quer dizer: o avião despenhou-se? - perguntou Sir Anthony. Na sua voz espelhava-se a dor da conclusão definitiva.

- Temo que assim seja, é quase uma certeza!

- Quer dizer: riscamos os nomes do mapa! Desapareceram para sempre.

- Seria já preciso uma nova espécie de milagre, sir.

- Você acredita em milagres!

- Não, sir.

- Eu também não. Voltamos agora e continuamos a procurar amanhã!

A esquadrilha ainda descreveu uma curva ampla sobre alguns vales recortados nas profundezas e regressou a Kopago. O capitão Donnoly não revelara a Sir Anthony as ordens que recebera em Port Moresby: "Se você vir que as buscas não conduzem a nada, suspenda-as no máximo ao fim do terceiro dia. A decisão cabe-lhe totalmente a si, em face da situação."

Para Donnoly, era já claro que não iriam encontrar ninguém. Aquilo que vira do ar era mais do que suficiente para concluir: três dias já são demais, mesmo amanhã é já demais. "E se o senhor falar honestamente, Sir Anthony é da mesma opinião. Só que não quer admitir."

À noite, a atmosfera estava depressiva. Não se levantou qualquer conversa, estavam todos calados, limitaram-se a ver o telejornal na televisão e beberam duas garrafas de vinho tinto australiano.

- O boletim meteorológico para amanhã é de bom tempo - disse Wepper, que dera um salto na direção do posto telegráfico. - Assim como o de hoje.

- Assim como o de sempre! - rezingou o general Lambs. - O que significa para nós uma trampa! E lá se passou mais um dia, um dia que pode ser de vida ou de morte. Porque é que não impedimos aquele empreendimento sem sentido? É uma acusação, Wepper, com que temos de carregar até ao cabo dos nossos dias, você por mais tempo do que eu. Eu sou já um velho e você tem só vinte e oito anos.

- Não me sinto culpado, sir.

- Espere pela demora. - Sir Anthony ergueu o dedo em tom admoestador. - Quantos mais forem os anos, maior será o peso. Eu conheço isso. Eu também não impedi a minha mulher de descer o Sepik. A autocensura avoluma-se de ano para ano, sem que você tenha qualquer possibilidade de lhe fugir.

Era realmente um mioma. Quase tão grande como uma cabeça de criança, inflamado nos bordos - daí a febre alta e as dores - um tortumelo constituído por uma tessitura desordenada em crescimento, de que não se sabe a razão por que aparece no corpo. Um mioma é uma espécie de tumor benigno que pode tornar-se perigoso se degenerar, como no caso de Sapa, se se inflamar e se tornar purulento. Então torna-se numa grande cápsula venenosa.

Leonora tinha aberto o baixo-ventre e Schmitz, com toda a competência colocara o afastador da parede abdominal, mantendo-a bem aberta para os lados e deixando totalmente livre o campo de intervenção. As hemorragias foram estancadas com as pinças, o sangue limpo com mechas, o baixo-ventre desimpedido. Leonora tinha plena visão do tumor. Assente sobre um pedúnculo robusto, estava alojado acima do útero, uma raridade, já que na maior parte dos casos cresce confundindo-se com a parede ou com a cavidade uterina.

- Estamos com sorte, Pepau - disse aliviada. - Abrimos no momento certo. O mioma está na fase inicial de degeneração. Vamos apertar o pedúnculo com uma pinça e podemos extraí-lo.

Deitou os olhos para Samuel, que segurava as pernas de Sapa. Se é que um negro pode ficar verde, Samuel estava verde como a erva. Como acontece com todas as pessoas de pele escura, o fato manifestava-se através da pele descolorada, quase cinzenta. Lakta, que segurava a cabeça da mãe, já fora da mesa, arregalava os olhos para a barriga aberta e parecia não entender que Sapa ainda respirasse. Todas as pessoas, e eram muitas, que até agora tinha visto retalhadas, estavam mortas e eram distribuídas aos bocados por todas as famílias, mas aqui a barriga da mãe estava toda escancarada e ela continuava a viver, tinha uma respiração fraca e de vez em quando o corpo estremecia produzindo cintilações na pele.

Leonora olhou para Samuel e apontou para o mioma extraído:

- Diz a Dai Puino que este é o inimigo! E que vamos vencê-lo!

Samuel lá conseguiu fazer sair a tradução pela garganta apertada. Com um grito surdo, Dai Puino deu um salto da parede na direção da mesa, brandiu a lança e apontou a extremidade dos ganchos revirados ao corpo aberto de Sapa. Schmitz conseguiu agarrá-lo mesmo no último momento e empurrá-lo outra vez para longe. Dai Puino abriu as pernas, curvou-se e preparou a lança para desfechar o golpe. Nesse instante, Leonora pensou: “Agora é o fim!”

Um grito enérgico de Lakta deteve-o. Ele fixou a filha com os olhos furiosos, depois os deuses brancos e isso pesou a lança nas mãos.

- Diz-lhe, Samuel, que ele não pode vencer este inimigo, só nós é que podemos. Só nós possuímos a força para o fazer - disse Leonora com voz neutra. - Dai Puino só poderia com isso matar a sua mulher.

Samuel traduziu, a tremer como varas verdes. E depois Lakta voltou a dizer algumas palavras que nem Samuel entendeu. Dai Puino chegou a lança para si, recuou para junto da parede e encostou-se outra vez.

- Para ele, este inimigo é um inimigo como outro qualquer, que ele só pode aniquilar com lança - comentou Leonora para Schmitz. - Nunca aprenderam a pensar de outra forma. Aquilo que vamos fazer agora será para todos a prova inequívoca da nossa divindade.

- Para o padre Lucius, precisamente o ponto de partida errado.

- Estou-me nas tintas para isso, neste momento. - resmungou Schmitz com ar decidido: - Vamos lá! Pinças e tesoura! Eu tiro o mioma e você sutura o coto do pedúnculo. Vou deixar uma superfície de corte tão lisa quanto possível. Atenção, Pepau, pinça!

A extração do mioma foi uma questão de minutos! Leonora cortou o pedúnculo, meteu ambas as mãos na cavidade ventral e retirou para fora aquele tumor semelhante a uma bola verrugosa.

Deixou-a cair num balde de plástico que tinha ao seu lado e limpou o coto, que pouco sangrava.

Schmitz já tinha pegado na agulha e no categute e debruçou-se outra vez sobre o corpo aberto.

- Ainda não tenho confiança para coser o peritoneu fendido, chefe.

- Então observe bem como se faz, Pepau. Para a próxima já o fará sozinho.

- Espero que não!

- Devia dizer “Espero que sim”. Você tem estofo para ser um bom cirurgião.

- Obrigado, chefe.

Vinte minutos depois já Leonora tinha fechado outra vez a barriga e Schmitz enrolava uma ligadura, com uma compressa, à volta do corpo de Sapa. A um sinal de Leonora, Lakta e Samuel ajudaram a depositar Sapa, ainda mergulhada profundamente na anestesia, sobre a esteira, aos pés de Dai Puino. Ele inclinou-se logo sobre ela, viu que ainda respirava, que ainda vivia, e compreendeu então o grande milagre de a terem aberto e terem vencido o inimigo e compreendeu também que agora ela continuaria a viver, livre

de todas as dores e todos os tormentos. Endireitou-se, atirou a lança para o lado e caiu de joelhos de cara para a terra, entregando-se às divindades.

- Se o padre Lucius aqui estivesse, levantaria o crucifixo e diria apontando para Cristo: “Foi ele, o Senhor. o obreiro do milagre!” Aí está uma coisa de que não gosto. Quem fez o trabalho foi você, chefe.

- Mas foi Deus quem me concedeu a perícia e o conhecimento para o realizar. É assim que se deve ver a questão.

- Isso significa que tudo o que o ser humano faz é, em última análise, obra de Deus?

- Dado que somos criaturas de Deus, é.

- Então, as guerras também são obra de Deus? Então na última guerra mundial, Deus aniquilou cinquenta e cinco milhões de seres humanos. E é nesse Deus que devo acreditar?

- Pepau, é difícil compreender tudo isso. Talvez o venhamos a entender, quando transpusermos o limiar do reino de Deus. Um famoso cirurgião alemão, professor Kilian escreveu as suas memórias e, em vez de lhes chamar “Os Meus Êxitos e Derrotas”, deu-lhes o título sugestivo “Por detrás do Que Fazemos Está só Deus, Nosso Senhor”. Acho que Kilian tem razão. - Pegou no balde de plástico, aproximou-se de Dai Puino que se encontrava prostrado por terra e tocou-lhe com o pé. Dai Puino levantou os olhos. Leonora mostrou-lhe o balde e apontou com o indicador para o grande mioma nodoso. - O inimigo - disse ela. - Este é o inimigo.

Embora não entendesse as palavras, Dai Puino sabia o que Leonora queria dizer. Com um grito surdo, como já acontecera antes, deu um salto, agarrou na lança e antes que Leonora horrorizada lhe pudesse retirar o balde, já ele tinha espetado e arrancado o mioma. Levantou-o no ar na ponta da lança, iniciou uma espécie de uivo cantado de vitória que aumentava e diminuía de intensidade, curvou-se e saiu disparado pelo buraco da porta. Diante da casa, devia estar uma multidão de guerreiros, porque lhe respondeu o uivo gritado de muitas vozes. A seguir ouviu-se o bater de pés e o chocalhar dos colares de ossos. Lakta também saiu a correr, depois de lançar a Schmitz um olhar demorado e radiante. Leonora ficou como que petrificada no meio da sala, de balde vazio na mão.

- Agora começa o grande festim - disse Samuel com um sorriso de orelha a orelha.

- O inimigo tirado da barriga vai ser seco como se fosse uma cabeça reduzida.

Enquanto decorria a operação, o largo da aldeia sofrera uma metamorfose completa. As mulheres tinham colocado as belas esteiras pintadas feitas de fibras de palmeira num grande círculo, no chão. Havia grinaldas de coloridas penas de ave, despojos de ave e ossos embranquecidos, a adejar suspensos de compridos paus de bambu, e dois filhos de Dai Puino tinham arrastado para a frente da casa do chefe um tronco de árvore grosso todo trabalhado e enfeitado a toda a volta, artisticamente colorido com motivos que se assemelhavam a aves, serpentes e a uma cabeça de crocodilo.

O trono dos Uma. O trono que Hano Sepikula queria conquistar pela força.

Em frente à segunda casa, a dos “deuses brancos”, também se faziam preparativos para a grande festa. O cheiro de galinhas e porcos assados pairava como uma nuvem sobre a aldeia e parecia não poder dissipar-se, já que por cima se estendia, como uma campânula branca gigante com reflexos azuis, uma coluna de nevoeiro cerrado que não deixava ainda penetrar os raios de sol, mas somente o calor e a luz do dia. As cumeadas dos montes estavam envoltas. A floresta virgem ressumava de umidade noturna.

- Para ficarmos todos sincronizados - disse o padre Lucius - vamos recapitular mais uma vez o nosso contributo para a festa.

Estavam sentados nos caixotes selecionados com as coisas de que iriam precisar, mastigavam bolinhos duros de tapioca, que três mulheres lhes tinham trazido, acompanhados de uma gamela de uma pasta verde-amarelada, que cheirava a frutos frescos esmagados, mas em que ninguém ousou tocar.

- Quem sabe o que será esta mistela - disse Reissner com náuseas na voz. - Esta gente também come tudo o que anda e rasteja. Alguém quer provar?

A pergunta era tão descabida que ninguém se deu ao trabalho de responder. O padre repetiu outra vez o programa combinado.

- Donald começa com o apito - disse olhando em volta. - Onde é que ele se meteu?

- Está de guarda à sua amada. - A voz de Reissner ressumava de ironia. - Então ainda não viram? Segue Leonora como um cãozinho a dar ao rabo. E ela parece não desgostar.

- Cala o bico! - resmungou Kreijsman. - Não temos nada a ver com isso.

- Ai não temos? Zynaker já se comporta como se a expedição fosse dele.

- De todos nós, é o que tem mais experiência. - O padre pensou no que tinha visto e ouvido, o tratamento por tu, os olhos eloqüentes, os contactos recíprocos que pareciam casuais? aquela sintonia silenciosa de dois corações e a ânsia nos olhos. “Zynaker é um ótimo rapaz”, pensou. “Mas será homem capaz de determinar a vida de Leonora?” - John Hannibal, você está sempre a procurar discussão com Donald e sempre a voltar tudo contra ele. Porquê, afinal?

- Simplesmente porque não gosto dele, é isso! Mas continuando! Zynaker toca o apito e os papuas põem-se em formação de marcha.

O padre respondeu a este comentário de gozo com um abanar de cabeça, como se quisesse dizer: “Que criancinha!”

- Fred aparece a seguir com o rádio.

- Espero que estejam nesse momento a dar uma música alegre! - riu Kreijsman. - Ou uma valsa. Imaginem: valsa de Johann Strauss na floresta virgem da Papuásia-Nova Guiné.

- Depois do rádio é a minha vez com o gravador - disse o padre. - Depois é Donald com a sua câmara polaroid.

- Vou fotografar as mamãs mais bonitas que houver. A rapaziada vai dar saltos de contentel!

- Você fotografa só cabeças, John Hannibal! Só retratos, como ficou combinado.

- E nos intervalos, uns cus arrebitados.

O padre não reagiu. De nada valia discutir com Reissner.

- A seguir é a vez de Schmitz e do isqueiro e, finalmente, de Leonora com o grande número de tesouras.

- Como no circo - ironizou Reissner, todo satisfeito - Só que ao contrário. Nós não apresentamos animais selvagens, mas apresentamo-nos a nós aos animais selvagens.

- Eles são seres humanos, John Hannibal.

Reissner encolheu os ombros, como se quisesse dizer: “Tenho primeiro de me habituar à idéia!” e debruçou-se sobre a sua caixa de material fotográfico.

O padre olhou impaciente para o recinto da aldeia, cheia de mulheres e crianças. Junto das casas dos homens, os guerreiros, de cócoras, pintavam-se uns aos outros com os dedos, com pauzinhos finos ou com folhas de pé comprido todas atadas à laia de pincel. O amarelo, o branco e o vermelho eram as cores favoritas. As tintas eram feitas com seivas de plantas e raízes moídas, engrossadas com uma massa de tapioca.

- Ainda estão a operar - disse ele. - Estou preocupado

- Afinal a que é que estão a operar? - perguntou Kreijsman.

- Não sei. Quando Pepau e Samuel vieram buscar a caixa do material médico só disse que era preciso abrir a barriga.

- Grande merda? - Reissner deu um salto. - Mas eles estão marados? Vai dar bota, só pode dar bota! Porque é que ninguém me disse nada?

- Acha que os podia impedir?

- Talvez.

- Com Leonora? - Kreijsman sacudiu a cabeça. - Quando quer alguma coisa, vai sempre até ao fim.

- É uma loucura! - gritou Reissner. - Já o tratamento dos nove feridos foi uma asneira!

- Mas foi um êxito.

- Espere pela volta! Eles ainda não se levantaram. Ainda muito pode acontecer. Não se esqueçam de Duka Hamana, o feiticeiro. Ele está a lutar por não perder a força e a honra. A nossa posição ainda não é de deuses intocáveis.

- Nem é nossa intenção consegui-lo. Viemos como amigos e irmãos, de um outro mundo, a que queremos conduzi-los.

- Já estou cheio de compaixão pelos meus irmãos antropófagos - disse Reissner, venenoso. - Esse outro mundo vai exterminá-los com doenças, álcool, drogas e crimes de aprendizagem recente.

Um grito selvagem interrompeu a conversa. Vinha da casa do chefe, havia lanças a brandir no ar, os guerreiros dançavam batendo com os pés no solo, um grasnado de cem vozes de mulheres ergueu-se na aldeia, um repentino chinfrim infernal.

O padre cerrou os dentes e olhou para Kreijsman e Reissner. Tiveram todos o mesmo pensamento e ficaram como que paralisados: acabou-se, acabou-se tudo, mesmo antes de ter começado. A operação falhou.

Como para dar razão aos seus receios, viram Dai Puino saltar de rompante de sua casa. Trazia algo espetado na ponta da lança, algo que não se podia distinguir à distância.

Devia contudo tratar-se de algo especial porque a gritaria e o bater de pés no chão aumentava cada vez mais. Os guerreiros dançavam em torno de Dai Puino e do seu troféu, soltando gritos entrecortados que penetravam até aos ossos.

- Conseguem... conseguem ver Zynaker? - perguntou

Kreijnsman branco como a cal.

- Não. A multidão fê-lo desaparecer no meio de si.

- Então vamos, depressa! - Reissner levantou-se, o seu rosto palpitava. - Barricamo-nos em casa! Não nos apanham assim facilmente. Antes disso, ainda mando uns tantos para o mundo da eterna escuridão. Vêem agora quanto vale uma pistola automática? Quantas armas temos?

- Cinco. Duas delas são velharias de caça.

- Velharias é o que está a dar. Com elas, mandamos-lhes umas chumbadas. - Reissner olhou para Lucius com ar inquieto. - Você pode disparar sobre seres humanos, padre?

- Só em legítima defesa, se não há outra saída.

- Consegue ver o que Dai Puino tem espetado na ponta da lança?

- Não. Só consigo ver que é quase redondo.

- A cabeça de Pepau ou de Leonora? - perguntou

Reissner com voz surda.

- É... é o mesmo tamanho?

- É.

- Para dentro de casa, padre! Você fica de guarda à porta de trás. Fred e eu recebemo-los aqui. Se aquilo na ponta da lança de Dai Puino é uma cabeça, eles agora sabem já que não somos deuses ou imortais. A única coisa que os pode pôr em sentido é talvez a magia de se ouvir um estouro e caírem uma série deles mortos, cheios de buracos no corpo. Não vão saber explicar o fato. É a nossa única oportunidade de sobrevivência.

Mas os Uma não atacavam. Continuavam a dançar e a gritar no recinto da aldeia, as mulheres a guinchar, havia um mar de braços levantados.

- Ali está Leonora! - exclamou de repente o padre. - Ali, à porta da casa! Está a ver? E agora é Pepau quem sai! Estão vivos! John Hannibal, que idiotas somos! A dança é de alegria e não de guerra. A operação foi um êxito. Conseguiram.

- A partir de agora somos intocáveis - disse Kreijnsman baixinho. - Acabamos de derrubar um muro intransponível e a partir de agora a terra inexplorada fica livre, à nossa espera.

- A sua terra dos diamantes, Fred. - Reissner riu, abafando a gargalhada.

- E a minha igreja, a minha nova comunidade - disse o padre Lucius, exultante.

- E até Zynaker sobreviveu! Ali está ele. - Reissner bateu nas coxas. - Mas não há meio de nos darem uma alegriazita.

- O que me espanta é Duka Hamana ainda não ter aparecido. Afinal, ele é agora o grande derrotado. Deve ter ficado na sua casa da feitiçaria. - Kreijnsman encostou a sua velha espingarda à parede.

- Está a tramar alguma, podem ter a certeza.

Leonora e Schmitz regressaram à segunda casa dos homens, acompanhados por uma multidão de mulheres e crianças que dançavam e gritavam. Atrás deles, Samuel carregava aos ombros a caixa do material médico.

O padre correu para eles de braços abertos.

- Que susto nos pregaram! - exclamou. - Já estávamos a preparar a nossa defesa. Quando começou o alarido e Dai Puino apareceu com a lança, nós pensamos... Não acabou a frase, puxou Leonora para si e deu-lhe um beijo na testa. - Deus não nos abandonou. Afinal o que é que Dai Puino tinha espetado na lança?

- Um mioma com quase quilo e meio - respondeu Leonora secamente.

- Um... quê? - O padre fixou-a espantado. - Você extraiu um mioma?

- Sim. A Sapa, a mulher do chefe. Foi uma operação relativamente fácil e, para dizer a verdade, no momento oportuno. Mais duas semanas e Sapa morreria com envenenamento do sangue.

- Oh, meu Deus! - O padre juntou as mãos. - E você teve coragem? Ninguém o faria no seu lugar, Leonora.

- Engana-se. Nesta situação qualquer médico faria o mesmo.

- Com excepção do psiquiatra - atalhou Schmitz, fazendo piada. - Tem razões de sobra para admirar a chefe. Ela bem o merece.

- Deixa-te de disparates, Pepau! - prosseguiu Leonora. - Não lhe dê ouvidos, padre. Está a exagerar muito. Não houve qualquer percalço. Mas Pepau irá dar um grande médico. Possui aquilo que falta a muitos: coragem.

Zynaker regressou um pouco depois. Carregava consigo a mala dos instrumentos utilizados e voltou-se expressamente para Reissner, que foi o primeiro a apanhar de frente.

- John Hannibal, acenda o fogareiro a gás. Temos de pôr os instrumentos a ferver para os esterilizar.

- Às ordens, meu general! - Reissner bateu os calcanhares para o provocar.

Zynaker continuou a andar. “Um dia ainda lhe parto a cara”, pensou. “Não resisto. Perco o respeito por mim próprio, se continuo a ouvir calado todos os desaforos. Leonora vai ter de compreender. Se Reissner continuar assim, não vou aguentar. Se nos pudéssemos ver livres dele! Mas para onde o havemos de mandar?”

Zynaker entrou na sala dos homens e ouviu os passos de Reissner a segui-lo. “É agora”, pensou. “Aperto-o contra a parede e esmurro-o até escorregar por ela abaixo! Depois ficamos quites, Donald.” Estacou de repente, na esperança de que Reissner fosse contra ele. “É só dar uma volta e mandar-lhe um murro nas trombas.”

Mas Reissner disse algo que o desarmou e impediu de desfechar o soco.

- Muito obrigado, Donald.

- Por quê?

- Por ter permanecido junto de Leonora. Se lhes tivesse acontecido alguma coisa a si e a eles, vingá-los-ia até ao último cartucho.

- Obrigado.

- Queria que soubesse, embora eu não possa com a sua cara. E, além do mais, pare com esse jogo do esconde-esconde.

- Que jogo?

- Todos nós sabemos que ama Leonora. E também lhe digo que o invejo. Não me pergunte porquê. Não estou interessado nela, para mim Leonora é como tabu. Mas consigo, não vejo que ela possa ser feliz.

- E é você que pode ajuizar? - “Tenho de lhe ir às trombas! Tenho de lhe amarrotar aquele nariz de cheireta.”

- Sou.

- Como, se não se importa?

- Você tem um espírito tão aventureiro como o meu, Donald. Consigo, Leonora não ia ter um minuto de descanso. Eu conheço os planos dela, quando tiver a certeza de que o pai morreu. Foi ela própria quem me contou em Port Moresby. Pretende fundar um hospital no meio da floresta virgem, para caçadores de cabeças e canibais, e ajudar as pessoas que decapitaram o pai e o comeram. Acha que você poderia aguentar? Nem pensar nisso! Você precisa de aventura para poder respirar.

- Ela quer fundar um hospital na selva? - perguntou Zynaker, incrédulo.

- Abalou-o, não foi? Já sabia! Pense bem, Donald! Quando sairmos daqui, compre um avião novo.

- Sem dúvida.

- Ora aí está! - Reissner acenou com a cabeça, quase como se Zynaker fosse um bom amigo e ambos tivessem a mesma ideia sobre o problema. - E agora vou acender o fogareiro a gás, para você esterilizar os instrumentos.

Zynaker voltou a abandonar a casa dos homens. Era-lhe impossível argumentar com Reissner. “Leonora quer fundar um hospital na selva? Porque nunca me disse nada? Terá medo que eu diga: “Isso não é vida para mim.” Oh, meu amor, não tens nada de que ter medo. Estejas onde estiveres, faças o que fizeres, fico sempre junto de ti. Tu mudaste-me da noite para o dia, sabes? O teu amor tocou Donald Zynaker e ainda não é demasiado tarde para recomeçar a vida. Tenho só quarenta, meu anjo. Ainda temos tanto tempo pela frente para projetos conjuntos, também para o teu hospital. Quero ajudar a construí-lo, pedra a pedra, de acordo com a tua vontade. Nunca te abandonarei - como poderia fazê-lo? Tu és a minha vida, tornaste-te a minha nova vida. Sem ti, seria o ser mais solitário que existe na terra. O grande aventureiro Zynaker só ouve uma mulher a ti, meu anjo. Esta é a verdade.”

Lá fora, Zynaker olhou em roda à procura de Leonora mas só viu Samuel agachado debaixo de uma palmeira a conversar, todo risinhos, com uma rapariga da tribo. Esta trazia só uma tanga de palmeira e tinha pequenos seios pontiagudos. Quando falava, meneava levemente as ancas.

“Tem cuidado, Samuel, pensa na tua cabeça! Seja no século vinte ou há dois milénios, as mulheres são sempre as mesmas. “

- Onde está “Massa”? - perguntou-lhe de longe.

- Está com os feridos, “Masta”. A fazer a visita.

Zynaker acenou com a cabeça. “É assim Leonora. A médica. Sempre pronta a ajudar os outros. Amo uma mulher que ama o seu dever, porque sabe de que o amor é capaz. Oh, meu anjo, como te amo...”

E foi assim que começou a festa dos Uma, uma tribo de que ninguém ainda ouvira falar, numa terra inexplorada que até agora só fora vista de avião.

Vindos de ambas as casas dos homens, os guerreiros, pintados até se tornarem irreconhecíveis, marcharam sobre o recinto da aldeia. Tratava-se mesmo de uma marcha e não de simples andar. Avançaram, formando vários blocos coesos e fechados, cobrindo o corpo com os escudos coloridos, de lanças nas mãos, aljavas e setas envenenadas às costas, tudo com grandes penas de ave a adejar, de brilho azul, vermelho e dourado. Os rostos maquilhados de amarelo eram máscaras hirtas, o compasso era sentido como se avançassem ao som de uma melodia interior inaudível. Bloco cerrado com bloco, deslocaram-se para frente, formando um grande círculo à volta do recinto da aldeia, onde estenderam esteiras feitas com fibras de palmeira todas pintadas. Foi uma marcha silenciosa, como se nem sequer tocassem no chão.

- Arrepiante - disse Kreijsman baixinho.

- De onde é que saíram aqueles todos? São mais de quinhentos. - Senão mais ainda! Onde é que estiveram metidos até agora?

- Da aldeia vimos até agora só as casas dos homens e o recinto. Quem sabe o que ainda se esconde na floresta.

Zynaker olhou inquieto na direção da primeira casa dos homens. Leonora já estava há quase meia hora com os feridos tempo demais só para verificar as ligaduras. Tinha havido qualquer contratempo e Zynaker estava preocupado.

- Depois do festim temos de ir reconhecer o terreno. Os Uma parecem ser uma tribo maior do que até agora tínhamos pensado. Os seus inimigos, os Pogwa, devem habitar do outro lado da crista do monte. Ou seja: existem caminhos através da floresta que permitem passar para o outro lado. Não são visíveis do ar porque se encontram cobertos pelas densas copas das árvores.

- Isso significa que também vamos visitar os Pogwa! - perguntou Kreijsman.

- Na medida do possível, iremos bater toda esta região. - Zynaker encostou-se à parede entrelaçada da casa, olhando, preocupado, constantemente para a outra casa dos homens. - Onde é que pensa que existem os diamantes?

- Segundo os meus estudos geológicos e etnológicos deve haver nesta região um monte com um veio de diamantes. É verdade que os geólogos negam terminantemente essa possibilidade, chamando a atenção para a composição mineral que lhe não é propícia, mas os nativos falam de um “Monte Cintilante” e eu acredito mais nos nativos do que nos cientistas. “Como é que os nativos podem falar de algo que não existe? Nunca uma criatura desta zona chegou até à civilização, de outro modo não era preciso a gente pôr-se a adivinhar se estes montes e desfiladeiros eram ou não habitados.

- Esse “Monte Cintilante” tem de existir, Donald. Você sabe como essas lendas primitivas - chamemos-lhe assim - passam de boca em boca, de geração em geração. Gastei mais de três anos a recolher esses testemunhos da tradição, a ordená-los e a avaliá-

los. Todas as narrativas se assemelham de forma surpreendente. Fala-se sempre deste “Monte Cintilante” e em todas elas se diz que no sopé fica o Vale Sombrio! Se meter todos estes dados no computador ele vomita-lhe uma descrição quase exata da forma e da situação do tal monte.

- E é aqui onde nos encontramos?

- Assim parece.

- Mas não tem a certeza?

- O que é isso da certeza, Donald? Contudo, os computadores são uns monstros emocionalmente independentes, frios, calculadores, lógicos. Aquilo que dizem está certo!

- Se os dados que lá meterem estiverem certos... Você alimentou-os com fantasias e o computador serve-o com uma fantasia ao quadrado. O que também é lógico.

- Tenho a impressão de que os Uma já ouviram falar do “Monte Cintilante”. É verdade que vamos fazer desta aldeia o nosso posto-base?

- Se tudo correr bem, é.

- O que é que ainda pode correr mal?

- A luta entre os irmãos Dai Puino e Hano Sepikula, a guerra de ódio entre nós e Duka Hamana, os feridos e a operação de Sapa, há algo que lhe corre mal, sinto-o, e a mínima derrota que sofrermos vai turvar a nossa imagem de invencibilidade. Esta gente pensa e sente de forma diversa da nossa. Só se submete à vontade dos mais fortes, os mais fracos são devorados. - Zynaker mandou um murro contra a parede, com a mão que tinha atrás das costas. - Raios, porque é que Leonora não aparece? Há qualquer coisa que não bate certo!

O desfile dos guerreiros chegara ao fim. Formando um vasto quadrado, estacionaram no recinto da aldeia. Era um quadro garrido e assustador na sua pujança de cores. Os corpos pintados. os rostos amarelos, as lanças com penas de aves, os adornos da cabeça, de peles de animais e penas de aves-do-paraíso, os narizes espetados com ossos, presas de javali e pauzinhos de bambu, as fiadas de ossos e os escudos peitorais de carapaça de tartaruga, de bacias de porco e omoplatas de seres humanos, os instrumentos de sopro compridos de pau de bambu, os tambores de madeira, com tampos de peles presas com tendões de animais, as flautas de paus de bambu de vários comprimentos atadas umas às outras, quais flautas de Pã, e os tambores rasos, cobertos com pele humana - era uma visão que faria gelar qualquer um até aos ossos, se lhe passasse pela cabeça que estes mais de quinhentos guerreiros selvagens poderiam atirar-se a ele, com um grito de morte. E, contudo, era também um espectáculo de um extraordinário fascínio.

- Acho que agora é a nossa vez de desfilar - disse o padre. - Eles esperam-nos e aos nossos presentes.

- Primeiro, temos de esperar por Leonora e Pepau.

- Certamente. Mas que estarão a fazer há tanto lá dentro?

- Vou ver o que se passa. - Zynaker desencostou-se da parede com um empurrão.

Do recinto da aldeia, mulheres festivamente enfeitadas dirigiram-se para eles, também elas pintadas e com ossos a servir de adereços, de cabelos entrançados e coroas de penas

na cabeça. Só o peito se encontrava livre de pinturas, sobressaindo por isso claramente - como fonte da vida.

Ainda Zynaker não tinha calcorreado metade do caminho até à casa dos homens, quando Leonora e Schmitz apareceram na abertura da porta. Ele correu para ela e viu que parecia extenuada e com um ar sério.

- Meu Deus, estava preocupado! - exclamou ele. - Houve complicações?

- É o mínimo que pode dizer. - Schmitz antecipou-se a Leonora, que ainda se esforçava por recalcar com sucessivas respirações fundas o cheiro fétido a suor e a decomposição que tivera de inalar, um cheiro adocicado que se colava à pele. - Todos os pensos tinham sido arrancados.

- Malditos!

- E tinham besuntado todas as feridas outra vez com os emplastros pestilentos de papa de plantas. E em cima, uma filazinha muito bonita de dentes humanos.

- Duka Hamana!

- Isso mesmo. Foi lá de madrugada espalhar o seu feitiço. Tivemos de limpar outra vez todas as feridas e ligar tudo de novo.

- Então a luta começou!

- Assim parece. A partir de agora temos de montar vigilância cerrada aos feridos e principalmente a Sapa. Não é de excluir que, se Duka Hamana chegar perto dela, seja imediatamente vítima de uma sepsia que não mais será controlável. E as culpas iria atirá-las para cima de nós. O padre Lucius tem de vencê-lo com toda a espécie de truques que tem à disposição, ridicularizá-lo e desacreditá-lo.

- Não, Pepau. - Leonora sacudiu a cabeça. A sua voz tinha um tom cansado. - Só semearia ódio de morte. Temos de convencer Duka Hamana a colaborar conosco.

- Isso é impossível. - Zynaker meteu o braço no de Leonora. “Pois que fique de boca aberta”, pensou ele. “O que não se diz pode-se mostrar. Um gesto é muitas vezes mais eloquente que mil palavras. Porque deveremos esconder o nosso amor? Quem não for cego, percebe a verdade: basta olhar para nós.” - Duka Hamana vai dar o braço a torcer.

- Não tem de torcer nada, tem de se associar.

- Associar? Com os ossinhos e os dentes e as seivas e as papas e as ladainhas.

- Não fales assim, Donald. - Leonora encostou a cabeça ao seu ombro enquanto andavam e já não havia qualquer dúvida que o fazia conscientemente para assinalar um compromisso. - Tenho um grande respeito pela medicina natural. Que sabemos nós sobre ela? Pode ser que Duka Hamana conheça plantas ou raízes cujas seivas ajudem a fechar as feridas, a tirar a febre, a influenciar a supuração, a aliviar as dores.

- Mas não a fazer regredir um mioma.

- Por isso mesmo devíamos trabalhar em conjunto. Se Duka Hamana me convencer de que uma certa seiva alivia as dores, eu reconhecê-lo-ei e usarei eu própria essa seiva. E ele terá de reconhecer que há doenças que só nós podemos curar ou tratar.

- E a seguir vem o padre Lucius com um Deus que lhes é estranho e diz: “Só a Ele devemos dar graças!” Em que é que estes selvagens poderão acreditar?

Chegaram à sua casa dos homens. Schmitz contou em poucas palavras o que se passara e Reissner rematou:

- Agora temos de lhes dar uma boa lição de mágica, para lhes tirar da ideia qualquer outra ação engraçadinha.

- Assim é. - Zynaker fez sinal a Samuel, que se encontrava junto da pesada caixa do padre. - Anda cá, Samuel. Preciso da tua ajuda.

- Eu carrego a caixa de “Masta”, padre.

- Para já, ajudas-me a carregar a cadeira do avião.

- Com mil diabos! - Reissner bateu palmas. - Lá vamos outra vez às voltas com a cadeira do avião. Que vai fazer com ela?

- Já vai ver, John Hannibal. Espanta-me que sendo você um artista tenha tão pouca imaginação. Prepare as suas câmaras... isto vai dar uma série de fotografias memoráveis. Todo mundo as vai querer comprar.

Zynaker e Samuel desapareceram dentro da casa e voltaram, a seguir, com a cadeira. Era uma bela poltrona, com encosto alto, apoios para os braços todos almofadados, forrada com um tecido fofo vermelho-escuro. O espigão que antes a ligara à parte de baixo do aparelho brilhava em preto discreto.

- Já podemos ir - disse Zynaker.

- E é esta sensação que quer que eu fotografe?

- Tenha calma, John Hannibal!

Zynaker e Samuel puseram-se em movimento, constituindo a cabeça do cortejo dos “deuses brancos”. Atrás, de caixa aos ombros, seguia-os o padre Lucius, Reissner e Kreijsman. A fechar iam Leonora e Schmitz. Quando o quadrado dos guerreiros abriu alas para os deixar passar, Schmitz viu Lakta em frente da casa de Dai Puino. Também ela se tinha maquiado, mas só a cara. Tinha um risco branco traçado da testa até o nariz que dividia o rosto em duas metades.

A metade direita estava pintada de vermelho, a esquerda de amarelo. à volta do pescoço trazia um colar de presas de javali e entre os seios pendia a queixada de um animal.

De resto, não tinha mais pintura nem qualquer outro atavio, não trazia penas na cabeça nem chapéu decorado com pele de animal e ossos.

Apesar das pinturas, o seu aspecto era deslumbrante. O seu elegante corpo de bronze, de pele sedosa e brilhante, os seios firmes e arrebitados e principalmente o seu sorriso, com o qual saudou Schmitz quando este entrou no quadrado, alvoroçaram-lhe a respiração.

Perto dela estavam os quatro irmãos, dois de cada lado do trono de árvore, todos esperando Dai Puino.

Schmitz deu um toque a Leonora, apontando com a cabeça para a casa.

- Está a ver, chefe? - segredou ele.

- O quê?

- Ali no teto onde começa a coberta de palha. É o nosso mioma, pendurado a secar. Vale tanto como uma cabeça ou talvez ainda mais.

Leonora fez um sinal de assentimento com a cabeça.

Estavam neste momento alinhados em frente à casa donde Dai Puino deveria aparecer. Atrás deles, o quadrado voltara a fechar-se. Estavam aprisionados no meio de quinhentos guerreiros, enquadrados por uma morte certa.

Era uma sensação estranha na nuca, um ardor no pescoço. Dava vontade de pôr uma compressa molhada à volta da testa...

- Devia ter trazido a minha pistola automática! - resmungou Reissner. - Raios, que é que o idiota do Zynaker está a fazer?

Dai Puino tinha saído nesse momento de casa, quase sem pintura, ao contrário dos guerreiros. Trazia só duas enormes presas de javali arqueadas metidas em ambas as narinas e ao pescoço um colar de vértebras cervicais e dorsais humanas.

De repente, fez-se um silêncio paralisante no recinto da aldeia. Do quadrado dos guerreiros sobressaía uma figura corpulenta e musculosa, pintada da cabeça aos pés.

Hano Sepikula.

Nesse preciso momento, Zynaker deu sinal a Samuel:

“Avança!”, e carregaram a cadeira do avião para junto do trono de árvore do chefe. Reissner levou a câmara ao olho.

- Isto não foi combinado - balbuciou o padre, perplexo. - Leonora, o que é que Zynaker vai fazer? Sabe de alguma coisa?

- Não. Ele nunca me disse porque mandou trazer o cadeirão. Mas veja! - Leonora agarrou com força o braço do padre. - Agora entendo.

- Eu não.

Zynaker e Samuel pararam a alguns passos de Dai Puino, pousaram a cadeira no chão e captaram a atenção e a expectativa do velho. Havia um brilho inequívoco nos seus olhos.

- Traduz, Samuel - disse Zynaker em voz alta. - E não esqueças a mínima palavra. Tudo o que disser é importante.

- Sim, “Masta”.

- Então: querendo significar com este ato que Dai Puino é o maior chefe de todos os chefes, trazemos-lhe um trono novo que o elevará acima dos demais. Nenhum outro homem sobre a terra possui um tal trono. Ele é único e por essa razão, o ofertamos ao grande Dai Puino. Se sobre ele imediatamente tomar lugar, será o chefe de todos os chefes dos Uma. Dai-nos sinal, para que afastemos o velho trono e o substituamos por este.

- É a coisa mais espantosa que jamais vivi! - comentou Reissner, empolgado. - Acho que fui injusto com Zynaker.

Dai Puino ficou a olhar deslumbrado aquele maravilhoso cadeirão. Era uma coisa de um outro mundo, de um mundo divino. Nenhum outro possuía semelhante trono, nenhum outro seria tão poderoso como ele.

Dai Puino fez um sinal com a cabeça. Zynaker e Samuel pegaram no trono de madeira trabalhada, afastaram-no e colocaram no seu lugar a cadeira do avião. Depois, deram uns passos para o lado e Zynaker rematou, falando para Dai Puino:

- Se te sentares, serás o maior.

Dai Puino hesitou um momento. Avançou, colocou-se diante da cadeira e olhou ativamente para Hano Sepikula seu irmão. “Se me sentar, serei invencível”, era o que significava aquele olhar prolongado. “Estou rodeado pela força dos deuses. Os espíritos e os demónios já não têm poder sobre mim. Irmão, o combate está decidido.” Com um gesto duro, ergueu no ar a sua lança, soltou um grito estridente, sentou-se a seguir naquele trono majestoso, estirou-se no meio das almofadas, reclinou a cabeça no encosto com almofada para a nuca e deixou cair sonoramente os pés no chão.

Reissner batia foto atrás de foto, utilizando o sistema automático.

- Esta vai ser a série do século! - exclamou ele. - Bravo, Donald, bravo!

Mal Dai Puino se tinha deixado cair no meio das almofadas, levantaram-se no ar quinhentas lanças e um grito produzido em uníssono por quinhentas gargantas pareceu fazer desmoronar o céu. Mas no mesmo instante dez guerreiros lançaram-se como um relâmpago sobre o petrificado Hano Sepikula, deitaram-no por terra, arrebataram-lhe a lança as setas e o escudo e encostaram-lhe facas afiadas de pedra polida ao peito e ao pescoço. Hano Sepikula jazia na terra, imóvel, de pernas e braços abertos, prestes a dar a sua cabeça ao irmão vencedor.

- Donald, impeça este assassínio! - gritou o padre Lucius, precipitando-se para a frente. - Esta festa deverá ser de paz e não de morte! Diz isso a Dai Puino, Samuel!

Samuel traduziu hesitante.

Reissner estava fora de si de entusiasmo. Terminado o rolo da primeira máquina fotográfica, continuou com a segunda máquina.

- Padre, que desmancha-prazeres! - exclamou ele. - Eu ia ser o único fotógrafo do mundo com o registo de um caçador de cabeças em funções!

- Você é um monstro! - disse Leonora, que se encontrava ao seu lado, com a voz trémula de indignação. - Haverá dentro de si algo de humano?

- Não. Só um repórter fotográfico. Depois da reportagem posso então voltar a ser humano. Durante o trabalho isso é um luxo.

Dai Puino disse algumas palavras em voz alta. Os guerreiros ajoelhados ao lado de Hano Sepikula levantaram-se e regressaram ao quadrado. Hano Sepikula continuou por terra, imóvel, como se já o tivessem executado. Morrera, mesmo que continuasse a viver. Tornara-se em nada. Até os cães o ignorariam. Tinha-se tornado no último de todos os guerreiros, sem nunca mais ter direito a lutar, mas somente a carregar as lanças e setas dos outros. Era um proscrito, nenhuma mulher o aceitaria mais junto de si. Para quê continuar a viver? Irmão, mata-me. Sê magnanimo e leva para tua casa a minha cabeça.

Zynaker e Samuel tinham regressado para o pé dos outros e encontravam-se outra vez alinhados com eles.

- Foi de gênio, Donald - disse o padre, com a voz embargada de emoção. - Você decidiu a guerra fratricida. Uma cadeira de avião como trono único... como não me passou essa ideia pela cabeça? Também eu pensei como Reissner: Zynaker está com um parafuso desapertado.

- Peço desculpa. - Reissner piscou o olho a Zynaker. - Com estas fotos tenho a minha vivenda assegurada. Ofereço-lhe dez por cento a título de indenização, por lhe ter massacrado o juízo.

- Não preciso do seu dinheiro, John Hannibal. Só queria conseguir uma paz sem violência.

- Que por pouco não acabou em sangue.

- Quem podia imaginar que Dai Puino iria reagir assim?

- Ele é e continua a ser um canibal ávido de cabeças por muito jovial que seja o seu comportamento conosco. Também só tem esse comportamento porque sabe que somos mais fortes do que ele.

- Acorda, Pepau! - disse Leonora, dando um toque de lado a Schmitz. Este deu um estremeção.

- O que é, chefe?

- Nem sequer vês o que se passa à tua volta, não é? Só tens olhos para Lakta. Ainda a comes com esses olhares.

- Não é uma criatura maravilhosa?

- Se tivessem cortado a cabeça de Hano Sepikula, era ela que a preparava.

- Não diga uma coisa dessas - gemeu Schmitz. - Porque me diz isso?

- Porque é a verdade, Pepau. Ela pertence a um mundo primitivo.

- Mas é um ser humano.

- Ela nasceu como ser humano, mas entre ti e ela há um abismo de milénios. Já te chamei a atenção para esse fato.

- Mas ela é capaz de amar. Vejo-o nos seus olhos, nos seus lábios, nos seus movimentos.

- Se é tudo o que desejas...

- O padre Lucius há-de convertê-la ao cristianismo e batizá-la. Meu Deus, não se transpõem milênios quando se sabe rezar o padre-nosso?

- Silêncio, Pepau. Vai começar.

O som abafado de um corno soou pela aldeia. Mal se fez ouvir, logo se soltou o troar dos tambores, as flautas sibilaram, bramaram as trombetas de bambu, trinaram as flautas de Pã. O movimento transmitiu-se às fileiras dos guerreiros e aos densos magotes de mulheres e crianças. Começou por um sacudir das pernas, depois um sacudir do tronco, para passar a um bater de pés acompanhado de palmas. E, de repente, tudo se transformou em ritmo, milhares de corpos ondeavam para trás e para a frente, o enorme quadrado de guerreiros tomou a forma de um círculo, as vozes agudas das mulheres fizeram-se ouvir, batiam-se as palmas, lançavam-se os braços no ar e tudo rodava como um carrossel gigantesco, de penas a adejar, ossos a matraquear, de tempos a tempos interrompido por um grito de mil vozes que se abatia sobre todos como uma nuvem estridente.

- Uma coisa destas só se vê uma vez na vida - balbuciou Reissner emocionado. - E foi ao John Hannibal que calhou esse privilégio! O meu coração rebenta de alegria!

A dança durou cerca de meia hora, tornando-se cada vez mais extática, mais rápida, mais febril. E, durante essa meia hora, Hano Sepikula ficou por terra, de pernas e braços abertos, sem se mover. Tinha perdido o direito à honra de dançar com os outros guerreiros. De olhos cerrados, ouvia a música e os cantos e sentia a terra tremer debaixo de si com o bater dos pés. Não sabia o que era chorar, nunca tivera lágrimas nos olhos, mas sentia pela primeira vez algo que lhe fazia sacudir a garganta, que lhe lançava do coração uma tremura que lhe percorria o corpo e que fazia acorrer aos olhos qualquer coisa húmida. Chorava e não sabia o que era.

Depois da dança, as mulheres desapareceram para ir buscar a comida e distribuí-la. Uma seção dos guerreiros de rosto pintado marchou na direção dos “deuses brancos” e depositou diante deles os presentes dos Uma: porcos de pés atados a guinchar como possessos e galinhas cacarejantes, montanhas de bolos de tapioca, cachos de bananas, batatas-doces enormes, cocos e um fruto que parecia uma grande bola redonda e dourada composta por centenas de nozes da espessura de dedos, um alimento gordo que cresce nos montes até aos dois mil e quinhentos metros. Também não faltavam os saquinhos das repelentes larvas de sagueiro a retorcer-se todas, a acrescentar a bolbos leguminosos, parecidos com couves-lombardas, e cabaças grandes esvaziadas cheias de um suco a tresandar a azedo. Empilharam tudo à frente dos brancos e depois retiraram-se para donde tinham saído.

- Presentearam-nos de forma mais que generosa - disse o padre com voz abafada. - Ofereceram-nos o que tinham de mais valioso.

- Acho que não precisamos de oferecer-lhes uísque. - Reissner riu e apontou para as cabaças ocas. - Eles podem comer-me ao pequeno-almoço se aquilo não é uma bebida alcoólica.

- Cá por nós, podem fazê-lo - cortou Zynaker em tom seco. Reissner franziu a testa, pensou no que dissera e fez um sorriso amarelo, incomodado.

O padre tinha aberto a sua caixa e tirava agora os presentes. Kreijsman e Zynaker levaram-nos um a um a Dai Puino e depuseram-nos aos seus pés. Este acomodava-se com prazer na cadeira do avião, considerado agora o maior dentro do seu mundo.

Levaram a Dai Puino colares de contas de vidro de todas as cores, pequenos espelhos, atilhos, anzóis, facas, machados e alicates, brincos de vidro lapidado, pendentes de latão com grandes pedras azuis, encarnadas, amarelas e violeta, cintos enfeitados com perolazinhas sintéticas e fitas elásticas de prender o cabelo. Os olhos dele brilhavam. Foi pegar precisamente num espelhozinho, para o ver mais de perto, e deu de caras com uma cabeça de guerreiro. Deu um salto, o espelho caiu-lhe das mãos mas não se partiu no chão macio.

Schmitz debruçara-se entretanto sobre a caixa e tirara um longo colar de contas de vidro brilhante e garrido. Enfiou-o no braço e foi assim ter com Lakta, que se encontrava no meio dos quatro irmãos e o fitava com os seus olhos grandes e brilhantes.

Schmitz ergueu o colar e sorriu para Lakta.

- Para ti, Lakta - disse ele. - És a mais bela que alguma vez pude conhecer. - Ao colocar-lhe o colar, tocou-lhe e sentiu como ela tremia. Mal as contas de vidro tocaram os

seus seios, rodopiou e correu para dentro de casa. Os seus quatro irmãos não mexeram um músculo do rosto. Eram autênticas máscaras amarelas petrificadas.

Schmitz voltou para o pé dos outros, enfrentando os seus olhares desaprovadores. Que lhe importava? Pudera ver e sentir o frêmito de Lakta e sabia agora que ela o amava.

- Estás contente com o que fizeste, Pepau? - perguntou Leonora, sem tirar os olhos de Hano Sepikula, que continuava por terra como morto. Dever-se-ia levantá-lo do chão e assim fazer ver aos outros que também ele era um eleito dos deuses?

- Estou - Schmitz engoliu em seco. - Pude ver os seus olhos e entendê-los.

- Estás a dois passos de perder a cabeça. Devíamos era mandar-te de volta para o pé dos destroços do avião, para lá ficares a tomar conta deles.

- Prometo ter cuidado, chefe.

- Pensa bem que ainda és muito jovem e tens a vida pela frente.

- Sim.

O padre esperou até Dai Puino ter apreciado convenientemente as oferendas cintilantes. O chefe deixou-as ficar no chão diante do seu trono e tornou a soltar um grito desarticulado. Através de uma fenda no quadrado dos guerreiros, apareceram mulheres que se puseram a dançar no recinto. Estavam nuas, só protegidas por uma tanga de folhas de bananeira ou de um material de fibras de palma e ráfia, de casca de sagueiro e de ervas longas e dúcteis. Era um ondear de corpos de bronze suado e brilhante, de seios saltitantes, de bocas em esgares e de agitados adornos de penas, de gritos estridentes e sugestivos movimentos de ancas, uma orgia de dança e de sensualidade natural.

Enquanto este grupo de mulheres se entregava a um êxtase progressivo, um outro grupo ocupava-se a trazer a comida: porcos abertos ao meio cujo odor ficava a pairar nos ares, legumes estufados e bananas fritas, frangos assados e batatas-doces fumegantes e, trazida em recipientes feitos de troncos de árvore escavados, uma bebida semelhante a cerveja escura e forte.

- Comemos primeiro ou damos já o nosso espectáculo? - perguntou Reissner, que se deliciava a fotografar as mulheres.

- Primeiro vamos à nossa representação. - O sacerdote pousou a mão no ombro de Reissner e puxou-o para trás.

Reissner acabava de se baixar para fazer um grande-plano de um ventre trepidante.

- Pare com isso! Essas fotos não lhe fogem!

- Você é que sabe!? - Reissner soltou uma gargalhada e ergueu-se. - Há milhões de pessoas que adoram estas fotografias.

A dança extática aproximou-se do fim. As mulheres, todas banhadas em suor, abandonaram o interior do quadrado, deixando para trás uma ligeira nuvem de pó. Ficaram todos a olhar para os “deuses brancos” que se assemelhavam aos homens e se moviam como eles. Que estavam a fazer agora?

- Donald, você ataca com o apito. - O padre dobrou-se e tirou da sua caixa um gravador de cassetes e um microfone. - Fred, veja, com o rádio muito baixinho, se está a dar música. Você vem a seguir.

Kreijnsman disse que sim com a cabeça, ligou o seu rádio portátil e colou-o ao ouvido.

- Música - anunciou com um sorriso de orelha a orelha. - Melodias de opereta. Estão agora mesmo a transmitir A Viúva Alegre.

- Se o velho Léhar ainda estivesse vivo para assistir! - Reissner tirou do seu estojo fotográfico uma câmara polaroid. - Wilja, ó Wilja, minha moçoila da floresta... Nas terras inexploradas da Papuásia-Nova Guiné, vai ser um êxito do disco!

- Donald, arranque. - O missionário deu-lhe o sinal.

Zynaker pôs o apito na boca e dirigiu-se ao primeiro Uma do quadrado. O guerreiro ficou espocado. O seu rosto pintado de amarelo crispou-se. O que é que o deus estranho pretendia dele?

Ao primeiro som do apito, àquele trilo penetrante, o guerreiro estremeceu de cima a baixo, apertou a sua lança na mão e ficou a olhar para Zynaker com um misto de medo, pavor e encantamento. Zynaker abandonou lentamente e a apitar o quadrado dos guerreiros, e quanto mais soava o apito mais os seus rostos se iluminavam, acabando todos por rir e imitar o trilo produzido. Zynaker parou em frente de Dai Puino e estendeu-lhe o apito.

O velho levantou-se num ápice da cadeira de avião, meteu o apito entre os seus lábios carnudos e soprou com toda a força. O trilo estridente apossou-se dele, os seus olhos arregalaram-se e ele soprou sem parar. Os Uma bateram as palmas e conseguiram abafar o apito com a sua gritaria.

Dai Puino voltou a deixar-se cair no cadeirão, atou o apito à volta do pescoço com uma tira de couro, puxou Zynaker para si e esfregou o seu queixo no queixo dele. Era a maior distinção que podia conferir: Dai Puino beijara Zynaker à maneira dos Uma.

Leonora olhou na direção de Schmitz e viu os seus músculos do rosto a arrebitar-se.

- Toma atenção - comentou ela um pouco ironicamente. - Se beijasses Lakta à nossa maneira, irias cometer um erro crasso.

- Ela nunca beijou com os lábios. Nem sonha o que se sente quando o beijo flui por todo o corpo.

- E tu queres ensinar-lhe?

- Por favor, não pergunte, chefe.

- Estás mesmo apaixonado por ela?

- Não sei.

- E quando souberes, vê se esqueces.

O padre fez sinal a Kreijnsman.

- É a sua vez, Fred. Ainda está a dar A Viúva Alegre?

Kreijnsman tornou a encostar o rádio ao ouvido.

- Não, agora está a dar o Passarinheiro.

Kreijnsman pôs o rádio debaixo do braço e foi colocar-se no meio da aldeia. Levantou o aparelho no ar e imediatamente se fez o maior silêncio. Tinha mil olhos postos nele.

Também Dai Puino ergueu os ombros, expectante. Lakta saiu da casa, de colar multicolor ao pescoço. Schmitz suspirou alto.

Sem qualquer aviso, Kreijsman pôs o volume no máximo. A música troou, saída dos amplificadores, com violinos e violoncelos e uma voz humana, um tenor: “Oferecem-se rosas, no Tirol...” Rudolf Schock na floresta virgem da Papuásia-Nova Guiné. Uma nuvem de som pairou sobre a aldeia. O efeito foi colossal.

Um deus ergueu uma caixa no ar e dela saiu a voz de um ser humano. Um ser humano invisível ou um demônio a cantar como um ser humano? Um espírito que habitava a caixa alongada, a caixa negra com muitos mamilos - eram os botões - e muitos rostos velados - eram os alto-falantes cobertos - e música nunca antes ouvida, sons completamente estranhos, música do reino dos deuses, música tão bela que era impossível de compreender.

Os Uma caíram de joelhos e vergaram a cabeça. As mulheres e crianças dispersaram e esconderam-se atrás das cabanas. Os cães partiram à debandada, procurando refúgio nos bananais. Só Lakta não se moveu do lugar, como se não tivesse assistido a nenhum milagre. Olhou para Pepau, sorriu-lhe e afagou o colar de contas de vidro.

- Tens razão - disse Leonora para Schmitz. - O que são dois mil anos! As mulheres sedutoras sempre existiram. E sempre existiram os homens para cair no laço delas.

Kreijsman baixou o som do rádio. O soprano, que se lançara nesse momento num trinado portentoso, calou-se. Os Uma continuaram ajoelhados por terra, sem ousar erguer a cabeça.

- Agora, o golpe de misericórdia - disse Reissner, confiante. - Padre, o seu gravador de cassetes. Agora é que eles vão ficar doidos!

Kreijsman regressou ao seu lugar, orgulhoso, como se tivesse vencido uma batalha sozinho.

- Isto é uma coisa que eles nunca irão compreender! - comentou.

- Eu também não. - Reissner colocou o filme polaroid na máquina. - Uma pessoa desanda um botão e de repente ouve-se música que é ouvida em Port Moresby. E os ares estão repletos dela. Eu próprio às vezes não consigo entender, apesar das ondas, das frequências e tudo o resto. Uma pessoa toma a coisa como se fosse óbvia e afinal é um pequeno milagre que acontece. Um milagre realizado pela mão do homem.

A pouco e pouco, as cabeças foram-se erguendo. Dai Puino que escondera o rosto com as mãos, olhava agora entre os dedos para o padre Lucius. Haveria ainda mais espíritos cantores invisíveis?

O sacerdote tomou a vez de Kreijsman e avançou para o meio do recinto. Na mão esquerda levava o gravador de cassetes, com a direita segurava o microfone perto da boca.

Ainda não tinha posto em posição de gravar, quando pensou se seria boa política que Dai Puino fosse o primeiro a ouvir a sua própria voz. Corria-se o perigo que ele caísse por terra apavorado e pudesse perder a face perante a sua gente. Nunca mais a recuperaria, mesmo com a ajuda da cadeira de avião.

O padre escolheu um guerreiro que se encontrava numa fila da frente, um rapagão forte, quase irreconhecível debaixo da sua pintura, cheio de colares de ossos à volta do pescoço e também uma omoplata esbranquiçada. Lucius imaginou que devia pertencer a um ser humano. Samuel, que teve de o acompanhar e para quem o gravador de cassetes já não constituía qualquer golpe de magia - no posto missionário ouvira muitas vezes música gravada - traduziu as palavras do padre.

- Avança.

O Uma hesitou e olhou para Dai Puino. Um sinal deste fê-lo obedecer. O padre Lucius segurou-lhe o microfone diante da boca. O guerreiro, com os olhos arregalados e tremeluzentes, ficou a olhar para aquela coisa parecida com uma cabeça de serpente.

- Diz algumas palavras - traduziu Samuel.

O Uma não abriu a boca. Era, na tribo, um grande herói que conquistara nove cabeças e a sua pontaria com o arco era certa. Mas agora ali estava, mudo e hirto.

- Diz alguma coisa - insistiu Samuel. - Diz: “Rechaçaremos os Pogwa das suas aldeias, cortaremos as suas cabeças, arrebatemos as suas mulheres para a nossa aldeia, incendiaremos as suas cabanas. Os Pogwa são nossos inimigos.”

O corajoso guerreiro engoliu em seco. Olhou para o microfone como um boi para um palácio, abriu a boca várias vezes, mas não saiu nada. O padre pôs o gravador pronto para gravar. “É agora”, pensou ele: “É agora que vai soltar a língua. Vejo-lhe nos olhos.” E de repente a voz fez-se ouvir, rouca, grave, quase bela no seu timbre, e as palavras golfaram em catadupa, uma torrente de sons que do mesmo modo repentino se interrompeu com um grito de guerra curto e agudo.

O padre desligou o gravador e fez retroceder a fita.

- Fabuloso! - exclamou com um movimento de aprovação para o guerreiro, que o olhava desconfiado. - E agora, meu rapaz, vais ouvir-te a ti próprio. - Carregou no play e pôs o som no máximo.

Primeiro veio um ruído e depois clara, cheia e a todos perceptível, a voz do grande lutador: “Rechaçaremos os Pogwa das suas aldeias, cortaremos as suas cabeças...”

O guerreiro caiu por terra, como se tivesse sido atingido por um raio. Dai Puino pôs-se de pé num salto e estendeu a sua lança, pronta para desferir um golpe. As mulheres lançaram gritos de lamentação.

Sap Tanana, o herói da tribo, ficou enfeitiçado na pequena caixa. Perdeu a sua alma, agora para sempre aprisionada pelos espíritos. Ela fala de dentro do objeto mágico que o deus branco segura na mão. A alma de Sap Tanana deixou o nosso mundo...

O padre aproximou-se de Dai Puino. O velho inclinou-se como se quisesse atacá-lo com a lança e gritou uma série de palavras que se tornaram cada vez mais claras. Lakta recuou e caiu de joelhos. Os quatro filhos estavam petrificados.

O padre carregara logo nas teclas para gravar e apanhara ainda na fita o grito de Dai Puino. Samuel, que se encontrava atrás do padre, tremia como varas verdes. Nunca esperara uma reação destas por parte dos seus conterrâneos.

Pensara que eles iriam rir e ficar felizes por ouvir as suas vozes.

O sacerdote rebobinou a fita e voltou a carregar no play.

As palavras de Dai Puino ecoaram pelo recinto. Era uma magia que a tudo excedia. Os deuses tinham o poder de aprisionar as almas dentro de uma caixa. Mantinham as vozes em cativeiro, criavam uma segunda vida...

- Samuel, diz-lhe que podemos agarrar com a mão todas as vozes, as das pessoas, das galinhas, dos porcos, das aves dos cães, todas as vozes. Podemos capturá-las e guardá-las nesta caixa. Mas nada de mal acontece a ninguém, desde que sejam nossos amigos.

- Mas que grande espertalhão me saiu! - comentou Reissner em tom de louvor. - Será que os padres são todos assim? Tomem atenção, dentro de quatro semanas está a contar aos Uma que são todos filhos de Deus e que Deus a todos escuta. E a seguir põe o gravador a tocar. Quero ver então quem é que não junta logo as mãos para rezar!

Samuel traduzira entretanto o que o padre tinha dito. Dai Puino ouviu com atenção, observou um pouco tímido a caixinha negra que o padre lhe segurava diante dos olhos e fez sinal a um dos filhos. Ordenou-lhe qualquer coisa e o jovem guerreiro soltou uma série de palavras todo encrespado. O padre gravou-as para as reproduzir logo de seguida. Dai Puino arregalou os olhos, desatou a rir, bateu as palmas e gritou qualquer coisa à sua volta. Apareceram três mulheres ao pé deles, duas com um leitãozinho que guinchava de fazer dó e a terceira com um frango que cacarejava, batendo as asas com espalhafato.

Lucius aproximou o microfone e gravou aquele alarido.

Quando o gravador reproduziu os guinchos do porco, Dai Puino perdeu todo o acanhamento. Arrancou o aparelho das mãos do padre e pôs-se a saltitar para um lado e para o outro, em frente da cadeira do avião, ao ouvir o cacarejar da galinha.

Uma vitória em todas as frentes. Os quinhentos guerreiros acompanharam-no no riso, a timidez perante a magia desapareceu. O valente Sap Tanana ergueu-se do chão, viu que ainda possuía a sua alma, que ainda podia falar, e pôs-se a saltar de uma perna para a outra. As mulheres lançavam gritos no ar, de braços erguidos.

- Agora é a minha vez! - Reissner pendurou a sua máquina polaroid ao pescoço. - O padeco sabe fazer vozes em conserva, mas eu vou mostrar-lhes como se fazem cabeças. Vou deixá-los de cara à banda, meus queridos!

Dirigiu-se a Sap Tanana, com passos largos e seguros, puxou da máquina e disparou. Ouviu-se um clique, Sap Tanana viu qualquer coisa a sair por uma ranhura e ficou suspenso à espera do que poderia acontecer.

Reissner arrancou a fotografia da máquina, tirou-lhe a capa e abanou-a no ar.

- Dentro de três minutos, tens um duplo! - disse ele para o guerreiro, com um bonacheirão. - Aí, vais poder ver o efeito da tua pintura. Mais dois minutinhos. - Observou a fotografia, que lentamente se revelava. - Vai ficar ótima, meu querido, a verdadeira cabeça reveladora de um caráter canibal. Esta, bem podes pendurá-la na parede por cima da tua cama. Só mais um minuto... Aí vens tu, menino, estás a chegar. És uma verdadeira beleza. Aqui está, olha para ti.

Segurou a fotografia a cores, já pronta, perante os olhos de Sap Tanana e, pumba, lá caiu o herói mais uma vez por terra. Reissner ficou satisfeito, dirigiu-se para o pé de Dai Puino e mostrou-lhe também a foto.

Dai Puino reagiu de forma totalmente diversa. Olhou a foto com atenção, reconheceu nela Sap Tanana, dirigiu-se imediatamente ao pé do guerreiro jacente, voltou-o de barriga para cima e verificou que a cara ainda lá estava. Para ter bem a certeza, apalpou-lhe a cabeça, certificou-se de que não lhe faltava nada e depois gritou-lhe, Sap Tanana ergueu-se atordoado.

Dai Puino voltou para o seu trono, avançou a cabeça e mostrou a cara.

Reissner entendeu logo.

- Inacreditável! - exclamou, admirado. - Esta gente habitua-se à magia com facilidade. Agora querem todos um retrato, vale a aposta? - Fotografou Dai Puino. - Agora podes admirar o que é nascer de novo, meu velho - sorriu-Lhe com ar malicioso. - Olha bem com atenção. Do nada apareces tu de repente com todo o colorido. É na verdade uma espécie de magia da química. Olha, aí vens tu.

Dai Puino seguiu com atenção todas as fases da revelação.

Quando reconheceu a sua cabeça garrida e nítida, levantou a foto no ar e mostrou-a a todos os guerreiros. Estes olharam-na cheios de respeito, quando um dos filhos pegou nela e a levou até ao quadrado.

Não serão os deuses brancos inatacáveis? Agarram as vozes no ar, prendem-nas numa caixinha, fazem-te uma segunda cara, sem que percas a primeira. Quem poderia fazer tudo isso, para além deles?

Reissner tirou também a fotografia de Lakta. Tímida, mas com um sorriso nos lábios, ela olhou para a objetiva e recebeu a seguir a fotografia pronta com os seus dedos esguios. Contemplou-se, pareceu refletir, os seus olhos foram invadidos por um brilho claro, a fotografia tremeu-lhe nas mãos. Começou a andar, devagarinho, cheia de dignidade, de cabeça erguida, mas os seus pés pareciam não tocar o solo. Aproximou-se dos deuses brancos, sem timidez e com um encantador sorriso nos lábios, parou diante de Schmitz e estendeu-lhe a fotografia.

“É para ti”, significava o gesto. “Aceita-a. Assim estarei sempre contigo. Os meus olhos ver-te-ão onde quer que te encontres. A minha boca saudar-te-á, quando acordares e quando adormeceres. O meu rosto pertence-te...”

- Não fiques aí como uma estátua! - sussurrou-lhe Leonora. - Aceita-a! Ela ama-te, por muito louco que isso pareça!

Schmitz cerrou os dentes. Aceitou a fotografia das mãos de Lakta, a cabeça dela aproximou-se da dele e ambos se esfregaram os queixos, de olhos fechados, e foi muito mais que um beijo, que ela nem conhecia, era uma entrega silenciosa, cheia de ternura e humildade.

De repente, Lakta recuou, deu meia volta e correu para dentro de casa, como se estivesse a ser perseguida. O padre resmungou entre dentes, mas não disse palavra. Schmitz ficou como que paralisado, de fotografia na mão.

- É verdade, afinal que são dois mil anos - disse Leonora baixinho. - Dou-te razão, Pepau. Mas vais ter problemas com a tua consciência. Ela também comeu carne humana como os outros.

Schmitz suspirou e guardou a foto no bolso da camisa.

- Não quero mais ouvir falar nisso, nunca mais. Por favor, Leonora, por favor não volte a repeti-lo.

- Acho que depois destas espetaculares atuações, já não precisamos do isqueiro de Schmitz ou das tesouras de Leonora - disse o padre quando Reissner voltou para junto deles. - É impossível conseguir aumentar ainda mais a impressão que lhes causamos.

O quadrado dos guerreiros desfez-se. Acocoraram-se todos à volta da comida exposta à altura do chão. Havia mais de cinquenta círculos, cujos centros eram preenchidos pelos porcos e frangos assados expostos sobre folhas de palmeira, por legumes, bananas fritas, batatas-doces, larvas de sagueiro cozidas e recipientes cheios de cerveja de odor azedo. As mulheres começaram a trincar a carne em pequenos pedaços. Em cada círculo havia um ancião que velava por que as porções fossem distribuídas equitativamente.

No círculo maior, o de Dai Puino, estavam sentados os novos amigos e foi o próprio Dai Puino quem trinchou a carne e distribuiu a cada um o seu quinhão. Lakta não voltou a aparecer. Deixou-se ficar sentada junto da mãe, que dormia segurando-lhe as mãos, apertando-as e contando-lhe em voz baixa o seu amor.

O grande banquete começou.

E prolongou-se pela noite dentro. O medo dos demônios das trevas tinha sido superado, os novos deuses eram mais fortes. Podiam captar as vozes no céu e também segundas caras.

Solitário, abandonado na sua cabana aberta e enfeitada, ignorado e esquecido por todos, nem sequer abastecido de carne ou de uma simples batata-doce, Duka Hamana permanecia sentado na sua esteira. Um feiticeiro sem força. Um homem velho, alquebrado.

Só possuía um único seguidor e esse jazia diante da cabana, deitado sobre algumas folhas de palmeira.

Hano Sepikula, o derrotado. Também a ele ninguém trazia um pedaço de carne ou uma tigela de vermes de sagueiro.

6

Havia já seis semanas que viviam com os Uma.

Foi um período que passou rápido e de que só se dava conta quando se olhava para um calendário ou se escrevia a data no diário. Leonora escrevia um e assinalava nele tudo o que acontecia no quotidiano, coisas importantes e triviais, pois também o trivial faz parte da vida, constituindo afinal, quando menos se espera e no conjunto dos

acontecimentos especiais, pedrinhas importantes para o preenchimento do mosaico do dia a dia. Nele participavam, do mesmo modo, o fato de os frangos terem penas às manchas amarelas e castanhas e a constatação de se descascarem troncos de árvores de nomes desconhecidos para se tirarem da entrecasca fibras com que se faziam saquinhos para as larvas do bicho do sagueiro ou para a banha humana ou ainda tangas. Também o fato de as mulheres usarem resina colorida para pintar as unhas fazia parte das coisas que completavam o retrato destes seres humanos de descoberta recente.

Os nove feridos já faziam a sua vida normal, orgulhosos das suas cicatrizes, que até pintavam com branco a toda a volta para que todos as vissem. Isso elevava o seu prestígio junto dos outros guerreiros, dado que até então quase nenhum tinha sobrevivido a tais feridas originadas nas lutas de desagravo com os Pogwa. Morriam cheios de dores, de erisipela ou de infecção e era a vontade dos antepassados que também os seus crânios servissem de apoio para a cabeça, nas casas dos homens.

Sapa também sobrevivera à operação, já tinha voltado ao trabalho, esmagava tapioca, colhia batatas-doces da terra e recolhia dos troncos apodrecidos dos sagueiros as larvas gordas. Costumava contemplar amiúde a cicatriz arqueada na sua barriga, os pontos laterais da sutura e a princípio custava-lhe a crer nas palavras de Schmitz, de que a barriga não ia voltar a abrir. Apalpava a cicatriz com a ponta dos dedos e não entendia que se pudesse abrir uma pessoa e voltar a fechar sem que mais nada ficasse a não ser um risco fino na pele.

Dai Puino passava a maior parte do tempo sentado na sua cadeira de avião, cheio de dignidade e da consciência de ser o mais poderoso. Sabia que todas as tribos vizinhas especialmente os odiosos Pogwa, tinham ouvido falar daquele trono divino e se coíbiavam de continuar os ataques contra os Uma, de lhes roubar as mulheres e de entre eles caçar cabeças.

Durante estas seis semanas, ninguém ouviu falar de Duka Hamana, o feiticeiro. Ignorado, vivia na sua cabana aberta, continuava a queimar pauzinhos de incenso para aplacar os espíritos, sacrificava-lhes um frango, cuja cabeça cortava, deixando esguichar o sangue em todas as direções, continuava a colher plantas e musgo, raízes e rebentos semelhantes aos das orquídeas, com os quais preparava ao lume os seus sucos e papas. Mas ninguém mais o procurou para lhe pedir ajuda ou receber dele um bom conselho. Só duas mulheres apareciam duas vezes por dia na sua casa, para lhe trazer comida e água fresca para beber, colocavam tudo diante da cabana e voltavam a desaparecer rapidamente. Mas a calma de Duka Hamana era dissimulada e não significava que ele se tivesse dado por vencido para sempre. Maquinava a vingança, que era o único pensamento que nele habitava e que ainda o prendia à vida. Era obrigação sua ter-se matado ao ser abandonado pelo seu poder, matado com um veneno que tinha destilado de plantas e que ninguém mais conhecia. Era um veneno diferente do utilizado nas setas, provocava uma morte suave, um adormecimento, desfalecer ao encontro dos antepassados. Duka Hamana tinha-o experimentado em porcos e galinhas, tinha envenenado pelo menos uns dez cães e observado com grande atenção. Adormeciam e simplesmente não voltavam a acordar. Os seus corações paravam, sem dor, sem

estremecimento, sem espuma na boca, sem vômitos de sangue, sem paralisias que ensombrassem a atmosfera.

Duka Hamana orgulhava-se desse veneno. Com ele podia-se envenenar qualquer pessoa sem dar nas vistas. Quem pensará em veneno se alguém se deitar e adormecer e não mais acordar? Com ele podia-se eliminar qualquer adversário. O veneno só tinha um senão: tresandava a urina. Não podia ser ministrado sem que se desse por isso.

Havia meses que Duka Hamana fazia experiências para filtrar este cheiro, para conseguir um veneno inodoro e sem sabor. Até agora ainda não tinha tido êxito, porque se eliminasse do preparado o suco da raiz que tão mal cheirava, o veneno deixava de ser veneno e passava a ser uma mera bebida de suco de plantas.

Hano Sepikula tinha sido novamente integrado na comunidade guerreira. Foi Leonora quem o conseguiu. Durante o grande banquete, dirigiu-se a ele, que ainda estava deitado por terra e já nem era objeto do interesse da mulher e dos filhos. Leonora debruçou-se sobre ele e estendeu-lhe a mão. Hano Sepikula olhou-a perplexo, de olhos arregalados, tomou-lhe a mão, segurou-a com força e levantou-se.

Não foi sentar-se junto de nenhum dos círculos de convivas, mas dirigiu-se lentamente à cabana de Duka Hamana.

Aí permaneceu duas semanas, dormindo no chão até que um filho de Dai Puino e a sua mulher o foram buscar e o levaram outra vez para a aldeia. Recebeu outra vez o seu lugar de dormir na primeira casa dos homens e ninguém mais mencionou a sua derrota. Na campanha seguinte contra os Pogwa, poderia outra vez afirmar-se como herói, se capturasse muitas cabeças.

Contudo, o padre Lucius constituía um obstáculo.

Tinha começado a ensinar aos Uma que existe um Deus único, todo-poderoso, que está acima de todos nós e que diz aos seres humanos: “Vós sois irmãos e irmãs.”

Samuel era nessa tarefa o seu mais precioso colaborador.

Sem o seu trabalho de intérprete, seria impossível contar aos selvagens acerca de Cristo, que caminhou sobre um lago sem se afundar e que até dera vida aos mortos e transformara a água em vinho. De todos os milagres, este último era o tema favorito do padre Lucius. Nos tempos em que estivera na Austrália, usara-os muitas vezes para pregar aos vinhateiros, olhando-os nos rostos carrancudos. Transformar a água em vinho, era um assunto que entendiam bem.

Seguindo as instruções do padre, foi construída uma pequena igreja, uma cabana à maneira dos Uma, com paredes de fibras entrançadas e teto de folhas de palmeira, com um espaço interior de seis por quatro metros e uma única divisão. Ao fim de duas semanas, a igreja estava de pé. As mulheres e algumas crianças tinham trabalhado nela como formigas, um corre-corre de pessoas sob cujas mãos o edifício cresceu. Que iria tornar-se na casa de Deus, ninguém sabia. Os Uma construíram uma casa para o amigo e protetor branco.

Reissner, que seguiu fotograficamente os processos da construção e que também costumava assistir às prédicas do padre Lucius aos guerreiros e às mulheres com Samuel

como porta-voz, começou a ver o trabalho de missionação com outros olhos que não os do escárnio.

Quando o padre não se encontrava no círculo dos ouvintes devotos, costumava aproveitar para aprender a língua dos Uma. Tinha encontrado uma professora fabulosa que lhe repetia pacientemente as palavras, ao mesmo tempo que lhe mostrava os objetos correspondentes: Lakta.

De vez em quando, vinha-se-lhes juntar Schmitz, que se sentava em frente dela e a contemplava com o coração alvoroçado. Lakta trazia o colar de contas de vidros, de dia e de noite, sobre os seios nus, e quando se encontrava sozinha, quando ninguém a observava as suas mãos acariciavam o vidro colorido e o seu queixo roçava-se nelas.

Leonora tinha montado uma espécie de consultório numa das cabanas das mulheres, esvaziada para o efeito. Schmitz referia-se a ele, na brincadeira, como a policlínica. Dava aí consultas uma vez por semana, examinava as crianças, as mulheres e os velhos e constatou com espanto a incidência maciça de furúnculos. Tinha sido essa a especialidade de Duka Hamana. Cobria os furúnculos com uma cataplasma castanha e, imaginem, os furúnculos mirravam e desapareciam. Só que apareciam outros noutras partes, consumindo lentamente o corpo sem conseguir cura.

- Como chegaram os Uma a esta infecção maciça de estafilococos? - perguntou Leonora um dia, depois de tratar doze doentes.

- Contagiam-se uns aos outros - respondeu Schmitz.

- Não pode ser só isso. É qualquer coisa endógena.

- Endógena?

- Uma doença do metabolismo, uma intoxicação constante, algo...

- Desculpe, chefe, mas não há nenhuma doença do metabolismo que produza estafilococos.

- Isso também eu sei, Pepau. Mas não acredito no contágio de uns para os outros. Há qualquer coisa que me escapa. Porque é que só os adultos sofrem desta furunculose e não as crianças? Eram precisamente estas que deviam estar contagiadas, em contato constante com os pais e os familiares infectados. É algo que se produz dentro do corpo.

Zynaker tinha refletido durante estas semanas sobre a forma de dar uso às partes dos destroços. As rodas eram especialmente importantes. Se os Uma compreendessem e vissem o que se pode fazer com uma roda! Até agora tinham transportado tudo aos ombros. Embora já tivessem descoberto a alavanca, o que lhes poupava imenso esforço físico. Mas uma roda iria revolucionar tudo.

Três dias depois da grande festa, Leonora e Zynaker tinham estado sentados num tronco de sagueiro, um ao lado do outro. Ela vinha de visitar Sappa, de mudar as ligaduras, de borrifar a cabana com spray desinfetante, e encontrou, ao sair, Zynaker que andava de um lado para o outro todo agitado. Quando se sentaram no tronco, Leonora pousara a cabeça no seu ombro e fechara os olhos. A proximidade dele, o contacto do seu corpo fazia-a suspirar.

- Sinto tanto a tua falta - disse ela baixinho. - Não sei o que se passa comigo. Só consigo pensar em ti.

- Muito simples: é amor. - Ele olhou-a de lado e fez um esforço enorme para não a tomar nos braços. - Nunca o tinhas sentido?

- Não, nunca. Nunca senti tanta falta de um homem ao pé de mim. Desejo já senti, mas é uma coisa totalmente diferente. O desejo pode ser descrito, a carência não. O desejo aponta para o corpo, é palpável, o sentimento de carência, não. Carência tem a ver com a alma e a tua alma não se pode tocar.

- De que é que sentes falta?

- De ti.

- Afinal, também fisicamente.

- Não só. Basta-me ver-te, ouvir-te, pressentir os teus pensamentos e olhar-te nos olhos. Tu existes, estás presente e isso é maravilhoso.

Zynaker não disse nada, pôs o braço à volta do ombro de Leonora e apertou-a contra si. E acabou por revelar o que tinha calado durante aqueles dias todos.

- Durante o grande festim, durante a dança dos guerreiros, não ouviste nada? - perguntou ele.

- Se ouvi! - riu ela. - O barulho era ensurdecedor.

- E não ouviste mais nada?

- Não.

- Eu tenho bom ouvido e sou piloto há muito tempo. Eu ouvi, muito longe, mas muito nitidamente. O meu ouvido não me engana.

- O que é que tu ouviste?

- Motores. No ar. Helicópteros. Aquele barulho típico. Minha querida, andaram à nossa procura. Havia helicópteros à nossa procura.

- E... e porque é que não disseste nada? - Leonora olhou-o com os seus olhos brilhantes.

- Achas que devia ter dito?

- Não.

- Foi o que pensei. - Zynaker apertou-a contra si. - A salvação estava tão perto. Tinha bastado lançar dois ou três foguetes, para mostrar o caminho aos helicópteros. Trouxe comigo do avião dez foguetes vermelhos. Já podíamos estar de regresso a Port Moresby há muito tempo.

- Eu não quero voltar a Port Moresby. Quero procurar o meu pai e quero estar ao pé de ti.

- É onde estás.

- Obrigada. - Aconchegou-se no seu braço que, a envolvia. - Obrigada por não teres lançado os foguetes.

- Simplesmente não fui capaz.

- E achas que mais ninguém ouviu o ruído dos motores?

- Até agora ainda ninguém disse nada. Reissner teria berrado de certeza: "É um avião!", e teria feito grande estardalhaço.

- E achas que vão continuar a procurar-nos?
- Acho. Mas nos últimos dias não voltei a ouvir mais nada. Devem estar a sobrevoar outros lugares.
- Mas o tenente Wepper sabe muito bem que vale é que eu queria explorar.
- O contacto por rádio foi interrompido quando eu tive de descer. Eles podem pensar que nos desviamos da rota.
- Mas os destroços do avião não passam despercebidos!
- Só se voarem muito baixo. Se houver nevoeiro por cima do vale, como é costume, não vêem nada. Além disso, não sei se os destroços foram levados pela corrente. A parte dianteira com os motores certamente que não, mas os dois pedaços de cauda já podiam ter sido arrastados.
- Achas que devemos contar aos outros, querido?
- O quê? Que ouvi helicópteros? Nem pensar! Reissner e Kreijsman uniam-se para dar cabo de mim.

Também aconteceu, durante esses dias, que Schmitz subiu um pouco o estreito e cristalino ribeiro de montanha, a partir do qual uma conduta de madeira conduzia a água para a aldeia dos Uma. Tratava-se de uma construção simples, mas genial para um povo tão primitivo, algo que funcionava sem percalços, como acontece com tudo o que é simples.

Schmitz sentou-se numa árvore caída na margem do ribeiro e pensou em Lakta. Nos últimos tempos, tinha estado amiúde na casa de Dai Puino, à cabeceira de Sapa, a vigiar as crises que sobrevieram. Lakta costumava acocorar-se do outro lado do leito a observá-lo com o estetoscópio a controlar as batidas do coração de Sapa ou a enrolar o aparelho de medir a tensão à volta do braço, a enchê-lo de ar, a deixar sair o ar, a ler os valores no manômetro.

- Queres ouvir? - perguntou-lhe uma noite, e mostrou-lhe o estetoscópio.

Ela abanou a cabeça e ficou a olhar para aquele aparelho semelhante a uma cobra que o homem branco introduzia nos ouvidos através de dois tubos e com o qual, depois, palpava o peito de sua mãe. Schmitz tornou a ensinar-lhe como se fazia, depois puxou-a para si e meteu-lhe os tubos nos ouvidos. Ela tremeu como que possuía por uma câimbra, fechou as pálpebras com força e ficou hirta como uma boneca. Schmitz colocou a membrana sobre o coração de

Sapa e olhou para Lakta. Primeiro, o rosto dela desenhou um trejeito, depois abriu os olhos, debruçou-se sobre a mãe e compreendeu, de repente, que através daquele objeto diabólico ouvia o bater do coração de sua mãe.

Claramente, como um tambor surdo e ritmado. Levantou a membrana. Silêncio. Voltou a encostá-la ao peito. O palpitir da vida. A experiência era tão avassaladora para ela que embalava o corpo para trás e para a frente, ao ritmo do coração. Um sorriso de felicidade encheu-lhe o rosto, pronunciou algumas palavras rápidas para Schmitz, encostou a membrana ao seio esquerdo, tirou os tubos dos ouvidos e deu-os a Schmitz

para que os pusesse. Também a mim, era o que queria dizer. Também a mim. Ouve o meu coração...

Schmitz colocou os tubos nos ouvidos, mas hesitou a seguir. Apertou os lábios e sentiu o sangue aquecer-lhe nas veias. “Neste momento, és o médico e mais nada. Imagina que estás no teu consultório com uma menina de cor à tua frente e que tens de auscultá-la. Trata-se de uma paciente. Vais ficar sempre assim desaustinado? Então é melhor procurares outra profissão. Mas foge desta o mais depressa que puderes, deixa a profissão de médico, para que não foste talhado.”

Schmitz chegou à frente e corrigiu o ponto de apoio da membrana. Para fazê-lo, teve de erguer ligeiramente o seio esquerdo de Lakta. Sentiu-se percorrido por um raio quando tocou Lakta, quando meteu a mão por debaixo do seio dela e lhe sentiu o peso ligeiro. Ouviu bater o coração dela.

Depressa, muito depressa, um martelar constante e desenfreado. Uma tempestade de palpitações, uma saraivada de tempestuoso desejo de entrega. Um pulsar inebriado, que fez eco no coração dele.

Schmitz pousou o estetoscópio e soltou o seio de Lakta. Nos olhos dela havia um brilhar febril, que lhe cortava a respiração.

Ela tirou-lhe o estetoscópio da mão, desabotoou-lhe a camisa, encostou-lhe a membrana ao coração e colocou os tubos nos ouvidos. De olhos cerrados, sentiu o bater alvoroçado do coração dele, voltou a embalar-se ritmadamente, mas desta vez não se tratava mais de um balançar como acontecera com a mãe, mas muito mais um impulso ritmado que se tornava cada vez mais rápido.

- Sim, é o meu coração, Lakta - disse ele, e sentiu-se feliz por ela não entender a sua língua. - É assim que bate quando te olho, quando te toco, quando te quero dizer “Amo-te!”. Cada batida é um apelo: “Vem cá, vem, deixa-me sentir-te...” Lakta deixas-me doido.

Quando o seu coração se voltou a acalmar e passou a bater normalmente, Lakta abriu os olhos, afastou a membrana do peito dele e aproximou-lha da cara, tocando-a.

Aquele som estranho fê-la estremecer e ficar a olhar para Pepau, perplexa.

- Amo-te, Lakta - sussurrou ele. - Meu Deus, como te amo... - É claro que ela não o entendia, mas sentia que ele falava com ternura, lhe dizia algo belo, algo que só a ela se destinava. Arrancou o aparelho dos ouvidos, atirou o estetoscópio a Schmitz, levantou-se intempestivamente e saiu de casa a correr.

“Também ela comeu carne humana”, perpassou pela cabeça dele. “Amo uma canibal” - não seria isto motivo suficiente para enlouquecer?

Schmitz guardou para si esse momento, escondeu-o fundo no seu coração e nada contou a Leonora. Uma pessoa pode aconchegar-se dentro dos segredos do seu amor, como se estivesse coberto por um sobretudo quentinho - é o bem-estar da felicidade, que só é partilhável com a única pessoa que se ama.

Assim estava agora Schmitz sentado num tronco, à beira do pequeno ribeiro de montanha e pensava em Lakta, manietado pela consciência de que este amor não tinha realização possível e que só poderia ter um fim infeliz. Por muito que tentasse fugir a esta

verdade, quando era dominado pelos seus sentimentos, a razão não deixava de lhe afirmar que dois mundos incompatíveis se unem à custa da destruição de um deles. Não bastava somente agir como ser humano, assim como uma ave age como ave ou um cão como cão. O ser humano é muito mais complexo, as implicações são infinitas.

“Lakta, porque tinha eu te conhecer? Como é cruel o destino!”

Fechou os olhos inadvertidamente e susteve a respiração.

Nada tinha ouvido, quebrar de ramo ou ranger de areia, só o murmúrio das águas do ribeiro. Mesmo assim, dois braços envolveram-lhe por trás a nuca, braços de pele sedosa cor de bronze, uma cabeça apoiou-se na sua cabeça e uma respiração perpassou as suas fontes.

- Lakta - disse ele sem já reconhecer a própria voz. - Lakta...

Ela acariciou a cabeça dele com o seu queixo e de repente estava sentada junto dele, pegando-lhe na mão e pousando-a no seu peito. Estava nua, totalmente nua, sem tanga ou pintura, um corpo maravilhoso e lúcido com o odor de uma flor exótica.

- Lakta - repetiu ele - porque fazes isso?

Era uma pergunta idiota, cuja resposta soava dentro dele próprio. Quis retirar a mão, mas os dedos dela agarraram-na com firmeza e, com uma força que ele nunca suspeitara existir num corpo tão delicado, apertou-a ainda com mais firmeza contra o seu peito.

Schmitz não ofereceu mais resistência. Arrebatado pelo brilho dos olhos dela, tornado autômato pelo fato do peito que segurava na mão, puxou Lakta para si com o outro braço e quando ela reclinou a cabeça para trás, para roçar o queixo no queixo, ele segurou-lhe a nuca e beijou-a. O contato dos lábios, este primeiro beijo que ela experimentava, esta sensação desconhecida que de repente lhe percorria o corpo, este turbilhão nunca vivido que lhe agitava o sangue, esta suspensão total da existência, que se transforma só em sufocação e prazer, desejo e realização nostálgica, assemelhava-se a um doce sofrimento que a atordoava. Inconscientemente, abriu os lábios como para gritar, e logo sentiu a língua dele na sua língua e o seu corpo avassalado por um doce desfalecer. Durou só dois ou três segundos este desmaio, foi muito rápido este mergulho no mundo desconhecido das sensações. Imediatamente se reanimou, abraçou o seu corpo nu contra o dele e apertou-o com os braços.

Quando os seus lábios se encontraram pela segunda vez e o corpo liso, esguio e nu de Lakta se voltou para o dele, movendo-se como uma cobra, tudo deixou de existir à sua volta, o marulhar do ribeiro, a floresta virgem, o grito das aves, o roçar dos fetos - encontravam-se ambos só num espaço infinito em que dois corpos se fundem num.

Só à tardinha, depois de Schmitz e Leonora terem dado a Sapa, quase restabelecida, a injeção da noite, é que Pepau falou:

- Chefe, antes de voltarmos para junto dos outros, queria falar consigo a só alguns minutos.

- Tanta solenidade, Pepau. - Ela observou-o, pensativa. - O que é que aconteceu? Agora estamos só.

- Escorrace-me para longe!
- Porquê? E para onde? Outra vez para o rio?
- Eu... não consegui resistir. Não fui suficientemente forte e também não o queria ser.

- Lakta?
- Sim.
- Meu Deus! Pepau, enlouqueceste!
- Enlouqueci, mas é divina a loucura! Não me queria curar dela nunca mais.
- E agora?
- Não sei.
- E se Lakta engravida de ti? Os Uma dão cabo de ti e de nós. Não pensaste nisso antes?

- Não. Não pensei em mais nada. Naquele momento só ela existia. Consegue entender-me?

Leonora pensou em Zynaker, naquele amor que também a fazia esquecer de tudo o que estava à volta, só preenchido pelo sussurrar das suas vozes, pelo som dos seus corpos e pelos suspiros dos seus peitos. Baixou os olhos e ficou a olhar para as biqueiras das botas sem coragem, por seu lado, para enfrentar Schmitz.

- Poderia entender... - disse lentamente.
- E o que é que a impede?
- Os condicionalismos externos, Pepau. Porque é que tenho de estar sempre a repeti-lo? Não há milhões de raparigas bonitas sobre a terra para tu te apaixonares? Tinha logo de ser Lakta?

- Uma canibal...
- Agora não fui eu quem o disse.
- Mas pensou. E também eu pensei nisso. Era a minha única defesa. Mas não foi suficiente. Lakta foi mais forte.

- O seu corpo maravilhoso.
- Não só. Quando nos abraçamos, era mais do que um corpo contra o outro. Era uma sensação que eu não conhecia, que nem sabia existir. Deu-se um milagre, um novo céu abriu-se por sobre nós, o sortilégio de uma felicidade infinita. Consegue entender-me?

- Sim - disse em voz baixa. - Sim, consigo. - O seu amor por Zynaker voltou a apoderar-se dela, o desejo das mãos dele, dos lábios, das palavras. - Essas coisas existem. Mas são raras, muito raras. - Levantou a cabeça e olhou-o bem nos olhos: - Pepau, não tenho conselhos para te dar. Tens de te guiar só pela tua cabeça. Mas o caminho não vai ser fácil.

- O nosso amor há-de superar as dificuldades. - Respirou fundo e levantou a cabeça para o céu opalino do entardecer. - O seu amor por Donald também é assim...

- Que estás a dizer? - Rodou como se a tivessem esbofeteado. - Onde te vem a idéia?

- Se os outros são cegos, eu e o padre Lucius já sabemos.
- Vocês não sabem nada!

- Há três dias... você estava de vigia à cabeceira de Sapa... eu vinha revezando-a, por volta das três da madrugada. Você estava deitada na esteira, a dormir profundamente.

- Pepau, isso fica entre nós, não é verdade?

Ele acenou com a cabeça e continuou:

- Você não só dormia profundamente, como sonhava. E falou no sonho. Ouviu-se distintamente. Disse: “Como me sinto calma nos teus braços!”

- Não é verdade!

- E continuou: “Meu querido, nunca amei assim tanto...”

Eram as suas palavras... Conhecia-as uma por uma, costumava repeti-las, vivia com elas como se fizessem parte da sua alma.

- Um pesadelo! - disse com voz dura. - Era um pesadelo, Pepau.

- Acreditava, se não tivesse proferido o nome de Donald.

- Eu nunca proferi o nome de Donald.

- Disse sim. Disse: “Donald, meu querido...” Ouvi distintamente. Leonora calou-se e depois começou a andar.

Schmitz manteve-se ao seu lado.

- Claro que Zynaker não é um canibal - disse ele. - Nasceu numa outra época, mas é um ser humano como Lakta. Ela não voltará a comer carne humana.

- Achas?

- Sei-o. Afinal foi assim que ela cresceu, não conheceu outra forma de comportamento. Nós também abatemos vacas, vitelos e porcos, caçamos corças e veados, apanhamos peixe e atiramos lagostas vivas para dentro da água a ferver, para elas ficarem com aquela cor vermelha apetitosa. Vivas, para dentro de água a ferver! Somos melhores que os canibais? Não matamos também para sobreviver? Sorvemos a carne ainda palpitante das ostras e dizemos que é um pitêu! Comemos tudo o que é comestível, e a única diferença é que os Uma tornaram a sua ementa extensiva à barriga da perna humana e ao ombro assado no espeto... precisamente porque é comestível. Quem é que lhes ensinou os nossos princípios morais? Quem é que lhes disse: “Vocês podem comer de tudo desde o leitãozinho tão querido até ao cordeirinho mais adorável, mas uns aos outros vocês não se podem comer.” Dentro de umas semanas, o padre Lucius vai começar a pregar-lhes o sermão. E eles vão ficar perplexos quando lhes disserem: “Vocês não podem comer nenhuma criatura de Deus!” Então uma corça e um faisão não são criaturas de Deus? Porque me ama, Lakta vai ser a primeira a converter-se e a ser batizada. Só uma pergunta me vem à cabeça: Transformar-se-á ela, por isso, noutra pessoa? Só através de um “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” e uma esparrinhadela de água? Ela fica com a mesma pele, o mesmo corpo, os mesmos lábios, o mesmo amor, o mesmo coração.

- Já acabaste, Pepau? - interrompeu Leonora.

Schmitz retomou o fôlego. Tinha-se exaltado durante a argumentação.

- Por hoje, já.

- Vais contar aos outros?

- Ainda não.

- Então sempre tens inibições? - Ela sorriu-lhe. - Eu disse-te: o caminho não vai ser fácil, mas hás-de superar as dificuldades.

- Certamente, e você vai ajudar-me, chefe?

- No que estiver na minha mão, Pepau.

Tudo isto se passara há semanas.

O padre Lucius inaugurara a sua igreja com uma missa, a que só os brancos assistiram, com exceção de Dai Puino que, cheio de curiosidade, sentado na sua poltrona de avião, que os seus dois filhos tinham de carregar para todos os lados, ficara a observar o padre a rezar diante de uma cruz, a benzer a hóstia e o vinho, e Samuel, vestido com uma tanga dos Uma, a oscilar o turíbulo para um lado e para o outro e a fazer soar um sininho prateado de som cristalino. A prédica, que o padre subordinava ao tema “Senhor como é eterna a Tua bondade”, foi curta e cheia de significado. Disse: “Senhor, volve os Teus olhos sobre esta Tua nova moradia, construída e benzida em terra ainda inexplorada. Fazei-nos credores da Tua bondade, porque em breve aqui se ajoelharão perante Ti os filhos dos homens que nada sabiam da Tua existência e que agora, de coração cheio de fé no Teu amor, as suas almas entregam à Tua guarda. E cada vez serão mais aqueles que irão ao Teu encontro, que se furtarão aos seus ídolos e espíritos, para procurar a paz na Tua graça. Uma pequena grande obra foi iniciada. Volve, Senhor, sobre nós os Teus olhos e concede-nos a Tua ajuda.”

A seguir entoaram um cântico religioso e foi aí que se descobriu que Schmitz possuía uma bela e clara voz de tenor e Reissner uma possante voz de barítono que se sobrepunha a todas as outras.

No fim da missa, Reissner permaneceu na igreja com ar circunspecto.

- Que se passa? - inquiriu o padre.

- Onde é que está o saquinho da coleta?

- Não temos, John Hannibal.

- Uma igreja sem saquinho da coleta? - Reissner dirigiu-se para a porta. - Então ainda não é uma igreja a sério. Estou habituado a que depois dos cânticos se faça a coleta.

- Aquele não tem cura - disse Leonora já fora da igreja. - E mesmo assim, vejam o fervor com que cantou.

Leonora começou por esses dias a busca de James Patrik.

Os mapas da região de que dispunha foram desenhados a partir de fotografias e não tinham na selva grande serventia. É verdade que se podiam medir as distâncias, mas não se podia dizer o que existia por debaixo do gigantesco e verde dossel de árvores, nos montes, vales e desfiladeiros, nas margens dos rios ou nos pântanos.

Para começar, mostrou algumas fotos do pai a Dai Puino, agora já vacinado contra o espanto e o desmaio. Reissner tinha entretanto já tirado fotografias a toda a família. As fotos polaroid estavam agora penduradas na cabana de Dai Puino, adornadas com uma coroa de flores. Todos eram obrigados a prestar homenagem à sua segunda cara.

Dai Puino observou as fotografias que Leonora lhe mostrou e abanou a cabeça. Samuel traduziu:

- Conheces este homem? - Leonora ficou esperançada e suspensa, à espera da reação do chefe. A foto do piloto Steward Grant também não provocou resposta diferente:

Dai Puino voltou a abanar a cabeça.

- O teu pai também pode ter desaparecido na região dos Pogwa - sugeriu Zynaker.
- A região onde vivem é contígua à dos Uma.

- Essas notícias espalham-se, Donald. Os tambores transmitem-nas de tribo para tribo. Mas, de acordo com os apontamentos do meu pai, deve ter sido para aqui que veio ou então as suas anotações estão erradas.

- Também é possível.

- O meu pai era uma pessoa muito meticulosa, às vezes até em excesso. Quando fazia anotações, é porque estavam certas.

- E se não chegou sequer a entrar em contacto com os selvagens e morreu na selva?

- Juntamente com Grant?

- Quem sabe como vieram ter cá abaixo? Talvez não tivessem tanta sorte como nós.

- Mas tem de haver destroços!

- Em dez anos, a floresta virgem engoliu tudo. Há muito que foram cobertos por fetos gigantes e lianas e nunca mais poderão ser encontrados. Se houve cidades inteiras que desapareceram no meio da selva (pensa só nas ruínas dos templos astecas e toltecas, só agora encontrados), o que aconteceria então com um aparelhinho a motor? Ao fim de três anos, já não existem sinais dele.

- Talvez devêssemos primeiro procurar os destroços e depois o meu pai. A partir dos destroços, talvez se encontre uma pista.

- Talvez Patrik e Grant ainda estejam dentro dos destroços. Também é uma hipótese.

- Muito lógica, aliás. Caíram por qualquer razão no meio da floresta virgem, ficaram no meio dos destroços e não sobreviveram à queda. Parti sempre do princípio, não sei porquê, que o meu pai sobreviveu e conseguiu chegar até uma das tribos. Sozinho ou com Grant.

- Ou foram abatidos pelos caçadores de cabeças.

- É o meu receio. As suas cabeças estão talvez penduradas numa casa dos homens ou por cima da porta de uma cabana do chefe. Olha-me só os enfeites da entrada da casa de Dai Puino. Lá não falta nada, da cabeça até às tíbias. - Dobrou os mapas e atirou-os para o chão. - Querido, devíamos procurar os destroços do avião.

- Por falar em avião, temos de desmontar o nosso. Eu podia construir-te uma casa segura a partir da fuselagem de alumínio.

- A nossa casa.

- A nossa casa será construída na mais bela praia de Port Moresby. Conheço lá uns terrenos maravilhosos.

- E vais pagar com quê?

- Juntamos o meu e o teu dinheiro, querida.

- Pois sim. - Apanhou algumas pedrinhas do chão e meteu-as na mão de Zynaker. - É tudo o que tenho. O meu dinheiro está todo enterrado na expedição. Sou mais pobre que qualquer dos que aqui vive. Nem sequer um porco ou uma galinha possuo.

- Com o lucro que a expedição vai dar, vamos ficar ricos, meu amor. Tu escreves um livro sobre ela.

- Certamente. Como se alguém estivesse interessado em lê-lo.

- Fazemos conferências sobre esta expedição por todo o mundo.

- Não pode ser. Quem é que toma conta das crianças?

- Queres ter um filho?

- Três ou quatro. Um só, não! Sou filha única e tive de aprender pelo método mais difícil a viver em comunidade. Eu era a princezinha do meu pai e ele estava sempre fora.

- Leonora soltou uma risada: - Meu amor, vamos primeiro é procurar os destroços do avião.

- E porque é que te ris?

- Porque estamos a falar de crianças e nem sabemos qual vai ser o dia de amanhã.

- Tu casavas comigo?

- Só contigo! Mas primeiro procuramos os destroços.

Habitado na sua profissão de piloto à exata programação de datas e lugares, Zynaker propôs que a busca se realizasse por áreas quadriculadas.

- É a forma mais segura - disse ele - e a mais exaustiva, mas também demora mais tempo.

- Tempo é coisa que temos de sobra. - Leonora debruçou-se sobre o grande mapa do quartel-general que o ministério lhe pusera à disposição. Estava em cima da mesma mesa de abrir em que tinha operado Sapa. Reissner, Kreijsman e Schmitz estavam à sua volta e observavam Zynaker a desenhar com uma régua uma quadrícula na região em torno deles.

- Está tudo muito lindo - disse Reissner tamborilando com o dedo indicador no mapa. - Mas aqui não existe qualquer caminho, é tudo a subir e a descer montanhas, a atravessar desfiladeiros e rios, sempre através de floresta cerrada. Quer dizer que vamos ser nós a fazer o caminho, centímetro a centímetro.

- Eventualmente, sim. - Zynaker continuou a desenhar os quadrados.

- Que significa isso de “eventualmente”?

- Os Uma vão dar uma mão.

- A abrir caminhos ?

- Não só. Se os Pogwa atacam os Uma e vice-versa, têm de conhecer os caminhos que atravessam a floresta. E como todas as tribos se guerreiam umas às outras, a selva impenetrável deve estar mais esburacada que um queijo suíço, mas só os nativos é que conhecem esses corredores.

- Por outras palavras: sem os nossos caçadores de cabeças, nada feito.
- E se Dai Puino não estiver pelos ajustes?
- Vai estar, John Hannibal. Com a minha cadeira de avião, fiz dele o homem mais poderoso do mundo. Todos os dias, ao sentar-se nela, deve lembrar-se disso. Ele tem todos os motivos para mostrar o seu agradecimento.
- Esperemos que o velho tratante seja capaz de o fazer.
- Acho que é - interveio Kreijsman. - O nosso padre encarrega-se de lhe dar a volta. - E com entusiasmo: - Vocês ainda não sabem? Vi por acaso hoje de manhã que Lakta foi ter com o padre à igreja e esteve a ouvi-lo contar coisas sobre Jesus.
Leonora olhou Schmitz de relance. Tinha baixado a cabeça e ela sabia o que ia dentro dele. “Tens razão, Pepau. O amor consegue superar milênios. É na verdade um milagre que constantemente se repete.”
- A primeira ovelhinha que vem ter com o bom pastor. - Reissner soltou uma sonora gargalhada. - Dentro de um ano temos cânticos a soar nos ares da aldeia, vale a aposta? As mulheres e raparigas trazem soutien, os homens renunciam àquele estojo onde trazem o pênis e param de fazer de conta que são super-homens.
- Porque tem você de aporcalhar tudo o que diz? - Kreijsman abanou a cabeça. - Sim, e outra coisa: não é uma palermice chapada nós continuarmos a tratar-nos por você? Estamos todos no mesmo barco, para a vida e para a morte. Se a nossa chefe não tiver nada contra
- Não, porque haveria de ter? - Riu e olhou para Reissner. - A tratar por tu dizem-se mais facilmente coisas que a tratar por você se tornam mais difíceis.
- Então deixa que te diga uma coisa. - Reissner fez uma vênica à frente dela - : Continua a afiar as tuas facas em mim, Leonora, que o meu couro é duro.

A partir daqui, a busca começou a ser sistemática. O padre ficou na aldeia dos Uma para iniciar a sua missão, que não se limitava à narrativa e ao esclarecimento, mas que pretendia ainda mais, mostrar aos nativos - o padre recusava-se a chamar-lhe selvagens, como Reissner fazia - como é possível tornar a vida quotidiana menos pesada, quando se está de posse dos instrumentos e dos meios necessários.

Começou com um novo milagre a que os Uma assistiram perplexos. Servindo-se da serra mecânica a gasolina que tinham trazido, o padre deitou a baixo uma grossa árvore no espaço de poucos minutos. Mas ainda mais do que o corte da árvore, foi o estardalhaço do motor que encheu os Uma de enorme encantamento. Quando o motor começou a matraquear, desataram a bater palmas e a saltar de uma perna para a outra. Dai Puino, que também tinha vindo observar sentado na sua poltrona, deu provas de realmente ser o maior: deixou que o padre o ensinasse a manobrar a serra e a pô-la a trabalhar e depois cortou ele próprio uma árvore.

Os guerreiros lançaram um portentoso grito e avançaram contra o tronco caído, como se se tratasse de um inimigo vencido. Com um olhar de orgulho, Dai Puino devolveu a serra motorizada ao padre.

Leonora, Reissner, Kreijsman e Schmitz percorriam entretanto a primeira quadrícula. Samuel tinha recebido cinco guerreiros como guias e caminhava à frente deles. Reissner e Schmitz tinham cada um deles uma arma consigo. Ninguém sabia afinal se haveria animais selvagens na espessura da selva. Pensava-se que houvesse - era pelo menos o que Zynaker ouvira - panteras ou jaguares. Ou mesmo animais que nunca ninguém tinha visto? Relíquias dos tempos pré-históricos?

Logo no primeiro dia, puderam constatar que as suposições de Zynaker tinham fundamento: a floresta virgem estava toda sulcada por carreiros.

Os guias precediam o grosso da coluna, que se estendia em cadeia espaçada, para proteger dos Pogwa os caminhos que muitas vezes eram tão estreitos que um homem conseguia com dificuldade andar neles de pé. Eram perseguidos por macacos, que aos gritos saltavam de árvore em árvore, avisando desse modo os outros animais. Mas também teriam avisado os inimigos dos Uma, se os houvesse nas redondezas. O sistema de alarme da floresta virgem funcionava às mil maravilhas, ajudando à sobrevivência de todos.

Depois de uma marcha de quatro horas pela floresta úmida, onde o calor dificultava a respiração, Reissner parou.

- Para dizer a verdade, somos uns grandes idiotas - disse, arfando. - Andamos aqui às voltas na selva, pelos caminhos dos caçadores de cabeças, mas nada sabemos do que está à nossa direita ou à nossa esquerda. Se aqui nas proximidades de um dos corredores, tivesse caído um avião e tivesse atravessado as copas das árvores, os nativos haveriam de sabê-lo. Se tal aconteceu a quinhentos metros para a nossa esquerda ou para a nossa direita, então a floresta já o engoliu. É lógico, não é? E ao fim de dez anos, já não há sinal algum do embate. Leonora, o que é que nos dá este passeio, além de bolhas nos pés?

Zynaker tinha de dar razão a Reissner, pois ele também pensava o mesmo, só que não o dissera. Se os nativos não estivessem dispostos a ajudar, era impossível nesta paisagem primitiva e impenetrável procurar fosse o que fosse e encontrar qualquer coisa. Só os relatos dos Uma ou dos Pogwa ou de outras tribos circunvizinhas lhes permitiriam avançar. Mas essas tribos nunca viriam ter com eles, se estivessem acompanhadas com guias dos Uma. Se tal acontecesse, o resultado só poderia ser uma grande chacina.

- De que nos servem as quadrículas bonitinhas no papel, se nós não conseguimos andar por dentro delas? - continuou Reissner implacável. - Não podemos abater simplesmente alguns quilômetros quadrados de floresta virgem! Eu proponho que demos meia volta e reflitamos se não devíamos antes entrar em contacto com as outras tribos.

Zynaker olhou Leonora com ar interrogativo. No olhar dele, ela reconheceu que este era da mesma opinião que Reissner. Ficou em silêncio e disse que sim com a cabeça. Samuel voltou atrás para ver onde vinha a coluna.

- Caminho livre! - disse ele. - “Massa”, não há guerreiros doutras tribos.

- Chama os Uma para trás! Vamos voltar.

Samuel arregalou os olhos, sem compreender nada. Mas quem é que entende os brancos? Vêm com um avião carregado de coisas para a floresta, à procura do pai de “Massa” e quando estão mesmo a começar dão meia volta. Quem é que entende?

Samuel colocou a mão à frente da boca como se fosse um funil e soltou um grito de fazer arrepiar a espinha. Logo a seguir cinco gritos semelhantes responderam à distância. Os Uma regressaram de pé leve e sem um ruído.

Lá longe, ouvia-se agora o bater surdo dos tambores de troncos. Os olhos de Samuel revelaram um medo repentino.

- Os Pogwa já nos viram - gaguejou ele. - Que bom, “Massa” voltar para trás!

O seu regresso tão rápido à aldeia deixou os Uma indiferentes. Mas o seu efeito sobre o padre e Lakta foi considerável. O padre saiu da igreja a correr e dirigiu-se à pequena caravana. Lakta apertou as mãos contra o peito e sentiu-se feliz. Pepau regressava, a sua cabeça não tinha ficado com os Pogwa, ele ria na sua direção e acenava.

Será que o novo Deus de que padre Lucius esteve a falar ajudou mesmo? Lakta tinha ido pela primeira vez, de manhã cedo, depois de a coluna ter partido, ajoelhar-se diante da cruz colocada em cima da mesa de abrir e juntara as mãos como vira o padre fazer. Imaginou que era assim que se podia falar com esse Deus e falou com ele, na sua língua, e disse:

- Faz com que regresse. Protege-o. Mata os Pogwa. - Ela não sabia que este novo Deus não matava, mas dizia:

- Amai os vossos inimigos. - Mas ele atendera-a. Pepau havia voltado. Tinha de ir contar depois ao pai.

- O que é que se passou? - perguntou o padre ainda em movimento. - Então vocês não iam passar alguns dias fora.

- Não se passou nada, no mais verdadeiro sentido da palavra. - Reissner limpou o suor da testa com as costas da mão. - Estávamos a correr no vazio e mais nada. Andávamos a pisar ovos pelos caminhos dos nativos, mas o que estava à volta nunca íamos saber. Assim não conseguimos nada. Vamos abrir caminho centímetro a centímetro em todas as direções por toda a região? Monte acima, monte abaixo, pelos vales e selvas das margens? A conhecida agulha no palheiro é uma brincadeira de crianças comparada com isto. E dez anos de floresta tropical cobrem tudo. Temos também de fazer contactos com as outras tribos. - Soltou uma gargalhada rouca. - Padre, é uma oportunidade de você ganhar mais umas igrejas.

- Oxalá. Estou à disposição.

Nessa noite, Leonora já não dormiu na casa das mulheres. Dai Puino mandara construir para ela uma cabana pequena e redonda, ficando espantado ao ver o saco de dormir que ela estendera no chão. Quando ela lhe mostrou como uma pessoa se enfiava nele e puxava o fecho de correr, ele ficou tão entusiasmado que logo a imitou, rastejando para dentro do saco e aí ficando deitado, com um sorriso feliz nos lábios. Só a cabeça enrugada ficara de fora.

- Temos que oferecer um saco de dormir a Dai Puino - disse Leonora, depois de arrumar a cabana. - Está mesmo doido por um. O fecho de correr é aquilo que mais o fascina.

Antes de escurecer, Schmitz levou um saco de dormir à cabana de Dai Puino. O velho ficou fora de si de tanta alegria, bateu as palmas, abraçou Schmitz e esfregou o seu

queixo no de Pepau. Por trás deles estava Lakta, que os observava. Sorriu enlevada e ficou a olhar para Schmitz, com olhos brilhantes e felizes. Sabia que havia algo de infinitamente mais belo do que esfregar o queixo.

Nessa noite de primeira derrota, Zynaker encontrava-se na cabana de Leonora e bebia com ela uma garrafa de vinho que tinham posto a refrescar na água do ribeiro. Bebião de copos de barro que tinham trazido no avião. Ele compreendia que ela comesse e bebesse em silêncio. A desilusão tinha sido demasiado grande e pesava-lhe como um fardo sufocante.

Zynaker esperou, por isso, bastante tempo até lhe dirigir a palavra.

- Disseste que tínhamos tempo, muito tempo.

- Sim.

- Temos de procurar novas pistas.

- Onde? Reuni tudo o que poderia constituir um indício. Não pode haver qualquer nova pista, algo que nós não conheçamos. Não há nada que seja mais preciso que os apontamentos que o meu pai deixou em Kopago, antes da partida.

- E eles dizem que foi neste vale?

- Porque pensas que estou aqui? Ele descreveu-o com toda a precisão.

- Então os Uma escondem-nos alguma coisa.

- Ou os Pogwa.

- Queres ir ter com os Pogwa, querido? É a tribo mais temida e sanguinária das terras altas.

- Sabemo-lo agora. Os Uma também o poderiam ter sido e afinal agora somos amigos.

- A tua lógica é desconcertante, meu amor.

- Mas bate certo. Admite.

- Infelizmente. - Zynaker pegou-lhe na mão e beijou-Lhe a palma.

- Porquê só a mão? - perguntou ela.

- A noite ainda é uma criança.

- Todas as noites que passo contigo são demasiado curtas. O dia devia ter doze horas e a noite vinte e quatro.

- Podemos introduzir um novo calendário, um calendário nosso, e viveremos segundo as horas que nos oferecermos a nós próprios.

Ela baixou a cabeça, levou as mãos ao rosto de repente e começou a soluçar.

- O que é que vou fazer? - perguntou. - Pressinto, a minha intuição diz-me que o meu pai vive. Vive algures, aqui. Mas como? Como pôde ele viver durante dez anos sem nunca ter tentado sair deste inferno? Em dez anos já estaria fora daqui. Em dez anos seria possível percorrer esta terra primitiva, metro a metro. Mas ele não se mexe do sítio... e vive!

Zynaker ficou calado. Que podia ele responder? “Isso são fantasias da tua cabeça, meu amor” - seria demasiado deselegante. Sir Anthony dissera a verdade, no seu modo duro e direto: “É uma loucura chapada!” Mas também não tinha servido de nada. Ela

continuou com a sua intuição de que ia encontrar o pai. Como convencê-la de que o desejo e a realidade poucas vezes são compatíveis?

- Devíamos ter um helicóptero e voar rente às copas das árvores, quadrícula por quadrícula. Talvez encontrássemos uma clareira qualquer no vale, no sítio onde o avião caiu.

- Ao fim de dez anos? As plantas que não cresceram em dez anos!

- Pois é. - A resposta foi desajeitada.

- Ninguém me convence do contrário: os Uma sabem mais do que dizem. Estão a esconder-nos alguma coisa. Os guerreiros de hoje foram as crianças de ontem. Não podem ter esquecido em dez anos que do céu caíram dois deuses brancos, assim como nós lhes caímos na cabeça.

- Se é que foi aqui.

- Foi aqui! - Levantou a cabeça. Ele olhou-a, perplexo. Tinha agora olhos diferentes, exigentes, cheios de vigor... e frios. - Devíamos obrigar Dai Puino a dizer a verdade.

- Como, querida?

- Devíamos tirar-lhe o seu novo trono, a tua cadeira de avião, e voltar a fazer dele um homem normal. Devíamos colocar a cadeira no meio da aldeia, chamar Hano Sepikula e dizer: “Eis a fonte do poder. Agora lutem por ela. Quem souber de um deus branco estranho, será o mais poderoso.” Um deles falará!

Zynaker olhava-a espantado. Era incapaz de Lhe seguir o raciocínio.

- Como podes dizer uma coisa dessas, ou mesmo pensá-la? Os Uma iam matar-se uns aos outros! Uma hecatombe, era o resultado. O fim de um povo. Tudo o que o padre Lucius construiu até agora, a semente que lançou nos corações, tudo seria aniquilado. No fim, só restariam rios de sangue e corpos cortados aos bocados. Leonora...

- Têm de falar, falar, falar, dizer a verdade. Eles sabem! Porque é que guardam silêncio?

De nada servia, Zynaker teve de ser tão brutal como Reissner.

- Talvez - disse ele hesitante - porque as cabeças de James Patrik e Grant estejam penduradas numa casa qualquer? Ainda não estivemos na terceira casa dos homens. Ainda não vimos todas as casas das mulheres. - Calou-se, curvou-se e pousou a mão na face de Leonora. - Perdoa-me, meu amor. Eu sei que foi brutal.

- Mas talvez perto da verdade. Donald, a partir de amanhã vamos passar as cabanas todas a pente fino, uma por uma, e eu vou dizer a todos os velhos que me vierem consultar: “Sim, eu ajudo-vos, eu curo-vos da vossa doença, se vocês também me ajudarem. Já alguma vez estiveram deuses brancos aqui com os Uma? Ou então pessoas com a pele clara? Que lhes aconteceu? Onde estão? A quem mo não revelar, não expulsarei o demônio da doença, deixá-lo-ei morrer.”

- Nunca dirás uma coisa dessas, meu amor. - Zynaker abanou a cabeça: - Tu és médica e vais dar ajuda a todos os que precisarem de ti. Não eras capaz de dizer isso a ninguém. Ela concordou com um gesto de cabeça, fixou o olhar no candeeiro que os iluminava e entrelaçou os dedos tensos.

- Primeiro vamos procurar nas cabanas - disse Zynaker. tentando acalmá-la. - Talvez alguém nos dê uma pista. Vamos prometer presentes, também os Uma podem ser subornados, como a maior parte dos seres humanos. Tudo depende do preço, diz-se. Para eles basta um machado, um alicate ou uma tesoura. Se o teu pai aqui esteve, havemos de sabê-lo. Vamos romper esse silêncio, sem que tenha de correr sangue. Temos muito tempo, foi o que tu disseste. Não podemos esquecê-lo.

- Iniciamos a busca amanhã?

- Sim. Começamos pela terceira casa dos homens.

Voltaram a ficar em silêncio, olharam-se nos olhos e puderam reconhecer um no outro os mesmos pensamentos. Não precisavam de mais palavras para dizer um ao outro o que é o amor, o desejo, a ternura, a entrega e a realização. E sabiam que não poderiam mais viver um sem o outro.

Em Port Moresby, o governo tinha arquivado o dossiê Patrik. A título provisório, como disseram a Sir Anthony, mas todos sabiam que era uma decisão com caráter definitivo. à imprensa e à rádio foi comunicada a seguinte nota lapidar: “Depois de buscas intensivas mas infrutíferas, as mais exaustivas até hoje realizadas na Papuásia-Nova Guiné é de esperar que a expedição de Leonora Patrik às terras altas do Sul tenha sido atacada por tribos selvagens nativas e dizimada. Da expedição faziam parte: Miss Patrik, Padre Lucius Delcorte, Fred Kreijsman, John Hannibal Reissner, Peter Paul Schmitz e Donald Zynaker.”

E era tudo. Samuel não vinha mencionado, as perguntas dos jornalistas ficaram sem resposta, Sir Anthony recusava-se a receber entrevistadores.

No pequeno mosteiro da Ordem do Santíssimo Sacrifício foi celebrada uma missa pela alma do querido padre Lucius, o prior fez um sermão sobre a morte-sacrifício e a ressurreição e descerrou no refeitório uma foto do confrade numa moldura preta.

Depois do regresso da esquadilha de helicópteros a Port Moresby, Kopago mergulhou outra vez na calma sonolenta de um comando distrital. Os papuas “civilizados” continuaram a ir para os seus trabalhos, onde preponderavam os serviços mais baixos na construção de estradas, nas pedreiras e no abate de árvores. O pequeno posto missionário a cinquenta quilômetros a norte de Kopago, fundado pela missão de Steyer, tinha comunicado pela rádio que iriam investigar junto das tribos conhecidas das montanhas se elas sabiam alguma coisa sobre um grupo de brancos que tivesse passado nas terras altas, na região dos rios Nengi e Lagaip.

As notícias enviadas pelos tambores das tribos das montanhas eram de feição otimista. Se tivessem visto os brancos comunicariam imediatamente, mesmo que mortos. Uma cabeça de branco reduzida era uma preciosidade.

O tenente Wepper tinha acabado o seu relatório e meteu-o na gaveta da secretária. Terminava-o com as frases:

“Apesar das buscas infrutíferas e da experiência daquilo que até hoje conhecemos de os indivíduos desaparecidos na floresta virgem nunca terem regressado, ainda existe esperança que Miss Patrik e os outros participantes na expedição, a despeito de um

possível acidente, ainda estejam vivos e tentem sair das terras altas. A declaração definitiva da sua morte só será reconhecida um ano depois do desaparecimento.”

- Acredita mesmo nisso? - perguntou o sargento Ross, que estava nesse dia de serviço à comunicação telegráfica.

- Acredito.

- Porquê precisamente com Miss Patrik?

- Não sei explicar. É uma intuição. - O tenente Wepper encolheu os ombros. - Como disseram os missionários de Steyer: de qualquer modo, haveria sempre uma referência à expedição transmitida pelos tambores de tronco de árvore.

- Isso quer dizer que Miss Patrik e acompanhantes andariam há seis semanas perdidos na selva, sem entrar em contato com quaisquer outros seres humanos?

- Tudo é possível, Ross. Afinal, ninguém sabe ao certo se esta região é habitada. Conhecemos os Duna, os Hewa, os Enga, mas são tribos que ficam na orla das terras altas. Já não são selvagens e vão à igreja ao domingo. É verdade que eles contam que nas zonas inexploradas vivem tribos denominadas geralmente por Imapa, os filhos das árvores. Mas isso terá fundamento? Ainda ninguém lá esteve para contar.

- E os tambores?

- Também é controverso. Se eles soam é porque existem, haveria uma prova da sua existência. Mas todos os tambores soam da mesma maneira, não é possível distinguir uns dos outros.

- Partamos do princípio que eles ainda estão vivos e um dia aparecem outra vez. O que é que acontece? Legalmente estão mortos.

- O governo fica com cara de parvo. A participação oficial foi, na minha opinião, demasiado precipitada. Afinal, que são seis ou sete semanas? Nesta terra, mesmo um ano seria pouco tempo.

- Então, continuamos com as buscas, sir?

- Sim. Vamos continuar a insistir, sobrevoando o Vale Sombrio com os nossos dois helicópteros. Não vou perder a esperança. Onde houver uma aberta na floresta virgem, descemos e observamo-la. Talvez encontremos o avião de Zynaker. Saberemos então se sobreviveram ou se... — Wepper calou-se e bebeu um golo de uísque.

O sargento Ross tirou uma fumaça do cachimbo. De repente, apressou-se a esclarecer uma dúvida que o perturbava:

- Porque é que ainda existe aqui terra inexplorada? Era possível descer nas clareiras com helicópteros e explorar a região a partir daí. Não acha que é viável?

- Tem de fazer essa pergunta ao governo, Ross. Os geólogos dizem que lá não há nada de interesse, não há riquezas no subsolo, só rocha e floresta virgem. Por isso, não tem valor para eles. Porque haveriam de lançar o dinheiro pela janela fora com explorações? Se lá se pudesse fazer prospecção de petróleo ou de cobre ou de ouro, há muito que as perfuradoras estariam nas montanhas e nos desfiladeiros e as pessoas que lá vivem há milênios teriam sido exterminadas. Olhe para a recente febre do ouro no Brasil. Ali, aniquilam-se tribos inteiras de índios como se fossem moscas.

- Um dia, também hão de encontrar aqui alguma coisa, sir. O mais tardar nesse momento, vamos saber o que aconteceu com a expedição. - O sargento Ross puxou mais algumas fumaças crepitantes do seu cachimbo e depois levantou-se. - Uma pergunta, sir: qual é a designação que vai dar aos vôos, nos relatórios?

- Vôos de inspeção. - Wepper deu uma curta gargalhada. - É afinal do que se trata, não é, Ross?

Passaram as cabanas a pente fino, mas não encontraram nada. É verdade que viram muitas cabeças preparadas, algumas dentre elas com dezenas de anos, mas nenhum indício de James Patrik e Steward Grant. Os velhos, interrogados, com a ajuda de Samuel, sobre o que acontecera há dez anos atrás, abanavam a cabeça e escondiam-se nas cabanas.

- Há qualquer coisa errada aqui - disse Zynaker, ao fim de uma semana de tentativas infrutíferas. - Este silêncio é suspeito. Pode ser que o teu pai tenha morrido na região dos Pogwa e por isso os Uma preferiam deixar-se cortar aos bocadinhos a confessá-lo.

- Então temos de ir visitar os Pogwa.

- Eles sabem que nós nos encontramos aqui com os Uma e estão já preparados quando nos virem. O efeito de surpresa foi-se. Não vão deixar-se impressionar tão facilmente como os Uma.

- Ainda não conhecem o fogo-de-artifício do padre Lucius. Três bombinhas e um foguete quebram qualquer ímpeto. E presentes também eles hão de gostar de receber.

- Podemos tentar, meu amor. Mas só irão os homens. Tu ficas.

- Nem pensar! Eu também vou.

- Então nada feito quanto à visita aos Pogwa.

- E tu é que decides? - Os seus olhos brilharam de repente, furiosos.

- Sou.

- Com que direito?

- Com o direito do homem que ama uma mulher como uma mulher nunca foi amada.

- Mas a mulher que ele tanto ama vai ter de ouvir mais tarde: “Morreu com uma lança espetada. Enterramo-lo na floresta”?

- E eu vou ter de trazer a mulher às costas, trespassada por uma seta?

- Porque é que não enfrentamos o perigo juntos?

- C os raios, quero-te viva!

- C os raios, também te quero vivo!

- Assim não vamos a lado nenhum.

- Pois não.

- És uma cabeça-dura.

- E em cima da tua podia-se malhar ferro.

Olharam-se furiosos, mas de repente desataram a rir e caíram nos braços um do outro.

- É a nossa primeira briga, minha querida - disse Zynaker. - É bom eu saber como ficas quando estás furiosa.

- É bom podermos brigar.

- E reconciliarmo-nos.

- E sabes se também sou capaz?

- Basta-me olhar para os teus olhos e vejo mais do que as palavras podem dizer. - Zynaker soltou-a e pôs-se a andar inquieto de um lado para o outro dentro da cabana. - Tenho cá a sensação que os Pogwa não vêm ao caso.

- Então, estão todos a mentir aqui.

- Não, necessariamente. O teu pai pode ter morrido aqui, do acidente, sem os Uma darem por nada.

- A queda de um avião ouve-se a quilômetros de distância.

- E que dizes, se há dez anos esta aldeia ainda não existisse? Se a tribo só para cá mudou mais tarde? Um ano depois, por exemplo. Em nove anos, no meio desta vegetação, uma aldeia ganha o aspecto de que já existe há cem anos.

- Meu Deus, é possível. - Ela olhou-o, cheia de renovada esperança. - Então isto aqui era terra desabitada.

- Isso mesmo.

- Então, pode não ter sido morto pelos caçadores de cabeças.

- Acreditemos que não!

- Então, ainda deveria estar vivo. Iria fazer sessenta e nove anos. Mas a idade não significava grande coisa para ele. Era experiente, rijo, com a vivência dos trópicos, são como um pêro. Ele nunca conseguiu compreender como é que a mãe apanhava uma bronquite todos os anos, na Primavera e no Outono. Se sobreviveu à queda, então...

- É essa a questão: sobreviveu à queda? E o seu piloto

- Mas onde estão os destroços do avião?

- A floresta engoliu-os. Fetos, lianas e arbustos cobriram-nos por completo.

- Onde devemos procurar? A minha grande esperança eram os nativos. Eles sabem tudo o que se passa na floresta tropical. Mas se há dez anos esta região não era habitada...

- Temos de perguntar outra vez a Dai Puino. Ele deve saber quando é que fundou a aldeia. Talvez os Uma tenham sido escorraçados de outras tribos e tenham encontrado aqui um novo lar. Deve ser possível verificar isso.

Antes que pudessem fazer a pergunta a Dai Puino, Reissner entrou na cabana e parecia rebentar de entusiasmo:

- Espantoso! - gritou ele mal tinha entrado. - Leonora, estás na pista certa! Quando vos mostrar o que descobri...

- O que foi? Vá, diz - Zynaker ficou de repente tomado de grande alvoroço.

- Tive uma idéia - começou Reissner - e quando tenho uma idéia, vou até ao fim.

Rapaz, pensei eu, era uma reportagem e peras se conseguisses fotografar o trabalho de um feiticeiro dos caçadores de cabeças. Quais os truques, o que está por trás deles, onde vai buscar as ervas, os ingredientes para as suas beberagens e ungüentos e papas, os êxitos que já teve, em suma: vinte e quatro horas na vida de um feiticeiro. Seria uma sensação no

mercado das revistas. Pagam-te tudo o que quiseses. E lá vou eu com máquinas e gravador ter com Duka Hamana.

- És louco! - exclamou Zynaker.

- Hoje em dia, na nossa sociedade, só com loucura se chega a algum lado! Dirijo-me então à cabana do feiticeiro e que vejo? A cabana está vazia. Mas eu cheguei no momento preciso, porque ainda vi Duka Hamana a desaparecer na floresta! Vou-lhe no encalço... Meus queridos, nunca fui tão silencioso na minha vida, eu pairava, enquanto o velho marchava despreocupado, avançando na floresta. Ao fim de cerca de um quarto de hora, chegamos a uma parte escarpada, coberta da floresta, que descia a pique. Digo-vos, as pedras eram escorregadias como tudo e eu estava sempre com receio de cair, e, de repente, o magarefe pára-me diante duma caverna, uma caverna a sério igualzinha às dos contos de fada. Um buraco enorme todo serrilhado com arbustos e fetos à volta, e o malandrim desapareceu-me dentro dela. Agora, ir atrás dele seria uma imprudência. Escondi-me nos arbustos ao lado da caverna e fiquei à espera. Passou-se cerca de uma hora, Duka Hamana volta a sair e vai a trote de caixa para a aldeia. Eu fico no esconderijo, deixo passar um quarto de hora e entro com muita cautela na caverna. Não era muito profunda, talvez cinco metros, mas de grande altura. Do teto pendia toda a espécie de animais secos, que não consegui identificar melhor, grinaldas de folhas e raízes bizarras, três máscaras de madeira e, segurem-se bem! Em cima de um tronco cortado, como se fosse um busto, está um capacete de proteção.

- Um quê? - exclamou Leonora.

- Um capacete de proteção. Assim como os que usam os motociclistas, verde-escuro, bem polido, como novo. E encostada à parede do fundo da caverna, uma roda.

- John Hannibal, deixa-te de disparates! - exclamou Zynaker. - Que espécie de roda?

- Uma muito grande. Assim como a roda de um caminhão. Com perfis bastante gastos. A que é que chamam disparates? Fotografei tudo. Digo-vos, fiquei sem fala. Como é que um capacete de motociclista veio parar ao Vale Sombrio? Que tipo de roda é esta? Nós verificamos que esta gente não conhece a roda. E ali está uma encostada à parede da caverna! - Reissner tomou fôlego. - E é tudo. Não é um espanto?

- A pista - balbuciou Leonora. - A pista. Temos uma pista... John Hannibal, imaginas por acaso o que descobriste? Meu Deus!

- Faço uma idéia.

- Temos de ir a essa caverna! - gritou Zynaker.

- Está a ficar escuro!

- Lanternas não nos faltam.

- Mas podem-nos trair.

- Que é isso de trair? Não temos nada a esconder, o que não acontece com os Uma! Vamos todos à caverna.

- Isso podia voltar os Uma contra nós: transformar os amigos em inimigos. Seria o nosso fim, mesmo com o teu trono, Donald. Posso imaginar que nessa caverna os Uma escondam a sua maior relíquia sagrada, uma cabeça que não pode ser seca e reduzida.

Pensem só: uma cabeça imutável! E para os Uma o capacete de proteção é uma cabeça! Devem ter ficado doidos quando ao fim de tantas semanas ainda não tinha mirrado.

- Estou em pulgas. - Zynaker andava na cabana de um lado para o outro, desastinado. - Não vou agüentar uma hora, quanto menos até amanhã de manhã! Leonora, o que é que dizes?

- Ainda perguntas? - A sua voz tinha adquirido um tom claro e duro. - É para já!

- Se vamos, é melhor levar toda a tralha, pistola automática, espingardas, foguetes, bombas e tudo o que o padre Lucius traz na sua caixa. Pressinto que isto vai dar um grande barulho.

Schmitz e Kreijsman estavam sentados em frente à escada da segunda casa dos homens, a cozer legumes num fogareiro a gás. Junto deles, sobre grandes folhas de palmeira, viam-se pedaços de porco assado. Dai Puino tinha ordenado a três mulheres que abastecessem os deuses estranhos.

Vinham de manhã, ao meio-dia e ao entardecer, traziam fruta e farinha de tapioca, frangos assados e carne de porco, ovos e as inevitáveis larvas do bicho do saqueiro.

Kreijsman tinha cavado um buraco fundo ao pé da casa, no qual lançava as larvas, mal as mulheres se iam embora. Entre as mulheres, havia uma bonita, de carnes rijas, ancas redondas e seios alentados, que - Reissner depressa conseguira saber - se chamava Tota, só tinha um filho e era pertença do guerreiro Paba. Quando se baixava, para pousar no chão os alimentos, a tanga que tinha à volta das coxas esticava toda, e os pesados seios balouçavam pendulantes. Houve algumas vezes em que Reissner assobiou por entre os dentes, mas foi obrigado a parar ao ser apanhado pelo olhar fuzilante do padre.

- Esta Tota mexe-me com os sininhos cá dentro do crânio - disse a certa altura para Kreijsman. - Olha-me para aquelas tetas! Fred, pensa lá bem há quanto tempo não metemos a mão numa mulher.

- Já sabíamos antes que ia acontecer.

- Mesmo assim, o sangue engrossa.

- Não faças asneiras! Estou a avisar-te.

- Como se eu me fosse meter com uma canibal!

- De ti, espero tudo. Vê se tomas um banho frio no ribeiro, que te vais sentir melhor.

- Com mil diabos, acho que se pode desabafar, quando se tem assim os sinos a badalar à frente dos olhos! Tu nem reparas nessas coisas, pois não, seu cavalo capado?

- E se reparar, muda alguma coisa?

- Vocês estão todos no paraíso, cambada de hipócritas. Donald tem Leonora, Pepau rebola-se com essa Lakta, o padre não pode e tu és um idiota. Por isso, sou a única pessoa honesta aqui dentro.

- Vai tomar um banho frio - repetiu Kreijsman. - E se essa Tota te deixa alvoroçado, mete-te dentro de casa quando ela aqui vier.

Esta foi a única vez em que Reissner falou das suas necessidades biológicas. Mas não se metia dentro de casa quanto Tota aparecia, se baixava e os seios balouçavam, pendulantes. “Ela faz de propósito”, pensou Reissner mais tarde. “Ela sabe bem o que

me vai na cabeça, a lasciva! Lê-o nos meus olhos. As mulheres são todas iguais, seja onde for. Provocam-nos até nos porem em brasa. Isso mesmo, sua malandra de bronze, és igualzinha às outras! Depois, apareces-me aí sem tanga e pões-me o traseiro mesmo à frente do nariz. Salta, meu bodezinho, salta, salta, salta!”

- Hoje o jantar fica para mais tarde! - gritou Reissner, ainda longe.

- Preparem-se todos para a última batalha!

Kreijnsman e Schmitz levantaram-se de um salto, como se tivessem ouvido a sirena de alarme.

- Que aconteceu? - Kreijnsman tirou a panela do fogareiro. - Porquê batalha?

- John Hannibal fez uma descoberta que talvez mude toda a situação! - disse Zynaker, ao chegar junto da segunda casa dos homens. - Ainda vamos fazer hoje uma visitinha a uma caverna.

- De noite?

- Temos lanternas que cheguem.

Kreijnsman começou a ficar inquieto.

- Uma caverna? Donald, deixa-te de brincar às torturas. Há sinais de que andam à procura de diamantes?

- Quem?

- Os Uma. Pensa no conto do “Monte Cintilante”. Descobriste alguma coisa?

- Eu não. Foi John Hannibal. E parece-me que o que ele viu é bem mais importante que as tuas pedrinhas

- É impossível. Diamantes...

- Um diamante gigantesco, do tamanho de um capacete de proteção! - vociferou Reissner. - Vamos, peguem nas armas, nas munições, nas lanternas!

A gritaria de Reissner chegou até à igreja. O padre veio até à porta e olhou na direção do grupo.

- Outra vez discussão? - A sua voz troou no ar. - Se precisam de deitar para fora tensões, venham até aqui e rezem!

- Deixa-te de sentenças! - exclamou Reissner. - Pega numa arma e nas melhores bombinhas da tua caixa!

O sacerdote ficou também alarmado. Aproximou-se apressado da casa dos homens e parou ofegante à frente de Reissner.

- O que foi que aconteceu desta vez?

- Descobri uma caverna.

- Ah, sim, que espantoso! - O padre respirou fundo para recuperar o fôlego. - E agora querem que nos tornemos espeleólogos? Não deves estar bom da cabeça!

- Há coisas na caverna.

- Ossos de um sáurio, não?

- É o esconderijo de Duka Hamana.

- Ele tem lá os espíritos pendurados na parede?

- Não! - Reissner sorriu de escárnio. - Agora vais sufocar nas tuas piadinhas. Lá, em cima de um tronco cortado, há um capacete de motociclista.

O sacerdote ficou a olhar para ele, perplexo, como se Reissner tivesse cuspidido no crucifixo. Respirava com dificuldade.

- Estiveste outra vez a beber às escondidas - disse, em tom surdo. Depois olhou para os outros à sua volta. - Ele está tocado, não está? Bêbedo como um cacho! - Mas ao ver que os outros se calavam e depois de interpretar o seu olhar, passou ambas as mãos pela cara, como se a lavasse. - Um... um capacete?

- Verde-escuro, todo polidinho, como novo.

- Meu Deus! - O padre ficou de mãos postas. - Sabem o que isso significa?

- Sabemos. - Zynaker deu uma palmada no ombro do sacerdote. - E é por isso que temos de ir agora mesmo à caverna. Não esperamos nem mais um minuto e muito menos até amanhã.

- Sou da mesma opinião. - O padre mostrava-se agora também inquieto. - Mas porquê armas e foguetes?

- Imagino que a caverna seja o grande santuário dos Uma. Se descobrem que o encontramos e o profanamos, a coisa pode ficar feia.

- Temos de arriscar! - desabafou o padre.

- E a tua igreja? Deitam-lhe logo fogo! Fala primeiro com Deus! - disse Reissner em tom de gozo.

- Ele já está ao corrente, pois foi Ele que te pôs no caminho da caverna.

- Não faço ideia de ter falado com Ele ou de O ter seguido. Quem eu segui foi Duka Hamana, porque queria arrancar uma ótima reportagem.

- É impossível falar contigo! - O sacerdote despachou-o com um gesto - Vamos lá à caverna! Deus queira que ainda saibas o caminho.

- Deus indicar-no-lo-á - retrucou Reissner em tom venenoso.

Meia hora depois, estavam todos a postos para fazer o caminho que atravessava a floresta virgem e conduzia à caverna na escarpa. Samuel também teve de os acompanhar. Pôs-se a queixar que lhe doía o estômago desesperadamente, mas de nada Lhe valeu. Reissner pegou-lhe pelo cachaco e levou-o à sua frente, a toque de caixa. Zynaker era quem alumia o caminho, à cabeça da coluna.

Sentado na sua cabana aberta, por debaixo de todas as grinaldas mágicas, Duka Hamana observou o cortejo a desaparecer na floresta. Quando já não via luz nenhuma, pegou na sua longa vara mágica, ergueu-se e foi-lhes no encalço.

Para ele, não existiam espíritos malignos da noite. Os espíritos eram seus amigos.

Era impossível enganarem-se no caminho, que ia desembocar diretamente na caverna. Reissner parou ao chegar ao princípio da encosta.

- É lá em cima! - disse ele, apontando para os penhascos que se avantajavam, cobertos de musgo, fetos e plantas trepadeiras, escorregadios e envoltos num cheiro bafiento.

- Cuidado, não resvalem. Depois da curva à direita, é a caverna.

Subiram a vertente até ao cimo e chegaram à entrada, um buraco escancarado que de noite ainda ganhava um aspecto mais fantasmagórico e ameaçador.

Zynaker alumiu para dentro da caverna e vislumbrou os animais mortos e secos pendurados nas paredes e, a seguir, o pedaço de tronco com o capacete em cima.

- É verdade - confirmou ele. - Tudo o que eu digo é verdade! - rezingou Reissner, ofendido.

Iluminaram com três lanternas o interior e entraram na caverna. Zynaker pegou logo no capacete e rodou-o entre os dedos.

- Isto não é nenhum capacete de motociclista – disse gaguejando. - É um capacete de aviador!

- Steward Grant. - A voz de Leonora era quase inaudível. - E a roda é uma roda dianteira de avião, de um Cessna.

- Eles estão aqui - disse o padre, quase temeroso. - Eles estiveram aqui. Deus pôs-nos no bom caminho.

- Lá vem Deus outra vez! - resmungou Reissner entre dentes. - Então porque é que os mandou cair?

Leonora pegou no capacete com ambas as mãos e olhou-o atentamente.

- Como é que logo o capacete e uma roda vieram ter a esta caverna? Onde é que estão os restantes destroços? Se o meu pai esteve aqui, deve ter deixado uma pista. Um sinal, um cartão, um vestígio.

- Vamos procurar!

Tatearam todos os cantos e recantos da caverna, vasculharam todas as fendas da rocha e procuraram mesmo fora da caverna, nas pedras das escarpas. Nada encontraram.

- Então o meu pai não esteve aqui - disse Leonora ao cessarem as buscas. Sentou-se em cima do pedaço de tronco, segurando sempre o capacete de aviador entre as mãos. - Isto aqui é um troféu secreto.

- Duka Hamana - disse Reissner - é o único que conhece esta caverna. É o seu esconderijo. Ele é o único que sabe alguma coisa. Ah, agora é que lhe tratamos da saúde! Vamos deitar-lhe a mão!

Não foi necessário regressar à aldeia. Duka Hamana estava lá fora à espera.

Samuel, que tinha saído à frente, foi o primeiro a vê-lo. Deu meia volta nos calcanhares e precipitou-se para dentro da caverna, agarrando-se com toda a força ao braço do padre.

- Duka Hamana está aí! - balbuciou ele, com olhos alucinados. Apesar do batismo e das muitas missas, a timidez e o medo que os feiticeiros Lhe infundiam não se tinham apagado nele. - Está lá fora!

- Sozinho? - exclamou Reissner, apertando a sua pistola automática de baixo do braço.

- Penso que sim. - Samuel revirava os olhos de medo. - Está muito escuro, “Masta”. Não se consegue ver nada.

- Pode ser que estejam escondidos nos arbustos, à espera que saíamos - aventou Zynaker. - Aqui dentro estamos protegidos, como numa fortaleza.

- À noite, os Papuas não saem de casa. - O padre abanou a cabeça. - O único que não tem medo dos espíritos noctívagos é o feiticeiro. Ele traz sempre consigo um amuleto mágico contra os espíritos.

- Mesmo assim, acho que devíamos ter cuidado. - Zynaker apontou para Samuel: - Tu vais lá fora e perguntas o que é que ele quer.

- Não! - Samuel desapareceu atrás do padre. - Duka Hamana traz consigo a sua vara da feitiçaria.

- E depois? - exclamou Reissner. - Com ela, ele consegue quando muito traçar uns círculos no ar!

- A vara de Duka Hamana é como uma lança. Tem veneno na ponta!

- Imaginem como é pérfido! Mas com a lança só pode matar um, depois temo-lo na mão.

- E quem é esse um? - perguntou Kreijsman secamente. - Vamos tirar os pauzinhos à sorte?

- Eu sou o primeiro a sair. - O padre agarrou Samuel pelo cachão. - E tu vens comigo. Ainda não domino a língua Uma tão bem que possa orientar uma discussão.

- Eu cubro-te com a minha pistola automática, padre. - Reissner destravou a arma: - Mas leva umas bombinhas contigo.

- Tenho no bolso uma girândola, quatro estouros de canhão e uma embalagem de velas milagrosas. É o suficiente.

- Viva a pirotecnia! - Reissner foi até à entrada da caverna e depois recuou lateralmente. - Padre, sai no escuro e lança o foco de repente em cheio contra a cara de Duka Hamana. Para começar, ele fica como cego.

O sacerdote acenou com a cabeça. Samuel tremia à sua frente como se estivesse nu, deitado em cima de um bloco de gelo. O padre também não se sentia lá muito seguro.

“Ajuda-me, Senhor!”, murmurou ele, e deu o passo decisivo que o deixou ao ar livre.

A sorte estava do seu lado. O foco de luz foi incidir em cheio na cara de Duka Hamana, deixando-o totalmente encandeado. O velho encontrava-se todo enfeitado com os seus atributos, mesmo em frente à entrada da caverna, imóvel como uma estátua do museu etnológico. Com a mão esquerda, o padre tirou um estouro de canhão do bolso e segurou-o na mão. Atrás de si, ouvia a respiração ofegante de Reissner, que segurava na mão a pistola automática, pronta a disparar. Zynaker e Kreijsman também tinham as suas armas em posição de fogo.

- Que pretendes, Duka Hamana? - perguntou o padre em voz alta. Isso já ele sabia dizer na língua dos Uma.

- Que fazes na minha casa?

Agora era Samuel quem tinha de traduzir. A sua voz estava rouca de medo.

- Quero mostrar-te uma coisa e fazer-te uma pergunta. - E o missionário fez um sinal para a caverna.

Zynaker saiu e levantou o capacete de aviador. Duka Hamana recebeu impávido aquela profanação da sua relíquia.

- Onde foste arranjar esta cabeça? - O padre disse “cabeça” e não “capacete”, dado que a segunda palavra não existia na língua dos Uma. Aquilo que Zynaker segurava na mão era uma cabeça mágica, impossível de reduzir.

- Quem tocar na cabeça, tem de morrer. - A voz de Duka Hamana tinha adquirido um timbre neutro e constante. Parecia a voz de um robô. - Vais morrer.

- Certamente. Todos temos de morrer. Quem é que te deu a cabeça?

- O demônio que nunca morre.

- Viste-o? Onde é que o viste?

- A sua cabeça estava depositada no rio. Ele tinha-a deixado lá.

Samuel tinha dificuldade em traduzir tudo isto. A crença ancestral nos espíritos tinha-se apoderado dele novamente. Às voltas com Jesus e Deus, nunca tivera notícia que se tivesse encontrado uma cabeça deles. Pois bem, ele conhecia estes capacetes de Goroka, onde os jovens motociclistas os usavam, parecendo realmente demônios com eles postos. Mas talvez aqui se tratasse de qualquer outra coisa diferente, quem sabe? Também os padres se podem enganar.

- E ele, onde se encontrava? Viste-o?

- Não. Só a sua cabeça.

- E onde foste arranjar a roda?

Como na língua dos Uma não existia a palavra “roda”, Samuel traduziu recorrendo ao *pidgin-english*, uma linguagem utilizada na maior parte da Papuásia-Nova Guiné, consistindo numa mistura de inglês e palavras nativas.

Duka Hamana continuou impávido.

Reissner procurava na escuridão, mas não conseguia ver nada. Duka Hamana estaria só ou haveria guerreiros Uma à espreita por todos os lados?

- O que é “roda”? - perguntou Duka Hamana, imóvel.

- Aquilo redondo que está encostado à parede, ao fundo.

- Estava no rio.

- Não sabes o que é?

- Os demônios irão desvendar-mo. Mas depois de lhe tocarem, eles afastam-se.

- Eu explico-vos. - O padre balançou com o foco de luz rapidamente pelos arbustos que ficavam perto da caverna, mas não viu nada que indicasse haver guerreiros Uma escondidos. - Eu sei mais que os vossos demônios!

- Eles matar-te-ão.

Aqui Samuel deixou de interpretar. O que Duka Hamana disse a seguir, ele não traduziu. Devia tratar-se de terríveis ameaças, pois o seu rosto mudou de cor.

De súbito, sem se deixar impressionar pela bola de luz que voltou a incidir-lhe no rosto, Duka Hamana deu dois passos em frente e ergueu a sua longa vara mágica.

- Para trás, “Masta” - gritou Samuel, dando um encontrão no peito do padre. - A vara mágica é também uma lança.

- Seu cão traíçoeiro! - vociferou Reissner. Levantou a pistola, mas Zynaker virou-lhe o cano para o chão com um gesto rápido. Os olhos de Reissner chispavam de raiva.

- Isso não resolve nada! - atalhou Zynaker.

- Se me tornas a agarrar, quem apanha um tiro és tu! - gritou Reissner fora de si. - É preciso mostrar a esses selvagens quem é o mais forte.

- Mas não com matança!

- Ele queria trespassar o padre.

- E fê-lo?

- Aha! Ficamos à espera que o faça? Prevenir é melhor que remediar!

Samuel, que se encontrava entre Duka Hamana e o padre como um escudo vivo - ninguém o teria achado capaz disso - voltou então a traduzir:

- Duka Hamana quer um combate com o deus branco. Os espíritos vão estar do seu lado.

- O nosso Deus é mais poderoso e não quer lutas. Ele quer que todas as pessoas se amem como irmãos e irmãs. Ele é um Deus da paz.

Quem é que podia controlar a tradução de Samuel? Viram só que Duka Hamana espetou no chão a sua lança disfarçada de vara mágica e puxou duma saca de ráfia. Tirou dela uma mão-cheia de folhas ou flores secas, com o aspecto de flores murchas dos prados. Colocou o montinho em cima de uma pedra lisa e bateu a seguir duas pedras afiadas uma contra a outra até sair uma faísca que acendeu o montinho seco.

- Não sei para quê tanto trabalho - disse Reissner ironicamente. - Um clique de isqueiro... você já conhece o nosso “dedo de fogo”.

O montinho ardia agora com uma chama vacilante, quase azul, mas não foi isso que fez o padre e Reissner recuar. A combustão libertava um fumo que irritava as mucosas.

- Esse estupor quer envenenar-nos! - exclamou Reissner. - Com gás! Leonora, volta para a caverna!

Recuaram todos para o pé dos penhascos. Só o padre não se moveu, como se não sentisse os vapores corrosivos. Olhos nos olhos, Duka Hamana e o sacerdote enfrentaram-se, cada um representando o seu Deus.

O sacerdote meteu a mão ao bolso, tirou um petardo acendeu-o com o isqueiro e atirou-o para dentro dos arbustos. Passados segundos, um estouro troou no silêncio da noite.

Duka Hamana não ficou impressionado. Isso já ele conhecia do primeiro encontro. O céu não desabava, os raios não rasgavam a terra, não passava de um trovão sem conseqüências. O feiticeiro era um velho esperto, de compreensão rápida, que imaginava o que estaria por detrás dos “milagres”.

Esta era também a opinião de Reissner, quando exclamou:

- Padre, um a zero, a favor de Duka Hamana! O truque do gás foi melhor.

- Espere para ver! - disse o sacerdote entre dentes. - Agora é novamente a vez dele.

Quando Duka Hamana o compreendeu, pôs-se a dançar. Saltava de um pé para o outro, fazia-os soar na terra e atirava a cabeça para trás até tocar as costas.

O padre Lucius observava-o, fascinado. No lugar onde os pés de Duka Hamana calcaram o solo, brotaram de repente, de entre os dedos, duas cobras delgadas, como se

ele as tivesse convocado das entranhas da terra com o seu batuque. Era impressionante. Se os Uma estivessem a assistir acreditariam logo nos poderes mágicos de Duka Hamana.

“Vai ter de me ensinar o truque”, pensou o padre. É claro que tinha as cobras enroladas, escondidas entre os dedos dos pés. O segredo era só como conseguir mantê-las quietas durante todo o tempo.

Duka Hamana interrompeu a dança e recuou. As duas cobras contorciam-se no chão, depois elevaram-se e fitaram o sacerdote com os seus olhos frios, emitindo um silvo sutil.

O padre bateu as palmas. Mesmo que os dentes venenosos tivessem sido extraídos, a apresentação fora de mestre.

- Bravo! - exclamou ele. - Bravo! E agora vou mostrar-te como é que se arrancam as estrelas do céu. - Voltou a meter a mão ao bolso, tirou três velas milagrosas e mostrou-as a Duka Hamana. Para ele não passavam de três pauzinhos finos, que engrossavam para a extremidade, de qualquer planta que ele desconhecia.

O padre acendeu o isqueiro. Também isso já não era novidade para Duka Hamana, que já vira os brancos baterem o fogo que saía do dedo. De olhos piscos, ficou a observar o sacerdote que segurava a chama na ponta dos pauzinhos. Estes começaram por sibilar mais alto que as cobras, mas a seguir soltaram um fogo semelhante ao das estrelas e que se espalhava em todas as direções, iluminando a noite. Estrelas presas na sua mão que chuviscavam luz. Estrelas que se derramavam sobre Duka Hamana.

Com uma frase longa, o feiticeiro deu um salto para trás, afrontando a chuva de estrelas com o bastão mágico. Gritou algo que Samuel não conseguiu entender e só ousou voltar a erguer a cabeça quando as velas milagrosas se extinguíram.

De lá de trás, da caverna, ouviu-se a voz de Reissner:

- Empate! Pequena vantagem para Duka Hamana, que não dispõe de meios técnicos. Vamos lá ver o que é que desta vez tem na manga.

- Para quê este duelo de magia? - perguntou Zynaker. - O capacete de piloto e a roda demonstram que estiveram aqui brancos. Se eles eram James Patrik e Steward Grant, não há qualquer certeza. Na Papuásia-Nova Guiné estão sempre a encontrar destroços no meio da selva, de aviões atingidos na última guerra. Os Japoneses e os Americanos defrontaram-se também na Papuásia. Mas este capacete não é um capacete militar e a roda é de um Cessna. Duka Hamana encontrou-os por isso muito mais tarde.

- Se é que se pode acreditar que os “encontrou”! E onde está o homem a quem o capacete pertencia? Teria ido desaguar num caldeirão, para ser comido logo a seguir? Por quem? Pelos Uma ou pelos Pogwa? - Reissner deu um murro na rocha.

- Com mil diabos, deve ser possível apurar o que aconteceu.

- De Duka Hamana não conseguiremos tirar nada. - Zynaker deu um toque nas costas de Samuel. - Diz-lhe que deitamos um feitiço se ele não disser a verdade. O nosso grande irmão Lucius trará cá abaixo o sol para o queimar.

- Prometes muito - rezingou o padre. - Como queres que o cumpra?

Samuel traduziu, mas Duka Hamana abanou a cabeça e soltou algumas palavras desconexas.

Samuel encolheu os ombros:

- Ele diz que é verdade. As coisas estavam caídas na margem do rio. Havia pedaços brilhantes de muralha que corriam rio abaixo. Só a cabeça e o objeto redondo ficavam na margem.

- Aí está! - A respiração de Zynaker apressou-se. - Caíram aqui, penso que no mesmo sítio onde está o nosso avião. As muralhas brilhantes eram os pedaços da fuselagem do avião e as asas. Caíram no rio, como nós, e a corrente acabou por desfazer o avião e arrastá-lo aos bocados.

- Que repetição estranha de acontecimentos! - exclamou Kreijsman. - Pai e filha despenham-se no mesmo lugar... o destino tem às vezes um humor macabro.

- Não sabemos se era James Patrik - atalhou Reissner.

- De acordo com os registros de Kopago, não houve nenhum outro avião privado a voar para as terras altas, a não ser o do meu pai e agora o nosso. Todos os outros vôos eram de natureza militar ou então do departamento estatal de medições de terreno. - Leonora aproximou-se do padre e olhou fixamente para Duka Hamana, que ficara outra vez imóvel à sua frente. - Ele tem de saber mais! Era o meu pai. Foi aqui que caiu. Duka Hamana sabe o que aconteceu com ele.

- Há três possibilidades - ponderou o padre, e apoiou a mão no ombro de Leonora, à guisa de consolação. - Primeira: o teu pai e o piloto Grant não sobreviveram à queda e o rio arrastou-os consigo, bem como aos destroços. Segunda: eles sobreviveram, caíram nas mãos dos caçadores de cabeças e foram mortos por eles. Se foram os Uma ou os Pogwa, os Tota ou os Paba, ninguém sabe.

- Procuraremos o meu pai por todas as tribos!

- Terceira: o teu pai e Grant, ou só o teu pai ou só Grant, sobreviveram à queda, conseguiram esconder-se dos selvagens e ainda vivem algures na floresta virgem.

- Há dez anos? - Reissner abanou a cabeça. - Impossível. Se se avançar na floresta cem metros por dia, dez anos depois, ou seja, três mil seiscientos e cinquenta dias, já se fizeram exatamente trezentos e sessenta e cinco mil metros, quer dizer, trezentos e sessenta e cinco quilômetros. Gente, estamos a querer atirar areia aos nossos próprios olhos! Qualquer pessoa consegue avançar mais que cem metros por dia, é claro como água! Padre, desculpa lá eu ter de te fazer estas contas.

- Atenção! - exclamou Zynaker. - Duka Hamana avança outra vez para o duelo!

Duka Hamana tinha recuperado do seu espanto. Pareceu ter meditado sobre aquilo que deveria contrapor à chuva de estrelas. Ainda não se dera por vencido. Mais importante que deitar estrelas das mãos, era a prova da imortalidade. E ele, Duka Hamana, era imortal.

Deu outra vez três passos na direção do padre, ajoelhou-se, arrancou o adorno de penas da sua vara mágica que era afinal uma lança, baixou a cabeça e mergulhou lentamente numa espécie de transe.

O seu espírito abandonou esta terra, o seu corpo era agora um mero invólucro que nada sentia, em que não existia vida, em que mesmo o sangue parecera ter parado. Então, de repente, ergueu a lança e de um golpe trespassou o peito do lado esquerdo.

- Amém! - proferiu Reissner em voz alta. - Padre, venceste.

- Espera. - O padre olhou para baixo, para Duka Hamana. - Tu já estiveste na Índia, não estiveste, John Hannibal?

- Quatro vezes.

- No Ganges, principalmente na margem ao pé de Benares, existem centenas de malabaristas e faquires que se deitam em camas de pregos, espetam punhais nas faces, engolem espadas, se deixam sepultar vivos, são mordidos por cobras venenosas... e a tudo sobrevivem, sem sangrar, sem seqüelas...

- É verdade! É isso, padre! - Reissner ficou a olhar para Duka Hamana, trespassado pela lança. - Eu próprio assisti, quando voltaram a tirar da sepultura um tipo, que de repente começou outra vez a respirar, se levantou e se pôs a dar a volta com um pratinho, para receber dinheiro. Dei-lhe então cinqüenta rúpias... por elas, bem podia ter-se deixado enterrar novamente. É um ótimo truque incrível.

- E aquele inexplicável. Esses faquires podem reduzir em transe, quase até zero, o seu ritmo vital, a sua respiração, a sua sensibilidade à dor... nunca conseguiremos entender totalmente. E Duka Hamana também conhece o truque. Onde? Não sei! Talvez o tenha descoberto por acaso. É claro que todos os Uma acreditam que ele é imortal.

- Mas um dia ele morrerá. O que acontecerá então?

- Ninguém o verá. Desaparecerá na floresta e ninguém mais o verá. Esta caverna deve vir a ser o seu túmulo secreto.

- Que loucura! Nem sequer deita sangue. Do ponto de vista médico, é uma coisa impossível.

- Há nos povos naturais coisas que a medicina não entende. - O padre inclinou-se um pouco. - Dentro em breve a alma de Duka Hamana regressará ao seu corpo.

- E depois é a tua vez. Como é que pensas ganhar este duelo? Agora só existe uma coisa que pode bater Duka Hamana: tornares-te invisível. E isso é coisa que não podes fazer.

Um estremecimento sacudiu o corpo de Duka Hamana. Arrancou a lança do peito e continuou a não deitar sangue pela ferida do golpe. A lança caiu-lhe das mãos, ouviu-se um suspiro, as pálpebras abriram, mas o seu olhar era ainda fixo e para lá deste mundo. E depois puderam todos assistir, espantados e de respiração suspensa, ao retorno da vida aos olhos e ao corpo de Duka Hamana. O seu olhar voltou a adquirir um aspecto humano, da ferida rolaram só algumas gotas de sangue e Duka Hamana ergueu a cabeça e olhou o padre Lucius triunfante. Do meio da confusão de penas, ráfia, cinto de ossos e tudo o que cingia o seu corpo, tirou uma mão-cheia de papa esverdeada e pressionou-a contra o golpe. Era a mesma papa que tinha posto nas feridas dos guerreiros recentemente feridos. Samuel traduziu imediatamente as palavras que ele proferiu.

- Ele afirma ser imortal.

- Já estava à espera - interrompeu o padre.

- E quer que tu também demonstres a tua imortalidade.

- Bom apetite. - Reissner soltou uma gargalhada rouca. - Faquir Lucius, queres que te sepultemos?

- Não é necessário. Eu, como Donald já anunciou, vou trazer o sol do céu à terra.

- À noite?

- Ainda é mais convincente.

O sacerdote tirou do bolso o seu último trunfo, um engenho de pirotecnia, redondo como um círculo entrançado, de que sobressaía um rastilho: uma roda de fogo de Bengala, daquelas que se costumam acender pela passagem do ano. Normalmente, fixam-se a um pau comprido. Aqui não havia nenhum à disposição e Lucius resolveu deixar a roda de fogo girar e sibilar pelo chão.

Duka Hamana inspecionou o objeto que o padre tinha na mão com um olhar crítico e expectante. Adivinhava que iria ver algo de muito aterrador e reuniu toda a sua coragem para não deixar transparecer a sua inquietação. Mesmo quando o isqueiro se acendeu de novo, manteve-se totalmente calmo e observou interessado o acender do rastilho. Ainda conseguiu manter certa compostura, quando o estranho engenho, parecido com uma pequena cobra toda entrançada, lhe foi lançado aos pés. Nem sequer recuou, dado que aquele sibilar já não lhe era desconhecido. Mas a seguir, o engenho começou a girar e a cuspir fogo vermelho, de tal forma que tudo em volta parecia mergulhado em sangue, e girou a uma velocidade cada vez mais alucinante, precipitando-se na sua direção, um sol cuspidor de fogo que o queria devorar. Com um grito, Duka Hamana deu um salto portentoso no ar, deixou cair a vara mágica, viu o sol brilhante trepar pela sua lança e perseguiu-lo também a ele. E o mundo tornou-se cada vez mais vermelho, como se o mundo sucumbisse envolto em chamas.

Duka Hamana caiu de cara no chão, estendeu-se e entregou-se ao mortífero sol.

A roda soltou ainda um último sibilo e extinguiu-se a um metro do feiticeiro, prostrado por terra. A escuridão voltou a envolvê-los. O padre e Zynaker acenderam ao mesmo tempo os seus focos, como se obedecessem a uma voz de comando, e voltaram-nos para Duka Hamana. Este não se mexia, parecendo esperar novos portentos.

- Essa deu cabo dele - disse Reissner. - Talvez esteja agora mais disposto a falar do capacete e da roda.

- Não creio. - Zynaker aproximou-se de Duka Hamana e inclinou-se para observá-lo. Pousou a mão no ombro, segurou-lhe o tronco e voltou-se até o deitar de costas. Flácidos, como que inanimados, os braços caíram no chão, a cabeça rolou para o lado. - Duka Hamana já não vai falar mais nada. Morreu!

- Não pode ser! - exclamou Kreijsman, aterrado. Leonora e Schmitz correram para o pé de Zynaker e ajoelharam-se junto de Duka Hamana. Os olhos deste estavam fixos e vidrados. Não respirava, não se ouvia o pulso, o coração não batia.

Leonora ergueu-se e olhou para o rosto compungido do padre.

- Morreu? - perguntou.

- Sim. Não sobreviveu à tua roda de fogo. Foi demasiado para o seu coração, que parou de medo.

- Mas... mas não era essa a minha intenção. - O sacerdote aproximou-se do morto e abençoou-o com o sinal-da-cruz. - Quem podia prever? Senhor do Céu, se bem que fosse um pagão, recebei-o na Vossa divina graça e com a Vossa comiseração... afinal é um ser humano como nós.

Zynaker fechou os olhos de Duka Hamana e acendeu um cigarro. As suas mãos tremiam ligeiramente.

- Vai ser difícil - disse, depois de algumas fumaças intensas e rápidas - explicar aos Uma que não fomos nós que matamos Duka Hamana. Eles não devem compreender que alguém sofra um ataque do coração por causa do medo. Ou se morre de uma doença visível ou se é morto pelo inimigo. Duka Hamana, porém, era sadio, e, de repente, cai morto. Só pode ter sido obra dos deuses brancos, isto é, nossa!

- Dai Puino vai acreditar em nós.

- A tribo não é só constituída por ele. Ainda há Hano Sepikula e os seus seguidores. A guerra fratricida ainda não foi decidida pela nossa intervenção, mas continua a germinar em silêncio. Estão só à espera de um motivo para se revelarem e a morte de Duka Hamana fornece esse motivo.

- E o que é que vamos fazer com o cadáver? - perguntou Kreijsman.

- Voltamos agora mesmo para a aldeia e mandamos buscá-lo.

- De noite? Não consegues arrancar de casa um papua que seja, e muito menos para vir a um lugar na floresta onde Duka Hamana podia conversar com os demônios. - Zynaker olhou em volta. - Vamos levá-lo nós.

- Eu não lhe ponho as mãos - recusou Kreijsman.

- Eu também não. - Reissner recuou um passo, afastando-se do morto. - Se aqui ficar até amanhã, também não faz mal. Já não sente nada.

- E se ele não estiver mesmo morto? - perguntou Schmitz de repente.

Todos se voltaram para ele. Reissner soltou uma gargalhada que quase tocava as raiais da histeria.

- Como médico, acho que ninguém melhor do que tu deveria saber se alguém morreu ou está vivo.

- Há pouco, estiveste a falar dos faquires indianos. Não lhes batia o coração, não se ouvia o pulso, não respiravam e mesmo assim estavam vivos. Quem nos diz que Duka Hamana também não domina esse êxtase?

- Mas é absurdo! - Reissner voltou a olhar para o corpo do feiticeiro deitado ao comprido. - Porque haveria ele de estar a representar para nós?

- Ele perdeu o duelo... e sabe-o muito bem. O seu último grande truque pode ser o da morte aparente. Nós levamo-lo como morto para a aldeia e lá ele regressa então do reino dos antepassados. Esse estratagema convencerá todos os Uma e deixará o padre numa posição inferior, por a sua feitiçaria não ser capaz de trazê-lo do reino dos mortos. - Zynaker voltou a inclinar-se sobre Duka Hamana e colocou o ouvido sobre a boca. Não respirava, nem o mínimo sopro.

Schmitz abanou a cabeça.

- Está mesmo morto, Donald, vê-se também pela descoloração da pele. Dentro de uma hora, a temperatura do sangue desaparecerá e ele ficará gelado.

- Então, vamos mas é voltar. - Reissner enfiou o capacete na cabeça e fez um sinal a Kreijsman. - Nós os dois levamos a roda. Padre, a cultura vai iniciar-se na terra dos Uma... agora podes mostrar-lhes tudo o que uma pessoa consegue fazer com uma roda. Sem a descoberta da roda, não teria existido o progresso da humanidade. O fogo e a roda são os elementos constituintes da civilização.

- E deixamos Duka Hamana aqui no chão? - perguntou Leonora.

- Sim. - Zynaker tirou da cabeça do morto o toucado de flores? Folhas e penas de ave-do-paráiso, e colocou-o na sua. - Ao nascer do Sol os Uma virão buscá-lo.

Fizeram outra vez o caminho escorregadio de regresso à aldeia, pelos penhascos e pela floresta virgem. Um profundo silêncio reinava entre as cabanas. Nem sequer os cães davam sinal de si. Estavam a dormir no bananal ou ao pé das cabanas, encostados às paredes de caniçada. Enquanto os outros se recolhiam aos seus leitos na segunda casa dos homens, Zynaker conduziu Leonora até à casa das mulheres construída sobre altas estacas. Pararam em frente à escada e beijaram-se.

- Queres mesmo subir para aí? - perguntou ele.

Ela abanou a cabeça e encostou-a ao seu ombro. A sua proximidade dava-lhe uma sensação maravilhosa, o seu beijo, as suas mãos que lhe percorriam as costas e depois os ombros e depois os cabelos, e os seus dedos que se lhe perdiam nos caracóis para virem depois deslizar pela face - era uma felicidade que as palavras não conseguiam exprimir.

“Em que me tornei eu?”, pensou ela. “Que fez ele de mim? Nunca imaginei até hoje que podia existir um amor como este, que o mundo se podia transformar totalmente em momentos como este e tornar-se tão pequeno que se reduz a mim e a ti e ao entendimento perfeito dos nossos corpos e das nossas almas.” “Meu querido, deste-me nova vida com as tuas mãos, os teus lábios, o teu corpo... Só agora sei o que é o amor.”

- Podemos ir para a tua cabana - disse ele.

- Ainda não está concluída, meu amor.

- Mas tem um teto e quatro paredes e ficamos sós.

Ela disse que sim. Com a cabeça encostada ao seu ombro, abraçando-o com o braço esquerdo, atravessou com ele a noite, rumo à sua cabana inacabada. Beijaram-se de novo ao entrar na cabana.

- Não sei o que vai ser o amanhã - disse ele passeando-lhe a língua pela orelha. O corpo dela estremeceu como num arrepio. Cada poro, cada nervo sentiu um desejo urgente de estar com ele. O corpo dela comprimiu-se contra o dele e sentiu-lhe o pulsar dos quadris, o afluír do sangue.

- Só uma coisa sei: Amo-te até ao infinito. É um amor que toca as raías da loucura...

Amaram-se sobre a terra dura e irregular e não sentiram as pedras debaixo de si. Só se sentiam a eles mesmos, o calor das suas peles, o jogo dos seus músculos, o estremecer, o levantar e descer dos seus corpos e só ouviam a sua respiração, os seus suspiros e as suas palavras balbuciadas.

Mais tarde, deitados ao lado um do outro na terra áspera, só se lhes adivinhava os contornos na escuridão e o seu respirar era o único som que se ouvia no meio daquele absoluto silêncio da noite.

- Só de uma coisa tenho a certeza - disse ele baixinho pousando-lhe a mão no peito. - E não paro de a repetir já não consigo viver sem ti. Posso deitar fora toda a vida que até agora conheci... só tu és a minha vida. Sem ti, a vida não tem mais sentido. Compreendes isso?

- Sim. - Ela tomou-lhe a mão e beijou-lhe a palma. - Comigo acontece o mesmo. O pensamento de que tu possas não estar mais ao pé de mim mata-me.

Ele pôs-se de lado e deitou-se-lhe sobre o peito. O seu rosto encontrou lugar entre os seios quentes e perfumados de Leonora.

- Ficarei contigo para sempre - disse ele. - Para sempre... Para onde poderia eu ir agora? O mundo é tão vazio sem ti. à minha volta só haveria uma solidão mortal, sem o teu amor - só através de ti vivo...

Ao amanhecer, Zynaker foi à cabana grande de Dai Puino e acordou-o. Sapa e Lakta dormiam atrás de um fino biombo de folhas de palmeira entrançadas.

- Acorda! - sussurrou Zynaker ao ouvido do chefe. E depois disse na língua dos Uma, de que já aprendera algumas palavras: - Duka Hamana morreu.

Dai Puino ergueu-se de repente, pôs-se de pé num salto e saiu da cabana a correr, arrancando a sua lança da parede.

Lá fora, parou de pernas afastadas no meio do lusco-fusco da madrugada, e soltou um grito sonoro e intermitente. Estava a dar o alarme a toda a aldeia. Os guerreiros saíram das casas dos homens em catadupas.

Regressaram sem Duka Hamana.

O padre Lucius e Zynaker estavam a lavar-se numa das selhas de água, quando Dai Puino, à cabeça do grupo, apareceu vindo da floresta, logo seguido por guerreiros que gesticulavam e tagarelavam vivamente. Samuel saiu da segunda casa dos homens e foi ao seu encontro. Trocou algumas palavras com Dai Puino e correu a seguir para o padre e Zynaker. Ainda estava longe deles dez passos e já gritava desaustinado, agitando os braços:

- Duka Hamana desapareceu! Já não está no mesmo sítio! Os espíritos levaram-no com eles. “Masta”, os antepassados levaram-no.

- Tinhas razão, Donald. - O padre limpou o tronco e o rosto com uma toalha. Era uma coisa que deixava os Uma admirados, que costumavam secar a pele ao ar e ao calor do céu. - Esse foi o último e o melhor truque de Duka Hamana. Quando voltar a aparecer...

- E vai aparecer.

- ... ficamos numa posição incômoda. Ainda ninguém regressou do reino da morte. A partir desse momento, o poder de Duka Hamana será indestrutível.

- E tornar-se-á no teu mais encarniçado opositor. A palavra de Deus por si só nada poderá conseguir.

- Confio nos desígnios divinos. - O sacerdote juntou as mãos por cima da sua barriga nua. - E no meu talento e na minha caixa mágica.

Souberam através de Dai Puino que o lugar diante da caverna estava vazio e que toda a região em redor tinha sido batida, em busca de pegadas, sangue ou bocados de carne ou penas e colares despedaçados. Um animal selvagem poderia tê-lo arrastado. Os Uma tinham algumas vezes encontrado grandes gatos com a pele manchada, animais possantes com dentes aterradores, capazes de arrancar um braço com uma dentada, e que já tinham matado dois Uma, despedaçando-os e roendo-os até aos ossos. Nunca tinham conseguido matar ou apanhar nenhum dos grandes gatos. É verdade que uns haviam sido atingidos com setas, mas eles pareciam ser imunes, pois o veneno não produzia qualquer efeito. Continuavam a correr e desapareciam na espessura impenetrável da floresta. Se mais tarde sucumbiriam algures, vítimas do veneno, os Uma não sabiam. Não voltaram a ver esses animais.

Mas Duka Hamana não tinha sido arrebatado pelos gatos gigantes. Não havia o mínimo sinal.

- Ele estava mesmo morto! - traduziu Samuel a mando de Leonora. - Já não respirava, o coração já não batia.

- Então foi recolhido pelos antepassados - disse Dai Puino em tom solene. - Duka Hamana era realmente um homem santo.

Reissner acenou com a cabeça e deu uma cotovelada ao padre:

- Vai ser muito difícil convencê-lo do contrário, padre. Mesmo eu começo a ter dúvidas.

- Um morto não pode ressuscitar.

- Pense em Jesus que ressuscitou um jovem morto.

- Aqui não há Jesus nenhum. Duka Hamana não estava morto. Ele conhece o truque do faquir. Entrou foi no transe de imobilidade. E vai voltar a aparecer.

- Acho que nos devíamos ocupar mais a limpar as armas - disse Reissner em tom sarcástico. - Não podemos dar-nos ao luxo de alguma delas encravar, quando chegar o momento.

Depois do almoço, que as mulheres vinham trazer à casa dos homens como de costume e que eles deitavam na vala, com excepção dos frutos secos, para logo se alimentarem dos enlatados que consigo trouxeram, Samuel veio ter com Schmitz, com ar de muito segredo. Puxou Schmitz para um canto e segredou-lhe ao ouvido:

- Lakta manda dizer que tem um grande segredo para contar a “Masta”.

- Um segredo? O que é? - Schmitz falou normalmente, mas Samuel tapou-lhe imediatamente a boca com a mão.

- Chiu, “Masta”! Ninguém deve saber. É um grande segredo dos Uma, mas Lakta conhece-o. Pede-te que vás ter com ela ao lugar que tu sabes, junto do ribeiro. Lakta conhece o Espírito Trovejante. Vive no Vale Sombrio, no Vale Fumegante, como lhe chamam os Uma.

- Tu falaste-nos dele uma vez, Samuel.

- Sim. Todos aqui conhecem o Espírito Trovejante, os Uma e os Pogwa, os Tota e os Paba. Ninguém ousa aproximar-se desse vale. O espírito troveja e as pessoas caem no chão, com um buraquinho na cabeça ou no peito.

Schmitz lembrou-se das histórias que Samuel contara em Goroka. E ainda ouvia o comentário de Reissner: “Palermice, foi alguém que mandou um tiro, isso é que foi.” Mas como é que uma arma veio parar a esta terra inexplorada?

Tinham-se discutido todas as hipóteses, nessa altura, e formulado teorias, mas depois tinham outra vez esquecido o Espírito Trovejante. Pensaram que se devia tratar de velhas lendas dos nativos, que acreditavam estar rodeados de espíritos e antepassados que determinavam a sua vida.

- E Lakta sabe onde habita esse espírito? - sussurrou Schmitz, sentindo formigar em si a tensão da curiosidade.

- Sabe.

- Ela viu-o?

- Isso não sei, “Masta”. Ela pede que vás ao ribeiro.

- Quando?

- Já. Lakta está à tua espera.

- Tens de vir também, Samuel.

- Porquê?

- Eu não entendo o que ela diz. - Schmitz ergueu-se do tronco de madeira em que estava sentado. Dirigiram-se ambos à aldeia, passaram pelas novas cabanas construídas para os brancos, passaram pela igreja, diante da qual se encontrava o padre Lucius, sentado, a talhar uma cruz de grandes dimensões em tronco de palmeira, rodeado de um bando de crianças que o observavam enquanto ele, interrompendo o trabalho, lhes explicava, com as poucas palavras

Uma que conhecia, uma Bíblia em imagens que trouxera, imagens de um outro mundo difícil de compreender. No palmeiral, viraram em direção à floresta e seguiram a “conduta de água” até ao ribeiro cristalino, que descia a encosta, sobre o leito pedregoso.

Lakta já lá estava, precisamente no sítio onde pela primeira vez se tinham beijado e onde, abraçados, foram tão felizes.

Schmitz parou e agarrou Samuel pelo braço.

- Não te espantes com o que vires - disse ele com voz nervosa - e esquece a seguir tudo o que viste.

- Eu volto as costas e não vejo nada, “Masta”. - Samuel fez um sorriso cúmplice de orelha a orelha e piscou os olhos. - Eu sei que “Masta” está apaixonado por Lakta.

- Seu patife! E quem mais sabe?

- Ninguém.

- Dai Puino?

- Não.

- Sapa, a mãe dela?

- Não sei. Mas é possível.

- Leonora?

- “Massa” deve desconfiar, “Masta”. Mas “Massa” é uma mulher boa, nunca dirá nada a ninguém. - E o seu sorriso ainda abriu mais. - É que “Massa” também ama.

- Zynaker, não é?

Samuel levantou a mão, escusando-se.

- Eu não vi nada, não ouvi nada, não disse nada, “Masta”. Lakta está à espera.

Ela correu ao seu encontro quando o avistou e atirou-se-lhe ao pescoço, beijando-o e colando-se a ele. O seu corpo delgado, coberto só pela tanga, ardia nas mãos dele.

- Amo-te - disse ela na língua dos Uma, e era uma frase que Schmitz compreendia, porque ele mesmo a aprendera com ela.

Samuel virou as costas e ficou a olhar para o bananal.

Demorou algum tempo até voltar a ouvir a voz de Schmitz e poder voltar-se outra vez. Lakta e Schmitz estavam sentados junto da água, com os pés mergulhados no ribeiro frio e transparente, de braços enlaçando os ombros um do outro.

Enquanto Schmitz falava, os lábios de Lakta percorriam-lhe o pescoço e as faces.

- Podes vir, Samuel.

- Não tenhas pressa, “Masta” - respondeu Samuel sabiamente. - Eu gosto de contemplar o céu. Quem ama esquece o tempo, aprisionando-o entre as mãos.

- És um filósofo, perna-marota! - Schmitz riu e beijou Lakta na boca. - Vem cá! Quero saber o que Lakta tem para contar.

Estavam sentados um ao lado do outro na margem do ribeiro e Samuel traduziu a torrente de palavras que Lakta começara a soltar. O efeito era mais ou menos este:

- O Espírito Trovejante apareceu de repente junto do nosso povo, quando eu ainda era uma criança. Ninguém o viu aproximar-se, não foi anunciado por nenhum fogo no céu nem por desaparecimento do Sol. Apareceu simplesmente, soltou o seu trovão e matou Septa, um grande guerreiro dos Uma. Havia um pequeno buraco na sua cabeça e ninguém sabia como um tal buraco podia ser feito. E sempre que os nossos guerreiros iam caçar no Vale Sombrio, que em alguns dias fumegava como se nas suas entranhas ardesse um gigantesco fogo, lançando no ar intenso vapor, ele usava o seu trovão, matando ainda mais três dos nossos homens. Desde então, mais ninguém se aproximou do vale, nem os Pogwa. Também eles lastimaram a morte de guerreiros seus, homens intrépidos, caídos com pequenos buracos no peito ou na cabeça. Um contou ter visto o Espírito, enorme como um rochedo, com as pontas pulverizadas de branco como se fosse com farinha. Mas ninguém acreditou nele e foi abatido e comido, para que não atraísse a presença do Espírito. Uma vez, foi já há muito tempo, eu perseguia um animal que tinha ferido com uma lança, um porco selvagem que se lançou em fuga pela floresta dentro. Eu fui atrás dele sem saber onde me encontrava e, de repente, vejo-me na encosta que conduz a um vale que não consigo vislumbrar, dado este estar coberto por uma camada de nevoeiro, semelhante a um manto cinzento. E, de repente, tenho um pressentimento: é o Vale Fumegante, o Vale Sombrio, onde vive o Espírito Trovejante. Eu sabia que tinha de morrer, como acontecera com os guerreiros, ajoelhei e invoquei os meus antepassados. Mas nada aconteceu. Ele deve estar a ver-me, pensei eu. É claro que me está a ver. E se me movo ele solta o seu raio contra mim. “Tem piedade, espírito!”

gritei eu. “Não contarei a ninguém que vi o teu vale. Ninguém saberá onde te encontras. Por favor, deixa-me viver!” E depois levantei-me, muito devagar, voltei para a floresta e quando me encontrei entre as árvores, desatei a correr e, nas minhas costas, o espírito fez outra vez soar o trovão, como se me dissesse, à laia de despedida: “Esquece o que viste!” E eu esqueci até hoje - até conhecer o teu amor, Pepau. Entre nós não devem existir segredos.

Schmitz ouvira até ao fim, de respiração suspensa, passando de vez em quando a mão pela face. “É espantoso”, pensou ele. “O vale que Leonora procura não é o dos Uma mas longe, esse Vale Sombrio, esse Vale Fumegante, esse corte estreito entre as montanhas, em que quase não consegue penetrar um único raio de sol e que não se pode ver do ar, porque o nevoeiro sobre ele paira, dia e noite. As pessoas só pressentem por baixo da camada de nevoeiro a floresta tropical, de onde a umidade ressuma, sob o calor do Sol. Meu Deus, estamos perto da resolução do enigma, Lakta, minha adorada, foste tu quem nos indicou o caminho certo.” Beijou-a, apertou-a contra o peito e Samuel levantou-se, tornando a voltar as costas.

Mas não era necessário. Schmitz levantou-se de um salto, deu as mãos a Lakta, levantou-se também e disse alvoroçado:

- Temos de contar a Leonora, Samuel. E Lakta vai conduzir-nos a esse vale.

- Isso é que ela não vai fazer, “Masta”.

- Vai, sim. Se ela me contou o seu grande segredo, também nos conduzirá até ele. -

Puxou Lakta para si, deu-lhe um novo beijo nos lábios, pegou-lhe na mão e seguiu Samuel, que já voltara para a aldeia.

O padre continuava ainda sentado diante da igreja a talhar o seu Cristo. Reissner e Kreijsman observavam a construção das novas cabanas. Kreijsman comentou:

- Se os nossos peritos de estática de arquitetura vissem aquilo, tinham um colapso!

Leonora e Zynaker estavam sentados perto de Dai Puino, este reinante sobre a sua cadeira de avião, e comiam bolos de tapioca, barrados com mel. Era o quadro perfeito da paz, animado pela azáfama das mulheres seminuas, dos cães amarelos espalhados por toda a parte, dos porcos e galinhas em liberdade e dos guerreiros acorados em grandes círculos, a conversar e a rir, sem fazer nada - afinal para que tinham eles as mulheres?

Lakta tinha-se adiantado ao chegar ao bananal, para não ser vista em companhia dos brancos. A tribo e a aldeia ainda nada suspeitavam do seu amor por um deus, que afinal era um homem. Só contara a Sapa, sua mãe, e esta, que Leonora salvara da morte cortando-lhe o ventre, e que agora a todos orgulhosa exibia a cicatriz, sob a qual outrora habitara um demônio maligno, Sapa apertara a sua filha contra o peito, como as mães costumam fazer com os seus filhos, chorara e dissera:

- Lakta, isso não é bom. Ele é um deus estranho.

E Lakta respondera:

- Mas eu amo-o e prefiro morrer a viver sem ele.

- O teu pai mata-o.

- Então terá de me matar também a mim.

- E talvez o faça.

- Se não o fizer, eu própria me trespasarei com a sua lança, diante dos seus olhos.
- Amas assim tanto o branco?
- Não posso viver mais sem ele! Mãe, sabes o que é beijar?

E foi a palavra alemã kuessen que utilizou, assim como a ouvira de Schmitz - um som sibilante e estranho para os ouvidos Uma.

Sapa olhou a filha emocionada e repetiu a palavra: Kuessen. Soava na sua boca a kusa ou kusan.

- É kuessen, mãe - disse Lakta. Tomou a cabeça de Sapa entre as mãos e apertou os seus lábios contra os da mãe brincando meigamente com a ponta da língua.

Sapa ficou hirta e imóvel, sentada na esteira, como se encontrava antes. Lakta largou-lhe a cabeça e endireitou-se. Com os seus olhos grandes e brilhantes, Lakta explicou:

- Isso foi um beijo - e depois com ar feliz perguntou: - Como foi, mãe?

Sapa abandonou o imobilismo anterior, limpou a boca com a mão. Tinha-a percorrido uma sensação esquisita durante o beijo, principalmente ao sentir a língua de Lakta. Era uma sensação inexplicável que nunca antes sentira e que perpassava todo o seu corpo da cabeça aos pés.

- É o halo de um espírito maligno - disse baixinho. - Ele domina o teu corpo.
- Não é um prodígio?
- Não sei se é, Lakta, mas não te sacrifiques a esse demônio. Deixarás de pertencer aos Uma. Todos terão o direito de te matar.
- Não se deve matar ninguém, é o que Deus diz.
- Que Deus?
- Aquele de que fala o grande branco a quem construímos uma casa a que ele chama igreja. Ele sabe contar tantas coisas de um guerreiro chamado Jesus, que eles pregaram na cruz.

- O que é uma cruz?

- Ele também vai contar para ti, mãe. Vem comigo amanhã quando eu for ouvi-lo. São histórias lindas. E também mostra quadros de terras distantes. Para lá da nossa floresta, existe um outro mundo. Acredita. Ele também te mostra, se fores comigo.

Sapa acenou com a cabeça e voltou a deitar-se na esteira. Fechou os olhos e ficou a pensar na sensação estranha que a percorrera antes. É “beijar” que se chama a isso? Que coisa misteriosa! Acordara nela saudades do abraço de Dai Puino. Iria experimentar fazê-lo com Dai Puino, para ver o que sentia. Era tão simples: lábios contra lábios, com uma pressão maior ou menor, e depois a ponta da língua a voltear como uma serpente entre os lábios do outro. Dai Puino iria ficar admirado...

Schmitz e Samuel, que chegaram de propósito mais tarde do que Lakta à cabana do chefe, sentaram-se no chão ao pé de Leonora e de Zynaker e puseram-se a comer um bolinho barrado com mel.

- Vou contar-vos uma coisa, mas vocês mantenham a calma e não se movam do sítio - disse Schmitz. - O Vale Sombrio fica aqui perto...

- Que estás a dizer? - Leonora só a muito custo continuou sentada no seu tronco de madeira.

Zynaker também ficou alvoroçado.

- Quem to disse? - perguntou ele.

- Lakta. Nenhum guerreiro o menciona ou ousa penetrar nele. Ela descobriu-o por mero acaso. Vale Fumegante é como também lhe chamam os Uma. O fundo do vale está sempre coberto pelo nevoeiro. Ninguém sabe que os montes aqui se separam por um estreito desfiladeiro. Do ar, aparece uma extensão de floresta cerrada coberta pelo nevoeiro. Por isso é que o vale não vem assinalado em nenhum mapa. Oficialmente, não existe. E agora, mantenham a calma! A maior das descobertas: na vertente que desce para o vale, habita o Espírito Trovejante, aquele espírito que mata os guerreiros com um buraco na cabeça ou no peito, quando se aproximam demasiado. Que é como quem diz: ali vive uma pessoa que tem uma arma. Agora temos a certeza.

- O meu... o meu pai? - balbuciou Leonora baixinho.

- Quem sabe?

- Ele era incapaz de matar fosse quem fosse. Incapaz!

- Se a sua vida estivesse em perigo...

- Ele preferiria abandonar o lugar.

- Abandonar o Vale Sombrio? Impossível! - Zynaker levantou-se do seu tronco cortado. - Também tu terias de te defender se fosses atacada. A máxima bíblica “Amai os vossos inimigos” é uma palermice chapada! Se sou atacado, respondo na mesma moeda. É logo uma questão em que a Bíblia se contradiz e perde toda a credibilidade. Por um lado diz “Não matarás” e por outro diz “Olho por olho, dente por dente”.

- Isso é um assunto para o padre Lucius e não para nós! - atalhou Schmitz.

- Discutir com um padreco é como chover no molhado. Para tudo tem sempre uma explicação e para todos os apertos uma porta dos fundos. - Zynaker endireitou-se e puxou Leonora do tronco onde estava sentada. - Vamos lá encontrar-nos com esse Espírito Trovejante.

- Se Lakta nos levar lá. - Schmitz teve uma expressão de dúvida.

- Claro que leva, Pepau. Ela ama-te.

- Quem é que te meteu esse disparate na cabeça, Donald!

- Os meus olhos. - Zynaker riu abertamente. - Os apaixonados traem-se sempre através do olhar e de pequenos gestos. Convosco é como estar a assistir a uma peça de teatro. Está tudo à vista.

- Sou assim tão pateta?

- Estás apaixonado até mais não! - Zynaker olhou na direção da floresta que se estendia pela encosta acima como um verde casaco de peles. - Partimos já amanhã cedo?

- Tenho de perguntar a Lakta. Só ela conhece o caminho.

- Pergunta-lhe quando a tiveres nos braços. É uma situação em que nenhuma mulher diz que não.

- E se ela disser mesmo que não?

- Então afasta-a e grita: “O teu amor é uma mentira!” Isso fá-la-á mudar de idéias.

- Vou tentar. - Schmitz baixou a cabeça. - Não posso prometer nada. Tínhamos em alternativa que procurar nós próprios o caminho para o Vale Sombrio. É uma espécie de vale-apêndice.

- E em que direção é que fica? Para o sul, para o norte, para o oeste, para leste? Nunca o encontraremos! Já andamos às voltas durante semanas, sem qualquer êxito. Mas agora temos uma nova esperança, uma esperançazinha muito tênue, se é que existe esse Espírito Trovejante, esse homem de arma na mão. Temos de encontrá-lo.

- Vou falar com Lakta. - Schmitz encolheu os ombros, resignado. - Mais do que isso, não posso fazer. Não tenham demasiadas expectativas.

Foram precisos três dias para Schmitz e Samuel, ao fim de conversas intermináveis, convencerem Lakta. Ela chorava e ficava toda encolhida e tensa sentada no chão da cabana. Entregava-se a Schmitz e gritava nos seus braços:

- Não vás! Não vás! Ele mata-te! - Ajoelhava-se na margem do ribeiro, juntava as mãos e rezava como o padre Lhe ensinara. Deitava-se ao comprido na igreja, perante o crucifixo colocado sobre o altar, e balbuciava: - Ajuda-me! Ajuda-me! Que devo fazer? - Mas no terceiro dia dissera a Pepau: - Eu conduzo-vos lá. A ti, à mulher e ao homem dela. Só a eles. Aos outros não. - “Com o homem dela” referia-se a Zynaker, que sorriu pouco à vontade quando Schmitz lhe comunicou.

Reissner tinha entretanto encontrado uma mulher dos Uma que correspondia mais ao seu ideal. Uma mulher ainda jovem, de seios arrebitados e cintura delgada, de pernas elegantes e coxas bem proporcionadas, uma das poucas beldades daquele povo, que enigmaticamente ressaltava no meio daquelas caras sempre crispadas. Chamava-se - como Reissner logo veio a saber - Nana e era mulher de um jovem guerreiro, Simsa. Reissner tirou-lhe fotografias de todos os ângulos, ofertou-lhe três retratos dela em polaroid e fazia fotos quando ela se lavava na selha, de manhã muito cedo, saltitando na sua esplendorosa nudez. Reissner tinha dificuldade em focar a máquina, pois as suas mãos tremiam.

- Levem de qualquer forma a minha pistola automática! - disse ele a Zynaker e Schmitz. - E as outras pistolas. Se o tipo costuma disparar sobre toda a gente que lhe aparece pela frente, vocês têm de ripostar! Não fiquem especados a fazer de alvo! Se aquilo que contam é verdade, todos os tiros foram certos.

- Se ele existir, não há-de disparar sobre nós.

- Tens a certeza, Donald?

Zynaker acenou com a cabeça.

- Tenho. Porque nós atiramos primeiro... para o ar. Então ele fica a saber que não somos caçadores de cabeças, mas brancos. Isso tirá-lo-á do esconderijo. Há anos que ele deve desejar esse momento.

- Esperemos que sim. Meu Deus, que fotografias ia dar! Eu vou convosco.

- Então Lakta não nos mostra o caminho e sem ela nada feito. - Schmitz mordia o lábio inferior, o que nele era sinal de grande nervosismo. - Nem sequer sei se ela nos levará ao vale certo. Somos obrigados a acreditar nela. Deus sabe quantos desses vales tipo apêndice existirão nas montanhas, cada um mais semelhante que o outro!

- Pode ser - disse Leonora. - Temos até de contar com isso. Para não pôr a tua vida em perigo, leva-nos a um outro vale qualquer. Como poderemos contestá-la?

- Mulheres! - Reissner afunilou os lábios, como se fosse cuspir. Mas foi muito cortês da sua parte não o fazer em frente de Leonora. - Está bem, eu fico. De qualquer modo, tenho alguns planos para concretizar que são bem mais agradáveis do que marchar nessa maldita floresta, encosta acima, encosta abaixo. Boa sorte, meus queridos! - Tocou com o indicador na testa à guisa de continência e afastou-se na direção das novas construções. As mulheres arrastavam grandes folhas de palmeira e bananeira para a cobertura do telhado. Entre elas, estava também a bela Nana. Reissner meteu as mãos nos bolsos e ficou a contemplar-lhe com olhos ávidos os seios jovens e arrebitados.

Desta vez, Zynaker e Schmitz estavam de acordo com a sugestão de Reissner. Levaram consigo a pistola automática e ainda, cada um, uma pistola e munições em abundância.

A região dos Pogwa fazia precisamente fronteira com o vale e um recontro com essa tribo, sabiam-no, só podia ter um desfecho sangrento.

Lakta esperava por eles junto ao ribeiro. O seu rosto era triste e também não ofereceu os lábios para que Schmitz os beijasse. Samuel traduziu as suas palavras.

- Se o Espírito Trovejante matar Pepau, eu também não quero continuar a viver. Vocês têm de me matar.

- Não vamos falar nisso - respondeu Zynaker, evasivo.

- Se vocês não o fizerem, atiro-me ao desfiladeiro.

- Tu... tu continuarás a viver, Lakta - disse Schmitz, constrangido, e voltando-se para os outros: - Prometam-me que não deixam que ela faça mal a si própria. Segurem-na, não a percam de vista. Eu sei que ela se suicidará se me acontecer alguma coisa.

- Porque é que te havia de acontecer alguma coisa, logo a ti? - Zynaker abanou a cabeça, desaprovador.

- Será que isso se pode prever?

7

Era de manhã cedo quando mergulharam na floresta, no meio do nevoeiro que sempre a essa hora se faz sentir.

Atravessaram primeiro um caminho de caça já deles conhecido, mas ao fim de três quilômetros já Lakta inflectia para a direita, embrenhando-se na mata. Não havia qualquer sinal que indicasse essa mudança de direção. Só uma nativa como Lakta possuiria o instinto para encontrar o caminho certo no meio da selva.

Zynaker ia agora à sua frente, abrindo caminho pelo mato com uma catana, um caminho tão estreito que só era possível avançar em fila indiana, empurrando diante de si os ramos pendentes dos fetos. Avançavam com dificuldade, metro a metro, e Schmitz não podia deixar de repetidamente se espantar como teria sido possível a Lakta perseguir

o animal de que falara através desta parede interminável e sempre igual. Ou levá-los-ia por um caminho errado?

- Tens a certeza de que foi Por aqui? - perguntou-lhe ele, através de Samuel.

Ela acenou com a cabeça e apontou para a vertente que se erguia diante deles.

- Por trás daquele monte - disse. - Vê-se um desfiladeiro profundo e mais nada. Talvez haja um rio lá em baixo, não sei. Há sempre nuvens por cima.

O Vale Fumegante, o Vale Sombrio ficava para além daquele monte. A que distância estariam agora dessa pequena parte do mundo que ainda ninguém tinha visto, onde ninguém pusera o pé, que não constava de nenhum mapa, que simplesmente não existia na terra?

O caminho através da floresta, monte acima, era difícil e lento. O mato rasteiro, as lianas entrelaçadas e as outras plantas trepadeiras tinham de ser cortados. Acrescia o calor, que parecia sorver toda a umidade para constituir densos mantos de nevoeiro flutuante. Pingava de todas as árvores, fetos e arbustos gigantes. Ficaram totalmente encharcados e começaram a suar sob o ardor do sol que sobre eles incidia vindo de um céu leitoso só pressentido; a respiração tornou-se mais difícil, sentiam as pernas como se fossem mangueiras com o peso de toneladas e o caminho continuava sempre a subir, metro a metro, aberto à catanada por Zynaker, Schmitz e Samuel, que se iam revezando.

Fizeram uma paragem num sítio mais aberto, retomaram o fôlego, beberam sumo de ananás, que tinham trazido em cantis, e descansaram uma hora. Lakta estava sentada ao pé de Schmitz com a cabeça encostada no seu ombro.

- Como é que te sentes? - perguntou Zynaker ao receber o cantil de Leonora.

- Toda partida.

- O caminho é mesmo infernal. - Ele olhou o monte na direção do cume, onde cresciam, quase encostadas umas às outras, árvores gigantescas de copas e troncos largos, sendo necessários vários homens para dar a volta ao perímetro. - Dentro de algumas horas, penso eu, atingimos o topo. Então, teremos o vale a nossos pés.

- Não é só o caminho, meu amor. O pensamento de que em algumas horas todas as esperanças poderão gorar-se tem o peso de um verdadeiro pedregulho no meu peito. Se esse “espírito” não for o meu pai, mas se o vale for mesmo o desconhecido Vale Sombrio, então sei que nunca encontrarei o doutor James Patrik. Nem os Pogwa nem os Duna, os Hawa ou os Enga, nenhuma tribo nos revelará nada sobre ele. Talvez tenha morrido algures sozinho, ferido da queda, cheio de fome e de sede.

- Também já pensei que o “espírito” poderá ser Grant, que tivesse sobrevivido.

- Pode ser. Também já me ocorreu isso. - Schmitz acariciava o cabelo de Lakta e sentia o corpo dela moldar-se ao seu. - Se for ele, vamos saber que destino teve o teu pai. A tua expedição terá valido a pena.

- E se esse “espírito” só existe na imaginação das tribos? - perguntou Leonora.

- A única coisa de que temos a certeza é de que existe! - disse Zynaker. - Os mortos com um pequeno buraco na cabeça ou no peito são prova suficiente. Seja quem for o “espírito”, encontrá-lo-emos.

- Se ele não nos pregar um tiro.

- Manter-nos-emos abrigados até entrarmos em contacto direto com ele, até ele sair do seu esconderijo, e nós o pudermos ver.

- E se ele o não fizer?

- Aposto que sim! Vai gritar de felicidade por serem brancos e não caçadores de cabeças a encontrá-lo. Será para ele uma libertação.

- Vamos acreditar nisso, até ele nos desfechar um tiro! - disse Schmitz cheio de sarcasmo. - Eu só fico convencido quando lhe apertar a mão.

Conseguiram atingir o cimo do monte em três horas. Aí, o sol abrasador incidia em cheio sobre eles e sobre as suas roupas molhadas. Abaixo deles, estendiam-se profundezas desconhecidas, um vale sobre cuja superfície pairava uma densa nuvem de vapor, imóvel, como um monte de algodão acamado sobre uma gigantesca ferida.

Leonora agarrou a mão de Zynaker e apertou-a.

- É este - disse ela baixinho. - O Vale Sombrio. É mesmo ele. Que haverá por debaixo daquela camada de neblina?

- Em breve saberemos.

Encontravam-se sobre uma espécie de pequeno planalto rochoso desprovido de vegetação, uma mancha pelada no meio daquele verde luxuriante. Por trás deles, sussurravam as copas das árvores gigantescas, agitadas pelo vento quente que percorria as terras altas. Pela encosta abaixo, a floresta crescia tão luxuriante que, vista de cima, se assemelhava a uma infundável leira de musgo que cobria todo o solo. Exceto o vento e o sussurrar na ramagem, o silêncio dominava a região.

- Agora damos sinal da nossa presença - disse Zynaker levantando a arma para o ar. - Protejam-se atrás das árvores! Ou ele dispara logo ou então sai do esconderijo.

- Fico contigo. - Leonora colocou-se ao lado de Zynaker. - Não acredito que ele vá disparar contra uma mulher.

De nada valia contradizê-la. Ela não se deixaria convencer do contrário, isso Zynaker já tinha entretanto aprendido. Depois de ela tomar uma decisão, não havia apelo nem agravo. Os argumentos eram ineficazes, principalmente, se se lhe dissesse que era perigoso. Quando ele se apresentasse de peito aberto no meio daquela superfície nua, à mercê de qualquer atirador, ninguém iria impedir de estar também ao seu lado.

Zynaker olhou para os penhascos e disparou. O tiro foi mesmo como um trovão, o eco refletiu-o três vezes. Era compreensível que os Uma e as outras tribos acreditassem na existência de um espírito e vissem o vale como a moradia de um demônio maligno.

Esperaram por uma resposta, mas tudo continuou silencioso. Zynaker olhou Leonora, admirado. “Se ele existe”, pensou, “então está a ver-nos, tem de fatalmente ver-nos, aqui em cima sem nada à volta. Porque hesitará ele? Claro que vê que não somos caçadores de cabeças. Ele ouviu o tiro e sabe agora que há brancos aqui, sobre o seu vale. Estará escondido? Não quererá ser descoberto? Deve estar agachado algures, no meio dos rochedos, à espreita, a observar-nos - se é que existe!”

Zynaker disparou uma segunda vez para o ar. O eco transportou o estampido bem para lá do vale, que agora, sob o sol ardente, parecia mesmo soltar vapor.

Outra vez silêncio. Zynaker sentiu qualquer coisa como um arrepio. Levantou os ombros e olhou para Leonora.

- Sei que ele está aí - disse com a voz sumida pela emoção.

- Ele está a ver-nos, está a ver-nos muito nitidamente pela mira telescópica.

- Como é que sabes que ele tem uma mira telescópica? - perguntou Schmitz.

- Os tiros na cabeça são prova inequívoca. À distância, só é possível uma tal precisão com uma mira telescópica. Ele tem-nos na mira, mas porque é que não responde? - Zynaker juntou as duas mãos, como um funil diante da boca, e começou a chamar:

- Hei! Está a ouvir-me? - Falou em inglês porque todos os que vinham para este país falavam inglês. - Hei, está a ouvir-me? Somos europeus, membros de uma expedição, e soubemos através dos Uma que você vive aqui. Para os selvagens, você é um espírito, como sabe, mas de nós nada tem de recear. Queríamos falar consigo! Indique-nos onde está, mas não com a sua arma!

Silêncio. Nem voz. Nem um movimento. A vertente arborizada estendia-se perante eles. Uma terra luxuriante, verde, inerte.

Zynaker tirou as mãos da frente da boca.

- Que mais posso fazer? - disse, desesperado.

- Descer a encosta - sugeriu Schmitz.

- Voltar para trás - disse Samuel com a voz a tremer.

- Descer a encosta? Em que direção? - Zynaker abrangeu o vale de ponta a ponta com um largo movimento do braço. - Nós descemos e ele está aí atrás de nós, a dez metros, no meio das rochas, sem se mexer. Procurá-lo aqui é perder tempo.

- Eu quero tentar - disse Leonora. Aproximou-se do bordo do planalto e colocou também as mãos em forma de funil diante da boca. - Está a ouvir-me? - exclamou ela com voz clara e sonora. O eco respondeu-lhe três vezes. - Sou mulher e preciso da sua ajuda.

“Ajuda... Ajuda... Ajuda”, devolveu o eco.

- Só você nos pode ajudar. Você é a nossa única esperança!

“Esperança... Esperança... Esperança”, ressoou no ar.

Leonora deixou cair os braços e ficou a olhar as escarpas. Eis que de repente se ouve a resposta, também ela transportada pelo eco em triplicado. Lakta agarrou-se a Schmitz, mas ele também não estava menos impressionado. Samuel agachou-se atrás de uma árvore e benzeu-se.

- Desçam. Estão a ver o rochedo aguçado que fica a cerca de cinquenta metros de vocês? Vão para lá e esperem.

- Aí o temos! - disse Zynaker, baixinho.

- Parabéns, meu amor! É sabedoria dos antigos que mais portas se abrem às mulheres do que aos homens.

Leonora respirou fundo, mas sentiu simultaneamente uma grande tristeza. “Não é a voz do meu pai, não me lembro dela tão apagada. A sua voz era mais clara e cristalina.”

“Eu também podia ter sido tenor e desempenhado papéis de herói”, tinha-lhe dito seu pai numa vez.

“Talvez chegasse a ser um grande nome no mundo da ópera, quem sabe?” Esta voz que ouvira tinha um timbre oco, não vibrava.

- Já vamos! - respondeu Leonora. - Estamos a ver o rochedo aguçado. Não vai atirar sobre nós, pois não?

- Só atiro para defender a vida!

- Mas até hoje já matou sete nativos - exclamou Zynaker.

- Errado! Foram dezesseis. Não quero que a minha cabeça vá adornar a casa de ninguém.

- E desde aí transformou-se num espírito?

- E assim quero que continue. Venham!

A descida foi mais perigosa do que podiam imaginar. Havia seixos e pedregulhos por todo o lado, molhados, escorregadios, cobertos de musgo. Se alguém escorregasse, não parava mais. Ia precipitar-se no fundo, como uma avalanche, arrastando as pedras atrás de si, até atingir o desconhecido que o lençol de nevoeiro tão ciosamente guardava.

Com cuidado, lentamente, passo a passo, foram descendo a encosta às apalpadelas, atingindo finalmente, ofegantes, o rochedo aguçado e liso.

Leonora encostou-se ao rochedo. A sua respiração era profunda e apressada. Lakta e Samuel sentaram-se logo por terra. O medo era patente nos seus olhos. Zynaker e Schmitz tinham as armas à altura das ancas, prontas a disparar. Aqui em baixo, o silêncio era ainda mais pesado. O sussurrar do vento não conseguia cá chegar. Não se sentia a mínima brisa.

- Chegamos! - disse Zynaker em voz alta.

Estremeceram todos, quando, por trás do rochedo, se ouviu uma voz:

- De onde vêm?

- De Port Moresby - disse Leonora. - Temos o nosso acampamento na aldeia dos Uma.

- E continuam vivos? Como é que conseguiram?

- Temos até um sacerdote conosco, que está a construir uma igreja na terra dos Uma. E vão dar-nos cabanas novas.

- E porque vieram a esta terra assassina?

- Procuo alguém - disse Leonora, e reuniu todas as forças que tinha. - Vim à procura do meu pai.

- Aqui?

- Sim. Desapareceu num destes vales, há dez anos. Ia de avião e deve ter caído aqui.

A voz por trás do rochedo ganhou um outro timbre. Adquirira um outro som, uma força que contrastava com o vazio anterior. Leonora apertou a mão contra o peito e olhou para Zynaker. Sentiu que o ar lhe faltava.

- Como é que você se chama? - perguntou a voz.

- Leonora - balbuciou ela. - Leonora Patrik. O meu pai sempre me tratou por Nora.

- Nora...

Ouviu-se um restolhar por trás do rochedo e depois apareceu um vulto, vestindo um fato de caqui já encardido, ponteadado em muitos sítios, uma cabeça de onde caíam para além dos ombros, como uma catarata, longos cabelos brancos. Aquela figura tinha também barba, igualmente longa e branca. A pele era tisonada pelo sol, bronzeada e rugosa, e os seus olhos azuis pareciam não ver o que se encontrava mais perto dele, como que projetando-se à distância. Os seus olhos também não pararam em Leonora, mas como que se projetaram no infinito.

- Nora... - repetiu o desconhecido. - Era assim que a chamava?

- Pai! - Foi um grito selvagem. Leonora precipitou-se para o homem, atirou-se-lhe ao peito e refugiou a cabeça no casaco sujo e rasgado.

Zynaker e Schmitz apertaram os lábios e voltaram as costas. Logo ao primeiro olhar reconheceram que ali se encontrava uma pessoa que já pouco teria a ver com James Patrik. Seria terrível, quando Leonora mais tarde ou mais cedo viesse a descobrir. Ainda estava abraçada ao seu pai, chorava de felicidade e alegria encostada ao peito dele, acariciava as suas costas, apertava-se contra ele, entregando-se ao sentimento avassalador de o ter encontrado, a ele, a quem haviam dado por morto, mas em cuja morte ela nunca acreditara. O seu pressentimento mostrara que tinha razão. James Patrik vivia, como Espírito Trovejante; no Vale Sombrio. E em duas semanas todo o mundo o saberia:

James Patrik vive!

Patrik ficou hirto como uma estátua e deixou-se abraçar, beijar e acariciar. Não pôs os braços à volta de sua filha, não disse qualquer palavra, não lhe retribuiu os beijos, no seu rosto tisonado e rugoso não se moveu um músculo. Nem quando Leonora o soltou e olhou para ele, para aquela cabeça envolta em cabelo branco, dizendo-lhe:

- Pai, agora está tudo bem! Agora vamos regressar a casa. Pai, estudei medicina, vou trabalhar num hospital e tu podes escrever os teus livros com calma e sem preocupações - nem então o seu rosto foi capaz de qualquer expressão. Patrik continuou de olhos postos no infinito, sem a ver.

- Pai!

James Patrik não disse nada. Só duma vez os seus olhos pousaram em Leonora, mas era como se contemplasse alguém estranho. Zynaker avançou por trás de Leonora e abraçou-a em jeito de solidariedade.

Ela olhou o pai perplexa e começou a tremer.

- Porque é que ele não diz nada? - balbuciou ela. - Donald, porque é que ele não olha para mim?

- Fica calma, meu amor. Fica calma. Tens de ser forte - disse ele, ao mesmo tempo que lhe beijava a nuca. Ela encostou-se a Zynaker e tremia cada vez mais. - O teu pai passou muitos anos difíceis: só nesta selva impiedosa, sem ninguém com quem falar, sempre em perigo de ser descoberto pelos caçadores de cabeças, a viver como um animal, dez anos de solidão... nenhum homem sai ileso.

- Mas eu sou a filha dele! Ele tem de me reconhecer! Ele - disse Nora, - como quando eu era pequenina. Donald, então ele não me reconhece? - Fez menção de se aproximar outra vez de Patrik, mas Zynaker deteve-a. - Pai... pai, eu sou Nora... pai, olha para mim... Meu Deus - começou a soluçar - o que fizeram de ti?

- O Espírito Trovejante - disse Schmitz, tentando manter a compostura. - Leonora, segura bem o teu coração nas mãos. Ele... ele já não sabe que tu és a sua filha. Ele não sabe sequer quem ele próprio é. A solidão, a floresta virgem, o Vale Sombrio, o calor e a umidade... este inferno todo aniquilou-o. Ele vive, come, bebe e dorme, mas é tudo o que pode fazer. Leonora, é preciso tomar consciência disso, não podemos fugir à realidade ou negar-nos a enfrentá-la. A pessoa que está à tua frente já não é mais James Patrik?

- Então que é? - gritou Leonora.

- Um invólucro humano.

- Que não deixa de ser o meu pai!

Zynaker continuou a apertá-la nos braços. James Patrik estava ali, hirto como uma coluna, com os seus olhos perdidos no infinito.

- Que vais fazer? - perguntou Zynaker.

- Vamos levá-lo conosco. Vou pô-lo na melhor clínica psiquiátrica do mundo. A sua personalidade está apenas atrofiada e nós temos de voltar a libertá-la. Então voltará a ser o que era. Tenho a certeza. Pai...

James Patrik baixou a cabeça, mas não foi para olhar a filha. Com voz clara, disse:

- Permitem-me que os convide, como se fossem meus hóspedes? Bebem uma xícara de chá? Fui eu próprio que o plantei e tratei. Tem um sabor quase tão bom como o da melhor colheita de Darjeeling. Desejam carne de porco seca ao ar? Cortada em cubinhos? Aprendi em África esse método. Costumavam secar carne de kudu, depois mascava-se e ensalivava-se até ela refogar na boca.

Tudo parecia totalmente normal, se não fossem os olhos dele, que os olhavam como se eles não estivessem lá. Olhos brilhantes, azuis-claros, no meio dos cabelos brancos que tudo cobriam.

Andou um bocado na direção descendente da encosta, chegou a uma formação rochosa semelhante a dois blocos sobrepostos. Parou e indicou a entrada de uma gruta. Diante do acesso à gruta havia duas cadeiras feitas de troncos e uma mesa comprida e larga. Encostada à parede da gruta estava a sua espingarda, uma arma automática com uma coronha comprida e uma mira telescópica. Num nicho da parede, apoiado num tripé de ferro, pendia sobre o fogo crepitante uma cafeteira grande de esmalte. Tudo o mais que a gruta escondia, não era possível ver de fora.

- O chá fica pronto em poucos minutos - disse Patrik. - Um pouco de paciência, sim, paciência! Aqui o tempo não existe. Porque haveria de existir? O meu relógio há muito que parou. Que me interessam as horas? É dia e é noite, isso é o mais importante. Queiram sentar-se.

- Posso... posso ser eu a fazer o chá, pai? - perguntou Leonora, hesitante.

- De modo algum, lady. A senhora é minha convidada. Não ficaria bem!

- É horrível - disse Leonora em voz baixa, e pôs-se de novo a chorar. - Isto não pode continuar assim... Temos de fazer alguma coisa...

Patrik desapareceu dentro da gruta e voltou, trazendo um tabuleiro com um bule de chá, seis xícaras, uma taça com cubinhos de açúcar e uma caixinha de chá em latão. Também havia colheres e uma taça de biscoitos mas cheia de cubos de carne de porco seca ao sol, de cor castanho-escura.

- É como num salão de chá inglês - comentou Zynaker, na esperança de reavivar em Patrik a vaga lembrança do passado, mas não surtiu efeito.

Patrik não respondeu ao estímulo, limitando-se a deitar água na cafeteira com um balde de plástico e a lançar alguns cavacos secos no fogo, para o espevitar.

Lakta e Samuel continuavam cosidos com a parede da gruta - se bem que o “espírito” parecesse uma pessoa e falasse como tal, os seus longos cabelos brancos e a sua revolta barba branca impediam-nos de entendê-lo como uma figura normal. Para Lakta eram contudo os olhos aquilo que mais a apavorava, olhos que os trespassavam sem os verem, mas que provocavam uma espécie de dor física.

A água da cafeteira levantou fervura num instante. Patrik deitou quatro colheres cheias de chá no bule, encheu-o de água, deixou o chá em infusão durante algum tempo e depois serviu-o. O chá tinha uma cor castanho-dourada e um aroma forte. Patrik indicou os cubos de açúcar.

- Façam o favor de se servirem. Eu ponho sempre dois cubos por xícara!

- Onde se arranja o açúcar em cubos por aqui, sir? - perguntou Zynaker cuidadosamente.

Patrik acenou com a mão enrugada:

- Tinha dois sacos grandes cheios. - O seu olhar voltou a perder-se na distância, como se aí procurasse alguma coisa. A lembrança? - Quis dar cubos de açúcar aos selvagens para eles chuparem. Talvez os tornasse mais pacíficos.

- Quando foi isso, sir?

- Que sei eu? Perdi toda a noção do tempo.

- Como veio parar a este vale?

- Vim cá parar simplesmente.

- Não pode simplesmente ter caído do céu.

- É provável, sim. Deve ter sido isso. Caí do céu.

- Lembra-te, pai - disse Leonora com voz veemente, inclinando-se para ele. - Foi há dez anos. Estavas a sobrevoar com o piloto Steward Grant as terras altas do Sul, para te aventurares na região inexplorada. Deixaste indicações muito precisas do lugar onde querias descer. Delas fazia parte também este vale. Mas, de repente, vocês desapareceram, ninguém mais ouviu falar de vocês. Vocês devem ter caído aqui com o avião, pai, lembra-te!

- Um avião... não sei. Porque me chama constantemente pai, lady?

Zynaker pousou a mão no braço de Leonora e apertou-o antes de ela poder falar. Leonora engoliu em seco e suspendeu o que ia dizer.

- O senhor encontrou esta gruta e ficou aqui porque era impossível sair a pé deste vale e destas montanhas. Houve caçadores de diferentes tribos que por aqui passaram e o descobriram. Viram a sua fogueira, o fumo, sentiram o cheiro daquilo que assava. Foi então que pegou na arma que conseguira salvar e atingiu os caçadores de cabeças. Eram os primeiros tiros que os selvagens ouviam e ainda por cima com o eco triplicado que existe neste vale. O senhor transformou-se para eles no Espírito Trovejante, um demônio que era necessário evitar. Um “espírito maligno” que por magia fazia buracos na testa.

- Isso foi o outro. Nós éramos dois homens.

- Steward Grant?

- Chamava-se assim? Não sei.

- Onde é que está Grant agora?

- Uma vez, foi mordido por uma cobra. Nada pude fazer. - Patrik apontou para um montículo de cascalho abaixo da gruta. - Jaz ali, sob aquelas pedras.

- Quando é que isso aconteceu, sir?

- Já disse uma vez! Tinha a cara toda azul quando morreu. Um veneno terrível. Mas eu consegui apanhar a cobra. Cortei-lhe a cabeça com uma pá. Um exemplar de respeito. Alimentei-me dela durante oito dias.

Leonora encolheu os ombros e começou a ter frio.

Zynaker pôs-lhe os braços outra vez à volta do corpo.

- Está só desde então, não é?

- É! Mas agora estão cá vocês. Que vêm cá fazer?

- Viemos à sua procura, sir.

- Porque é que me procuram? Que querem de mim? Eu vivo aqui, eu pertenço aqui. Não quero que me procurem.

- Nós queremos levar-te conosco, pai - disse Leonora com muito custo. As lágrimas embargavam-lhe de novo as palavras. - Tens de vir para casa.

- Mas eu estou em casa. - Pela primeira vez, Patrik olhou Zynaker de frente. Os seus olhos mostravam ira. - Os senhores são meus convidados, mas não lhes admito faltas de respeito, estão a ouvir? Os senhores estão a ser indelicados. Estão a insultar a minha ótima carne de porco selvagem.

Pressionado pela situação, Zynaker pegou num pedacinho de carne, levou-o à boca e sentiu necessidade, logo a seguir, de cuspi-la. A saliva dissolvia a carne seca e dava-lhe a sensação de mastigar sangue, que era afinal aquilo a que sabia. Schmitz também pegou num bocado, mas atirou-o fora por cima do ombro quando Patrik olhou noutra direção.

- Voltamos para a aldeia, quando cair a noite, sir - disse Zynaker. - Venha conosco. Dará a todos uma grande alegria.

- Não! - Patrik levantou-se, pegou no bule de chá e deitou para o chão o resto do chá. Zynaker compreendeu.

Era um sinal de expulsão.

- Não... não poderemos visitar a tua casa? - perguntou Leonora, sem deixar de chorar.

- Faça o favor. - Patrik indicou a entrada da gruta. - É uma casa confortável, sinto-me bem aqui dentro.

Leonora levantou-se e entrou na gruta devagar. De uma frincha no teto penetrava uma luz fraca, mas suficiente para se reconhecer os pormenores. Junto à parede havia uma cama de abrir e fechar, cobertores espalhados, um pára-quedas ainda por abrir encostado a um canto; o chão estava coberto de esteiras que pareciam tapetes de avião.

Numa outra parede, encontrava-se um grande caixote de ferramentas, três garrafas-termos e outros caixotes e no meio do recinto dominava uma mesa e duas cadeiras desmontadas do avião, todas gastas. Sobre uma prateleira de alumínio, junto à parede, feita a partir da fuselagem do avião, viam-se três livros de antropologia e alguns cadernos com anotações.

Leonora pegou neles e sentou-se à mesa. O primeiro caderno que abriu mostrava a bela caligrafia, um pouco inclinada, do seu pai. Leonora leu:

Segundo dia

Conseguimos agüentar bem a queda. Grant teve uma luxação no pé. A mim - por milagre! - nada me aconteceu.

O dia de ontem foi preenchido a transportar para terra tudo o que pudemos tirar ou desmontar do avião. Estamos numa pequena enseada com uma praia minúscula e muitos seixos e que se estendem até à praia. O rio não é muito largo, mas o caudal é abundante.

Não se vê o céu. Há uma densa camada de nevoeiro que nos separa do sol, mas sentimos o seu calor. Grant pragueja como um estivador - o aparelho de rádio ficou destruído. Ficou cortado o nosso contato com o mundo. Amanhã veremos quais são as hipóteses de sair daqui.

Exploramos o terreno e descobrimos uma gruta, a meio da encosta, que pode servir de abrigo. De resto, a nossa situação é quase desesperada. Para sairmos daqui, temos de abrir caminho pelas selvas e pelos montes. A fazer confiança nos mapas que possuímos, poderia levar um ano. Mas temos tempo, afinal, é o que também Grant diz. Se nos procurarem, não nos encontrarão. Entre nós e o céu interpõe-se uma camada de denso nevoeiro. Este vale deve ser o Vale Sombrio de que tanto se tem falado. Significa que atingimos o objetivo, mas de que serve? Grant continua a coxear por causa do tornozelo e eu subi aos montes aqui à volta e vi homenzinhos cor de bronze escuro, enfeitados com penas, que parecem ter vindo de uma campanha de guerra. Alguns deles traziam cabeças espetadas nas lanças.

Caçadores de cabeças e canibais. Nós não levantamos muitas ondas e não acendemos fogueiras que revelem a nossa existência.

Décimo nono dia

Chove, chove, chove. Que sorte a nossa a gruta ficar na encosta. Assim, a água drena melhor e corre para o rio.

Quando estivemos ontem junto aos destroços do avião, este tinha sido quase todo levado pela corrente. Só o pesado motor e a hélice continuavam sobre as pedras. Os lemes, a carlinga, uma asa, tudo arrastado. Ainda conseguimos, apesar da corrente, salvar a asa esquerda e guindá-la.

Grant diz que podemos fazer com ela uma casa confortável. Prateleiras para a parede, armários, um bar! Ah, ah, ah!

Conseguimos salvar doze garrafas de uísque, três de gim e quatro de conhaque. E temos um caixote cheio de ferramentas para tudo o que se pode imaginar. Até em terras inexploradas nos encontramos no cerne da civilização. A partir de amanhã, construiremos à martelada uma mobília de alumínio.

Trigésimo dia

Hoje de manhã tivemos o primeiro encontro com os caçadores de cabeças. Estavam lá em cima no planalto das escarpas, eram catorze homens, pintados de cores garridas, enfeitados de penas e colares, e apontavam para nós. Tínhamos acendido a fogueira e havia fumo.

Grant abrigou-se de arma na mão e disparou quando os caçadores de cabeças fizeram menção de descer. Abateu dois selvagens com um tiro certo na cabeça. Grant é um atirador exímio. Foi uma experiência inesquecível ouvir o eco repetir-se três vezes. Até agora, não sabíamos que tal coisa aqui existisse. Os selvagens dispararam cheios de pânico, levando com eles os dois mortos. Foram os primeiros tiros que alguma vez ouviram. Devem ter provocado um efeito terrível sobre eles.

Sexagésimo sexto dia

Nada de especial a assinalar, a não ser que existe um bando de porcos selvagens à solta na floresta da vertente.

A princípio, pensávamos que eram caçadores de cabeças emboscados e preparámo-nos para uma escaramuça. Mas, depois, vimos que eram porcos, congratulamo-nos que assim fosse e a partir daí nunca nos faltou carne fresca. O primeiro porco é assado hoje à tardinha.

Octogésimo nono dia

Estamos a pensar na forma de sair daqui. Não tencionamos ficar neste sítio a ganhar raízes. Construir uma jangada e descer o rio? Ele tem de ir desaguar algures. Mas aguentará uma jangada tanto a corrente como os possíveis rápidos? E se houver quedas de água? Que importa? Não nos resta outra saída.

Centésimo décimo nono dia

A viagem de jangada falhou. Não temos pregos que cheguem e não conseguimos atar os troncos com as lianas. Não temos experiência nesse campo. Já por três vezes a corrente nos despedaçou a jangada. Depois disso, desistimos. Grant parece ter perdido o ímpeto inicial, passa a vida sentado pelos cantos a olhar fixamente para o infinito. Eu ainda estou a pensar na hipótese de fazer o caminho por terra. Trabalho não falta - o silêncio é que nos mata. E sempre este nevoeiro por cima do vale, este mar pardo de algodão.

A nossa sorte foi ter conosco um rádio portátil. Pelo menos vamos ouvindo o que se passa por esse mundo. Anda toda a gente à luta por causa de problemas que são afinal ridículos. Deviam mandar os políticos durante meio ano aqui para a floresta virgem, que eles voltavam logo com as idéias claras.

Leonora folheou os cadernos até ao último. A determinado passo, a contagem dos dois era abandonada, a escrita tornava-se mais trêmula e o texto mais impreciso. Entre as anotações medeavam, por fim, meses, talvez anos. Finalmente, a escrita tornava-se ilegível, as palavras já não faziam sentido, eram a horrível prova de uma progressiva degradação mental. Não era possível determinar há quanto tempo Patrik deixara totalmente de fazer anotações, mas já devia haver alguns anos. A última coisa que Leonora ainda conseguiu decifrar foi a frase: “Outra vez caçadores de cabeças. Fui novamente obrigado a matar. Mas agora sou capaz de fazê-lo. Porque quero viver, viver, viver...”

Leonora precipitou-se para fora da gruta, encostou-se ao ombro de Zynaker e ficou a soluçar.

- Vamos embora - disse depois de se ter acalmado um pouco. - Encontrei o meu pai, está vivo, é feliz na vida que leva. Nós... nós cumprimos o nosso objetivo. Vamos embora.

- Talvez ainda o consiga convencer a vir para a aldeia. - Schmitz olhou na direção de Patrik, que voltara a fixar o infinito, como se estivesse só. - Lakta e eu vamos ficar com ele e ajudá-lo a lembrar-se. Se eu conseguir que ele se lembre da filha, lograremos quebrar o bloqueio.

- Queres ficar junto dele, Pepau?

- Vocês agora conhecem o caminho. Se dentro de uma semana não estiver de volta, venham buscar-me.

- E Lakta? Dai Puino vai dar pela falta da filha. Toda a tribo será enviada em sua busca.

- Lakta contou tudo a Sapa.

- O vosso amor também?

- Também.

- E Sapa está de acordo?

- Está. E também quer ir ter com o padre para que ele lhe fale do novo Deus.

Zynaker, Leonora e Samuel já não regressaram à aldeia naquele dia. Quando Zynaker perguntou:

- Sir, tem alguma coisa contra se pernoitarmos aqui?

Patrik respondeu:

- Recebo visitas com muito prazer. Ponham-se à vontade. Há aí cobertores que cheguem e a casa é suficientemente espaçosa. Permitam que os convide hoje à noite para uma sopa de legumes e bananas estufadas.

Foi um fim de tarde calmo e uma noite de insônia. Leonora não tirava os olhos da cama de abrir em que seu pai estava deitado, de barriga para o ar e mãos postas, como um defunto. “Não vou conseguir tirá-lo daqui”, pensou ela. “Que faria ele afinal num outro mundo em que não mais conseguiria sentir-se à vontade? Para andar de clínica em clínica, como um pobre doente mental incurável? Para passar o resto da vida entre loucos? Comer num enorme refeitório? Ser tratado com electrochoques que só o iriam lançar

numa escuridão ainda mais profunda? Afinal, ele é tão feliz na vida que hoje tem, aprendeu a amar a floresta virgem, os animais, as montanhas, o rio, até o nevoeiro eterno que aqui faz. 'Terei eu o direito de arrancá-lo daqui?'

Acabou por adormecer, não sabe quando. Quando acordou, já Patrik tinha posto a mesa lá fora, com chá, marmelada e um pão redondo e escuro.

- Tudo confeccionado por mim! - disse ele orgulhoso, quando Leonora saiu da gruta. - O chá cresce além – e apontou na direção - a marmelada é feita com bagas que crescem mais abaixo e o pão é cozido num forno de pedra. É cereal selvagem, para que saiba. Tem um sabor um pouco mais amargo que o cereal que comemos normalmente, mas é muito mais saudável. Estou contente por ter visitas.

Depois do pequeno-almoço, Zynaker, Leonora e Samuel puseram-se a caminho, de regresso. O mais feliz de todos era Samuel, por finalmente poder sair de ao pé daquele estranho homem de cabelos brancos. Schmitz e Lakta ficaram para trás a acenar-lhes, até eles desaparecerem, lá no cimo do planalto, entre as árvores gigantescas.

- É uma senhora muito bonita - comentou Patrik enquanto arrumava as xícaras em cima do tabuleiro. – É agradável conversar com ela. Se ao menos ela não estivesse sempre a tratar-me por pai!

A aldeia estava ainda mergulhada num silêncio fantasmagórico quando eles saíram da floresta. As mulheres encontravam-se nas cabanas, as crianças não estavam a brincar no largo da aldeia. Em contrapartida, por toda a parte se viam os guerreiros, todos cintados, armados de lanças, setas e moccas, como se estivesse iminente uma guerra. Também nada se via de Reissner, do padre Lucius e Kreijsman.

Quando se aproximaram e já podiam avistar a cabana de Dai Puino, verificaram que quem estava sentado na cadeira do avião, o símbolo do poder, não era o velho, mas o irmão, Hano Sepikula.

Zynaker estacou e fez recuar Leonora. Destravou a pistola automática e pô-la em posição de fogo.

- Que... que é que aconteceu por aqui? – perguntou Leonora e ela própria deu simultaneamente a resposta. - Meu Deus, como pôde acontecer?

- Hano Sepikula tomou o poder. - Zynaker respirou fundo por várias vezes.

- E Dai Puino e a sua família e os outros?

- Esperemos que ainda estejam vivos!

- Temos de voltar para junto de meu pai!

- Demasiado tarde. Já nos viram. Estiveram à nossa espera.

- E onde estarão o padre Lucius, Fred e John Hannibal?

- É o que vamos saber dentro de alguns minutos.

Uma hoste de guerreiros veio ao encontro em formação compacta, de lanças em riste e os enormes escudos de madeira pintadas a protegê-los como uma parede ameaçadora.

Zynaker ergueu a pistola automática, pronta a disparar.

- Samuel! - gritou ele.

- “Masta”... - Samuel escondera-se por trás de um cacho de bananas e tremia, possuído por um pavor de morte.

- Diz-lhes: se avançam mais um passo, disparo.

- Eles não sabem o que é disparar, “Masta”!

- Então diz-lhes: Deus Trovejante falará e matá-los-á a todos!

Com a voz a tremer, Samuel gritou para os guerreiros e, de fato, eles pararam.

Hano Sepikula ergueu-se do trono e aproximou-se deles, lentamente. Estendeu o braço e disse algumas palavras. Samuel apressou-se a traduzir:

- Ele diz que devemos ir para a cabana onde se canta e então nada nos acontecerá.

- Ele quer dizer a igreja?

- Sim.

- Está bem, vamos!

Zynaker deu o braço a Leonora. Eram só vinte metros até à igreja, que se tornaram em vinte passos intermináveis com um arsenal de lanças e setas postadas nas suas costas.

Quando abriram a porta, viram o padre e Kreijsman sentados nos bancos.

- Deus vos abençoe - disse o padre Lucius. – Porque não ficaram lá onde estavam?

- O que é que aconteceu, padre? - perguntou Leonora. - E onde está Reissner?

Kreijsman fechou os olhos e deixou a cabeça tombar sobre o peito.

- Foi com John Hannibal que tudo começou. - O padre juntou as mãos e sacudiu a cabeça, como se ainda não conseguisse entender o que se passara. - Ontem ficou à cata da bela Nana, junto aos campos de batata-doce, arrastou-a para a floresta e violou-a. Simsa, o marido dela, matou-o uma hora mais tarde com a sua lança. John Hannibal não teve hipóteses: tudo se passou num ápice e ele nem teve tempo de puxar da pistola. A seguir arrastaram-no pela aldeia, as mulheres arrancaram-lhe a roupa do corpo e esquartejaram-no.

Kreijsman engoliu em seco, como se fosse vomitar, e depois disse, numa voz quase inaudível:

- Assaram-no e comeram-no, diante dos nossos olhos. Só lhe ficou a cabeça. Está pendurada à entrada da primeira casa dos homens.

- Meu Deus, meu Deus... - Foi só o que Leonora conseguiu dizer. Sentou-se num dos bancos que os Uma tinham construído com a madeira das palmeiras que o padre cortara e transformara em tábuas usando a serra automática.

- Vocês não o conseguiram impedir?

- A quem é que passava pela cabeça que John Hannibal fosse violar uma nativa? - O sacerdote levantou-se do banco em que estava sentado, foi até à porta da igreja e olhou para o largo da aldeia. Os guerreiros enchiam o recinto, reunidos em grupos, e escutavam Hano Sepikula, que lhes dirigia a palavra. - Agora somos prisioneiros. A tragédia de Reissner ainda não é o pior, muito mais perigoso é terem visto que não passamos de mortais, que não somos deuses e que nos podem matar e comer. A crença na nossa imortalidade foi chão que deu uvas. Esse fato deu tanta força a Hano Sepikula que lhe foi fácil vencer o irmão. Nós, os deuses estranhos, éramos a força de Dai Puino; agora todos conhecem a nossa fraqueza. E ainda por cima com Duka Hamana de volta. Todos se lhe

arrojam aos pés, porque ele regressou do reino dos mortos. - O padre soltou uma risada amarga: - Com saudações dos antepassados. Agora ninguém lhe pode fazer frente.

- Matar-nos-ão? - perguntou Leonora.

- Quem é que pode saber?

- Pepau e eu salvamos a vida a nove homens. Hano Sepikula não pode ignorar.

- Claro que não. Matam-te, mas em sinal de agradecimento renunciam a comer-te.

- Tenho a pistola automática com dois carregadores cheios e a minha pistola. -

Zynaker aproximou-se da porta e do padre e observou os corpos pintados e os rostos amarelos dos Uma. - Até nos vencerem, cairão muitos deles mortos. Onde têm vocês as vossas armas?

- Na casa dos homens. Passou-se tudo muito rápido. Não fazíamos idéia nenhuma do que estava a acontecer. Entraram na casa, de rompante, e arrastaram-nos para a igreja. Foi aqui que soubemos o que se passou com John Hannibal e foi assim que tivemos de ver aquela gente a esquartejá-lo e a assar os pedaços de carne na fogueira. O coração e o pênis foi o próprio Hano Sepikula que os comeu. Nessa altura, Dai Puino já tinha sido deposto e Duka Hamana apareceu na praça para se fazer celebrar na qualidade de ressuscitado. Foi uma sorte não ter passado pela cabeça de Hano Sepikula obrigar-nos a comer um pedaço de John Hannibal!

Zynaker olhou em torno de si e viu alguns caixotes encostados à parede da igreja. Uma centelha de esperança acendeu-se nele.

- O que é que tens nos caixotes, padre? - perguntou ele.

- Ferramentas, presentes ainda não distribuídos, que eu tinha guardado para o caso de ainda termos de visitar outras tribos, e a caixa das magias. É verdade, a caixa que está atrás do altar pertence-te.

- Padre! - Zynaker deu um salto do banco em que estava sentado. - É o caixote dos foguetes luminosos.

- Não vi o que lá tinha.

Zynaker precipitou-se para a caixa, arrancou a tampa e caiu de joelhos diante dela.

- É isto! - exclamou ele, e tirou um pacote. - Foguetes e a respectiva pistola de lançamento! Ainda estamos muito longe de sermos derrotados. É a nossa salvação.

- O primeiro foguete vai deixá-los paralisados, mas depois do segundo já se habituaram. Assim como aos mortos. A morte é para eles algo de comum, algo que não lhes mete medo. - O padre regressou da porta! - Vão dar-nos primeiro um tempo, como se dá aos condenados, talvez algumas horas, e depois voltam a atacar. E mesmo que mates uma centena deles, não os consegues deter! Uma centena! - Soltou uma risada amarga. - Que munições tens? Dois carregadores. Mas à nossa volta há quinhentos caçadores de cabeças, à espera de um sinal de Hano Sepikula. Devíamos era rezar.

- E ajuda?

- Morre-se melhor. Dá-nos a paz interior.

- Isso é o teu ponto de vista, estritamente pessoal. Não quero rezar, quero é viver. - Zynaker rasgou o embrulho meteu dois foguetes no bolso do casaco e carregou a pistola de lançamento com um terceiro foguete.

O padre Lucius agarrou-o quando ele se dirigiu para a porta.

- Donald, espera um pouco! Só quando atacarem. Ainda não sabemos quais são as intenções de Hano Sepikula. Talvez nos deixe viver. Mas se tu agora...

- Não vou atirar para o meio da multidão! Vou disparar para o ar.

- Isso já não os vai impressionar grande coisa.

- Mas não é esse o objetivo. Vou é pedir ajuda.

- Ajuda? De quem?

- De James Patrik. Nós encontrámo-lo. Ele é o Espírito Trovejante. Se ele aqui aparecer, estamos salvos. Para os Uma é ele realmente o Deus imortal.

- Afinal há uma pequena centelha de esperança. - O padre limpou a testa com a mão. - Mesmo assim, vou rezar.

Zynaker saiu da cabana de pistola de lançamento em punho. Os grupos de guerreiros desfizeram-se e formaram uma muralha de escudos e lanças em riste. As suas cabeças pintadas de amarelo já nada mais possuíam de humano.

Hano Sepikula levantou-se do trono, isto é, da cadeira do avião.

- Vou já deixar-vos de boca aberta - disse Zynaker entre os dentes. - Vou lançar no céu um sol que depois rebentará. - Levantou o braço e disparou o foguete, que, sibilando, riscou os ares com uma cauda de fogo, subiu alto e explodiu, soltando muitas estrelas vermelhas, que lentamente caíram em terra. Zynaker carregou a pistola com o segundo foguete.

Os Uma agacharam-se, ao ver a cauda sibilante cortar os céus e subir nos ares. Quando depois do estouro surdo, as estrelinhas vermelhas se acenderam, puseram rapidamente os escudos por cima da cabeça e abrigaram-se debaixo deles. Só Duka Hamana, que de repente apareceu no recinto da aldeia, ficou no mesmo sítio a olhar para o céu, parecendo gozar aquele espetáculo. Depois de sobreviver à roda de fogo, esta chuva de estrelas não Lhe metia medo.

O segundo foguete rebentou no ar e logo a seguir o terceiro. Explodiram tão alto que Patrik tinha de vê-los do Vale Sombrio. Se ele não compreendesse o chamamento de socorro, Schmitz haveria de compreendê-lo.

Zynaker acenou com a cabeça para Hano Sepikula, que se encontrava agachado, e voltou para dentro da igreja.

Leonora tinha ficado à porta a observar e olhava agora Zynaker com olhos de interrogação. Neles lia-se medo e esperança.

- Será que eles verão os foguetes? - perguntou ela.

- Têm de ver. Subiram suficientemente alto. - Olhou para o relógio que trazia no pulso. - O mais tardar dentro de quatro horas, podem aqui estar. Durante essas quatro horas, temos de nos defender e agüentar aquilo que Hano Sepikula preparar para nós.

- Achas mesmo que o meu pai nos pode ajudar?

- Na nossa situação, ele é a última esperança.

Quatro horas... Podem passar como quatro minutos, a voar, sem que se dê por isso. Mas também se podem arrastar, tornar-se infinitas, dolorosas, sufocantes,

esmagadoras, quando se espera, espera, e os ponteiros parecem não se mover do lugar. Quatro eternidades, quando a vida depende de cada impulso dos ponteiros.

Tinham passado duas horas quando lá fora se ouviu um ruído, um arrastar de pés, uma confusão de vozes. O padre Lucius, Kreijsman, Zynaker e Leonora entreolharam-se.

Pensaram todos o mesmo: não conseguimos. A esperança não pôde durar quatro horas.

Zynaker arrancou a pistola do cinto e estendeu-a ao padre. A Kreijsman, meteu-lhe a pistola de sinalização na mão e disse:

- No caixote ainda há dez foguetes. Três vermelhos e sete brancos. Se os Uma vierem, dispara para o meio da multidão. Não precisas de fazer pontaria. Acertas sempre.

Kreijsman pegou na pistola e acenou com a cabeça. Não conseguiu arrancar palavra. Era um nó que lhe estrangulava a garganta. Samuel estava agachado no chão, junto ao altar, e rezava baixinho, muito concentrado. Debitava frenético todas as orações que tinha aprendido no posto missionário. Zynaker pendurou ao peito a pistola automática e abriu a porta com um empurrão.

De escudos colados uns aos outros, formados para o ataque, os Uma estavam à sua frente, a personificação garrida da morte, engalanada de penas de aves-do-paráiso.

Quando Zynaker apareceu à porta, Hano Sepikula avançou também três passos, pousou o escudo e a lança no solo e levantou a mão, em sinal de que a sua disposição era de paz.

- Samuel - chamou Zynaker, rodando só a cabeça. - Vem cá!

- Não, “Masta”!

- Raios, estou a dizer-te para cá vires! Hano Sepikula quer comunicar-nos qualquer coisa.

- Já não sou capaz de falar, “Masta”. - A voz de Samuel sumiu, em agonia.

- Se não vens aqui, já, ponho-te fora da cabana.

- “Masta”! - Samuel aproximou-se a gatinhar e encostou-se às pernas de Zynaker, como um cachorro que se comprime contra as pernas do dono, depois de se ralar com ele.

Hano Sepikula pronunciou algumas palavras que ainda mais o fizeram encolher-se.

- O que é que ele diz? - perguntou Zynaker.

- Oh, “Masta”, estamos perdidos...

- Traduz!

- Hano Sepikula diz: “Massa salvou sete guerreiros e ele não o esquece.”

- Já é alguma coisa! - comentou Zynaker entre dentes.

- Ele poupa-nos a vida se um de nós enfrentar Duka Hamana. Duka Hamana é imortal, agora eles sabem-no.

- É uma boa proposta. Diz-lhe que vamos pensar nela. Um de nós enfrentará Duka Hamana.

- Vamos perder, “Masta”.

- É possível, mas conseguimos ganhar mais algum tempo. Dentro de duas horas Patrik já cá pode estar. É a nossa única saída.

- Nós enfrentaremos Duka Hamana! - gritou Samuel para o outro lado.

Hano Sepikula acenou com a cabeça e regressou à sua cadeira do avião. Duka Hamana começou a dançar, sempre em círculos, batendo com os pés no chão, enquanto soltava uns gritos estridentes. Os guerreiros olhavam-no com temor.

- Estás outra vez na berlinda, padre - disse Zynaker, ao regressar à cabana. - Duka Hamana desafia-nos para um segundo duelo. E desta vez não se trata de salvar a honra, mas as nossas cabeças. Ele sente-se seguro por ter demonstrado que é imortal.

- Para provar o contrário, basta um tiro.

- Isso são palavras de um padre?

- Um padre também só tem uma vida, e quer vivê-la o mais tempo possível. - O sacerdote passeava na igreja de um lado para o outro, inquieto. Já não era viável impressionar aquela gente com fogo-de-artifício e ninguém sabia o que Duka Hamana ainda escondia na manga. O que poderia ser mais forte do que a imortalidade visível de Duka Hamana? O sacerdote estacou de repente diante de Zynaker e levantou os braços em sinal de impotência. - Não vejo solução.

- Faz qualquer coisa! Temos de ganhar duas horas!

- Duas horas são uma eternidade, quando já se perdeu e se tem de retardar a perda da cabeça.

- Tens tanta certeza que és derrotado?

- Agora, claro! Toda essa magia do fogo foi ultrapassada. O buraquinho redondo da cabeça por onde a vida expira e que fez de Patrik um espírito temido é a única coisa que ainda os pode convencer.

- Isso ainda nos fica de reserva, padre.

- Não me contaste uma vez - perguntou Leonora - que fizeste um curso de hipnotismo?

- Conteí. - O padre olhou Leonora desesperado. - Estás a sugerir que hipnotize Duka Hamana?

- Porque não?

- Sim, porque não? - Zynaker deu um safanão no peito de Lucius. - É uma forma de ganhar tempo! Imagina que consegues mesmo hipnotizá-lo!

- Impossível. Duka Hamana tem uma vontade muito forte. Não é nada que se pareça com um médium. Há-de resistir.

- Tenta, padre. - Zynaker voltou a olhar para o relógio. - Só falta uma hora e três quartos.

- Se é que Patrik vem.

- Estás a ver, é isso que agora temos em comum: tu acreditas em Deus e eu acredito que Patrik vem a caminho. Padre, não deixes o teu adversário muito tempo à espera. Ele já está impaciente, a saltar em círculos.

- Pois bem... - O padre voltou-se para o altar, sobre o qual se encontrava a cruz com um Cristo de cromado brilhante, fez uma genuflexão e benzeu-se. - Senhor, ajuda-me - disse baixinho. - Já converti dois gentios... permiti que se multipliquem.

Quando abriu a porta, já Duka Hamana se achava no semicírculo dos Uma, à espera. Deu um saltinho com ambos os pés, espalhando ao mesmo tempo no ar uma mistura de ossinhos e grãos de sementes arredondados. Era o seu primeiro truque de magia. Com ele, queria semear o medo no espírito do adversário. O padre Lucius ficou indiferente às sementes e ossinhos, avançou por cima deles e parou diante de Duka Hamana. O seu olhar foi atraído por uma casca de cabaça, sobre a qual se retorciam alguns vermes compridos semelhantes a minhocas, mas mais grossas e de pele esbranquiçada. Era claro que também eles deviam ser cozidos e comidos pelos Uma, já que era conhecida a sua predileção por toda a espécie de larvas e vermes. Assim vivos, despertavam-lhe ainda mais nojo.

O missionário dirigiu-se à cabana, pegou a casca com os vermes, ergueu-a e trouxe-a para o meio do recinto. Colocou-a entre si e Duka Hamana e esfregou as mãos.

Duka Hamana olhou-o, expectante.

- Agora é a tua vez? - perguntou o padre na língua dos Uma.

Duka Hamana sacudiu a cabeça, rosnou qualquer coisa e ficou imóvel. “Então é a minha”, pensou o padre. “Já é uma vantagem.” Aproximou-se ainda mais de Duka Hamana, piscou os olhos e assestou-os de modo penetrante nos do adversário. Ergueu lentamente as mãos, fê-las voltar lentamente descrevendo círculos no ar, à frente dos olhos de Duka Hamana, e começou a falar com voz monótona, mantendo sempre a mesma altura.

- Sentes-te cansado... cansado... tão cansado... As pálpebras pesadas... pesadas... Apetece-te dormir... dormir... dormir... à tua volta fica tudo escuro... completamente escuro... completamente escuro... Sentes-te cansado... tão cansado...

Movia o indicador em frente dos olhos de Duka Hamana, para um lado e para o outro, como um pêndulo, e mesmo que Duka Hamana não entendesse as palavras, a voz monótona de Lucius embalava-o, punha-o realmente sonolento e o dedo indicador pendulante tornava-se lentamente nebuloso diante dos seus olhos. Houve um momento em que Duka Hamana instintivamente resistiu àquele poder estranho. Mas já era tarde de mais para uma resistência efetiva. A vontade do padre tinha já vencido a de Duka Hamana e quanto mais a voz monótona se abatia sobre este último, como uma chuva miudinha, e quanto mais o dedo indicador se perdia na névoa dos seus olhos, mais Duka Hamana mergulhava no nada e a sua vontade se submetia à do padre.

- Dorme... dorme... dorme... - ciciava a voz. - Dorme profundamente... Sentes-te a flutuar... flutuar... flutuar... e farás o que eu mandar... Farás o que eu mandar... Farás tudo...

Duka Hamana ficou hirto como uma estátua, de olhos cerrados sob o estado de hipnose, à espera do que o padre lhe ordenasse. Os Uma mantinham-se silenciosos, Hano Sepikula levantou-se do trono, veio até ao meio do círculo e contemplou Duka Hamana. Disse-lhe algumas palavras, a que ele naturalmente não respondeu.

Nesse momento, o padre lembrou-se de uma experiência feita durante o curso que frequentara. O hipnotizador tinha trazido consigo um homem, um rapagão forte, que os olhava meio apatetado, com um sorriso amarelo.

“Posso mostrar-vos, com a ajuda deste médium, tudo o que é possível fazer com a hipnose”, dissera o hipnotizador. “Este aqui é um rapaz da província que trabalhava na lavoura. Mal sabe ler e escrever, é um trabalhador competente na quinta, mas mentalmente retardado. Vou agora hipnotizá-lo e transportá-lo para o velho Egito, para o tempo de Ramsés II. Ele irá descrever-nos o que vê, como é a vida aí e fá-lo-á na língua arcaica dessa época. Peço-vos absoluto silêncio.”

O que então aconteceu, ninguém soube explicar. Aquele rapaz da lavoura com ar bronco, sentado numa poltrona, entrou em transe profundo e começou, de repente, obedecendo à ordem do hipnotizador, a falar numa língua gutural e estranha. “É mesmo egípcio arcaico!”, exclamou um egiptólogo presente na sala. “Mas é impossível!”

O rapaz da lavoura falava, gesticulando com mãos e braços, parecia descrever aquilo que era a vida da cidade de Tebas, fazendo constantes vênias, como se se encontrasse perante conhecidos ou altos dignitários. Depois de o hipnotizador o ter trazido de volta ao presente, o rapaz de nada se lembrava, tornando a falar como dantes o seu dialeto arrevesado.

O padre tomou fôlego, juntou toda a coragem que podia e tentou essa experiência maluca.

- Agora falas inglês - disse ele para Duka Hamana. - Estás a ouvir? Agora vou falar contigo inglês e tu fazes o que eu te ordenar em inglês. Estás a ouvir? Inglês. - Esperou uns momentos e continuou: - Baixa-te, pega na cabaça com os vermes e come-os. Come os vermes!

Duka Hamana deu um estremeção. Em seguida, baixou-se, levantou a casca e meteu-a na boca com os vermes vivos. Mastigou tudo e engoliu. O próprio padre Lucius ficou siderado com o êxito da sua hipnose.

- Muito bem, meu rapaz - disse ele. - Muito bem. E agora levantas a perna esquerda e ficas sobre a direita, sem caíres para o lado.

Duka Hamana executou as suas ordens, obediente, ficou sobre uma perna como se fosse uma cegonha, sem se mexer um milímetro. Hano Sepikula apertou os lábios, pôs-se a andar à volta de Duka Hamana e deu-lhe um pequeno encontrão, mas foi como se chocasse contra um tronco de árvore talhado e pintado. Mesmo quando lhe deu um murro no ombro, ele não se mexeu.

“Agora é que te vou mostrar tudo aquilo que se pode fazer, Hano Sepikula”, pensou o padre com ar travesso.

Depois desta experiência não restariam dúvidas acerca do vencedor. Inclinou-se para Duka Hamana, adiantando a cabeça, fixou os olhos brilhantes e parados daquele e disse concentrado:

- Estás a ouvir-me? Ordeno-te: volta-te, olha para Hano Sepikula, levanta a mão e dá-lhe uma bofetada. Com toda a força. Agora!

Duka Hamana pousou o outro pé no chão, deu meia volta e ficou voltado para Hano Sepikula, levantou a mão e, sem hesitar, esbofeteou o chefe com toda a força. Um gemido atravessou as fileiras dos guerreiros.

Hano Sepikula ficou perplexo só durante alguns segundos. Depois, arrancou da lança, ergueu-a no ar e varou com a ponta de ganchos o peito de Duka Hamana, com toda a força dos seus músculos. Quando este caiu por terra, de costas, a lança ficou de pé espetada no seu corpo, vibrando ainda para um lado e para o outro.

O padre cobrira a cara com as mãos e voltara as costas.

Aquilo que quisera executar como brincadeira redundara numa morte. Lentamente, de braços caídos e arrastando os pés, voltou para a igreja, onde Leonora, Zynaker e Kreijsman o esperavam.

- Não era aquilo que pretendia - disse ele, ajoelhando diante do altar e fechando os olhos. - Não era aquilo! Senhor, perdoa-me. Que grande parvo eu sou. Devia calcular o que podia acontecer. Matei um homem por estupidez. Jesus, perdoa-me!

Uma hora mais tarde, chegavam Schmitz e Lakta à aldeia, atravessando o bananal. Atrás deles, envergando vestes compridas como um sacerdote, caminhava James Patrik, de arma na mão, porte digno, como dele era de esperar.

O seu longo cabelo branco e a sua barba de neve esvoaçavam no vento morno que descia da encosta e percorria a aldeia.

A sua aparição provocou um efeito estrondoso. Os guerreiros deixaram cair escudos e armas e estiraram-se por terra, as mulheres e as crianças fugiram para as cabanas aos gritos. Só Hano Sepikula se conservou de pé, semicurvado, de atalaia, prestes a saltar, agora mais parecido com um animal que se prepara para se lançar sobre a presa.

Leonora soltou um grito ao ver o pai e ia a correr para ele quando Zynaker, ainda a tempo, a segurou pelo braço.

- Agora não! - arquejou ele, vencendo a resistência de Leonora, que se debatia para se libertar. - Meu amor, seja razoável! Ias deitar tudo a perder. Por favor! Para eles, trata-se de um espírito...

James Patrik parou no meio do recinto da aldeia, levantou a arma com a mira telescópica à altura do ombro e apontou para o osso chato e esbranquiçado que Hano Sepikula trazia a enfeitar o toucado, juntamente com um penacho de ave-do-paraíso. O osso encontrava-se só cerca de dois centímetros acima da testa, ligado por flores e uma pele preta. Bastava um desvio mínimo no cano da arma para que Hano Sepikula recebesse o tiro na cabeça.

Zynaker entendeu o que Patrik pretendia e reteve a respiração. Schmitz, que se encontrava perto dele apertou Lakta contra si.

Patrik não fez mira durante muito tempo. O seu dedo dobrou-se e quando o tiro troou nos ares todos os guerreiros estremeceram no chão.

Hano Sepikula sentiu um golpe seco no cocar. O enfeite complexo que lhe adornava a cabeça voou instantaneamente alguns metros e foi cair por terra mais adiante. Hano Sepikula empertigou-se de novo, como que revoltado contra a consciência da sua nova derrota, para logo cair por terra como uma árvore abatida, mergulhando a cara no pó.

- Pronto - disse Zynaker secamente. - Estamos de novo de posse das nossas vidas. Podemos continuar. Padre, gostaria de sugerir que se preparasse para realizar um duplo casamento.

- Quem? - perguntou o padre inutilmente.

- Leonora e eu, Pepau e Lakta.

- Lakta ainda nem foi batizada.

- É assim tão importante? Eu abandonei a igreja, Schmitz pertence à Igreja Evangelista e Leonora à Anglicana.

- Então, porque pretendem um casamento religioso?

- Porque tudo deve ser a preceito, padre. Quem é que disse uma vez: “Deus é Deus, independentemente do nome e da cor que lhe atribuem”?

- Fui eu.

- Então! Realizamos um noivado dos deuses todos.

- E Leonora já sabe?

- Não. Vou comunicar-lho de seguida.

- E se ela não estiver pelos ajustes?

- Eu conheço um bom remédio. - Zynaker soltou uma gargalhada. - Tu hipnotiza-a!

A vida entre os Uma voltou à normalidade. Dai Puino recuperou o poder e sentou-se de novo na cadeira de avião.

Hano Sepikula submeteu-se ao irmão até à morte, quebrando perante ele a lança, caindo na desonra a partir desse momento. Mas foi só por um dia. Hano Sepikula não foi executado como traidor porque Dai Puino lhe entregou uma nova lança, enfeitada com penas de aves-do-paraíso e a pele de um rato branco. Hano Sepikula agradeceu, caindo de joelhos e beijando os pés do irmão.

James Patrik viveu na igreja durante uma semana, a dormir numa cama de campanha. Mas não pareceu compreender que dormia numa igreja. Mesmo quando o padre celebrou o casamento dos dois pares de noivos, com música de Beethoven saída do gravador e um coro da grande Aleluia de Haendel a entrar a seguir à troca de alianças, Patrik continuou apoiado no cano da arma, lá na parede do fundo, de olhos perdidos numa lonjura que só ele reconhecia. Mas depois, no fim da cerimônia desencostou-se da parede, pôs a arma debaixo do braço e foi ter com Leonora.

- Muitas felicidades, lady - disse ele com uma pequena vênia. - A sua filha vai ser muito bonita. - Todos compreenderam que ele confundia o casamento com um batizado, mas ninguém o corrigiu. - Também eu tive uma filha, uma filha muito bonita, é verdade.

- Pai... - Leonora começou a chorar, viu os cabelos brancos do pai, a face tisonada e os olhos azuis fixos no infinito. Zynaker chegou-a para si e pôs-lhe o braço à volta dos ombros, protegendo-a. - Pai...

James Patrik sacudiu a cabeça, abandonou a igreja e dirigiu-se para a floresta.

Leonora apertou com força a mão de Zynaker:

- Ele não pode partir assim - balbuciou ela. - Ele não pode partir sozinho para o seu Vale Sombrio. Porque não fica ele aqui? Vai buscá-lo, Donald!

- Ninguém o pode deter. Ninguém. Que faria ele aqui na aldeia? Seria a sua morte. O lugar dele é no seu vale, na sua gruta, junto das suas plantas e dos seus animais, do seu tabaco e das suas bagas. Podemos visitá-lo sempre que quisermos, agora que conhecemos o caminho, e vamos abrir um caminho a sério na floresta que nos leve, até ele. Assim podemos lá chegar em duas horas. Ele já não pertence à civilização. Agora faz parte das terras desconhecidas.

Ficaram diante da igreja a vê-lo afastar-se lentamente, de arma debaixo do braço, e a embrenhar-se na floresta virgem. Não parou nem olhou para trás, não acenou nem gritou nenhuma saudação de despedida. A última coisa a desaparecer foi o seu longo cabelo branco, que ainda brilhou no meio da obscuridade da floresta, depois de se deixar de ver o corpo.

Quatro semanas mais tarde, quando Lakta e Schmitz o foram visitar, encontraram-no deitado na gruta, de rosto inchado e roxo, como acontecera com Grant, e, como a rigidez do corpo tinha novamente desaparecido, devia jazer morto há já alguns dias.

A natureza, de que agora fazia parte, matara-o. Fora a mordedura de uma cobra com pouco menos de um metro de comprimento, da grossura de um dedo e a pele de tom verde. Schmitz ainda a encontrou junto ao forno de cozer? Onde jazia, toda enroscada sobre as pedras mornas. Bateu-lhe com uma moça, frenética e repetidamente até a esborrachar, até a cabeça se tornar numa papa ensanguentada, e até Lakta lhe segurar no braço e dizer:

- Pepau, não podes devolver-lhe a vida à paulada.

Sepultaram James Patrik no meio do campo de tabaco a que ele tanto se afeiçoara e deixaram a sua arma com a mira telescópica, como recordação, cravada no meio das pedras.

No último caderno de notas, cheio de linhas que já ninguém conseguia ler, pois mais não eram que rabiscos, Leonora acrescentou:

“Último dia

Consegui. Estou num lugar onde reinam a paz e a liberdade, o amor e a fidelidade, a remissão e a clemência.

Sempre fui um homem de bem e sempre acreditei no que era bom. A minha vida foi cheia de experiência e de saber e os meus últimos anos trouxeram-me para mais perto do céu.

Agradeço a Deus pela Sua infinita bondade e agradeço-lhe de todo o coração a mercê de ter vivido. Foi maravilhosa, muito maravilhosa a passagem por este mundo.”

Fechou a capa do caderno, levou-o para a igreja, depositou-o sobre o altar junto da Bíblia, e o padre Lucius aí o deixou, porque em mais nenhum sítio poderia ficar senão ali.

- E agora? - perguntou Zynaker, mais tarde. - A expedição realizou os seus objetivos. Tentamos agora o caminho de regresso à civilização?

- Deixo a decisão ao teu critério.

- Os outros querem ficar. O padre vai construir uma igreja a sério e converter ao cristianismo os Uma e os Pogwa, os Duna e os Enga. Lakta está à espera de um filho de Pepau, Samuel quer tomar para si uma companheira entre os Uma, Fred continuará em busca do seu “Monte Cintilante”... e nós?

- Também gostarias de cá ficar?

- Eu fico onde tu estiveres, sabe-lo bem. Não queres partir?

- Não. Olha para esta gente, Donald. Eles precisam de mim. Lá fora há centenas de milhares de médicos, aqui só existo eu e Pepau. E o meu pai está aqui sepultado. Ele teria de certeza dito: “Nora, fica.”

- Então, amanhã, mãos à obra. - Zynaker cuspiu simbolicamente nas mãos. - Vamos todos construir o teu sonho, o hospital da floresta virgem, nas terras inexploradas do Vale Sombrio. - Rodeou-a com os braços e apertou-a contra si.

- Foste tu que uma vez disseste: “O mundo é belo em toda a parte onde o amor existe.” Se a questão é essa - fez um movimento como quem abraça o universo - então todo o mundo nos pertence.

Quase um ano mais tarde, depois de a expedição de Leonora Patrik ter desaparecido nas terras altas do Sul sem deixar rasto, o piloto de um avião do correio descobriu, num dia de tempo maravilhoso e aberto, dois grandes objetos brilhantes ao sol num rio amarelo e turbilhonante.

Tomado de curiosidade, desceu ainda mais, tornou a subir o rio e soltou um assobio estridente quando reconheceu aquilo que estava entalado entre duas pedras no meio da corrente.

Dois motores de avião e os restos de uma carlinga.

Tornou a subir e comunicou com a estação mais próxima. Era Kopago, onde o atendeu um certo tenente Ric Wepper.

- Sir! - gritou o piloto, alvoroçado - descobri agora mesmo no meio de um rio dois motores de avião. Alguém deve ter caído nesta zona. Tudo o resto deve ter sido levado pela corrente. Sim, na região inexplorada. Quadrículas D 19 e E 8!

- Meu Deus, você sabe o que acaba de descobrir? - Wepper colocou o dedo indicador sobre o mapa grande estendido na parede. - Você vai receber uma medalha, homem!

- O que é que eu acabei de descobrir, sir?

- O avião de Donald Zynaker. A expedição que desapareceu há um ano. Homem, você é o herói da semana.

Minutos mais tarde, já o ministério em Port Moresby estava ao corrente, uma hora mais tarde, a esquadilha de helicópteros levantava sob o comando do capitão James Donnoly em direção a Kopago. Os helicópteros levavam a bordo cinquenta soldados dos mais bem treinados, uma tropa especial concebida para operações na selva.

Cinco horas mais tarde, os aparelhos enchiam com o barulho dos seus motores e das suas pás as quadrículas D 19 e E 8. Embora houvesse nevoeiro sobre o vale, hoje não estava tão cerrado como de costume. Viram ambos os motores no rio amarelo, a enseada

com a praia de seixos e, quando se preparavam para aterrar na linha de margem, deram, espantados, com uma cabana de palha de palmeira e alumínio. Dela partia um largo caminho, que era quase uma estrada e que se dirigia para dentro da floresta virgem, geralmente impenetrável.

Donnoly foi o primeiro a saltar para a praia de seixos e a empunhar a pistola automática. Seguiu-se-lhe o tenente Wepper, com uma espingarda igualmente automática. Os cinquenta soldados dividiram-se imediatamente em grupos de combate e tomaram a orla da floresta sob o seu controlo.

O capitão Donnoly olhou para Wepper, perplexo.

- Mas isto aqui tem um aspecto quase de civilizado! - comentou ele. - Ric, tenho cá um pressentimento.

- Eu também, meu capitão. Se for verdade aquilo em que estamos a pensar!

- É o que saberemos em breve. - Donnoly levantou o punho fechado e fez sinal com ele três vezes para cima e para baixo. - Força, rapazes, vamos entrar rumo ao desconhecido! E mantenham a calma, quando virem os primeiros caçadores de cabeças!

Mantendo um dispositivo de segurança em todas as direções, seguiram ao longo da estrada que subia ligeiramente pela encosta. Puderam observar que ela era constantemente limpa e que qualquer planta a despontar era logo ceifada a golpes de catana.

Quanto mais avançavam na subida, mais forte e mais variados soavam os tambores surdos feitos de troncos de árvore.

- Estão a avisar da nossa chegada - disse Donnoly, nervoso. - Estamos a ser observados. Consegue ver alguém, Ric?

- Nem viva alma, sir. Eles são peritos na camuflagem. Você pensa que lá em cima há um ramo grosso dependurado e afinal é um selvagem.

- Que sensação desagradável...

- Não tenha dúvida.

A algumas centenas de metros da aldeia - podiam já sentir o cheiro a carne assada trazida pelo vento - Zynaker veio ao encontro deles, acompanhado por Dai Puino e um dos seus filhos.

Wepper abriu os braços e correu ao seu encontro.

- Donald! Meu Deus, estás vivo! E que ótimo aspecto tens! Rapaz hoje é um dos dias mais felizes da minha vida. E os outros?

- Estão à vossa espera. A mesa já está toda posta para o banquete. Os dançarinos estão prontos, as mulheres esperam ao pé das panelas. O padre Lucius vai tocar o sino. Tem um som um pouco original, é de alumínio martelado fez um dia parte da fuselagem do meu pássaro, mas é um sino!

E o sino tocou de verdade, quando Donnoly, Wepper e a brigada da selva atingiram a clareira. As crianças correram ao seu encontro, de flores nas mãos, e Leonora avistou-os, debaixo do toldo do seu “hospital”, pondo-se a acenar com ambos os braços.

- O Paraíso deve ser parecido com isto – exclamou Donnoly. - Pelo menos, é assim que o vejo na minha imaginação.

- Que bom você vê-lo assim, capitão. - Zynaker apontou para as cabanas: - Há um ano, ainda havia cabeças reduzidas e grinaldas de ossos humanos penduradas por toda a parte. Agora, ao domingo, os canibais enchem o interior e o exterior da igreja com cânticos.

- Espantoso. Como é que vocês o conseguiram?

- É preciso amar as pessoas - disse Zynaker, continuando a andar. - O segredo está todo aí. É preciso saber amar.

Dai Puino já se encontrava diante do trono, preparando-se para lhes dar as boas-vindas com a maior dignidade.

- Sejam bem-vindos - disse ele num inglês gutural. - A paz seja convosco. - Depois rasgou um sorriso de orelha a orelha que fez dançar todas as rugas do seu rosto. - Aprendi isto com o padre Lucius... bonito, não é?

Hoje, a aldeia dos Uma é uma verdadeira pequena cidade, com um gerador para a produção de energia elétrica, duas sólidas casas de pedra, uma igreja com torre e sinos a sério e a “casa da administração”. Há plantações pela encosta acima, mais de duzentos alunos aprendem inglês, a ler e a fazer contas numa escola, os guerreiros transformaram-se em caçadores e lavradores e reina a paz eterna com as tribos vizinhas, onde o padre construiu as suas capelas da selva e onde todas as semanas vai pregar, nas terras dos Pogwa, dos Duna, dos Hawa e dos Enga. Na orla da floresta, existe ainda um edifício longo de um só piso, onde todas as manhãs uma fila de gente espera que Peter Paul Schmitz abra a porta e “Massa” doutora comece com as consultas.

“Hospital James Patrik”. É o que está escrito por cima da entrada. Compreende vinte camas, uma sala de operações completamente equipada, uma seção de infecto-contagiosas e uma unidade de isolamento. Trabalham nele três enfermeiras, um enfermeiro e dois médicos, além de Leonora. Está já anunciada a vinda de outro médico e a ligação com o mundo exterior é assegurada por um hidravião que assegura o abastecimento de tudo o que é necessário.

Uma mancha em branco no mapa tornou-se verde.

Como é que se diz? O amor vence todas as dificuldades...

Fred Kreijsman continua à procura do seu “Monte Cintilante”, onde, segundo se diz, se podem arrancar diamantes das paredes com as mãos.

Cá para nós: nunca o encontrará. Não passa de uma antiquíssima lenda dos Papuas...

FIM



http://br.groups.yahoo.com/group/digital_source/



Viciados em **L**ivros

http://groups.google.com.br/group/Viciados_em_Livros